



*Se aceitar o convite,
não ignore o aviso...*

NUNCA SAIA SOZINHO

"Múltiplas histórias entrelaçadas
mantêm o ritmo acelerado e a tensão
alta durante toda a trama."

— PUBLISHER'S WEEKLY

CHARLIE DONLEA

Autor dos best-sellers **A GAROTA DO LAGO** e **NÃO CONFIE EM NINGUÉM**

 **FARO
EDITORIAL**



DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).

**"Quando o mundo estiver
unido na busca do**

conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Para Fred e Sue

Pais, sanibelers, amigos

A descoberta consiste em ver o que todo mundo viu e pensar o que ninguém mais pensou.

—Albert Szent-Györgyi

Sessão 1

Anotação no diário: OS TRILHOS

Matei o meu irmão com uma moeda de um centavo.

Simples, tranquilo, e perfeitamente crível.

Isso aconteceu nos trilhos. Porque, como a vida me ensinaria nos anos vindouros, um trem em alta velocidade era muitas coisas.

Majestoso, quando passou borrado rápido demais para que os olhos registrassem qualquer coisa além de faixas de cor.

Poderoso, quando retumbou sob os pés como um terremoto iminente. Ensurdecedor, quando rugia ao longo dos trilhos como uma tempestade caindo do céu. Um trem em alta velocidade era tudo isso e muito mais. Um trem em alta velocidade era mortal.

O cascalho que conduzia aos trilhos estava solto e nossos pés escorregaram enquanto subíamos. Era noite, quase seis horas, hora de costume em que o trem passava pela cidade. O fundo das nuvens corou com um vermelho moribundo enquanto o sol se punha no horizonte. O anoitecer era a melhor época para visitar as pistas. Em plena luz do dia, o condutor pode nos localizar e chamar a polícia para relatar duas crianças brincando perigosamente perto dos trilhos. Claro, eu me certifiquei de que esse cenário já tivesse acontecido. Era essencial para o meu plano. Se eu tivesse matado meu irmão na primeira vez que o trouxe aqui, meu anonimato nesta tragédia teria sido escasso. Eu precisava de munição para quando a polícia viesse me interrogar. Eu precisava criar uma história irrefutável sobre nosso tempo nas pistas. Já havíamos estado aqui antes. Nós tínhamos sido vistos. Fomos pegos. Nossos pais foram informados e nós fomos punidos. Um padrão foi desenvolvido. Mas desta vez, eu diria a eles, as coisas deram errado. Éramos crianças. Éramos estúpidos. A narrativa era perfeita, e mais

tarde eu aprenderia que precisava sê-lo. O detetive que investigaria a morte do meu irmão era uma força onerosa. Imediatamente desconfiado de minha história, ele nunca ficou realmente satisfeito com minha explicação dos acontecimentos. Até hoje, tenho certeza de que não. Mas minha versão daquele dia e a história que criei eram estanques. Apesar de seus esforços, o detetive não encontrou nenhum buraco.

Assim que chegamos ao topo do aterro e paramos ao lado dos trilhos, pesquei duas moedas de meu bolso e entreguei uma a meu irmão. Eles eram brilhantes e imaculados, mas logo estariam finos e lisos depois que os colocássemos nos trilhos para que o trem que rugia os aplainasse. Jogar centavos nas pistas foi um evento emocionante para meu irmão, que nunca tinha ouvido falar de tal coisa antes de eu apresentá-lo ao conceito. Dezenas de outras moedas amassadas encheram uma tigela no meu quarto. Eu precisava deles. Quando a polícia viesse fazer suas perguntas, a coleta de centavos serviria como prova de que tínhamos feito isso antes.

Bem longe, à noite, ouvi o apito. O som fraco pareceu pegar nas nuvens acima de nós, ecoando nas bolas de algodão injetadas de sangue. A noite estava mais escura agora que o sol derreteu, granulado e opalescente. A mistura certa de crepúsculo para vermos o que estávamos fazendo, mas não o suficiente para trair nossa presença. Eu me agachei e coloquei minha moeda nos trilhos. Meu irmão fez o mesmo. Nós esperamos. Nas primeiras vezes em que vimos aqui, colocamos nossas moedas nos trilhos e corremos de volta para o aterro para nos esconder nas sombras. Mas logo descobrimos que à noite ninguém nos notou. A cada viagem de volta aos trilhos, parávamos de correr quando o trem se aproximava. Na verdade, chegamos mais perto. O que havia em estar tão perto do perigo que nos enchia de adrenalina? Meu irmão não tinha ideia. Eu tinha certeza. A cada viagem sucessiva, ele se tornava mais fácil de manipular. Por um momento, pareceu injusto - como se eu tivesse assumido o papel de valentão, um papel que meu irmão havia dominado. Mas me lembrei de não confundir eficiência com simplicidade. Isso parecia fácil apenas por causa da minha diligência. Parecia fácil apenas porque eu tinha feito dessa forma.

Os faróis do trem apareceram quando ele se aproximou - primeiro a luz superior e logo depois as duas luzes de fosso.

Aproximei-me dos trilhos. Ele estava ao meu lado, à minha direita. Eu tive que olhar além dele para ver a aproximação do trem. Ele estava ciente de mim, eu poderia dizer, porque quando me aproximei dos rastros, ele acompanhou meus movimentos. Ele não queria perder. Ele não queria me permitir mais direitos de se gabar ou uma onda maior de adrenalina.

Ele não podia permitir que eu tivesse nada que ele pudesse reivindicar como seu. Era assim que ele era. Era assim que todos os valentões eram.

O trem estava quase chegando.

“Seu centavo”, eu disse.

“O que?” meu irmão perguntou.

“Seu centavo. Não está no lugar certo. ”

Ele olhou para baixo, inclinando-se ligeiramente sobre os trilhos. O trem que rugia veio em nossa direção. Eu dei um passo para trás e o empurrei. Tudo acabou em um instante. Ele estava lá em um segundo e desapareceu no próximo. O trem passou rugindo, enchendo meus ouvidos com um trovão e transformando minha visão em um borrão de cores enferrujadas. O trem produziu uma corrente de ar que me puxou um ou dois passos para a esquerda e me puxou para frente, desejando que eu me juntasse ao meu irmão. Apoiei meus pés no cascalho para resistir ao puxão.

Quando o último carro passou, o aperto invisível me soltou. Eu cambaleei para trás. Minha visão voltou e o silêncio encheu meus ouvidos. Quando olhei para os trilhos, a única coisa que restou do meu irmão foi seu sapato direito, estranhamente em pé, como se ele tivesse escorregado do pé e colocado nos trilhos.

Tive o cuidado de deixar o sapato intocado. Peguei minha moeda, no entanto. Era plano, fino e largo. Coloquei-o no bolso e fui para casa para adicioná-lo à minha coleção. E para contar aos meus pais as notícias terríveis.

Fechei o diário com capa de couro. Uma longa borla pendurada na parte inferior, mantendo meu lugar para a próxima vez que eu ler durante uma sessão. A sala estava mortalmente silenciosa.

“Você está chocado?” Eu finalmente perguntei.

A mulher à minha frente balançou a cabeça. Seu comportamento não mudou durante a minha confissão. “De jeito nenhum.”

“Boa. Venho aqui para terapia, não para julgamento. ” Eu levantei o diário. “Eu gostaria de falar sobre os outros.”

Eu esperei. A mulher olhou para mim.

“Há mais. Eu não parei depois do meu irmão. ”

Eu pausei novamente. A mulher continuou a me olhar.

“Você se importaria se eu contasse sobre os outros?”

Ela balançou a cabeça novamente. “De jeito nenhum.”

Eu balancei minha cabeça. “Excelente. Então eu vou.”

Escola Preparatória Westmont, sexta-feira, 21 de junho de 2019, 11h54

UMA LUA EM QUARTO CRESCENTE FLUTUADA NO CÉU DA MEIA-NOITE, com seu brilho embaçado visível esporadicamente através da folhagem. A presença errática da lua penetrava nos galhos das árvores entrelaçados com um esmalte claro que pintava o chão da floresta com o acabamento laqueado de um filme em preto e branco. A visibilidade vinha da vela que carregava, cuja chama morria toda vez que ele aumentava o passo e tentava correr pela floresta. Ele tentou diminuir o ritmo, ser cuidadoso e deliberado, mas caminhar não era uma opção. Ele precisava se apressar. Ele precisava ser o primeiro a chegar. Ele precisava vencer os outros.

Ele colocou a mão em concha na frente da vela para proteger a chama, o que lhe permitiu alguns minutos ininterruptos para examinar a floresta. Ele caminhou alguns metros até chegar a uma fileira de árvores de aparência suspeita. Enquanto ele ficava perfeitamente imóvel e examinava os troncos das árvores, procurando a chave de que precisava tão desesperadamente, a chama da vela se apagou. Não havia vento. A chama simplesmente morreu, deixando uma nuvem de fumaça que encheu suas narinas com o cheiro de cera queimada. O eclipse repentino e inexplicável da vela significava que o Homem no Espelho estava perto. Pela regra - regras que ninguém nunca quebrou - ele tinha dez segundos para reacender a vela.

Atrapalhando-se com os fósforos - as regras permitiam apenas fósforos, nada de isqueiros - ele riscou um palito de fósforo na tira de fósforo na lateral da caixa. Nada. Suas mãos tremiam enquanto ele limpava novamente. O fósforo se partiu ao meio e caiu no chão escuro da floresta. Ele enfiou a mão na caixa de fósforos, derramando várias outras no processo.

“Droga,” ele sussurrou.

Ele não podia se dar ao luxo de desperdiçar fósforos. Ele precisaria deles novamente se ele voltasse para a casa e para o quarto seguro. Mas agora ele estava sozinho na floresta escura com uma vela apagada e em grande perigo, se ele acreditasse nos boatos e no folclore. Os tremores que agarraram seu corpo sugeriram que sim. Ele firmou a mão apenas o tempo suficiente para fazer uma varredura suave contra o fósforo, o que fez com que o fósforo acendesse em um fogo escaldante. A erupção liberou uma nuvem de fumaça tingida de enxofre antes de se acalmar e se transformar em uma chama controlada. Ele tocou o fósforo no pavio da vela, feliz com a luz que fornecia. Ele acalmou a respiração e observou a floresta sombria ao seu redor. Ele ouviu e esperou e, quando teve certeza de que havia vencido o relógio, voltou sua atenção para a fileira de árvores à sua frente. Lentamente, ele avançou, protegendo cuidadosamente a chama enquanto avançava - uma vela acesa era a única maneira de manter o Homem no Espelho afastado.

Ele chegou ao enorme carvalho preto e viu uma caixa de madeira em sua base. Ele caiu de joelhos e abriu a tampa. Uma chave estava dentro. Seu coração batia forte com contrações poderosas que fizeram o sangue correr pelos vasos protuberantes de seu pescoço. Ele respirou fundo para se acalmar e então apagou a vela - as regras afirmavam que as velas de orientação só podiam permanecer acesas até que uma chave fosse encontrada. Ele disparou pela floresta. À distância, um apito de trem soprou noite adentro, alimentando sua adrenalina. A corrida começou. Ele caiu pela floresta, torcendo um tornozelo e, sem sucesso, protegendo o rosto dos galhos que chicoteavam suas bochechas. Enquanto ele continuava pela floresta, o barulho do trem sacudiu o chão abaixo dele enquanto passava rugindo. A vibração trouxe mais urgência aos seus passos.

Quando ele alcançou a borda da floresta, o trem estava avançando ao longo dos trilhos à sua esquerda em um borrão metálico que capturou erradicamente o reflexo da lua. Ele se libertou da folhagem escura e disparou em direção à casa, seus grunhidos e respiração ofegante superados pelo rugido do trem. Ele chegou até a porta e empurrou para dentro.

“Parabéns,” uma voz disse a ele assim que ele passou pela porta. “Você é o primeiro.”

“Legal,” ele disse, sem fôlego.

“Você encontrou a chave?”

Ele o ergueu. “Sim.”

“Me siga.”

Eles se arrastaram pelos corredores escuros da casa até chegarem à porta do quarto seguro. Ele inseriu a chave na maçaneta e girou. A fechadura cedeu e a porta se abriu. Eles entraram e fecharam a porta atrás deles. O quarto estava escuro como breu, muito pior do que o que a floresta tinha oferecido.

“Pressa.”

Ele caiu no chão e, de joelhos, apalpou a madeira até que seus dedos encontraram a fileira de velas que estava diante de um espelho alto. Ele enfiou a mão no bolso e tirou a carteira de fósforos. Restavam três. Ele acertou um palito de fósforo ao longo da borda da caixa e a ponta se acendeu. Ele acendeu uma das velas e ficou de frente para o espelho, que estava coberto por uma lona pesada.

Ele respirou fundo e acenou com a cabeça para aquele que o encontrou na porta. Juntos, eles puxaram a lona do espelho. Seu reflexo estava sombreado pela luz de velas, mas ele notou as lacerações horizontais que cortavam suas bochechas e o sangue que escorria delas. Ele parecia estranho e desgastado pela batalha, mas ele conseguiu. O estrondo evaporou quando o último vagão passou pela casa e continuou para o leste. O silêncio encheu a sala.

Olhando no espelho, ele deu um último suspiro. Então, juntos, eles sussurraram:

“O homem no espelho. O homem no espelho. O homem no espelho.”

Um momento se passou, durante o qual nenhum dos dois piscou ou respirou. Então algo brilhou atrás deles. Um borrão no espelho entre seus reflexos. Então, um rosto se materializou na escuridão e entrou em foco, um par de olhos brilhando com os ricochetes da chama da vela. Antes que qualquer um deles pudesse se virar, gritar ou lutar, a chama da vela se apagou.

Peppermill, Indiana, sábado, 22 de junho de 2019. 3h:33

O DETETIVE CONDUZIU O CARRO PARA ALÉM FITA AMARELA DA CENA DO CRIME já protegendo o perímetro e puxado para o caos de luzes vermelhas e azuis. Viaturas, ambulâncias e caminhões de bombeiros estavam estacionados em ângulos estranhos em frente aos pilares de tijolos que marcavam a entrada do Escola Preparatória Westmont, um internato particular.

Que bagunça maldita.

Seu oficial comandante não tinha mais detalhes, a não ser que algumas crianças foram mortas na floresta nos arredores do campus. A situação estava pronta para uma reação exagerada. Daí a presença de toda a polícia e bombeiros da cidade. E, pelo jeito, metade da equipe do hospital. Médicos de uniforme e enfermeiras de jaleco branco brilhavam enquanto caminhavam em frente aos faróis da ambulância. Os oficiais conversaram com os alunos e professores enquanto eles transbordavam pelos portões da frente e entrava no circo de luzes piscantes. Ele notou uma van do Canal 6 estacionada em frente à fita da cena do crime. Apesar da hora encantadora, ele tinha certeza de que havia mais a caminho.

O detetive Henry Ott desceu do carro enquanto o oficial encarregado o informava.

“A primeira chamada para o nove-um-um veio às doze e vinte e cinco. Vários outros se seguiram, todos descrevendo algum tipo de confusão na floresta.”

“Onde?” Ott perguntou.

“Em uma casa abandonada na periferia do campus.”

“Abandonado?”

“Pelo que aprendemos até agora”, disse o oficial, “costumava ser uma pensão para professores, mas está vazia há vários anos desde que uma linha ferroviária canadense nacional foi construída, que enviava trens de carga diários para aquela parte do campus . O barulho era muito alto, então um novo alojamento para o corpo docente foi construído no campus principal. A escola tinha planos de transformar o terreno em um campo de futebol e um campo de atletismo. Mas, por enquanto, a casa fica abandonada na floresta. Conversamos com alguns alunos. Parece que foi um ponto de encontro favorito para festas noturnas. ”

O detetive Ott caminhou em direção aos portões da Escola Preparatória Westmont e depois passou pela entrada. Um carrinho de golfe estava estacionado em frente ao prédio principal da escola; quatro pilares gigantes se ergueram para sustentar a grande empena triangular que brilhava sob os holofotes. O logotipo da escola foi gravado na superfície da pedra.

“Veniam solum, relinquatis et”, disse o detetive Ott, com a cabeça esticada para trás enquanto olhava para o prédio.

“Cheguem sozinhos, saiam juntos.”

“O que isso significa?”

O detetive Ott olhou para o policial. “Eu realmente não dou a mínima. Para onde vamos? ”

“Suba”, disse o oficial, apontando para o carrinho de golfe. “A casa fica na periferia do campus, a cerca de vinte minutos de caminhada pela floresta. Isso vai ser mais rápido. ”

O detetive subiu no carrinho de golfe e, alguns minutos depois, estava saltando pela floresta por um caminho estreito de terra.

Os troncos das altas bétulas eram um borrão em sua visão periférica, a luz da lua havia sumido e, à medida que avançavam para o interior da floresta, apenas os faróis do carrinho de golfe ofereciam algum vislumbre de para onde estavam indo.

“Jesus Cristo”, disse o detetive Ott após alguns minutos. “Isso ainda faz parte do campus?”

“Sim senhor. A velha casa foi construída longe do campus principal para dar privacidade ao corpo docente. ”

À frente, o detetive viu atividade no final do caminho estreito. Holofotes foram instalados para iluminar a área e, à medida que se aproximavam do fim do dossel escuro da floresta, parecia que estava saindo da boca de uma criatura pré-histórica gigante.

O oficial diminuiu a velocidade do carrinho antes de chegarem à saída. “Senhor, mais uma coisa antes de entrarmos em cena.”

O detetive olhou para cima. “O que é?”

O oficial engoliu em seco. “É bastante gráfico. Pior do que tudo que eu já vi.”

Acordado no meio da noite e preso em algum lugar entre o zumbido com o qual havia adormecido e a ressaca que o esperava, o detetive Ott estava com pouca paciência e não tinha jeito para o dramático. Ele apontou para a borda da floresta. “Vamos lá.”

O oficial saiu das sombras do caminho e se dirigiu aos holofotes de halogênio. A multidão aqui era menor, menos agitada e mais organizada. Os policiais respondentes tiveram o bom senso de manter a horda de policiais, paramédicos e bombeiros ao mínimo aqui na cena do crime para reduzir a chance de contaminação da área.

O oficial parou o carrinho do lado de fora dos portões da casa.

- Santo Deus - murmurou o detetive Ott ao se levantar do carrinho de golfe. Todos os olhos estavam sobre ele enquanto os primeiros respondentes observavam sua reação e esperavam por suas instruções.

À sua frente estava uma grande casa colonial que parecia ter vindo de um século atrás. Foi lançado no brilho sombrio dos holofotes, que destacou a hera que rastejou para o exterior. Um portão de ferro forjado esquadrihava o perímetro da casa, e altos carvalhos se estendiam noite adentro. O primeiro corpo que o detetive Ott viu foi o de um estudante que havia sido empalado por uma das hastes do portão de ferro forjado. Não por acaso. Não como se ele estivesse tentando escalar o portão e inadvertidamente tivesse caído no dente no processo. Não, isso foi intencional. Quase astuto. O jovem foi colocado lá.

Erguido com cuidado e depois largado para permitir que a lança do portão subisse em seu queixo e atravessasse seu rosto até atingir o topo de seu

crânio.

O detetive Ott tirou uma pequena lanterna do bolso e se dirigiu para a casa. Foi quando ele percebeu a garota sentada no chão ao lado. Ela estava coberta de sangue com os braços em volta dos joelhos e balançando para frente e para trás em estado de choque.

“Este não era um casal de crianças brincando. Este foi um massacre maldito. “

Parte I

Agosto de 2020

Parte I

Agosto de 2020

1

O TERCEIRO EPISÓDIO DO PODCAST SAIU ANTES NO dia e em apenas cinco horas tinha sido baixado quase trezentas mil vezes. Nos dias que viriam, outros milhões ouviriam esta edição de The Suicide House. Muitos desses ouvintes inundariam a Internet e as mídias sociais para discutir suas teorias e conclusões sobre as descobertas feitas durante o episódio. A conversa geraria mais interesse e novos ouvintes baixariam os episódios anteriores. Em breve, Mack Carter teria o maior sucesso da cultura pop.

Esse fato inevitável irritou Ryder Hillier de maneiras indescritíveis. Ela havia feito a pesquisa, tinha soado os alarmes e era ela quem estava investigando os assassinatos da Escola Preparatória Westmont no ano passado, registrando suas descobertas e postando-as em seu blog sobre crimes verdadeiros. Seu canal no YouTube tinha 250.000 assinantes e milhões de visualizações. Mas agora, todo o seu trabalho árduo estava sendo ofuscado pelo podcast de Mack Carter.

Ela percebeu imediatamente que a história da Escola Preparatória Westmont tinha pernas, que a versão oficial dos eventos era muito simples e conveniente e que os fatos apresentados pelas autoridades policiais eram seletivos, na melhor das hipóteses, e, na pior das hipóteses, totalmente enganosos. Ryder sabia que, com o apoio certo e algumas reportagens investigativas inteligentes, a história poderia atrair um grande público. Ela apresentou sua ideia aos estúdios no ano anterior, depois que o caso ganhou as manchetes nacionais e foi aberto e fechado antes que qualquer resposta real fosse dada. Mas Ryder Hillier era apenas um jornalista humilde, não uma estrela de boa fé como Mack Carter. Ela não tinha o rosto All-American ou as cordas vocais fortes e, portanto, nenhum dos estúdios prestou atenção ao seu discurso. Ela era uma jornalista de 35 anos desconhecida fora do estado de Indiana. Mas ela tinha certeza de que seus artigos sobre o caso, que fora publicado no Indianapolis Star e referenciados por vários outros veículos, assim como a popularidade de seu canal no YouTube, tinham algo a ver com o repentino interesse na Escola Preparatória Westmont. Mack Carter não mudou do horário nobre da

televisão para uma cidade de Podunk em Indiana por acaso. Alguém, em algum lugar, estava prestando atenção às suas descobertas e viu oportunidade e cifrões. Eles contrataram Mack Carter - o atual apresentador do Events, um programa noturno de revista jornalística - para conduzir uma investigação superficial e produzir um podcast sobre suas descobertas. Seu nome chamaria a atenção, e o podcast atrairia milhões de ouvintes com a promessa de que o grande Mack Carter, com suas comprovadas habilidades investigativas e atitude agressiva, encontraria respostas para as mortes em Escola Preparatória Westmont, que haviam sido fechadas de maneira muito limpa.

Mas no final, ele não provaria nada além de que, com o patrocínio adequado e toneladas de dinheiro inicial, um podcast poderia crescer das cinzas da tragédia e se tornar um empreendimento lucrativo para todos os envolvidos. Desde que essa tragédia fosse perturbadora e mórbida o suficiente para atrair uma audiência. Os assassinatos na Escola Preparatória Westmont se qualificaram.

Ryder não permitiria que a realidade do Grande Negócio a detivesse. Pelo contrário. Ela trabalhou muito duro para desistir agora. Ela planejava aproveitar o sucesso do podcast. Ela queria atrair Mack Carter, mostrar a ele as cartas que segurava. Para ganhar seu interesse e fazê-lo notar. Seu canal no YouTube proporcionava uma renda decente de anunciantes, e seu show no jornal pagava as contas. Mas em seus trinta e poucos anos, Ryder Hillier queria mais de sua carreira. Ela queria escapar, e anexar seu nome ao podcast de crime verdadeiro mais popular da história a levaria a outro nível. E a verdade era que Mack Carter precisava dela. Ela sabia mais do que ninguém sobre os assassinatos do Escola Preparatória Westmont, incluindo os detetives que os investigaram. Ela só precisava descobrir como chamar a atenção de Mack.

Como centenas de milhares de outras pessoas, ela havia baixado o último episódio de seu podcast. Ela colocou os botões em seus ouvidos, bateu em seu telefone e saiu pela trilha de corrida enquanto a voz treinada de Mack Carter soava em seus ouvidos:

Escola Preparatória Westmont é um colégio interno muito respeitado situado nas margens do Lago Michigan, na cidade de Peppermill, Indiana. Ele prepara os adolescentes não apenas para os rigores da faculdade, mas

para os desafios da vida. A Escola Preparatória Westmont existe há mais de oitenta anos, e sua rica história promete que a instituição estará aqui muito depois que aqueles que estão ouvindo este podcast forem embora. Mas além das homenagens e elogios, a escola tem uma cicatriz. Uma mancha feia e recortada que também permanecerá aqui nos próximos anos.

Este podcast é uma releitura da tragédia ocorrida nesta prestigiosa escola durante o verão de 2019, quando as regras que normalmente definem a conduta da escola foram afrouxadas, apenas um pouco, para aqueles alunos que permaneceram no campus durante os meses quentes de verão. É a história de um jogo escuro e perigoso que deu errado, de dois alunos brutalmente assassinados e de um professor acusado. Mas, no fundo, essa história também é sobre sobreviventes. Uma história sobre os alunos que estão tentando desesperadamente seguir em frente, mas que foram misteriosamente puxados de volta para uma noite que não podem esquecer.

Durante este podcast, exploraremos os detalhes daquela noite fatídica. Vamos aprender sobre as vítimas e sobre o jogo imprudente que aconteceu na floresta na orla do campus. Entraremos na pensão abandonada onde ocorreram os assassinatos. Encontraremos aqueles que sobreviveram ao ataque e veremos mais de perto a vida dentro deste colégio interno de elite. Analisaremos relatórios policiais, entrevistas com testemunhas, anotações de assistentes sociais e avaliações psicológicas dos alunos envolvidos. Iremos em detalhes com o detetive chefe que conduziu a investigação. Por fim, entraremos na mente de Charles Gorman, o professor da Escola Preparatória Westmont responsável pelos assassinatos. Ao longo dessa jornada, espero tropeçar em algo novo. Algo que ninguém mais descobriu, talvez uma evidência que iluminará o segredo que muitos de nós acreditamos ainda estar escondido atrás das paredes da Preparação Westmont. Um segredo que vai explicar porque os alunos continuam voltando para aquela pensão abandonada para se matar.

Sou Mack Carter. Receber ... para a Casa do Suicídio.

Ryder balançou a cabeça enquanto corria. Até a maldita introdução a tinha fígado.

Sou Mack Carter, e no terceiro episódio de The Suicide House vamos conhecer um dos sobreviventes dos assassinatos do Escola Preparatória

Westmont, um estudante chamado Theo Compton que estava presente na pensão abandonada na noite de 21 de junho. .

Theo nunca havia dado uma entrevista à mídia antes, mas concordou em falar comigo exclusivamente sobre o que aconteceu na noite em que dois de seus colegas foram mortos. Ele me alcançou por meio do quadro de mensagens na página da Web da The Suicide House. A pedido dele, eu o conheci no McDonald's em Peppermill.

Sentamos em uma cabine nos fundos, onde ele sussurrou durante a maior parte de nossa discussão. Demorou um pouco para fazê-lo falar, então editei nossa conversa até o último terço. Aqui está uma gravação da entrevista, com meus comentários adicionados em off.

“Então você estava lá na noite em que seus colegas foram mortos?”

Theo acena com a cabeça e coça a barba por fazer na bochecha.

“Sim, eu estava lá.”

“Conte-me sobre a casa abandonada. Qual foi o sorteio? ”

“Qual foi o sorteio? Somos um bando de adolescentes presos em um colégio interno com regras rígidas e um código de vestimenta. A casa na floresta foi uma fuga. ”

“Uma fuga de quê?”

“Das regras. Dos professores. Dos médicos e conselheiros e das sessões de terapia. Foi liberdade. Fomos lá para fugir da escola, para nos divertir e tentar curtir o verão ”.

“Você está prestes a começar seu último ano na Escola Preparatória Westmont, correto?”

“Sim.”

“Mas neste verão atual, você e seus amigos não vão mais para aquela casa.”

“Ninguém vai mais lá.”

“No verão passado, na noite dos assassinatos, você e seus amigos se envolveram em alguma coisa. Um jogo sombrio e secreto. Conte-me sobre isso. ”

Os olhos de Theo enlouquecem quando seu olhar se volta para mim, depois se afasta quando ele olha pela janela para o estacionamento. Sua reação me dá a sensação de que Theo pensa que sei mais do que sei. Faz pouco mais de um ano desde que a Escola Preparatória Westmont se tornou famosa pelas mortes dentro de suas paredes, e os alunos que sobreviveram naquela noite estão prestes a começar seu último ano. A polícia se recusou a responder a perguntas sobre sua investigação, e o silêncio alimentou o boato. Um deles é que os alunos estavam jogando um jogo perigoso na noite em que dois deles foram mortos.

“Conte-me sobre aquela noite. O que você estava fazendo na casa?”

Theo desvia o olhar do estacionamento e olha para mim.

“Não estávamos em casa. Estávamos na floresta.”

“O bosque que cerca a casa.”

Theo concorda.

“Você estava jogando.”

“Não.”

Ele diz isso de repente, como se eu o tivesse insultado.

“Não se trata do jogo.”

Eu espero, mas ele não oferece mais nada, então eu empurro.

“Muitos sugeriram que você e seus colegas estavam participando de um jogo chamado The Man in the Mirror. E que foram os compromissos e demandas deste jogo que podem ter causado os eventos horríveis daquela noite.”

Theo balança a cabeça e olha pela janela novamente.

“Nós estragamos tudo, ok? É hora de divulgar a verdade.”

Eu aceno com a cabeça e tento não parecer desesperada.

“A verdade. Ok, me diga o que você sabe.”

Ele respira fundo. Vários deles, na verdade, até que ele está quase hiperventilando.

“Não contamos tudo à polícia.”

“Sobre o que?”

“Sobre aquela noite. Sobre um monte de coisas. ”

“Como o quê?”

Theo faz uma longa pausa aqui. Espero ansiosamente que ele diga mais. Finalmente, ele o faz.

“Como as coisas que sabemos sobre o Sr. Gorman.”

Minha respiração fica presa na garganta e, por um momento, não consigo falar. Charles Gorman é o professor do Escola Preparatória Westmont acusado de assassinar os colegas de classe de Theo Compton. Abatendo-os, na verdade, e empalando um deles em uma cerca de ferro forjado. O caso contra ele é profundo e nunca houve outro suspeito. Mas, apesar das evidências contra Gorman, muitos acreditam que há mais nos assassinatos do Escola Preparatória Westmont do que o público sabe atualmente. Theo Compton parece pronto para produzir as peças que faltam em um quebra-cabeça muito complicado.

“O que tem ele?”

Pareço desesperada e Theo reconhece isso.

“Merda. Eu não posso fazer isso. ”

Theo muda de posição e começa a deslizar para fora da cabine.

“Esperar! Fale-me sobre Charles Gorman. Você sabe por que ele fez isso? “

Theo de repente olha direto nos meus olhos.

“Ele não fez isso.”

Eu me fixo, sem piscar, no jovem à minha frente. Eu balancei minha cabeça.

“Por que você diz isso?”

Theo se levanta de repente.

“Eu tenho que ir. Se o grupo soubesse que eu estava falando com você, eles iriam surtar. ”

“Que grupo?”

Ele se afasta da mesa e sai em um instante, saindo pelas portas do McDonald's, me deixando sozinho no banco de trás.

Eu sento por um tempo, me perguntando a mesma coisa sem parar.

“Que grupo?”

2

RYDER FEZ ATRAVÉS DA METADE DO EPISÓDIO DURANTE ELA corre. Ela estava ansiosa para terminar, mas tinha um artigo para entregar no dia seguinte. Ela escreveu uma coluna semanal sobre crimes verdadeiros para a edição de domingo do Indianapolis Star. Era uma das colunas mais populares do jornal, sempre gerando longos tópicos de comentários para a edição online e sites de notícias populares comumente vinculados a ela.

Depois do banho, ela vestiu jeans e uma regata e se sentou à mesa da cozinha, onde abriu seu laptop. Ela escreveu por uma hora, até 10:40 PM, dando os toques finais em um artigo sobre um homem desaparecido de South Bend. Houve alguns desdobramentos recentes no caso relacionados com o momento da apólice de seguro de vida do homem, o que colocou sua esposa sob suspeita. Ryder estava tentando ao máximo terminar o artigo, mas a escrita veio lentamente e ela estava frustrada com sua falta de concentração. A voz profunda e experiente de Mack Carter agitou-se em sua cabeça, e tudo o que ela queria fazer era voltar ao podcast. Finalmente, ela sucumbiu à tentação, empurrou o laptop de lado e bateu no telefone para retomar o episódio.

Portanto, minha entrevista com Theo Compton foi o que as crianças chamariam de um fracasso épico. Épico, mas não completo. Nossa curta conversa foi curiosa. Os assassinatos do Escola Preparatória Westmont aconteceram em 21 de junho. Charles Gorman ficou sob suspeita depois que os detetives encontraram um manifesto em sua casa descrevendo em detalhes explícitos como ele planejava realizar os assassinatos. Em uma escrita cursiva limpa, ele explicou o método exato com o qual pretendia matar os alunos, detalhes sobre as jugulares cortadas e os detalhes de como usar os dentes do portão de ferro forjado para empalá-los. Depois de registrar seus planos em seu diário, Gorman fez exatamente o que suas palavras prometeram.

Então, Theo Compton tem minha mente girando. Com tantas evidências acumuladas contra Charles Gorman, estou curioso para saber se Theo, ou qualquer outro aluno, possui informações que possam refutar essas evidências. Claro, se os ouvintes tiverem alguma pista, eu o encorajo a ir ao

quadro de mensagens no site para compartilhá-la comigo e com o resto da comunidade de podcast. Por enquanto, vamos nos concentrar em Gorman e voltar para onde paramos no final do episódio da semana passada. Eu disse que tive acesso exclusivo ao campus da Escola Preparatória Westmont e, em particular, à casa de Charles Gorman. Agora continuaremos com meu tour, que foi conduzido pela reitora de alunos, Dra. Gabriella Hanover. Aqui está uma gravação da entrevista, com meus comentários adicionados em off.

O campus da Escola Preparatória Westmont é impressionante e sinistro. Os prédios são estruturas góticas construídas em arenito branco e cobertas por hera que rasteja até os beirais. É meio-dia de um sábado de verão, e o lugar é silencioso. Apenas alguns alunos caminham pelo terreno enquanto a Dra. Hanover dirige o carrinho de golfe pelos caminhos sinuosos do campus.

“A casa onde os assassinatos aconteceram... ainda está fora dos limites?”

Posso dizer imediatamente que o Dr. Hanover não gostou da pergunta. Ela me lança um olhar de soslaio que se conecta com uma fração de segundo de contato visual. É como se nossos dedos se tocassem e faíscaassem com eletricidade estática. O olhar é apenas o suficiente para me dizer para não abusar da sorte. Ela e os advogados da escola explicaram durante as negociações que precederam esta visita guiada que a parte do campus onde os assassinatos ocorreram não estava apenas fora dos limites para mim e para o podcast, mas também era inacessível para o corpo discente. Essa área foi seccionada por um alto muro de tijolos. Eu posso ver a partição à distância enquanto o Dr. Hanover me leva pelo campus. Para mentes curiosas como a minha, o tijolo vermelho não me avisa para ficar longe; ele faz exatamente o oposto. Implora-me para descobrir o que está além disso. Grita para mim que está escondendo algo sinistro. Do outro lado dessa parede está o bosque, e nesse bosque há um caminho esquecido que leva à infame pensão.

Durante anos antes dos assassinatos, o plano da escola era demolir a casa e limpar uma parte da floresta para dar lugar a um campo de futebol, pista de atletismo, campo de beisebol e campo de futebol. Apenas nos últimos meses, a escola garantiu o financiamento. A reforma está programada para começar assim que a Polícia Peppermill determinar que não há mais evidências para reunir na cena do crime.

Apesar de o caso ter sido resolvido tão rapidamente, uma ordem executiva do governador impediu a demolição da casa. No ano passado, ele foi pressionado pelo Ministério Público, e eles foram pressionados pelo Departamento de Polícia da Peppermill, para atrasar a destruição da pensão. Alguém dentro do departamento ainda está convencido de que há perguntas sem resposta sobre aquela noite escondida nas paredes daquela casa. E assim, a demolição foi adiada. Mas os poderes que estão na Escola Preparatória Westmont - o conselho de curadores e aqueles com dinheiro vinculado ao sucesso da escola - anseiam pelo dia em que a casa encontrará uma bola de demolição. É uma cicatriz feia na história da escola, e a melhor maneira de desaparecer é a casa caindo. Por enquanto, porém, ele permanece. E pretendo encontrar meu caminho para isso.

Hoje, porém, decido deixar minha pergunta sem resposta, em vez de pressionar o Dr. Hanover sobre o assunto e correr o risco de encerrar a turnê. Eu sabia que não veria a pensão abandonada hoje, mas o duplex de Gorman havia sido prometido.

E agora estamos em cima disso. Aproximamo-nos do alojamento do corpo docente - um longo trecho de casas conectadas chamado Teacher's Row. Foi aqui, no número quatorze, que Gorman viveu durante seus oito anos na Escola Preparatória Westmont. Um professor exemplar de química, ele teve apenas as notas mais altas de realização e elogios em suas avaliações de desempenho. Avaliações que, desde a noite de 21 de junho, estão sob escrutínio.

Chegamos ao número quatorze. É um duplex pequeno e eficiente feito de tijolo cor de vinho e argamassa transbordante.

Passarelas estreitas cortadas entre edifícios adjacentes e são ladeadas por dogwoods e hortênsias. Entradas duplas estão presentes na frente, uma para o número quatorze, a outra para quinze. Estas são casas agradáveis, acomodações confortáveis para os professores. É difícil acreditar que um monstro assim viveu aqui.

As chaves chacoalham quando o reitor destranca a porta da frente para o número quatorze. Entramos em uma casa vazia, exceto por pedaços de móveis que ficaram sem uso no ano passado. Dr. Hanover me conduz pela sala da frente, cozinha e um único quarto. Quando passamos pela pequena sala, o telefone do Dr. Hanover toca. Ela se desculpa, saindo para atender a

ligação. De repente, estou sozinho na casa de Charles Gorman. É assustadoramente quieto. Há algo sinistro em estar aqui sozinho, e percebo que há uma razão provável para esta unidade não ter sido transferida, e provavelmente nunca será. Ele ficou vazio por mais de um ano porque Gorman vivia uma vida secreta dentro das paredes desta casa, e qualquer membro do corpo docente que se atrevesse a ocupar este lugar como se fosse seu estaria seguindo os passos de um assassino e lidando com os espíritos dos alunos. Ele matou. Espíritos que certamente vagam por esta casa vazia em busca de encerramentos e respostas.

Eu os sinto agora. Estou procurando as mesmas coisas que eles. Mas eu sacudo o frio do meu pescoço. Eu sei que não tenho muito tempo. Também sei que não devo fazer o que estou pensando, mas meus instintos como repórter investigativo são indomáveis. Entro rapidamente no pequeno escritório. A sala está vazia. Marcas de depressão no carpete me mostram onde uma vez havia uma mesa no meio da sala. É provavelmente o lugar onde Gorman se sentou quando escreveu seu manifesto.

Tudo o que resta na sala agora é uma estante vazia, uma cadeira torta pela perda de uma roda e um retrato da mesa periódica pendurado na parede. Eu sei o que está por trás disso.

Dou uma olhada rápida para me certificar de que a Dra. Hanover ainda está lá fora. Em seguida, removo a tabela periódica.

Atrás dele está um cofre embutido no gesso. Foi aqui que os detetives descobriram o manifesto de Gorman.

Virei a maçaneta do cofre e abri a porta.

“Feche isso agora.”

A voz do Dr. Hanover não é alta nem está em pânico. É apenas direto e firme. Eu me afasto do cofre. Ela está parada na porta e eu sei que fui criada.

Uma música misteriosa soou em seu telefone e trouxe Ryder de volta ao presente, e longe da casa de Charles Gorman, onde Mack Carter a trouxe com sua voz atraente e descrições vívidas. A música se acalmou e ela ouviu a voz de Mack Carter novamente.

No próximo episódio de The Suicide House, mais sobre minha descoberta dentro do duplex de Charles Gorman. Você não vai querer perder. Até então ... Sou Mack Carter.

3

UMA PROPAGANDA BLOQUEADA DE SEU TELEFONE E RYDER BATEU a tela em frustração para acalmá-la. Ela quase jogou o telefone do outro lado da sala. Mack Carter não tinha descoberto nada naquele cofre, e Ryder não precisou esperar pelo próximo episódio para ouvi-lo dizer isso. Era uma isca barata e uma troca, uma autopromoção embaraçosa de suas habilidades como jornalista investigativo. Qualquer pessoa que soubesse alguma coisa sobre os assassinatos do Escola Preparatória Westmont sabia que os detetives haviam descoberto o manifesto de Gorman no cofre da parede. Não havia nada de inovador na descoberta de Mack Carter, mas Ryder tinha certeza de que ouvintes desinformados do podcast estariam babando com a ideia de que Mack foi pego em flagrante quando estava prestes a abrir o caso com o conteúdo do cofre de Gorman. Ela sabia que o site da The Suicide House ficaria lotado de tráfego enquanto os ouvintes do podcast percorriam as páginas sem fôlego para ver as fotos do campus da Escola Preparatória Westmont e do duplex de Charles Gorman e para ver as fotos do celular que Mack Carter havia tirado do cofre de parede.

O blog de Ryder e o canal no YouTube tinham muitas dessas informações logo após os assassinatos. Ela havia obtido as imagens de recortes de jornais e registros públicos do campus e da fila do professor. Ela até conseguiu encontrar uma foto da frente da casa de Gorman isolada por fita amarela da cena do crime um dia após os assassinatos, que foi postada na conta de um estudante nas redes sociais antes de ser retirada. Mas a façanha de Mack Carter, sussurrando enquanto puxava a parede pendurada em seu gancho e hiperventilando enquanto descrevia o cofre atrás dela, certamente traria um grande número ao podcast. Ela estava com raiva de si mesma por cair nessa, por estar tão interessada quanto todo mundo. Ela praguejou enquanto percorria o site de Mack agora, tendo mordido a isca como tantos outros. O quadro de mensagens já estava inundado de tópicos discutindo as descobertas de Mack - teorias sobre a sugestão enigmática de Theo Compton de que Charles Gorman era inocente e sobre o que Mack poderia ter encontrado dentro do cofre de Gorman.

“Está malditamente vazio, você não sabe nada!” Ryder gritou para seu computador. “Por que as evidências ainda estariam presentes na cena do crime um ano após o fato?”

Depois de trinta minutos lendo os tópicos, Ryder não aguentou mais. Ela estava prestes a clicar em seu próprio blog para postar algum tipo de atualização, dizendo a seus seguidores que ela ainda era a verdadeira e destemida cruzada em busca da verdade por trás das mortes em Escola Preparatória Westmont e que seus fãs não deveriam abandoná-la por uma fraude tão transparente de um podcast. Mas antes de sair do site de Mack Carter, ela viu um vídeo em loop na seção de comentários. Ela reconheceu a filmagem imediatamente porque ela havia filmado. Era de quando ela escapou pela floresta atrás da Preparação Westmont algumas semanas após os assassinatos e capturou um vídeo instável da pensão. Foi difícil obter uma filmagem, pois naquela época a área ainda estava isolada com fitas da cena do crime e a polícia estava interessada em manter olhares curiosos longe do local. Abaixo do vídeo havia um pequeno comentário enigmático: MC, 13:3:5 Esta noite. Eu vou te dizer a verdade. Então, aconteça o que acontecer, acontece. Estou pronto para as consequências.

Ryder viu que o comentário, dirigido a Mack Carter, foi postado às 10:55 Trinta minutos atrás. Ela pegou as chaves do carro e discou o telefone enquanto corria para fora de casa.

4

ELE DIMINUIU A VELOCIDADE DE SEU CARRO AO PASSAR PELA PLACA TREZE E ENTÃO aperte o botão de reset para trazer seu hodômetro para zero triplo. Ele continuou em uma velocidade reduzida enquanto observava o hodômetro clicar do nada. Todos os sobreviventes sabiam os números: 13: 3: 5. Foi assim que tudo começou.

Como as coisas seriam diferentes se eles nunca tivessem ouvido esses números, se eles nunca tivessem sido atraídos para este lugar pela promessa de aventura e aceitação. Mas o passado não pode ser mudado. Ele podia controlar apenas o presente na esperança de alterar o futuro.

Quando o número três girou no hodômetro, indicando que ele dirigiu um terço de milha além da marca de milha treze, ele parou, estacionou o carro no acostamento de cascalho e desligou os faróis. A noite escura engoliu o veículo. Ele estava invisível e desejava poder continuar assim. Ele gostaria de poder vestir uma capa e se esconder do mundo. De seus pensamentos. De suas memórias. De seus pecados e de sua culpa. Mas ele sabia que não era tão fácil. Se fosse tão simples quanto desaparecer, ele teria deixado este lugar há muito tempo e todos os seus fantasmas para trás. Que bom seria começar de novo em outro lugar, talvez em uma escola diferente, onde ele pudesse voltar a ser o que era e deixar o passado para trás.

Mas os demônios o seguraram, e correr não os faria soltar o aperto. Se houvesse milhas suficientes nesta terra para fugir naquela noite, os outros teriam corrido, corrido e corrido. Em vez disso, eles vieram aqui.

Ele abriu a porta do carro e saiu do banco do motorista. Caminhando para o meio da estrada de duas pistas, ele olhou para o céu noturno. A cobertura de nuvens pesadas havia gerado um dia cinzento e sombrio, e a tempestade que se aproximava contaminava o ar com o odor pungente de umidade. As nuvens apagaram as estrelas, lembrando-o de que estava realmente sozinho nessa empreitada. Nem mesmo os céus poderiam desprezá-lo esta noite.

O silêncio da noite encheu seus ouvidos, mas ele desejou o rugido de um caminhão de dezoito rodas, seus pneus cantando no asfalto à medida que se aproximava. Seria muito mais fácil simplesmente olhar para os faróis? Ele

poderia fechar os olhos e tudo estaria acabado. Não pela primeira vez, ele se perguntou se as consequências que o aguardavam na vida após a morte seriam menores do que aquelas aqui na Terra.

Finalmente, ele saiu da estrada e começou sua jornada. Deixando a porta aberta, ele passou pela frente de seu carro e entrou na floresta. Treze, três, cinco. Milha treze, um terço de milha mais longe e uma caminhada de meia milha pela floresta. O caminho era fácil de localizar, mas a trilha pela floresta estava coberta de mato desde sua última caminhada. Isso tinha sido no verão anterior, na noite do massacre, e tanta coisa acontecera desde então que ele mal reconheceu sua vida. Ele cobriu o trecho de oitocentos metros em dez minutos e chegou à beira do caminho arborizado onde uma corrente - enferrujada e corroída - pendia entre dois postes. Um cartaz coberto de musgo dizia PROPRIEDADE PRIVADA e foi uma última tentativa frágil de manter os invasores afastados.

Ele passou pela placa, e então a infame pensão estava na frente dele. Antes que aquela noite terrível assolasse suas vidas, ele e seus colegas de classe vinham aqui com frequência. Todo final de semana. O uso do prédio abandonado o manteve vivo naquela época. Mas agora, após um ano de vacância absoluta, a casa estava morrendo. Não como o massacre que aconteceu aqui, onde a mortalidade veio rápida e inesperadamente. Não, a casa estava passando por uma morte mais lenta. Um dia de cada vez. Os tijolos estavam desmoronando e o cedro em volta das portas e janelas estava empenado. Os beirais estavam apodrecidos e as calhas projetavam-se como hangnails da linha do telhado. O lugar parecia fantasmagórico na escuridão da noite, com a fita amarela puída da cena do crime ainda presa ao portão e balançando na brisa noturna. Ele não tinha voltado desde aquela noite. Quando ele e os outros vieram mostrar à polícia o que exatamente havia acontecido. Tanto quanto eles estavam dispostos a contar, de qualquer maneira.

Ele entrou na clareira e caminhou em direção à casa. Seu portão de ferro forjado era como um fosso em torno de um castelo.

Enferrujadas e decrépitas, as dobradiças gemeram na noite quando ele empurrou o portão, a parte inferior dos dentes arranhando semicírculos na lama. Sua mente voltou para o que este portão parecia na noite dos

assassinatos. Ele piscou os olhos, mas a imagem permaneceu firme em sua visão.

Seus pensamentos se fixaram nas imagens daquela noite - sangue e sangue coagulado. Ele pensou nos segredos que eles guardaram, nas coisas que esconderam. Sua mente ficou tonta com tudo isso até que o barulho do trem de carga o trouxe de volta ao presente. Ele balançou a cabeça para se orientar, então correu ao longo da lateral da casa até onde o caminho se curvava e levava aos trilhos. As decisões que todos eles tomaram naquela noite o trouxeram a este local - o mesmo local onde o Sr. Gorman tinha vindo - e era aqui que o resto de sua existência começaria. Era aqui que ele enfrentaria seus demônios e finalmente seria livre.

O apito do trem encheu a noite enquanto a locomotiva se aproximava. Junto com o estrondo dos vagões nos trilhos, ele não conseguia ouvir mais nada. Enquanto esperava ao lado dos trilhos, ele enfiou as mãos nos bolsos e agarrou o item que estava lá. Como uma criança chupando uma chupeta, senti-la entre as pontas dos dedos proporcionava uma sensação calmante.

Sempre foi assim.

Quando o trem se aproximou, com sua lanterna frontal como um farol na noite, ele não tentou proteger os ouvidos do rugido estrondoso. Ele queria ouvir o trem. Ele queria sentir, cheirar e provar. Ele queria que o trem levasse seus demônios embora.

Ele fechou os olhos. O trovão foi ensurdecido.

5

MACK CARTER SENTAVA-SE NA SUA CASA ALUGADA EM PEPPERMILL, INDIANA; abriu uma cerveja; e leia suas anotações uma última vez. Ele tomou um gole para umedecer a garganta, ajustou os fones de ouvido com cancelamento de ruído, aproximou o microfone dos lábios e falou.

“Os assassinatos do Escola Preparatória Westmont deixaram a nação entristecida e atordoada que uma tragédia tão terrível pudesse acontecer dentro do santuário protegido de um internato particular. Até agora, demos uma olhada em alguns detalhes daquela noite fatídica. Durante o próximo episódio, aprenderemos mais sobre os dois alunos que foram mortos e nos aprofundaremos no jogo perigoso que eles estavam jogando. Para isso, examinaremos mais de perto como era a vida dentro desse internato de elite e examinaremos os adolescentes que compunham o corpo discente. Como sempre, espero tropeçar em algo novo ao longo do caminho. Algo que ninguém mais descobriu, um segredo que muitos de nós acreditamos que ainda está escondido dentro das paredes da Preparação Westmont. Sou Mack Carter e isso... é a Casa do Suicídio.”

Mack bateu na tela de toque do laptop para interromper a gravação. Ele reproduziu a promoção enquanto terminava sua cerveja, ajustando segmentos dela e trabalhando no momento da entrega e na cadência de sua voz. Quando ficou satisfeito, enviou a introdução por e-mail ao produtor. Já, seu podcast foi o mais baixado da temporada. O caso da Escola Preparatória Westmont foi muito popular na comunidade do crime verdadeiro, e a história ainda tinha repercussões na grande mídia. Sua rede, onde seu popular programa noturno de notícias passava cinco noites por semana, estava apoiando a produção, e os enormes acordos de patrocínio que haviam assinado eram um bom indicador de sucesso. A Casa do Suicídio foi o próximo grande sucesso.

Ele passou uma hora no pequeno estúdio de gravação que sua rede construiu na casa alugada em Peppermill. No computador à sua frente estavam todas as gravações que ele havia criado na semana anterior. Seu produtor os limpou e cortou, e agora eles esperaram pela revisão e

aprovação de Mack antes que sua equipe começasse a organizá-los em um episódio coerente. Muitas das frases de efeito foram marcadas com a bandeira vermelha, indicando que Mack precisava de um trabalho de locução adicional.

Ele estourou outra cerveja e trabalhou continuamente até as onze e meia PM

, quando seu telefone tocou. Ele não reconheceu o número, mas recebia muitas ligações aleatórias desde sua chegada a Peppermill. A maioria de suas entrevistas até este ponto foi conduzida por meio de seu telefone, que estava conectado com um dispositivo de gravação que captava não apenas a voz de Mack, mas também a de quem ligava. Quando reproduzido no podcast, o áudio era surpreendentemente claro. Ele ativou o gravador ao atender a chamada.

“Mack Carter.”

“É Ryder Hillier.”

Mack fechou os olhos. Ele quase parou de gravar. Ryder Hillier era um jornalista policial que dirigia um blog popular que hospedava fóruns e salas de bate-papo onde outros malucos compartilhavam teorias de conspiração sobre todos os tipos de casos em todo o país - de pessoas desaparecidas a homicídios. Os assassinatos do Escola Preparatória Westmont foram um dos casos mais populares de Ryder. Ela havia pesquisado e escrito sobre isso extensivamente ao longo do ano passado, e ela estava entrando em contato com Mack desde que se espalhou a notícia de que ele estava hospedando o podcast.

“Ouça, Ryder, não tenho tempo agora.”

“Você tem lido os tópicos do seu site?”

“Estou bem no meio de algo, Ryder.”

“Claro que não. Você provavelmente tem uma série de assistentes que fazem isso por você. Aposto que você nunca olhou para os comentários que pede aos seus ouvintes. Mas há um que você deve conhecer. Os números treze e três e cinco significam alguma coisa para você? “

“Treze, três, o quê?”

“Merda,” Ryder disse com uma voz irritada saturada de condescendência. “Você realmente não tem noção. E você é aquele com o podcast mais quente desde Serial. ”

“Ryder, se você conseguir falar com minha produtora amanhã, ela pode configurar-”

“É melhor você sair daí. Como agora mesmo. Estou a caminho neste momento. ”

“Fora onde?”

“Treze-três-cinco.”

“Que diabos você está falando?”

“Traga seu equipamento de gravação. Pegue a Rota 77 para o sul. Depois de ver o marcador de milha treze, ande mais um terço de milha. Esse é o treze e o três. Cuidaremos dos cinco quando você chegar. Mas estou apenas esperando vinte minutos, então vou entrar sozinho. ”

“Indo para onde?”

“Para a pensão. Melhor se apressar ou você vai sentir minha falta. ”

A ligação terminou abruptamente e Mack olhou para o telefone. Então prendeu o microfone na gola, bateu para confirmar que estava funcionando e saiu correndo porta afora.

6

MACK IA GRAVANDO ENQUANTO DIRIGIA. NA NOITE ESCURA, OS faróis de seu carro iluminavam a rota 77. As estradas rurais nos arredores de Peppermill estavam totalmente escuras e os ouvintes detectariam a urgência na voz de Mack quando esse segmento do podcast fosse ao ar.

“Estou dirigindo na Rota 77”, disse Mack ao microfone em seu colarinho. “É quase meia-noite e a estrada está escura e vazia.

Um comentário foi deixado no quadro de mensagens do site há cerca de uma hora, pedindo-me para ir a um lugar chamado Treze-três-cinco, então é para onde estou indo.”

A entrada da Escola Preparatória Westmont High School estava localizada no Champion Boulevard, e Mack sabia, estudando os mapas da propriedade, que o campus se expandiu até a Rota 77. Os mapas foram postados no site da The Suicide House para dar aos fãs uma vista aérea de o bosque e a casa onde ocorreram os assassinatos. Um cinturão de floresta com oitocentos metros de largura separava a casa da Rota 77. Mack fez o possível para explicar isso enquanto dirigia, mas sua ansiedade o fez confundir as palavras. Seu produtor teria que limpar sua descrição e ele teria algum trabalho de locução a fazer se qualquer parte da jornada desta noite acabasse no podcast.

Ele observou os marcadores de milhas e anunciou cada um que passava.

“Eu vejo a marca de milha verde à frente. Está escuro como breu aqui, então estou diminuindo a velocidade conforme me aproximo. Estou olhando para o marcador de milhas treze. Disseram-me para dirigir mais um terço de milha, então estou observando meu hodômetro enquanto faço isso.”

Um minuto de silêncio se seguiu enquanto Mack marcava a quilometragem. Ele percebeu que, pela primeira vez durante a produção deste podcast, estava nervoso. Ele engoliu em seco quando a situação se materializou na sua frente e seus faróis pegaram mais e mais a cena.

“Ok”, disse ele em seu microfone. Sua boca estava seca com a liberação repentina de adrenalina. “Há algo na estrada à frente.

Estou a cerca de um terço de milha além do marcador e há um carro estacionado no acostamento. Parece um sedan. Os faróis estão apagados e a porta do motorista está aberta. Estou parando atrás do carro agora, e meus faróis estão iluminando o interior. Parece que ninguém está dentro ”.

Mack estacionou o carro e olhou em volta. Ele avistou Ryder Hillier ao lado da Rota 77, na ravina rasa entre o acostamento e a floresta. Ela estava acenando com a lanterna de seu celular para Mack se juntar a ela.

Depois de sair do carro, Mack caminhou até o veículo abandonado à sua frente. Ele olhou para dentro. “Então, este carro está localizado exatamente um terço de uma milha após a marca de treze milhas. Não há sinal de ninguém dentro do carro. Parece abandonado. ”

Mack desceu a barragem e foi até Ryder.

“O que diabos estamos fazendo aqui?”

“Você está gravando?”

Mack acenou com a cabeça.

“Boa. Eu também sou.” Ela ergueu o telefone. “Vamos.”

“Esse é o seu carro?”

“Não.”

“De quem é isso?”

“Vamos descobrir”, disse Ryder. Ela desapareceu no caminho que conduzia à floresta escura.

Antes que a lanterna do celular de Ryder se apagasse completamente, Mack correu atrás dela.

“Ryder, me diga o que está acontecendo. Onde estamos indo?”

“Meia milha adiante neste caminho,” Ryder disse. “Treze, três, cinco. Eu não posso acreditar que você está fazendo um podcast sobre os assassinatos de Escola Preparatória Westmont e você não sabe o que esses números significam. ”

Depois de meia milha, eles chegaram a uma cerca de arame que tinha sido cortada por alicates e enrolada para permitir o acesso a um caminho de terra. Ambos se abaixaram. Não muito longe depois da cerca, o caminho terminava na orla da floresta. Uma corrente enferrujada cedeu entre dois postes e balançou um PROPRIEDADE PRIVADA

sinal. Quando eles chegaram tão longe, Mack Carter estava olhando para a estrutura sombria onde quatorze meses antes os alunos do Escola Preparatória Westmont haviam sido massacrados.

“Então,” Mack disse em seu microfone enquanto se recompunha. Sua voz tremeu. “Eu andei cerca de meia milha na floresta e agora, quando as árvores terminam, um caminho leva ao portão de ferro forjado que circunda a casa abandonada no limite do campus da Escola Preparatória Westmont. Esta é a casa— ”

Um estrondo estrondoso parecia borbulhar da terra enquanto ele falava, sacudindo o chão abaixo dele. Em seguida, um assobio ensurdecedor.

“O trem!” Ryder disse enquanto ela disparava em direção à casa.

Mack hesitou apenas um segundo antes de persegui-la. Eles seguiram o caminho até a parte de trás da casa e então cortaram para a direita enquanto a trilha passava por um pequeno bosque e terminava em trilhos de trem. O trem já estava trovejando quando eles chegaram. Ryder segurou o telefone na frente dela enquanto ela filmava os carros que passavam, alguns dos quais estavam decorados com grafite, mas movendo-se rápido demais para decifrar. Demorou três minutos antes que o barulho finalmente terminasse quando o último carro passasse, deixando a noite agredida, mas silenciosa.

Ryder apontou. “Putá merda.”

Mack seguiu a direção de seu dedo pelos trilhos. Lá, do outro lado, estava um corpo caído em uma pilha. Ryder pisou nos trilhos e cruzou. Mack deu uma rápida olhada em cada direção e viu apenas os trilhos paralelos, tanto quanto a noite permitia.

Então ele deu um passo para o outro lado. Quando ele se aproximou do corpo, Mack seguiu o brilho do celular de Ryder Hillier enquanto ela registrava a descoberta. Sob o brilho da luz, Mack viu membros em ângulos grotescos e a cabeça inclinada para o ombro, certamente quebrada e impossível de consertar. Uma perna ficou presa sob o corpo, a outra

dobrada como um taco de hóquei na altura do joelho. Ambos os braços estavam dobrados perto do torso com as mãos enfiadas nos bolsos de sua jaqueta. O estômago de Mack embrulhou e ele ficou tentado a desviar o olhar, mas algo no rosto o atraiu. Ele se agachou lentamente para ver melhor. Através do sangue, do sangue coagulado e dos apêndices desfigurados, ele reconheceu Theo Compton.

PARTE II

Agosto de 2020

7

DR. LANE PHILLIPS SENTADO NO ASSENTO DE TRÁS ENQUANTO A CABINE PUXA PARA BAIXO Avenida Michigan. Ele folheou suas anotações para se atualizar sobre os assassinatos do Escola Preparatória Westmont no ano anterior. Ele havia se perdido nas páginas e não ouviu o taxista até que a partição de acrílico chacoalhou com uma batida.

“Aqui”, disse o taxista.

Lane ergueu os olhos de suas anotações. O taxista olhou para ele pelo espelho retrovisor e apontou para a janela do passageiro. “Estava aqui.”

Lane notou o saguão da NBC Tower no Near North Side de Chicago. Ele piscou os olhos algumas vezes para voltar das páginas que o colocaram em Peppermill, Indiana, e das mortes horríveis que aconteceram lá.

“Desculpe,” ele disse enquanto fechava sua pasta e entregava sua passagem para o motorista.

Eram nove da manhã de uma terça-feira e a Columbus Avenue estava congestionada com tráfego de pedestres quando ele se levantou do táxi e olhou para a NBC Tower. Lane Phillips era psicóloga forense e criadora de perfis criminais. Seu best-seller sobre crimes verdadeiros traçando o perfil dos assassinos em série mais notórios dos últimos cinquenta anos - muitos dos quais Lane havia entrevistado pessoalmente - vendeu mais de dois milhões de cópias em seu primeiro ano de lançamento. O total estava perto de sete milhões hoje, e o livro dava poucos sinais de desaceleração. Era o manual de referência para qualquer pessoa interessada nos assassinos mais hediondos que este mundo tinha a oferecer. Lane era consultor de vários programas policiais, e suas frequentes aparições na televisão, entrevistas de rádio e artigos de opinião o mantiveram aos olhos do público. Ele era bom na frente de uma câmera, o que o tornava um convidado requisitado tanto nos noticiários a cabo quanto nos programas matinais, sempre que casos de grande visibilidade apareciam no ciclo de notícias.

Alguns anos atrás, uma garota da Carolina do Norte chamada Megan McDonald havia desaparecido por duas semanas antes de escapar

milagrosamente de seu sequestrador. No rescaldo, foi Lane Phillips quem as redes ligaram para explicar o que a garota deve ter passado como sobrevivente de um sequestro. Um criador de perfis famoso, Lane foi contatado pelo FBI quando o sequestro de Megan foi relacionado ao desaparecimento de outras mulheres para que Lane criasse um perfil do homem que poderia tê-las levado.

Todos os talentos do Dr. Phillips e as muitas oportunidades que eles produziram exigiam um agente de talentos para gerenciar as ofertas que surgiam. Enquanto Lane saía do táxi, Dwight Corey esperava na calçada do lado de fora da NBC Tower. Lane o viu imediatamente. Mesmo nas ruas fervilhantes de Chicago, que eram habitadas por todas as categorias de empresários, Dwight se destacava na multidão. Ele era um homem negro de 1,98 m que usava ternos Armani personalizados quando Lane se juntou a ele para almoços de sábado à tarde. Casual para Dwight Corey significava que a camisa engomada que ele usava sob sua jaqueta de corte impecável estava sem gravata. Hoje, porém, para esta reunião, Dwight usava uma gravata verde elegante com um terno Armani bege. As mangas de punho francesas de sua camisa se projetavam perfeitamente e eram realçadas por botões de punho de ouro. Seus sapatos tinham algum tipo de brilho que fez Lane apertar os olhos.

Lane, por outro lado, exalava uma aura totalmente diferente. Ele usava jeans escuros e um casaco esporte sobre uma camisa oxford de gola aberta. Seus sapatos eram confortáveis e gastos, e seu cabelo era uma confusão de mechas onduladas que ele controlava com um golpe de mão aberta da frente para trás sempre que as longas mechas caíam em seu rosto. Ele tinha essa aparência quando era um pobre estudante de doutorado pulando de uma prisão para outra entrevistando assassinos condenados e, apesar de uma carreira de sucesso e proeminente, nunca tinha variado.

Lane estendeu a mão ao se aproximar.

“Já faz muito tempo”, disse Lane.

“É bom ver você, amigo.”

Lane apontou para os sapatos de Dwight. “Você tem baterias nessas coisas?”

Dwight sorriu. “Um pouco de estilo pode te fazer bem. Mas não se preocupe, este novo show não inclui ninguém olhando para sua cara feia, ou sua jaqueta esporte terrivelmente desatualizada. Estarei apenas submetendo o público à sua voz. ”

“Essa coisa sobre os assassinatos do Escola Preparatória Westmont? Não é para a televisão? ”

“Não. Mas é a coisa mais quente acontecendo no momento. ”

“Eu pensei que você disse que Mack Carter estava envolvido.”

“Ele é. E ele te quer muito. ”

“Quão mal?”

Dwight deu um tapa nas costas de Lane e olhou para o relógio. “Vamos descobrir.”

8

ELES SENTARAM-SE DE FRENTE UM PARA O OUTRO NA SALA DE ESPERA DE UMA CAFETERIA da sede da NBC. Lane despejou um segundo açúcar em seu café.

“O açúcar é um dos nossos maiores cancerígenos”, disse Dwight. “Provavelmente tão ruim quanto o alcatrão dos cigarros, mas o ingerimos todos os dias. Sem processos judiciais. Sem legislação. Apenas um bando de zumbis felizes chupando palitos de pixie e morrendo de câncer.”

Lane fez uma pausa no meio do serviço e olhou para cima com a boca aberta e uma expressão confusa no rosto.

“Não”, disse Dwight. “Não pare agora, você já o envenenou. Você não pode desfazê-lo, e não vou comprar outro para você.”

“E você se pergunta por que não temos reuniões cara a cara com a frequência que costumávamos fazer.” Após uma breve pausa, Lane terminou de esvaziar o pacote de açúcar no café. “A última vez que fomos jantar, você me deu um sermão sobre meu porteiro.”

“Não foi uma palestra, apenas destaquei de onde vinha a carne e como era colhida. A maioria das pessoas não sabe.”

“E fiquei muito feliz com a minha ignorância.” Lane tomou um gole de seu café. “Ah, isso é muito bom.”

“É como beber cicuta.”

Lane passou a mão pelo cabelo. “Espero viver o suficiente para ouvir esta oferta. Conte-me sobre isso.”

“Você ouve podcasts?”

“Podcasts? Sim, eu ouvi um sobre pesca do robalo antes de ir para a Flórida no ano passado. Não ajudou.”

“Bem, eles são grandes e populares no momento. O rádio, por meio do podcast, está voltando. É um fenômeno semelhante ao que está acontecendo na televisão. Menos pessoas estão assistindo à transmissão de televisão,

mas mais pessoas estão transmitindo conteúdo. O rádio está seguindo o mesmo caminho. Ninguém mais ouve rádio, mas todo mundo está baixando podcasts. De política a pais Zen, há algo para todos dentro do éter do podcasting. Mas um gênero específico em particular está gerando grandes audiências - o crime verdadeiro. Bem no seu beco. A maioria desses podcasts simplesmente relembra crimes antigos, tentando recontar as histórias de uma maneira única. Alguns deles atraem grandes anunciantes e geram receitas legítimas. Mas os podcasts que o tornam grande, bem, eles nunca morrem. Eles correm repetidamente à medida que novos ouvintes os descobrem. Anos depois, os ouvintes podem baixar episódios antigos. O podcast revende seu produto para outros anunciantes, uma e outra vez. Se você tiver sorte o suficiente para obter uma parte da receita, isso pode gerar receita por anos. ”

Lane ergueu as sobrancelhas. “Você quer que eu faça um podcast?”

Dwight ergueu um dedo. “Nenhum podcast. O maior que existe. A NBC está produzindo, e já gerou um grande público depois de apenas quatro episódios. ”

Lane ergueu a pasta que estivera lendo no táxi. “Os assassinatos da Escola Preparatória Westmont?”

“Correto.”

“Isso é sobre o vídeo daquele garoto que pulou na frente do trem?”

“Theo Compton, sim.”

“O cara que carregou aquele vídeo no YouTube não está sendo processado pelos pais da criança?”

“Não é um homem, é uma mulher. Um jornalista chamado Ryder Hillier. E sim, ela está sendo processada pela família. O

YouTube proibiu o vídeo, e agora a filmagem é difícil de encontrar porque é muito restrita e apagada da Internet. É uma tempestade perfeita. Um vídeo ilícito, um suicídio misterioso e um processo judicial. Tudo ligado a um grande e conhecido caso de assassinato. Muito bizarro, com um toque de sangue e mistério. Todos os fanáticos do crime verdadeiro salivam. A NBC tem esse podcast planejado para ser a próxima grande novidade, incluindo o investigador. ”

“Ah, é aqui que entra Mack Carter.”

“Correto. É engenhoso. Mack está em um hiato de seu programa noturno de televisão, especificamente para o podcast. Sua ausência da televisão dá ao podcast mais urgência. Quando seus oito milhões de telespectadores noturnos veem que ele está faltando no show e descobrem que ele está preocupado com uma tarefa importante, eles ficam naturalmente curiosos para saber qual é a tarefa. Pessoas que nunca ouviram um podcast estão começando a baixá-lo.”

Mack Carter foi o apresentador de Events, o programa de revista de notícias mais popular da televisão. Milhões de pessoas sintonizavam todas as noites para assistir Mack investigar tudo, desde o caso JonBenét Ramsey até os segredos de como escapar de um carro submerso. A trágica morte de uma família de quatro pessoas que se afogou quando seu carro desviou para um lago de retenção motivou o evento ao vivo quando Mack dirigiu um carro em uma piscina e, em seguida, mostrou ao mundo a melhor maneira de sair vivo. Foi um de seus episódios mais assistidos e colocou Mack Carter no mapa.

“E agora”, disse Dwight, “além de um grande caso e um grande hospedeiro, eles têm um grande mistério. É aí que você entra.

O vídeo do YouTube daquele garoto que pulou na frente do trem? Ele foi o terceiro aluno do Escola Preparatória Westmont que sobreviveu ao ataque para voltar para aquela casa e se matar nos trilhos. Duas garotas, um cara. Todos eles pularam na frente daquele trem de carga. O mesmo trem Charles Gorman - o professor que foi acusado de matar as crianças - pulou na frente enquanto a polícia se preparava para prendê-lo.”

“Jesus Cristo.”

“Os suicídios têm sido um segredo bem guardado. A polícia local queria mantê-los quietos, mas graças àquele vídeo e ao podcast de Mack Carter, eles não são mais um segredo. Mack está prometendo desvendar o mistério, e as avaliações estão às alturas.”

“E meu papel?”

“A NBC quer que você, como psicólogo forense, descubra por que, um por um, cada aluno que sobreviveu naquela noite está voltando para aquela casa para se matar.”

Lane se recostou na cadeira, olhando para o teto do café. Sua mente já estava criando um perfil do tipo de pessoa que voltaria a um local de tanto trauma para acabar com a própria vida.

Ele finalmente olhou de volta para Dwight. “Pelo que li sobre este caso, Gorman pulou na frente daquele trem, mas não teve sucesso em acabar com sua vida.”

“Não, ele não estava”, disse Dwight. “O trem o jogou vinte metros na floresta. O cara é meio vegetal agora, sentado em um hospital psiquiátrico seguro, usando fraldas e sendo alimentado com colher. Os três estudantes que realmente conseguiram se matar, todos usaram o local exato em que Gorman tentou o suicídio. Ele está localizado ao lado da pensão abandonada. E é aí que você entra. Mack Carter precisa dizer a seus ouvintes por que isso está acontecendo.”

Lane balançou a cabeça, tentando absorver tudo.

“Podcasts de repente estão parecendo muito bons para você, não são?”

O reluzente relógio de ouro de Dwight apitou. Ele olhou para ele e apontou para a xícara de café de Lane.

“Eles estão esperando lá em cima. Traga seu veneno com. É hora do show.”

9

RORY MOORE SENTADA NA PARTE DE TRÁS DO TRIBUNAL. ELA SE ESCONDEU ATRÁS óculos de aro grosso e certificou-se de que seu gorro estava baixo em sua testa. Apesar das temperaturas do verão, ela usava uma jaqueta cinza leve abotoada até o pescoço. Este era seu equipamento de batalha, a roupa que ela usava em várias formas para protegê-la do mundo. Seu joelho direito balançou nervosamente, e a vibração em seu pé a lembrou de que ela não tinha um aspecto crítico de seu equipamento. A sola de borracha de seu tênis de cano alto de lona parecia errada desde que ela começou a usá-los. Rory estava sem suas botas de combate há seis meses, mas ela esperava remediar essa situação hoje.

Ela se sentou na última fileira enquanto seus olhos disparavam para frente e para trás por trás dos óculos, observando tudo. A sala do tribunal enchia-se continuamente nos últimos trinta minutos. Não estava lotado até as vigas, mas havia um fluxo constante para dentro da sala. Primeiro, os oficiais de justiça destrancaram as pesadas portas do tribunal para que os primeiros espectadores entrassem correndo e reclamassem os melhores lugares. A maioria foi direto para as primeiras filas. Rory optou pelas costas. Em seguida, vieram os repórteres que cobriram a história para o Tribune e o Sun-Times. Depois vieram as famílias da vítima e do homem acusado de matá-la. Camille Byrd havia sido assassinada há mais de dois anos, e seu caso havia esfriado. Até, isto é, Rory se envolveu. Ela reconstruiu a vida de Camille, seguindo os passos da garota até a noite em que seu corpo congelado foi descoberto em Grant Park. A reconstrução levou ao assassinato de Camille. Rory entregou suas descobertas a Ron Davidson - seu chefe e chefe da Divisão de Homicídios do Departamento de Polícia de Chicago - que, por sua vez, entregou essas descobertas a seus melhores detetives. Eles confirmaram todos os pontos que Rory havia conectado e fizeram uma prisão menos de uma semana depois.

Desde então, Rory compareceu a cada uma das aparições no tribunal, desde a prisão e audiência de acusação até o grande júri.

Durante uma semana inteira, ela se escondeu na última fila durante o julgamento e passou um fim de semana ansioso em casa depois que as

discussões finais terminaram na sexta-feira anterior. A segunda-feira veio e se foi, e agora era terça-feira de manhã e corria o boato de que o júri estava de volta e com um veredicto.

Depois de vinte minutos, a sala do tribunal estava tão cheia quanto poderia ficar. Infelizmente, dois anos após sua morte, havia menos pessoas curiosas sobre o assassinato de Camille Byrd do que antes. Muitos dos que originalmente tinham a tarefa de descobrir o que havia acontecido com essa bela jovem agora estavam ocupados com outros casos. E o público em geral foi atraído por outros tópicos e diferentes manchetes. Mas Rory nunca esqueceria Camille Byrd. Como todos os casos que Rory reconstruiu, ela desenvolveu uma conexão íntima com a vítima. Havia algo diferente, no entanto, sobre Camille. De alguma forma, a garota morta permitiu que Rory resolvesse um dos maiores mistérios de sua própria vida. Como, exatamente, essa revelação veio de uma garota morta há muito tempo, Rory nunca entenderia completamente. Mas a orientação sobrenatural que Camille Byrd havia oferecido colocava Rory firmemente em dívida com ela. Como retribuição, ela prometeu encerrar o caso de Camille. Seu joelho ainda batia ansiosamente agora que a sala do tribunal estava cheia, porque ela esperava que o dia de hoje fosse encerrar.

Finalmente, os advogados chegaram e ocuparam seus lugares nas mesas na frente do tribunal. Na hora, o réu apareceu, algemado e com macacão laranja. Depois de alguns momentos suspensos de silêncio e angústia no tribunal, os doze membros do júri se acomodaram em seus assentos. O juiz foi o último a se materializar. Ele trouxe o tribunal à ordem e explicou que o júri havia chegado à sua conclusão. Ele ofereceu um monólogo de dez minutos sobre como as coisas iriam prosseguir e se dirigiu a ambas as famílias durante o processo. Quando não havia mais nada a acrescentar, ele se voltou para o júri.

“Sr. Capataz?” disse o juiz. “Você chegou a um veredicto?”

“Sim, meritíssimo”, disse o capataz.

Enquanto ele levantava a página para ler sua decisão, Rory fechou os olhos.

“Na acusação de homicídio de primeiro grau na morte de Camille Byrd, nós, o júri, encontramos o réu... culpado.”

Murmúrios e gritos encheram a sala do tribunal. A mãe do acusado chorou e gemeu abertamente. Os pais de Camille Byrd se amontoaram e também choraram. Rory se levantou e se dirigiu para a saída. Havia outras acusações e outros crimes e mais veredictos a serem anunciados, mas Rory tinha ouvido tudo o que precisava. Enquanto o capataz continuava a ler seu cartão, Rory abriu a porta para o corredor. Antes de sair do tribunal, ela deu uma olhada em Walter Byrd, o pai de Camille, que Rory conhecera durante sua caça ao assassino de Camille. Ele acenou com a cabeça para ela da primeira fila e murmurou Obrigado.

Rory acenou de volta e então desapareceu pelas portas.

10

UMA HORA DEPOIS ELA SAIU DO TRIBUNAL, RORY MOORE CAMINHOU na sapataria romana em LaSalle. Ela caminhou pelos corredores até encontrar o que estava procurando - botas de combate Madden Girl Eloisee. Eles eram altos e pretos, com laços que ziguezagueavam na frente. Ao vê-los, sentiu um nó na garganta.

Ela estava usando esse estilo de bota desde que existiu neste planeta. Pelo menos, desde que ela pudesse se lembrar. Ela tinha estado sem eles, entretanto, desde que seu único par sucumbiu a um infeliz incidente envolvendo uma lareira e fluido de isqueiro. Rory resistiu ao desejo de substituir imediatamente suas botas depois que queimaram até o nada. Em vez disso, ela decidiu esperar até depois de encerrar a situação para os pais de Camille Byrd. Agora, ela puxou um par de tamanho 7 da prateleira e colocou os pés neles. Ela imediatamente se sentiu melhor. Um tique-taque metronômico dentro de seu cérebro se acalmou pela primeira vez em meses, seu corpo relaxou e o equilíbrio interno de sua mente se normalizou.

No caixa, ela entregou ao caixa a caixa vazia.

“Vou usá-los em casa.”

A mulher atrás do balcão sorriu. “Isso não é um problema”, disse ela, digitalizando o código de barras. “Oitenta e cinco setenta e dois.”

Rory preocupava-se com qualquer prova de sua compra, por mais surrada que fosse. Até mesmo escanear o código de barras colocou seu radar em alerta máximo, mas ela sabia que certas pegadas eram inevitáveis. Rory entregou à garota cinco notas de vinte dólares. Cash garantiu que nenhum registro da transação poderia ser rastreado até ela. Mentos questionadoras que conheciam os detalhes da última metade do ano anterior poderiam perguntar o paradeiro de suas botas anteriores, e ela não queria que ninguém as procurasse. Aquelas velhas Madden Girls não passavam de um monte de cinzas. Algumas pessoas, entretanto, podem considerá-los uma prova, incluindo seu chefe dentro do Departamento de Polícia de Chicago. Outras pessoas, como especialistas forenses talentosos, poderiam pegar aquela pilha de cinzas e extrair dela vestígios do passado.

Rory queria manter o passado e todos os seus segredos mortos e enterrados. Então ela pagou em dinheiro e esperou pelo melhor.

Ao sair, ela jogou a lona de cano alto na lata de lixo. Vestindo suas novas Madden Girls, ela caminhou até o carro com uma garra que ela não tinha nos últimos seis meses.

11

DA RUA, A CASA PARECIA ESCURA E VAZIA por dentro, porém, uma luz suave vazou da cova e se espalhou pelas tábuas do assoalho de cerejeira. Rory estava sentada em sua bancada de trabalho na sala escura, a lâmpada de pescoço de ganso direcionada para o catálogo à sua frente e seu laptop emanando um brilho azul. Ela estava trabalhando duro, e isso não tinha nada a ver com seu trabalho no Departamento de Polícia de Chicago. Esta noite era para pesquisa. Esta noite era para rastrear a linhagem. Esta noite era para ter certeza de que sua próxima compra seria perfeita. Ela bebericou de um copo de cerveja escura Lord das Trevas enquanto trabalhava.

As paredes de sua sala eram revestidas de prateleiras embutidas que abrigavam 24 bonecas de porcelana antigas restauradas, cada uma em perfeita ordem - três por prateleira, oito prateleiras ao todo. Exatamente vinte e quatro bonecos. Qualquer coisa menos colocava a mente de Rory em um ciclo constante que obcecava com a vaga. Ela aprendera a não questionar essa peculiaridade ou as muitas outras idiossincrasias que definiam sua personalidade, mas sim a abraçá-las. Ela gostou da companhia dos quarenta e oito olhos fixos que a encararam enquanto ela cruzava as referências de sua pesquisa, movendo-se entre o catálogo cheio de fotos de bonecas antigas e vários sites que ela acessou em seu computador. Ela fez muitas anotações em seu diário até terminar sua pesquisa, então pegou seu copo de Lord das Trevas e tomou um longo e lento gole. Ela encontrou o que estava procurando, suas investigações confirmaram sua autenticidade e as fotos que baixou provaram que sua seleção precisava urgentemente de sua experiência.

Satisfeita com sua seleção, ela respirou fundo e puxou um pedaço de papel dobrado do bolso de trás. Ela imprimiu o cartão de embarque da American Airlines naquela manhã, preparando-se para o voo do dia seguinte. Ficar preso em um tubo a trinta mil pés com duzentos outros passageiros era nauseante. Só de pensar nisso, uma camada sutil de umidade atingiu sua testa.

Ela ouviu a porta da frente abrir e as chaves tilintarem ao serem removidas da fechadura.

“Rory?”

“Aqui”, disse ela, colocando o cartão de embarque de volta no bolso.

Ela não se preocupou em se virar. Ela sentiu sua presença na porta, então sentiu a vibração de seus passos quando ele se aproximou. Finalmente, ela sentiu os lábios dele na lateral de seu pescoço. Ela estendeu a mão para trás e passou os dedos pelos cabelos dele.

“Culpado em todas as acusações”, disse Lane Phillips em seu ouvido. “Você disse que não tinha certeza.”

“Eu estava cautelosamente otimista.”

“Bem feito. Você falou com Walter Byrd?”

“Sim,” Rory disse, lembrando-se do aceno que o pai de Camille Byrd tinha dado a ela no caminho para fora do tribunal. Para Rory, foi uma conversa.

“O que agora?”

“Agora eu desapareço por alguns meses”, disse ela.

“Quanto tempo até Ron aparecer na varanda da frente?”

Rory encolheu os ombros. “Ele vai esperar pelo menos algumas semanas. Ele sabe me dar espaço.”

Ron Davidson tinha uma pilha interminável de arquivos de homicídios para os quais precisava da ajuda de Rory. Casos que haviam confundido seus melhores detetives. Uma reconstrucionista forense especializada em homicídios de casos arquivados, a experiência de Rory estava em sua habilidade de montar quebra-cabeças de crimes que não haviam sido resolvidos por anos. Seu cérebro funcionava de maneira diferente dos outros, e sua mente misteriosa via coisas que os outros não percebiam.

Não importava o quanto tentasse, ela nunca tinha sido capaz de explicar como notou as peças que faltavam quando ela pulou em uma caixa arquivada ou entrou em uma cena de crime anos antes. Ela sabia apenas que quando apresentado a um mistério não resolvido, algo clicou dentro de sua mente que a impediu de esquecer sobre isso até que ela tivesse as respostas que haviam escapado a todos os outros. Um fenômeno paralelo ocorria sempre que ela pegava uma boneca antiga que estava danificada e

arruinada. Sua mente se recusou a se estabelecer até que a boneca estivesse perfeita.

O caso Camille Byrd trouxe dois meses agitados de Rory reconstituindo os últimos dias da garota. Ela seguiu os passos do fantasma da garota até que eles a levaram a respostas. Era uma rotina cansativa que a deixava exausta. Ron Davidson conhecia bem seu investigador estrela e reconheceu a necessidade de espaço de Rory após a conclusão de um caso. Duas semanas era a janela típica que ele permitia; dois meses era o que Rory normalmente levava. As lacunas foram preenchidas com os telefonemas frenéticos de Ron, mensagens incessantes, ameaças de terminar seu emprego no Departamento de Polícia de Chicago e a inevitável caçada quando Ron rastreou Rory, de uma forma ou de outra, para encurralá-la com um ultimato.

Esta noite, porém, no primeiro dia de seu auto-declarado sabático, nada disso estava presente. Parecia o início das férias de verão quando ela era criança.

“Duas semanas vão passar rápido”, disse Lane. “Então você vai precisar de um lugar para se esconder. Afinal, Ron é um detetive e sabe onde você mora. Não será difícil encontrar você.”

Rory se virou com um sorriso para olhar para Lane. “Algo me diz que você tem um esconderijo.”

“Eu faço. Fui convidado para participar de um podcast para a NBC.”

“Um podcast sobre o quê?”

“O caso da Escola Preparatória Westmont do ano passado.”

“Quando aquelas crianças foram mortas em Indiana?”

“Sim. O podcast já está em andamento, com muito buzz, grandes anunciantes e um grande nome associado - Mack Carter.

Está sendo produzido em Peppermill, Indiana. Eles precisam de mim por cerca de um mês, eles estão supondo. Talvez mais, dependendo do que Mack aparecer.”

“Eles precisam de você para quê?”

Ele pegou as mãos dela e a colocou de pé.

“Tem muita coisa que não faz sentido com o caso, com os assassinatos, com a professora que foi acusada e com os alunos que sobreviveram. Há um grande ângulo da psicologia que eles querem que eu assuma. ”

Ele a puxou para mais perto.

“Venha comigo.”

Rory ergueu as sobrancelhas. “Vir com você?”

“Sim.”

“Para Indiana?”

Lane acenou com a cabeça.

Rory revirou os olhos. “E eu pensei que você iria me mandar para o Caribe.”

“Não, não é tão glamoroso. Venha comigo de qualquer maneira ”, disse ele.

“Para fazer pesquisas para você sobre algum caso horrível? Acabei de terminar um caso. ”

Lane encostou a testa na dela. “Eu vou fazer a pesquisa. Você me faz companhia e se esconde de Ron por algumas semanas.

Ele nunca vai encontrar você na Peppermill. ”

“Isso é certeza.”

“Eles me colocaram em uma pequena cabana. Eles me mostraram fotos. É fofo.”

Rory inclinou a cabeça. “Com quem exatamente estou falando agora? Você nunca usou a palavra fofo em sua vida. E você raramente sai da cidade, a menos que esteja em um avião para Nova York. ”

“Estou tentando convencê-lo a dizer sim.”

“Fofo não está fazendo isso.” Rory recuou e balançou a cabeça. “Não, Lane. Não estou com disposição para isso. Você estaria trabalhando e eu faria o que exatamente? Passeios turísticos no nordeste de Indiana? Eu quero estar aqui. Na minha própria casa, perto das minhas próprias coisas, e fazendo minhas próprias coisas por um tempo. Eu preciso de um tempo de inatividade. ”

Lane acenou com a cabeça. “Pensei em tentar.”

A morte de seu pai no ano anterior havia deixado apenas um homem neste planeta que a compreendia. Na medida em que Rory Moore pudesse ser compreendido.

“Desculpa. Eu só ... ” Rory apontou para sua bancada de trabalho e o catálogo aberto de bonecas brilhando sob a lamparina de pescoço de ganso. “Eu preciso de um tempo sozinha. Para relaxar e colocar minha mente em ordem. ”

Lane acenou com a cabeça novamente. “Entendo.”

Rory passou a mão pela bochecha dele e o beijou. “Eu sou um pé no saco, eu sei.”

“Ainda te amo. Mesmo que você me faça ir sozinho para uma cabana em Indiana. ”

“Eu achei fofo?”

Lane sorriu. “Essa foi a jogada errada.”

“Muito errado”, disse Rory. Ela se virou, fechou o catálogo e pegou seu Lorde das Trevas. “O caso da Escola Preparatória Westmont não foi resolvido? Abra e feche, não? Um dos professores matou aqueles meninos. ”

“É uma longa história.”

“Eu tenho a noite toda.”

Lane apontou para a cerveja de Rory. “Vou precisar de um desses.”

12

RORY GIRAVA OS INTERRUPTORES Á MEDIDA QUE ELES CAMINHAVAM; PRIMEIRO A ILUMINAÇÃO EMBUTIDA do corredor e, em seguida, as sobrecargas na cozinha. Eles estavam todos configurados para dimmers que prejudicavam sua potência total, e a casa acordou com um brilho âmbar grogue. Uma coruja noturna desde a infância - desde que ela saiu pela porta dos fundos da casa da fazenda de sua tia-avó quando ela tinha dez anos e fez uma grande descoberta - Rory preferia as sombras espreitando de uma casa mal iluminada à fluorescência da enfermaria que ela testemunhou derramar de as janelas dos bangalôs para cima e para baixo em seu quarteirão. Ela abriu a adega de cerveja, um refrigerador com frente de vidro embutido na parede ao lado da geladeira. A prateleira de cima continha seu suprimento de Dark Lord - doze garrafas de 22 onças de cerveja preta imperial ao estilo russo perfeitamente organizadas em três fileiras estreitas e retas com rótulos à frente.

A única incongruência visível era o selo de cera que pingava do topo de cada garrafa, resultado de ter sido mergulhado na cervejaria. Rory poderia conviver com essa imperfeição.

Ela sabia que Lane não aguentava mais um Lorde das Trevas do que ela aguentava a cerveja light que ele preferia. Eles eram opostos nesse aspecto. Ela pegou uma Corona Light da última gaveta, escondida porque a visão de uma garrafa de vidro transparente cheia de cerveja amarelo claro insultou a harmonia de sua adega.

Ela abriu a tampa e entregou a Lane.

“Então, Escola Preparatória Westmont. Qual é o sorteio? ”

Lane tomou um gole de cerveja. “Dois estudantes foram mortos no verão passado em uma casa abandonada no campus. Três dias depois dos assassinatos, a polícia estava com seu homem - um professor de química chamado Charles Gorman. Vou dar uma olhada no aspecto psicológico da história. Mergulhe na mentalidade de Gorman. ”

“Você conseguiu permissão para entrevistá-lo?”

“Eu desejo. Ele tentou se matar alguns dias depois dos assassinatos, quando a polícia o cercou. Pulei na frente de um trem que passa ao lado da antiga pensão. ”

“Tentou?”

“Sim, chegou bem perto do que me disseram. Ele sofreu danos cerebrais a ponto de passar dias babando em um hospital psiquiátrico seguro para criminosos insanos. Não fala desde que saiu do coma, e o EEG não mostra nada acontecendo lá em cima. ”

“Parece um homem culpado querendo escapar de seus demônios e uma sentença de prisão.”

“Talvez, mas eu acho que há mais do que isso. Vou montar um perfil do assassino e me certificar de que Gorman corresponda a esse perfil. ”

“O que te faz pensar que há mais nessa história?”

“Porque no ano passado, três alunos da Escola Preparatória Westmont que sobreviveram naquela noite voltaram para a pensão para pular na frente do mesmo trem que Gorman.”

Rory parou seu copo um pouco antes de seus lábios.

Lane ergueu as sobrancelhas. “Eu disse que era interessante.” Ele tomou um gole de cerveja. “Alguma coisa estava acontecendo com aquelas crianças no ano passado e continua até hoje. Algo que eles não contaram a ninguém. A história que está por aí agora é muito clara. Professor estourou, professor confessou em uma carta manuscrita, professor tentou se matar.

Não estou acreditando, nem Mack Carter. Então, juntos, vamos investigar isso. ” Lane parou por um momento. “Tem certeza que não quer vir comigo?”

Rory deu uma risadinha para ganhar tempo. Ela pensou no catálogo reservado em sua sala que exibia as centenas de bonecas de porcelana antigas que ela havia pesquisado. Ela se lembrou da sensação de equilíbrio que folhear as páginas trouxe à sua mente, que estava correndo muito forte por muito tempo. Ela também se lembrou do cartão de embarque em seu bolso para o vôo que decolou em aproximadamente 12 horas.

“Tenho certeza,” Rory finalmente disse.

Mas ela não estava. Ouvir a história da Escola Preparatória Westmont soltou um sussurro suave que ecoou em sua mente. Dentro das reverberações, havia a suspeita de que as vítimas que haviam voltado para se matar tinham uma história para contar.

Ela tomou outro gole do Lorde das Trevas, mas não conseguia parar de pensar nas palavras que Lane acabara de dizer.

Algo estava acontecendo com aquelas crianças no ano passado, e isso continua até hoje.

ESCOLA PREPARATÓRIA WESTMONT

VERÃO DE 2019

Sessão 2

Anotações no diário: O BURACO DA FECHADURA

AQUI HAVIA UM BURACO DA FECHADURA NA PORTA DO MEU QUARTO. ERA UM PORTAL ATRAVÉS que espiei em um mundo que odiava. As coisas que vi pelo buraco da fechadura nunca foram discutidas. Eu deveria acreditar que eles nunca aconteceram. Mas eles fizeram. Mesmo que minha mãe e eu nunca discutíssemos sobre eles, essas coisas existiam. Eu os vi e tenho certeza de que minha mãe sabia que eu assistia por aquele buraco. Sempre me perguntei se as coisas que aconteceram dentro do túnel da porta do meu quarto aconteceram exatamente naquele local por um motivo.

Ela estava pedindo minha ajuda?

Eu ergui os olhos do diário. Minha voz falhou enquanto eu lia a última frase, e levei um momento para me recompor.

“Eu sinto Muito.”

A mulher se sentou na cadeira em frente a mim e esperou. Eu inalei profundamente, olhei de volta para o diário encadernado em couro e comecei a ler novamente.

As coisas que vi pelo buraco da fechadura mudaram minha vida. Foram as coisas terríveis que aconteceram naquele escopo estreito de minha visão que me fizeram quem eu sou. Eu gostaria de poder dizer que corri por aquela porta e parei meu pai.

Se eu tivesse - se pelo menos tentasse - talvez as coisas fossem diferentes. Talvez eu estivesse morto, porque enfrentar meu pai em seus momentos de raiva era enfrentar um animal selvagem. Mas nunca abri essa porta para protegê-la. Eu me encolhi em meu quarto como a criança fraca e frágil que eu era, e deixei aquele santuário protegido somente depois que a carnificina acabou. Eu levaria para minha mãe um saco de gelo para o olho ou uma toalha para o lábio quebrado. Às vezes, até a ajudei a se maquiar para esconder os hematomas. Mas nunca deixei meu quarto para protegê-la. Sair do meu quarto durante o ataque teria sido mortal, mas morrer teria sido preferível ao que realmente aconteceu.

Eu ouvi o grito de minha mãe e me levantei e saí da cama imediatamente. De joelhos, coloquei meu rosto na porta do meu quarto e olhei pelo buraco da fechadura. Um curto corredor levava à sala de jantar, onde vi minha mãe correr para o outro lado da mesa, tentando colocar um obstáculo entre ela e meu pai. Mas não havia nada que o impedisse. Certamente não uma mesa de jantar. Sua forma entrou no minúsculo mundo da minha fechadura. Ele ficou de costas para a porta do meu quarto, de frente para minha mãe. Seu corpo obscureceu minha visão de forma que eu não podia mais ver minha mãe. Fiquei aliviado por não ver mais seu rosto em pânico. Como se não ver seu terror de alguma forma o fizesse ir embora.

“Pare”, disse minha mãe. “Eu resolvo isso.”

A mandíbula de meu pai estava cerrada; Eu ouvi em sua voz. “Quem. Quebrado. Isto?”

Eu soube imediatamente do que eles estavam falando. O poste na frente. Ele havia quebrado no início do dia, quando eu estava jogando bola com um garoto da vizinhança. Eu tinha feito um arremesso errante que colidiu diretamente com o painel de vidro, quebrando-o e espalhando vidro por todo o caminho. Minha mãe escondeu o dano o melhor que pôde, varrendo o vidro e esperando que a vidraça perdida passasse despercebida até que ela pudesse substituí-la. Esse era o nosso plano. Era óbvio agora que o plano havia falhado.

“Não sei quem o quebrou, Raymond. Mas vou consertar amanhã. ”

“Você vai consertar?”

“Vou ligar para alguém para consertar.”

“E quem vai pagar por isso?”

Meu pai passou o braço pela mesa da sala de jantar, jogando tudo o que estava na superfície para o chão. Para meu pai enlouquecido, causando estragos dentro de casa e acumulando centenas de dólares em danos foi uma resposta adequada às dificuldades financeiras de ter que substituir uma vidraça quebrada.

Eu deveria ter aberto a porta do meu quarto então. Eu deveria ter entrado no corredor e assumido a responsabilidade pelo que fiz. Mas eu não fiz. Fiquei de joelhos e olhei pelo buraco da fechadura enquanto meu pai estendeu a mão sobre a mesa, agarrou minha mãe pelos cabelos e a arrastou por cima. Ele bateu nela naquela noite. Eu o observei pelo buraco da fechadura. Eu assisti o homem que eu odiava bater na mulher que eu amava.

No dia seguinte, meu pai estava morto.

Puxei a borla e coloquei-a cuidadosamente no vinco do diário antes de fechá-lo. Minhas mãos tremeram ligeiramente.

Quando finalmente olhei para a mulher à minha frente, reconheci simpatia em seus olhos. Pelo menos, foi isso que eu interpretei seu olhar. Minhas mãos se acomodaram e meus ombros relaxaram. As sessões de terapia sempre me trouxeram paz, embora eu desnudasse minha alma e revelasse meus segredos mais íntimos durante elas. Ou, talvez, por causa disso.

“Tenho relutado em falar sobre ele. Eu sei que você está curioso. Posso falar sobre meu pai agora? “

A mulher piscou os olhos algumas vezes. Afinal, não foi simpatia, mas pena que vi neles? Ou era algo mais próximo do terror. De qualquer maneira, essas eram as regras. Eu viria para confessar meus segredos mais íntimos e exorcizar meus demônios. Ela ficaria presa à confidencialidade, para sempre mantida em silêncio por meus pecados. Se isso a assustou, foi

um efeito colateral infeliz de nosso relacionamento. Porque eu não conseguia parar de me confessar para ela agora, mesmo se quisesse. E eu não fiz.

“Eu quero te contar como ele morreu. A polícia declarou sua morte um suicídio, mas não foi. Posso te contar sobre isso? Isso seria muito para discutir durante uma sessão? ”

“Nem um pouco”, disse a mulher.

Eu concordei. “Perfeito. Te vejo na próxima semana. ”

Eu estava com meu diário e voltei para o campus.

13

DOBREI SILENCIOSAMENTE NO CANTO NORDESTE DE INDIANA, NAS margens do Lago Michigan, na pacata cidade de Peppermill, o Escola Preparatória Westmont era um internato de elite com a reputação de preparar seus alunos para os rigores da faculdade. Suas práticas eram rígidas, suas expectativas altas e seu histórico impecável. Cem por cento dos alunos matriculados na Escola Preparatória Westmont passaram a se formar em uma universidade de quatro anos. Não é pouca coisa, considerando as crianças que compunham o corpo discente. Além dos garotos ricos esnobes, dos acadêmicos talentosos e dos superdimensionados, as disciplinas rígidas encontradas dentro das paredes da Escola Preparatória Westmont também atraíram adolescentes problemáticos e rebeldes que se encontraram nas encruzilhadas da vida. Havia adolescentes cujos pais reconheceram a trajetória desde o início e foram enviados para a Escola Preparatória Westmont para se endireitarem antes que fosse tarde demais. Havia também aquelas crianças cujos pais perceberam tarde demais a seriedade da situação de seus filhos e só encontraram a Escola Preparatória Westmont depois que uma série de eventos os colocou no tipo de problema que exigia planejamento, negociação e concessões para evitar consequências para toda a vida. Aqueles pais exaustos enviaram seus filhos para a Escola Preparatória Westmont porque temiam que, se não fosse um internato para o qual eles estavam perdendo os filhos, poderia ser a prisão. Ainda assim, apesar dessa mistura de alunos, as práticas e os princípios do Escola Preparatória Westmont colocaram todos na linha.

Isole e eduque, uma prática testada e comprovada em internatos em todo o país.

A arquitetura do campus imitou as escolas preparatórias de elite da Costa Leste, com edifícios feitos de calcário Bedford e cobertos de hera que envolviam as janelas e subiam até os beirais, onde cornijas pareciam sentinelas vigiando o campus. O

frontão da biblioteca - o primeiro edifício visível quando se passava pelos portões da frente - era uma empena triangular maciça sustentada por

colunas grossas e robustas. Gravado na pedra estava o logotipo da escola: Veniam solum, relinquatis et.

Cheguem sozinho, saiam juntos.

Gavin Harms e Gwen Montgomery passaram pelo prédio agora. A noite estava densa de umidade e, embora se aproximassem das dez horas, o longo dia de verão ainda oferecia os últimos esforços do sol - uma queimadura suave no horizonte que riscava o céu com pinceladas de salmão. Seus amigos, Theo e Danielle, caminhavam ao lado deles. Os quatro estavam próximos desde o Gate Day, o momento cerimonioso em que os alunos se apresentavam no campus no início de cada ano letivo. Assim que os alunos chegassem aos portões da frente, fossem calouros ou veteranos experientes, eles estavam por conta própria. Os pais não eram permitidos no campus durante o Dia do Portão. Assim que um aluno entrava pelas portas de ferro forjado, ele se tornava responsável por si mesmo. Independência foi um tema na Escola Preparatória Westmont. Esperava-se que os alunos encontrassem seu caminho e desenvolvessem um novo sistema de apoio dentro das paredes da escola. Cheguem sozinho, saiam juntos.

Muitas crianças chegaram ao Escola Preparatória Westmont como adolescentes desafiadores, desejosos de se libertar das rédeas de seus pais.

Mas, para alguns, o fechamento cerimonial da entrada no Dia do Portão trouxe claramente a realidade em foco. Enquanto os alunos ficavam de um lado do ferro forjado e seus pais do outro, uma série de reações se seguia. Alguns choraram. Outros se agarraram às barras de ferro como criminosos em suas celas e imploraram para voltar para casa. Alguns riram do simbolismo dramático antes de irem para seus dormitórios. Os espertos fizeram amigos e permaneceram juntos. Gavin Harms, Gwen Montgomery, Theo Compton e Danielle Landry estavam juntos desde o início, e agora eles estavam entrando no verão antes do primeiro ano.

Ao se aproximarem de Margery Hall, eles cortaram para a direita para evitar a entrada da frente, onde a mãe da casa certamente questionaria onde eles estavam que os fez voltar ao dormitório tão perto do toque de recolher. A partir daí, a conversa se voltaria para a mochila de Gavin, que estava grossa e inchada com latas de Budweiser. Em vez disso, eles caminharam até a entrada dos fundos. Antes que pudessem alcançar a porta, ela se abriu e assustou a todos. Tanner Landing estava parado na porta.

“Pegaram minha cerveja, vadias?”

A Escola Preparatória Westmont produziu uma interessante dicotomia de amizades. Alguns eram orgânicos, construídos a partir de interesses comuns e afeição natural. Outros foram forçados, criados pelos limites das atribuições do campus e do dormitório.

Tanner Landing fazia parte desse grupo logo após o primeiro ano, quando a maioria dos alunos voltava para casa no verão, exceto por um punhado de crianças cujos pais os forçaram a ficar para a sessão de verão. Durante o ano letivo, Tanner poderia ser evitado. No verão, Gavin e seus amigos ficavam com ele.

“Você me assustou muito,” Gwen disse enquanto passava por Tanner e entrava no corredor dos fundos do dormitório.

A namorada de Tanner, Bridget, desculpou-se por sua estupidez. “Ele é um Neandertal”, disse ela.

Gavin e Theo dividiram um dormitório, eles entraram e trancaram a porta. Eles fecharam as cortinas da janela. Gavin abriu o zíper de sua mochila e distribuiu as cervejas.

“Vou ler”, disse Tanner. Ele tomou três goles rápidos de cerveja e arrotou. Ele puxou o telefone e leu a mensagem.

O Homem no Espelho pede a sua presença

13:3:5

Sábado à noite às 22h.

“Essa é a velha pensão, certo?” Gwen perguntou.

“Sim”, disse Gavin. “É o caminho de volta. Fora da Rota 77. Teremos que cortar pela floresta e contornar o campus. Quem mais foi convidado?”

“Só nós seis”, disse Tanner.

Gwen olhou em volta. “Estamos realmente fazendo isso?”

- Somos juniores - disse Tanner antes de engolir o resto de sua cerveja e arrotar novamente. “Maldição, estamos certos! É um rito de passagem.”

MARC MCEVOY CAMINHOU EM SEU PORÃO. O AR
CONDICIONADO

mantinha o primeiro e o segundo andares bem frescos, mas durante os meses de verão Marc preferia o porão. A terra fria irradiava através das paredes da fundação da casa e mantinha o porão alguns graus mais frio do que o resto da casa. Ele amava o porão mais do que apenas a temperatura, no entanto. Foi onde ele escondeu seu segredo.

Eles haviam construído um pequeno bar no ano anterior, quando terminaram o porão. Era onde ele e a esposa gostavam de entreter os amigos nos fins de semana. Ele e seus amigos tinham se curvado até a laje de carvalho vitrificado com epóxi muitas vezes durante o inverno anterior para assistir aos jogos dos Colts. Ele caminhou até o armário atrás do bar agora e abriu as portas. Dentro estava sua coleção de cartões de beisebol. Ele tinha desde criança, aumentando a cada ano. Sua coleção se estendeu dos anos 1970 e 1980, com Johnny Bench e a Big Red Machine, aos anos 1990 e início de 2000, quando os esteróides assumiram o controle do jogo, até a atual geração de jogadores definida por estatísticas que nunca existiram antes. anos atrás. A coleção era legítima - cartões antigos da Topps que vinham com goma de mascar quebradiça, assim como cartões da Goudy Gum Company e Sporting News. Eles valiam alguma coisa hoje se ele ousasse levar seus preciosos cartões para um leilão. Mas Marc não tinha planos de vender sua coleção. Hoje à noite, ao puxar a primeira caixa da prateleira, ele estava interessado em algo diferente de seus cartões. Era sua outra obsessão, algo em que ele tinha se fixado desde seus dias de colégio na Escola Preparatória Westmont, que ele estava interessado naquela noite.

Ele colocou a pasta na barra, destrancou a tampa e abriu as duas escotilhas para ter acesso à sua coleção. Lá dentro, os cartões de beisebol estavam organizados em fileiras estreitas. No topo havia várias folhas de plástico laminado com ranhuras para os cartões que ele mantinha em perfeitas condições. No topo dessas páginas protegidas estavam suas anotações e pesquisas. Ele sempre manteve sua pesquisa escondida lá. Sua esposa não tinha interesse em sua coleção de cartões, e Marc tinha certeza de que o

segredo que ele guardava lá estava seguro. O primeiro artigo que ele puxou foi do Peppermill Gazette, um jornal local que tinha um pequeno número de leitores quando ele estava na Escola Preparatória Westmont, mas que desde então faliu. Ele encontrou o artigo na biblioteca quando era calouro. Ele havia sido publicado originalmente em 1982. Ele o leu agora.

Por dentro da Sociedade Secreta da Escola Preparatória Westmont

Se você perguntar ao diretor da Escola Preparatória Westmont, ou a qualquer membro do corpo docente, se há verdade no boato de que existe uma sociedade secreta dentro da Escola Preparatória Westmont, você ouvirá um sonoro e contundente “Não”. Mas se você perguntar aos alunos, eles dirão que essa sociedade não apenas existe, mas também está prosperando. Peça detalhes, entretanto, e você obterá muito poucos. Principalmente, você ouvirá conjecturas e rumores sobre as desventuras deste clube secreto que confunde seus novos iniciados e prega partidas estridentes em alunos e professores desavisados. Fatos concretos ou experiências de primeira pessoa são impossíveis de ocorrer, uma vez que não há alunos que se admitam como membros ativos. O diretor explica essa falta de conhecimento em primeira mão do clube, afirmando que a ideia de tal sociedade existe apenas na mente dos alunos e permanece viva por meio do folclore e dos boatos. É, observa o diretor, uma invenção da imaginação do corpo discente. Ou, pode-se argumentar, o motivo pelo qual você ouvirá tão pouco sobre o grupo é porque seus membros juraram segredo.

Marc deixou o artigo de lado e voltou-se para um artigo mais recente publicado no Indianapolis Star. Escrito por um jornalista de crime verdadeiro chamado Ryder Hillier, o extenso artigo narrava a história das sociedades secretas nas escolas americanas, abordava brevemente as sociedades colegiadas mais famosas das escolas da liga de ivy da Costa Leste e, em seguida, estabeleceu-se para examinar a organização dentro das paredes do internato de maior prestígio de Indiana.

Escola Preparatória Westmont era conhecida por sua disciplina rígida e acadêmicos rígidos. A escola era frequentemente classificada entre as melhores escolas preparatórias e ostentava uma taxa de conversão de 100% para uma universidade de quatro anos. Ryder Hillier havia feito mais progresso no grupo secreto que existia dentro dos muros da Escola Preparatória Westmont do que qualquer outro jornalista que Marc havia

conhecido. Ela tinha até, de alguma forma, desenterrado seu nome - O Homem no Espelho - e o local das reuniões, um ponto enigmático marcado apenas por três números. 13:3:5. Números que Marc sabia ser a localização da entrada para a floresta na saída da Rota 77 que levava à antiga pensão.

A partir daí, porém, os fatos de Ryder Hillier secaram. O artigo terminou com uma citação que ela conseguiu obter da atual reitora, Dra. Gabriella Hanover, que negou a existência de tal sociedade, alegando que a Escola Preparatória Westmont não permitia clubes exclusivos que promovessem o elitismo e o sigilo, nem a escola permitiria um associação de estudantes a funcionar fora da supervisão do corpo docente.

Mas Marc frequentou a Escola Preparatória Westmont e, como ex-aluno, sabia muito bem que o clube existia. Ele esperou durante seus anos de calouro e segundo ano para ter a chance de se tornar parte da sociedade, sabendo que ela era composta apenas por

veteranos. Mas quando seu primeiro ano chegou, ele foi preterido. A rejeição o havia deixado em um ataque de depressão.

Alguns de seus amigos mais próximos foram escolhidos e, depois que passaram pela iniciação, o deixaram para trás. Ele passou o primeiro ano sozinho e isolado, e quando finalmente se tornou o alvo das pegadinhas do grupo, Marc McEvoy decidiu que já estava farto do Escola Preparatória Westmont. Ele foi transferido para uma escola pública no último ano. Foi um final miserável para sua experiência no ensino médio, e seu último ano foi marcado por pensamentos suicidas. Só depois de encontrar um novo sistema de apoio durante a faculdade ele saiu da depressão. Ele conheceu sua esposa, ele se formou, ele lançou sua carreira e ele começou uma família. Mas ele nunca se esqueceu da sociedade secreta da Escola Preparatória Westmont. Aquele de quem ele queria tanto fazer parte. Aquele que o rejeitou. Marc McEvoy não só foi incapaz de esquecer O Homem no Espelho, como também ficou obcecado por ele. Ele havia trabalhado ao longo dos anos para descobrir tudo o que pudesse sobre o grupo e seus rituais.

Hoje à noite, com sua família dormindo no andar de cima, ele recuperou os artigos que mantinha escondidos com sua coleção de cartões de beisebol e os colocou no bar. Então ele abriu seu laptop e digitou The Man in the Mirror no mecanismo de busca. Era junho. Ele sabia que a iniciação de

novos membros ocorria no solstício de verão. Ele percorreu as páginas da web.

Ele tinha lido a maioria deles uma centena de vezes, mas de vez em quando ele se deparava com algo novo.

Ele não era mais um adolescente. Coisas como essa não deveriam interessá-lo, e a rejeição de tanto tempo atrás não deveria mais doer. Mas sua mente ainda gotejava de curiosidade e seu ego ainda doía por ter sido negado. Uma pergunta estranha veio a ele, como fazia no início de cada verão: o que o estava impedindo de ir para a casa abandonada na floresta?

Na época em que ele era estudante na Escola Preparatória Westmont, facilmente influenciado e intimidado, seu medo o mantinha afastado.

Mas não havia medo dentro dele esta noite. Agora ele estava apenas curioso para aprender tudo o que pudesse sobre o mito.

Mas enquanto folheava sua pesquisa e percorria os sites que descreviam a lenda do Homem no Espelho, ele percebeu que, além de sua curiosidade, havia algo mais alimentando sua fome. Em uma noite quente de verão, no frio fresco de seu porão, ele finalmente foi capaz de definir a emoção.

Foi raiva.

PARTE III

Agosto de 2020

CLAUSTROFÓBIA, ANSIEDADE SOCIAL E O INCOMODO DE PRECISAR DE PARA SEMPRE estar no controle de seu ambiente tornava as viagens aéreas algo que Rory Moore evitava sempre que possível, e algo que ela fazia mal quando era obrigatório. Ela havia tentado um pouco de tudo ao longo dos anos. Da meditação (que atraiu a atenção de outros passageiros em vez do resultado oposto, desejado) aos produtos farmacêuticos (Benadryl e Advil PM causaram um violento ataque de vômito que tornou um voo, em particular, mais desagradável do que qualquer outro) ao peru frio -suck-it-up-sit-in-the-middle-seat-and-deal-with-it (uma vez, apenas uma vez, e nunca, nunca mais).

Os assentos da carruagem - três de largura, embalados como sardinhas murchas e rastejando uns sobre os outros para usar um minúsculo banheiro compartilhado por duzentos outros passageiros - estiveram fora de questão por anos. Certa vez, quando Rory e Lane foram necessários em Nova York para um caso relacionado ao Projeto de Responsabilidade do Assassinato, um cliente rico concordou em fretar um voo para eles depois que Lane explicou que era a única maneira de levá-los à Costa Leste. Lane, é claro, poderia ter ido sozinho. Ele poderia ter reservado um voo comercial e lido um livro por duas horas como todo mundo. Mas ele não fez isso. Ele insistiu em um alvará privado e conseguiu. Rory o amava mais do que apenas sua boa aparência e sua mente feroz. O homem a aceitou apesar de todas as suas peculiaridades sufocantes. Ele a amava do jeito que ela foi construída e nunca tentou reconstruí-la, como tantos outros em sua vida tentaram - de psicólogos a professores a colegas de quarto de faculdade de direito e professores.

Quando um avião particular terrivelmente caro não era uma opção, a primeira classe era a segunda melhor opção. Ela escolheu o assento da janela, e no momento em que sua companheira de assento se juntou a ela, Rory tinha se barricado com dois travesseiros e um cobertor. Ela tinha a dissertação de Lane dos dias de doutorado em seu colo, e a exibição proeminente de seu título - *Some Choose Darkness* - era como um proprietário pendurando uma coruja de plástico na lateral de sua casa para

assustar os pica-paus. Para garantir, Rory usava uma máscara cirúrgica. Um rápido olhar para a senhora em 2A deu a imagem de um serial killer lendo um manual de instruções que tentava manter sob controle os germes que flutuavam no ar recirculado para que ela pudesse viver o suficiente para fazer sua próxima morte ou ela mesma doente com a peste.

Rory sabia que ela não era um prazer sentar-se ao lado de um avião, mas seus esforços valeram a pena. O cavalheiro do 2B sentou-se sem dizer uma palavra e, durante todo o voo de três horas para Miami, ele nunca tentou conversar.

16

O CONVITE DE LANE PARA RORY PARA SE JUNTAR A ELE EM SUA ATRIBUIÇÃO EM Indiana era charmosa, e quanto mais ela pensava nisso enquanto dirigia para o norte do Aeroporto Internacional de Miami, mais as palavras dele acendiam emoções que Rory preferia adormecidas. Ela não tinha mais nenhuma família com quem passar mais tempo, então a parte clínica e analítica de seu cérebro lhe disse que era um desperdício de energia se sentir culpada por oportunidades perdidas com eles. Mas o segmento emocional de sua mente lhe disse para não repetir os erros do passado negligenciando o relacionamento de solteiro que permaneceu em sua vida. Rory se perguntou, após os eventos do ano anterior, se sua vida precisava de cuidados sérios. Talvez algum reajuste de prioridades e alguma autorreflexão sobre as coisas que importavam para ela.

Venha comigo.

As palavras de Lane ecoaram em sua mente, e ela estava impotente para acalmá-las. Ela tentou canalizar seus sentimentos para um canto de seu cérebro onde pudesse encobri-los, armazená-los e mantê-los sob controle, como fazia com outros pensamentos perturbadores que constantemente a bombardeavam e ameaçavam arruinar sua vida. Cada dia trazia um turbilhão de emoções. Foi assim que suas ondas cerebrais dispararam. Se ela não estava preocupada, estava obcecada. E se ela não estava obcecada, ela estava planejando. Sua mente nunca se acalmou. Sempre havia um zumbido baixo de atividade acontecendo em sua cabeça. Com o passar dos anos, ela aprendera a controlar essa aflição compartimentando seus pensamentos. A compulsão obsessiva que implorava para que ela realizasse tarefas mundanas e redundantes, como verificar o velocímetro agora e certificar-se de que os faróis estavam acesos, foi armazenada em uma parte de seu cérebro que lhe permitiu não tanto ignorar os impulsos, mas guardar eles em layaway. Ela armazenou esses desejos em um lugar em sua mente que os impedia de interferir na vida diária. Então, mais tarde, ela puxou a capa de proteção quando ela teve um lugar para depositar os anseios de uma forma limpa e ordenada. Um lugar onde esses pensamentos pudessem correr livremente até desaparecerem sem afetar ainda mais sua vida. Esse

processo deu tempo a Rory. Isso permitiu que ela vivesse sua vida livre das demandas supérfluas de sua mente.

Uma saída que Rory usou para esse propósito foi estudar arquivos de casos como um reconstrucionista forense. A repetição de ler e reler as transcrições das entrevistas, revisar os resumos da autópsia até que cada página fosse armazenada como uma imagem em sua mente, examinar atentamente as anotações do detetive e os registros de evidências e estudar as fotos da cena do crime até que pudesse vê-las com os olhos fechados era um perfeito exercício para uma mente que nunca se desligou. No ambiente de reconstrução forense, sua aflição funcionou como um trunfo.

Longe do trabalho, havia outra saída para sua compulsão obsessiva. Ela o descobriu quando era uma menina, antes de entender que sua mente funcionava de maneiras que os outros considerariam incomuns. Antes que ela entendesse que as imagens e o conhecimento que corriam como um pergaminho sem fim em seus pensamentos eram a formação de sua memória fotográfica. Antes que ela soubesse que sua inteligência estava em uma escala muito superior à de quase todos os outros. Antes que ela reconhecesse que estar tão avançada em uma área da vida fazia com que outras áreas fossem negligenciadas - como relacionamentos pessoais e interações sociais. Antes de o diagnóstico de autismo estar na corrente principal da medicina, outra técnica foi usada para controlar sua condição. Ela aprendeu a habilidade quando era uma menina, passando um tempo na casa da fazenda de sua tia. Esta noite, enquanto serpenteava pelas ruas de Miami, ela planejava caçar o item que lhe permitiria usar o talento que aprendera quando criança. Isso permitiria que ela vivesse os próximos dois meses sem se preocupar com a possibilidade de suas peculiaridades e idiosincrasias a desviarem.

Mas ela estava lutando para compartimentar os sentimentos que o convite de Lane produzia. Quanto mais perto ela chegava de seu destino, mais sua pele coçava de ansiedade e mais ela se perguntava se, talvez, os sentimentos sobre o homem que ela amava não deviam ser armazenados e agrupados com os pensamentos incômodos causados por seu transtorno obsessivo-compulsivo .

Mesmo assim, ela tentou. Era assim que Rory Moore existia.

ERA PERTO DA MEIA-NOITE QUANDO ELA PAGOU QUARENTA E CINCO DÓLARES PARA ESTACIONAR em uma garagem de três andares no centro de Miami. A estrutura era iluminada por uma luz fluorescente desbotada que Rory teria odiado se estivesse em seu bangalô, mas aqui, em uma cidade desconhecida, ela gostou. Seu coração batia em um ritmo alarmante e suas axilas e costas estavam pegajosas de suor. Ela saiu do estacionamento e por dez minutos caminhou pelas ruas do centro. Ela havia memorizado a rota no dia anterior. Seu relógio soou. Eram dez para a meia-noite e ela acelerou o passo. As ruas de Miami estavam ocupadas por um coro constante de casais e retardatários, mas quando ela saiu da via principal e dobrou em uma rua lateral, estava sozinha. A iluminação da rua era mínima e suas botas de combate ecoavam nos prédios de tijolos. Ela viu o brilho de uma tenda à frente e soube que conseguiria. Era tão superficial quanto ela imaginava. O

site não tinha fotos, apenas um endereço e o tempo estimado para o leilão.

O dossel iluminado, que era barato e surrado, promovia o lugar em letras vermelhas como THE DOLL HOUSE – A CASA DA BONECA. Para entrar no estabelecimento, Rory descia quatro degraus da calçada. Ela respirou fundo antes de descer as escadas e, em seguida, empurrou a porta da frente. Um homem com pescoço grosso e olhar entediante ergueu o queixo para ela quando ela entrou.

“Estou aqui para o leilão”, disse ela.

O homem grunhiu sua resposta. “Pela porta dos fundos. Eles estão um pouco atrasados. ”

A cavernosa taverna era escura e sombria, mas bem povoada. O cheiro de hambúrgueres carbonizados estava pesado no ar, e a gargalhada ruidosa de várias conversas apertou o peito de Rory. Ela se obrigou a respirar enquanto examinava a sala e viu a porta nos fundos. Ela foi primeiro ao bar. A fileira de torneiras ofereceu uma exibição decepcionante - todas opções de cerveja light aguada.

“O que você quer?” perguntou o barman.

“Tem alguma cerveja da Three Floyds?”

“Três quem?”

Rory balançou a cabeça e examinou as garrafas de cerveja alinhadas na prateleira do bar. “Lagunitas PILS.”

O barman enfiou a mão no refrigerador e tirou a tampa, colocando a garrafa na frente de Rory. Ela largou o dinheiro no bar e levou a cerveja para a sala dos fundos. Passava da meia-noite. Outro homem esperava do lado de fora e Rory mostrou sua passagem impressa, que o homem interpretou como sua admissão. Quando ela entrou nesta sala dos fundos, A casa das bonecas se tornou mais impressionante. A iluminação era mais clara aqui, um forte contraste com a taverna. As paredes eram revestidas de armários de vidro que continham uma série de bonecos de porcelana colecionáveis. Outros colecionadores, que sem dúvida estavam aqui há horas, encheram a sala. Todos estavam examinando as opções e pesquisando suas histórias. Rory já havia feito seu dever de casa e levou menos de dois minutos para encontrar a boneca que procurava - uma boneca alemã Armand Marseille Kiddiejoy em péssimas condições. Ela olhou para ele agora através do vidro.

Antes que Rory pudesse inspecionar a boneca, ela teve que registrar seu número de identificação no registro. Ela rabiscou seu número na folha de registro e contou doze entradas acima dela, o que significava que ela teria uma competição de licitação esta noite. Sem um plano alternativo, este Armand Marseille era sua única opção. Ela havia investigado a origem da boneca e percorrido 1.500 milhas para comprá-la. Ela planejou fazer exatamente isso.

Ela chamou a atenção de um dos leiloeiros, que destrancou a caixa de vidro. Rory ergueu a boneca de seu lugar de descanso.

Sua mente disparou como um raio agora. Não foi bem uma experiência fora do corpo, mas naquele momento Rory não estava simplesmente segurando a boneca, ela era parte dela. Sua visão não parou na superfície da porcelana, mas a penetrou. A face de porcelana estava coberta por uma treliça de rachaduras e faltava uma grande peça na bochecha e na orelha esquerda. Havia uma área careca na parte posterior direita da cabeça da boneca, onde um restaurador menor havia tentado consertar uma rachadura diferente com

resultados devastadores. O esforço foi tão amador que Rory se perguntou como alguém com tão pouca habilidade conseguiu uma boneca clássica como esta. Mas mesmo este insulto flagrante colocou uma emoção no peito de Rory. Sua visão penetrou na boneca e a viu de dentro para fora. Sua mente estava cega para os danos e apenas imaginou as possibilidades. O potencial da boneca a hipnotizou.

“Você está bem?” O leiloeiro perguntou, puxando Rory de seu transe.

Ela acenou com a cabeça e entregou a boneca. Dez minutos depois, ela se sentou no fundo do salão de leilões, tomou um gole de sua Lagunitas e esperou. Quatro leilões foram agendados para aquele dia. Este foi o último. As bonecas imaculadas foram vendidas primeiro a colecionadores que queriam levá-las para casa e exibi-las nas prateleiras com outras estatuetas perfeitas.

Rory não tinha interesse nas bonecas imaculadas. Eles não tinham histórias. Eles não guardaram segredos. Suas histórias já haviam sido contadas. Ela estava atrás de bonecas que haviam viajado o mundo e tinham as cicatrizes para provar isso. Ela estava atrás de bonecas imperfeitas que haviam perdido a conexão com seus donos anteriores e precisavam desesperadamente de afeto e atenção.

Ela terminou a cerveja e pediu outra, enquanto as bonecas imaculadas eram vendidas, uma após a outra. A cada leilão bem-sucedido, a pequena sala subterrânea se diluía. No momento em que as bonecas esfarrapadas e dilapidadas chegaram ao chão, havia apenas vinte ou mais colecionadores ainda presentes. Era quase uma da manhã.

“A seguir”, disse o leiloeiro. “É um Armand Marseille. Alguns danos ao rosto e à orelha, mas em seu apogeu ...”

“Três mil,” Rory disse.

O homem ergueu os olhos da boneca. “A pergunta inicial é sete e cinquenta.”

Rory se levantou da última fileira e caminhou em direção ao pódio, suas novas botas de combate chacoalhando a cada passo.

“Três mil devem ficar, então?”

O leiloeiro olhou para os colecionadores que permaneceram na sala. “Indo uma vez? Indo duas vezes? Vendido por três mil dólares para a senhora de cinza. ”

18

LANE PASSOU DOIS DIAS DENTRO DO Escola Preparatória Westmont Analisando e aprendendo tudo o que pudesse sobre o caso. A NBC havia fornecido uma pasta de arquivos de pesquisa, mas Lane tinha suas próprias fontes também, e cavou o mais fundo possível em apenas alguns dias. Agora, seu carro estava lotado enquanto ele dirigia para o sul da cidade. Duas horas depois de deixar Chicago, pouco antes do meio-dia, ele passou pelo placa WELCOME TO PEPPERMILL, INDIANA – BEM VINDO À PEPPERMILL, INDIANA -. Demorou alguns minutos para o GPS mostrar a ele o caminho para Winston Lane, onde sua casa estava localizada. A pequena casa ficava em um beco sem saída no final de uma longa estrada que terminava em um lago. Ele parou na garagem e desligou o motor. A porta da frente tinha um cofre pendurado na maçaneta. Lane girou os números e a caixa se abriu revelando uma chave. Ele carregou sua mochila para dentro de casa, que era exatamente como anunciado - pequena, confortável e fora de vista. Seria perfeito para tudo o que ele planejou.

Uma cozinha, uma sala com lareira e um escritório compunham o primeiro andar. No andar de cima havia um único quarto e um loft com uma escrivaninha. Ele largou a mochila na cama e voltou para o carro. Do porta-malas, ele retirou a caixa que conseguiu pegar na descida depois de uma negociação pesada e muito dinheiro. Mas para que seu plano funcionasse, a compra era essencial. Ele levou a caixa para a cozinha, abriu a geladeira e forrou a prateleira de cima com as garrafas que continha, certificando-se de que estavam em perfeito estado e com os rótulos para fora.

Quando ele terminou, ele empurrou uma segunda mala pela cozinha e para o quarto de três temporadas anexado na parte de trás da casa. As janelas do chão ao teto davam para o pequeno lago à distância, e Lane sabia que era perfeito. Em uma mesa no canto, ele esvaziou o conteúdo da mala, novamente alinhando tudo em fileiras perfeitas. Em seguida, ele removeu um pacote embrulhado e colocou-o no centro da mesa. Finalmente, ele recuperou o grande quadro de cortiça que havia conseguido enfiar no banco de trás. Ele o colocou em um tripé e fixou fotos nele.

Trinta minutos depois de chegar a Peppermill, a casa estava preparada e pronta.

19

RORY SENTOU-SE NA CABINE DE PRIMEIRA CLASSE DE UM VOO DA AMERICAN ARLINES 2182 rumo a chicago.

Ela usava sua máscara cirúrgica, lia seu manual de instruções e tinha sua nova boneca de porcelana guardada com segurança sob o assento. Sua perna direita vibrou e fez com que as fivelas de sua bota de combate tilintassem. O giro normalmente resultaria de ansiedade, mas esta manhã era outra coisa. Entre o encerramento de seu último caso arquivado, a compra há muito atrasada de suas novas botas e a aquisição da boneca de porcelana Kiddiejoy, Rory Moore se sentiu equilibrada e calma de uma maneira que não sentia há meses. Não desde antes que ela se aventurou a uma cabana em Starved Rock, Illinois, para procurar um fechamento para ela e tantos outros.

Ela fechou os olhos e esperou.

Eram sete da noite quando Rory finalmente se sentou em sua bancada de trabalho. As cortinas foram fechadas e o sol da tarde lutou, mas não conseguiu encontrar uma maneira de contornar as bordas. A sala estava confortavelmente escura, com a lâmpada de pescoço de ganso iluminando seu espaço de trabalho. Rory sentiu os vinte e quatro pares de olhos olhando para ela enquanto ela desembrulhava sua nova compra, como se as bonecas restauradas nas prateleiras estivessem tão interessadas na aquisição de Rory quanto ela. Com cuidado, colocando o boneco alemão Armand Marseille Kiddiejoy na bancada, ela iniciou o processo de inspeção da mesma forma que um médico legista examinaria um corpo prestes a ser dissecado. Mas Rory não tinha planos de desmontar essa boneca. Ela iria colocá-lo de volta no lugar, uma peça meticulosa de cada vez. Isso a manteria ocupada por semanas e permitiria que as irritantes e exigentes chamadas de sua mente fossem liberadas. Ela havia encaixotado esses fardos e os guardado nas últimas semanas exatamente por esse motivo. A restauração de bonecas antigas tinha o potencial de proporcionar alegria e felicidade, e Rory certamente experimentou essas coisas. Mas o passatempo também forneceu

outra coisa. Um portal para um mundo livre de preocupações, onde suas fraquezas se transformavam em pontos fortes e onde ela poderia usar as excentricidades que ameaçavam estragar sua vida cotidiana.

Em seu local de trabalho, ela não precisava resistir aos pedidos irracionais de sua mente. Ela não lutou contra a necessidade torturante de repetir as coisas, indefinidamente, até atingir a perfeição. Nesse lugar protegido, essas tendências não eram apenas permitidas, mas exigidas. As atividades repetitivas envolvidas no conserto de bonecas de porcelana antigas eram uma válvula de escape para o transtorno obsessivo-compulsivo que outrora governara sua vida. Contanto que Rory pudesse exorcizar seus demônios durante as práticas controladas que aconteciam na tranquilidade de sua toca, então as chamadas debilitantes de sua mente foram acalmadas durante a maioria das outras partes da vida. Era assim que ela existia. Suas bonecas eram sua sobrevivência.

A inspeção desta noite foi apenas para coleta de informações. Nenhuma restauração ocorreria. Rory precisava primeiro entender a boneca e os danos que ela continha e traçar um caminho para restaurá-la. Ela passou a mão pelo rosto da boneca, sentindo a rede de rachaduras que formava uma teia de aranha através da porcelana. O álcool isopropílico, que era o solvente escolhido por muitos restauradores, era muito forte. Os pastéis nunca foram tão bem absorvidos pela porcelana despojada de álcool, o que explica o aspecto desbotado das bonecas de outros restauradores apresentadas em leilões. A tia-avó de Rory havia criado sua própria fórmula com sabão e vodca, uma solução que Rory usava desde criança e que seria perfeita para essa nova restauração.

Ela tirou fotos e anotou por mais de uma hora antes de admitir que algo estava errado. Antes que ela aceitasse que algo a estava impedindo de se concentrar totalmente na boneca a sua frente.

“Droga”, disse ela para si mesma.

Para quase todos que a encontraram, Rory Moore era um mistério. Aos médicos que tentaram tratá-la durante a infância e adolescência, ao chefe dela no Departamento de Polícia de Chicago e aos detetives que assistiram com uma combinação de confusão, espanto e aversão enquanto Rory resolvia os casos que os confundiam. Com a morte de seu pai e de sua tia-avó no ano anterior, apenas uma pessoa permaneceu na vida de Rory que

entendia as porcas e parafusos de sua existência. Ela se lembrou das palavras de Lane novamente.

Venha comigo.

Levantando-se de sua bancada de trabalho, ela ergueu seu Armand Marseille e o colocou de volta na caixa de viagem. Lá em cima, ela fez uma mala. No caminho para fora de casa, ela parou na cozinha e puxou a nota adesiva amarela que Lane tinha deixado na frente da geladeira. Continha o endereço da casa de campo em Peppermill.

20

UMA CERVEJA LEVE DEIXADA NA BANCADA NA FRENTE DELE, E UMA PASTA DE ARQUIVO estava ao lado dele com páginas derramando sobre a barra de mogno. Peppermill era uma pequena cidade cheia de tabernas de esquina. O primeiro encontro de Lane com Mack Carter foi marcado para sete da noite em um estabelecimento chamado Tokens, que era composto por um longo bar com uma fileira de banquinhos na frente e uma fileira de mesas de coquetéis na altura do peito separando o bar das cabines que cravejadas na parede oposta. A cerveja estava gelada, a comida gordurosa e escura o suficiente para que ninguém reconhecesse Mack Carter.

Lane estava na metade de sua cerveja quando Mack entrou no bar. Ele usava uma camiseta e um boné da Notre Dame e não se parecia em nada com sua personalidade na televisão. Quando ele se aproximou, os dois apertaram as mãos. Lane imaginou que Mack tinha trinta e poucos anos, com um sorriso enorme que, novamente, parecia diferente pessoalmente do que quando Lane o assistia na televisão.

“Lane Phillips.”

“Mack Carter. Prazer em conhecê-lo. Fiquei emocionado ao saber que a rede colocou você. Seu nome contribuirá muito para dar credibilidade ao podcast, e tenho que lhe dizer ”- Mack olhou ao redor do bar como se alguém pudesse estar ouvindo -“

Vou precisar de um analista quando terminar com esta história. ”

“Ouvi dizer que você teve duas semanas interessantes.”

“Interessante é uma forma de descrever. Maluco de merda é outra. Desculpe, provavelmente não deveria dizer isso a um psiquiatra. ”

“Não sou seu psiquiatra típico.”

“Foi o que ouvi.” Mack apontou para a cerveja de Lane e chamou o barman para pedir a sua. “Vamos conversar.”

Eles se sentaram em banquinhos adjacentes. A cerveja de Mack foi entregue em um copo de pub com espuma escorregando de um lado, estilo comercial de cerveja.

“Há tanta coisa acontecendo psicologicamente com esta história, você vai estar ocupado. O plano será apresentá-lo no episódio cinco. Faremos uma entrevista formal para dar aos ouvintes suas credenciais. Em seguida, faremos uma visão geral do caso com você, oferecendo sua experiência na psicologia do assassino e dos sobreviventes - o que eles passaram durante a noite do massacre e o que passaram desde então. Podemos fazer tudo isso do estúdio na minha casa de aluguel. ”

Lane apontou para o arquivo à sua frente. “Fiz o dever de casa e criei um perfil sobre o assassino.”

“Um perfil de Charles Gorman?”

“Bem, possivelmente, mas não é assim que o perfil funciona. Você não começa com um suspeito e trabalha para trás. Isso anularia o propósito. Começo com o crime - as vítimas, os métodos usados para matá-las, a cena - e crio uma lista de características que o assassino provavelmente teria para cometer tal crime. Nesse caso específico, comecei a mapear a mentalidade necessária para produzir esse nível de violência. O que fiz até agora é apenas um começo. Acrescentarei à medida que aprender mais sobre o crime. Também comecei um segundo perfil separado de Charles Gorman. Depois que eu terminar com cada perfil, veremos onde eles se sobrepõem, se eles se sobrepõem ou se são duplicatas exatas. ”

“Fascinante”, disse Mack. “O que você tem até agora?”

“Algumas notas iniciais sobre Gorman, apenas de registros públicos, me dizem que ele era professor de química na Escola Preparatória Westmont. Um pouco solitário. Socialmente reservado e estranho. Mente brilhante no que diz respeito à química, mas sem graça social. Ele foi honesto como uma flecha por oito anos na escola. ”

“O que o fez estourar?” Perguntou Mack.

“Há muito mais que terei que descobrir para responder a essa pergunta, se é que ela pode ser respondida. Precisamos falar com os alunos e professores que o conheceram. Seus amigos e familiares. Seus pais, especificamente, para ver que tipo de vida doméstica ele teve enquanto crescia. Pelo que

aprendi até agora, ele teve uma infância normal. Mas mergulhar em seu passado vai me ajudar a ver o que estava acontecendo em sua vida desde a infância, por meio de sua vida adulta e até a noite dos assassinatos. Infelizmente, falar diretamente com Gorman está fora de questão, pelo que ouvi. ”

“Eu ouvi a mesma coisa”, disse Mack. “Ele não sabe que dia da semana é, muito menos o que aconteceu naquela floresta um ano atrás. Eu acho que se você pular na frente de um trem, é melhor você ter certeza de terminar o trabalho. ”

“Eu tenho alguma conexão em Grantville, o hospital psiquiátrico onde Gorman está. Vou fazer algumas ligações e ver se consigo mais detalhes sobre o estado dele. ” Lane tomou um gole de cerveja. “Conte-me sobre os suicídios.”

Mack esvaziou sua cerveja e pediu outra. “É aqui que uma história estranha fica mais estranha. Na noite dos assassinatos, duas crianças foram mortas. O restante dos alunos saiu correndo da casa e escapou pela floresta, mas não antes que muitos deles vissem a carnificina de um de seus colegas empalado no portão de ferro forjado. Portanto, tenho certeza de que foi bastante traumático. Alguns meses depois do assassinato, quando as aulas estavam começando no outono, um dos garotos voltou para a floresta e pulou na frente do trem de carga que passa ao lado da pensão. Ela foi a primeira. Alguns meses depois, aconteceu novamente. ”

“Outro suicídio?”

“Sim”, disse Mack. “Da mesma maneira. Homem contra trem. Bem, garota contra treinar, para ser mais específico. Era outra aluna. E apenas algumas semanas atrás, como tenho certeza que você já viu, se você é um dos vinte e alguns milhões de pessoas que viram o vídeo, Theo Compton foi o mais recente. ”

“É bizarro. Teremos que encontrar uma maneira de conversar com os alunos e tentar entender o que está atraindo tantos deles de volta para aquela casa. Converse com seus pais e irmãos. Fale com os professores e professores. ”

“A escola tem sido bastante receptiva às minhas indagações. Não sei dizer se eles estão sendo abertamente transparentes ou tentando me apaziguar porque acham que é o caminho de menor resistência. De qualquer forma,

eles me permitiram um passeio pelo campus e entrevistei a reitora de alunos, Dra. Gabriella Hanover. ”

“Havia algo que Theo Compton disse a você sobre Charles Gorman. Que ele acreditava que Gorman não matou seus colegas de classe. Algum progresso nessa frente? ”

“Não, ainda estou trabalhando nisso”, disse Mack. “E ainda confuso com isso. Theo decidiu acabar com sua vida antes que eu tivesse a chance de falar com ele novamente. ”

“Parece que o jovem foi bastante torturado por tudo o que ele estava mantendo quieto. Eu gostaria de ouvir o áudio completo de sua reunião com ele. E também desde a noite você saiu para a pensão e o encontrou. Talvez eu possa pegar algo que ele disse. ”

Mack acenou com a cabeça. “O que tocou no podcast foi muito editado porque demorou um pouco para fazê-lo falar. A conversa não editada está no meu laptop em casa. Mas, para ouvir tudo de novo, vou precisar de algo mais forte do que cerveja. ”

“Vou pegar uma garrafa no caminho. Bourbon?” Lane perguntou.

“Perfeito”, disse Mack enquanto colocava o dinheiro ao lado de suas cervejas meio vazias.

21

RORY DESLIGOU 1-94 E PEGOU A SAÍDA DE PEPPERMILL. ELA PASSOU pela cidade ao cair da noite e os postes de luz ganharam vida. Seu GPS a levou ao Champion Boulevard até que ela chegou a dois pilares de tijolos unidos por um alto portão de ferro forjado. Escola Preparatória Westmont foi cinzelado no concreto que formava um arco acima do portão e unia os dois pilares de tijolos. Além do portão, um caminho arborizado levava ao campus, onde os prédios da escola estavam sombreados contra o céu noturno que escurecia. Para Rory, a majestade do campus e da escola, os edifícios históricos e o portão trancado, era tudo uma zombaria. Tudo foi feito para demonstrar proteção e santidade. Dentro de tal fortaleza, as crianças estariam protegidas dos perigos do mundo exterior. Os pais enviaram seus filhos aqui acreditando nesse mito. Eles mandaram seus filhos aqui para endireitá-los, ou para lhes ensinar disciplina, ou realmente acreditar que esta instituição era o melhor lugar para preparar seus filhos para os desafios da vida.

Que farsa. Se Rory não tivesse caído sob o olhar atento de sua tia-avó Greta, ela poderia ter acabado em um lugar semelhante.

Rory ergueu a nota adesiva que havia tirado da geladeira e leu o endereço do chalé de Lane. Ela se afastou da Escola Preparatória Westmont e se dirigiu para o lado norte da cidade. Demorou dez minutos para Rory encontrar o banco de casas de aluguel. Eles estavam bem espaçados e corriam para o final de uma longa estrada que serpenteava em um beco sem saída. Os chalés estavam espalhados ao redor de um pequeno lago. Ela diminuiu a velocidade do carro enquanto ia de casa em casa e lia cada endereço.

Quando ela encontrou a casa de Lane, ela parou na garagem, mas notou que as janelas estavam escuras.

Ela se levantou do carro e olhou ao redor da pequena comunidade de casas. Para descer de Chicago, Rory usou shorts jeans cortados e uma camiseta sem mangas. Suas novas botas de combate Madden Girl pareciam perfeitas, e ela ajustou seus óculos de plástico de aro grosso enquanto examinava a

fileira de chalés. Surpresas e demonstrações dramáticas de afeto não eram seu forte, e enquanto estava diante da cabana vazia de Lane, de repente desejou ter telefonado antes.

Rory deixou o motor ligado e a porta do motorista aberta quando ela se aproximou da cabana e bateu na porta da frente.

Quando não houve resposta, ela puxou o telefone do bolso e ligou para Lane. A surpresa acabou. O gabarito estava pronto.

Ela tinha acabado de dirigir por duas horas e estava pronta para uma cerveja. Quando a chamada foi para o correio de voz de Lane, Rory colocou o telefone no bolso de trás de seu short e olhou para a vizinhança.

Onde diabos você está, Lane?

22

ESTAVA PERTO DAS NOVE HORAS DA NOITE QUANDO LANE LEVADA PARA CASA ALUGADA DE MACK CARTER. Ficava no lado oposto de Peppermill como sua cabana. O sol estava chegando ao fim em um longo dia de verão, com energia suficiente apenas para empurrar as sombras dos bordos pelo jardim da frente. As cigarras zumbiam na folhagem em um zumbido constante que se misturava à noite úmida.

Mack abriu a porta da frente e Lane o seguiu para dentro.

“Eles me armaram muito bem”, disse Mack enquanto caminhava pela casa e entrava na cozinha. “O estúdio é de primeira qualidade, e fazemos todas as nossas gravações e dublagens aqui.”

Fora da cozinha, portas francesas levavam ao estúdio de gravação. Lane viu uma bancada de computadores na mesa com microfones e fones de ouvido na frente deles.

“Tudo o que registro em campo é retrabalhado aqui. Também tenho uma equipe de tecnologia em Nova York que lida com tudo que não podemos. Como estou fazendo o podcast em tempo real, o pessoal de Nova York se intromete quando estamos atrasados no prazo.”

Mack tirou os copos do armário e despejou dois dedos em cada um da Marca do Fabricante que Lane comprou no caminho.

Eles se dirigiram ao estúdio de Mack e colocaram fones de ouvido nos ouvidos enquanto se sentavam à mesa. Mack sugeriu a trilha sonora. Alguns segundos depois, Lane estava bebendo bourbon e ouvindo, encantado, a conversa de Mack Carter com Theo Compton. Em seguida, o áudio mudou para a voz trêmula de Mack enquanto ele narrava sua jornada ao longo da Rota 77, passando a marca de treze quilômetros, sua descoberta do carro que estava abandonado no acostamento, sua jornada de oitocentos metros pela floresta até a pensão abandonada e, finalmente sua descoberta do corpo de Theo Compton próximo aos trilhos do trem.

Lane fez anotações enquanto ouvia a filmagem não cortada. Na mesa da cozinha fora do estúdio, a tela frontal do telefone de Lane iluminou-se com

o rosto de Rory quando tocou. O volume estava alto e o toque soou na cozinha. Apesar das portas do estúdio estarem abertas, nem Lane nem Mack ouviram o telefone. Seus fones de ouvido com cancelamento de ruído os impediram de ouvir qualquer coisa, exceto a voz de Mack enquanto o áudio tocava. Os fones de ouvido foram tão eficazes que a primeira indicação de Lane de que algo estava errado veio de seus outros sentidos. O odor de gás foi o primeiro a desviar sua atenção do áudio que estava ouvindo. Então foi a vibração da explosão. Ele nunca ouviu nada.

23

RORY TENTOU LANE MAIS UMA VEZ ENQUANTO ESTAVA SENTADA NO CARRO, QUE AINDA ESTAVA estacionado na garagem da cabana vazia. Após vários toques, a chamada foi para o correio de voz. Finalmente, ela deslizou a tela de seu telefone até chegar ao aplicativo que ela e Lane compartilhavam. Isso permitiu que eles localizassem seus telefones quando perdidos. Ela percorreu a tela e digitou o nome de Lane. Um mapa apareceu com um ícone piscando que representava sua localização. Ele estava em Peppermill, a cerca de cinco quilômetros de distância, no lado oposto da cidade.

Ela tocou no ícone piscando e saiu da garagem enquanto o GPS a conduzia para as coordenadas.

Todos os problemas com seu plano começaram a aparecer enquanto dirigia. Primeiro, aparecer sem avisar nunca foi uma boa ideia. De repente, a ideia de que ela iria surpreender Lane com um gesto romântico fez com que suas mãos escorregassem do volante enquanto sua mente processava a situação em que se colocava. Em segundo lugar, ela se considerava hábil em muitas coisas, mas perseguir não era uma delas. Ela percebeu que o aplicativo de rastreamento não oferecia um endereço exato, apenas uma localização, e Rory não estava disposta a ir de porta em porta por um bairro residencial à procura de Lane.

Finalmente, o pensamento mais apertado no peito foi o que ela faria se conseguisse localizá-lo. Abra bem os braços e diga

“Te encontrei!”

Rory enxugou cada palma em seu short cortado enquanto dirigia, seu olhar alternando para frente e para trás entre o telefone e a estrada, observando seu progresso na tela. Ela pegou uma longa estrada e dirigiu devagar até que os dois ícones piscantes -

o dela e o de Lane - ficaram mais próximos. Mas outra coisa chamou sua atenção e desviou sua atenção do mapa em seu telefone.

À frente, ela viu uma casa solitária no final do beco sem saída. A fumaça subia do telhado e as chamas cuspiam das janelas enquanto eles alcançavam a lateral da casa e iluminavam o céu escuro.

CAPÍTULO 24

RORY DERRAPOU ATPE PARAR NA CURVA. AQUI ESTAVAM DOIS CARROS EM a entrada da garagem, e uma era de Lane. Ela chutou abrindo a porta do lado do motorista e subiu correndo a calçada, suas botas de combate tilintando com seus passos. A porta da frente estava trancada. Ela colocou as mãos contra a janela lateral e apertou os olhos para dentro. Ela viu fumaça e chamas na parte de trás da casa. Ela tentou um chute indiferente na porta da frente, mas ela não se mexeu, e com 110 libras ela não estava delirando o suficiente para acreditar que outra tentativa terminaria de forma diferente. Ela correu para os fundos da casa.

Uma fumaça preta espessa tingida de amarelo subia das janelas do primeiro andar, rolando pela lateral da casa e flutuando na noite escura. Rory alcançou a porta dos fundos e tentou a maçaneta. Ao abrir, uma nuvem gigante de fumaça quase a engoliu.

Ela se agachou sob a onda de cinzas enquanto ela girava sobre ela como uma criatura deslizando para fora. Ela olhou para dentro da casa. A porta dava para a cozinha.

“Faixa!”

Ela esperou por uma resposta, mas tudo o que ouviu foram os estranhos sons de fogo - crepitando, assobiando e gemendo.

Virando a cabeça em direção ao ar fresco atrás dela, ela respirou fundo e então correu para a casa em chamas. Depois de passar a nuvem de fumaça inicial que enchia a porta, Rory percebeu que a maioria das chamas e da fumaça estavam no nível do teto e ela teria uma visibilidade decente se ficasse abaixada. A ardência na garganta e nos pulmões indicava que ela só poderia passar um minuto dentro de casa. Ela fez uma rápida viagem pelo primeiro andar, passou pela cozinha e entrou no saguão da frente antes de se virar. A porta traseira aberta e a liberdade que ela prometia eram um bote salva-vidas do qual ela não queria se afastar muito.

No caminho de volta para a cozinha, ela viu as portas francesas à sua direita. Através da fumaça e da névoa, ela imaginou uma forma no chão.

Seus pulmões queimavam e seus olhos enchiam de lágrimas. Ela levantou a camisa e colocou o tecido sobre a boca. A fumaça ficou mais densa e ela caiu sobre as mãos e os joelhos para continuar sua abordagem. Ela reconheceu Lane imediatamente enquanto ele estava inconsciente no chão. Ela verificou seu pescoço para ver se havia pulso, mas seu próprio coração estava disparado e isso a impediu de registrar os sentimentos sutis de suas pontas dos dedos. Ela se abaixou e o agarrou pelas axilas, arrastando-o pelo chão de madeira enquanto saía da sala e passava pela cozinha. Ela o puxou pela soleira da porta dos fundos e saiu para a noite quente de verão, movendo-se como se a nuvem de fumaça a tivesse cuspido para fora de casa. Apesar do calor e da umidade de agosto, o ar lá fora estava frio. Rory aspirou o ar fresco como se engolisse em uma fonte de água.

Ela continuou sua caminhada para trás, com as pernas cansadas e os quadris queimando no momento em que tinha Lane na grama do quintal e a uma distância segura da casa. Ela se ajoelhou ao lado dele e tocou seu rosto, sentindo o pedaço pegajoso de sangue coagulado. As chamas da casa em chamas ofereciam luz suficiente para ver que a fonte do sangue era um ferimento em algum lugar do couro cabeludo.

Ela finalmente confirmou que ele estava respirando. Então ela olhou de volta para a casa. Alguém estava lá dentro e ela pensou brevemente em tentar entrar novamente, mas as chamas tinham ficado mais fortes agora. A porta dos fundos era como a boca de um dragão cuspidor de chamas e fumaça na noite.

CAPÍTULO 25

ERA ANTES DO NASCER DO SOL, QUANDO RORY levantou-se da cadeira e esticou a rigidez de seus músculos. Ela olhou para Lane. Uma máscara envolveu seu nariz e boca e forçou o oxigênio a entrar em seus pulmões. Mais alguns minutos, os médicos disseram a ela, e ele teria sucumbido à inalação de fumaça. Do jeito que estava agora, o tempo na casa em chamas tinha simplesmente manchado seus pulmões com fuligem e inflamado sua traqueia - preocupações menores quando comparadas com seu ferimento na cabeça. Qualquer estilhaço que a explosão disparou contra a casa resultou em uma fratura do crânio e uma hemorragia cerebral que exigia monitoramento de perto. Os médicos estavam observando para ter

certeza de que o inchaço diminuía e o sangue era reabsorvido antes de considerá-lo fora de perigo.

Alguns dias, provavelmente. No máximo uma semana, dependendo de como ele respondeu aos esteróides e diuréticos.

Rory refletiu a noite toda sobre o que poderia ter acontecido se ela não tivesse vindo de Chicago. Uma forte onda de egoísmo a invadiu, deixando-a com coceira e desconfortável enquanto se sentava durante as horas solitárias da noite, contemplando como a morte de Lane a teria deixado verdadeiramente sozinha neste mundo. Uma batida suave na porta a tirou de suas emoções. Ela olhou para cima para ver uma mulher na porta.

“Oi”, disse a mulher. “Eu não quero incomodar você.”

Rory pegou os óculos, mas percebeu que ela os tirou durante a noite, enquanto se sentava ao lado de Lane. Em vez disso, ela passou a mão pelo cabelo, desejando ter seu gorro para protegê-la.

“Eu sou Ryder Hillier”, disse a mulher. “Eu conheci Mack Carter.” Depois que Lane chegou ao pronto-socorro e sua condição foi declarada crítica, mas estável, um policial uniformizado questionou Rory sobre os acontecimentos da noite. O oficial era jovem e inexperiente e havia verificado todas as caixas de uma linha formal de interrogatório de primeira linha. Preciso, de acordo com o livro, e totalmente inútil no que diz respeito à coleta de informações pertinentes. Mas no processo, Rory descobriu que o outro carro na garagem da casa em chamas pertencia a Mack Carter e que era o corpo dele que Rory tinha visto na casa junto com Lane. Mack foi declarado morto no local. Rory relatou sua decisão de não entrar novamente na casa por causa do calor do fogo e da fumaça saindo da porta dos fundos. O oficial garantiu que ela fizera a coisa certa, embora Rory não se consolasse com as condolências.

“Sinto muito sobre o Sr. Carter”, disse Rory.

“Eu era apenas um conhecido. Não nos conhecíamos bem. Trabalhamos juntos de forma indireta em seu podcast. Sou repórter. ”

Ryder Hillier.

Rory de repente se lembrou do nome. Este era o jornalista policial que postou o vídeo do aluno morto da Escola Preparatória Westmont na Internet

poucas horas depois de ele se jogar na frente de um trem.

Rory notou os olhos da mulher se moverem para Lane. “Ele vai ficar bem?”

Rory acenou com a cabeça. “É o que eles me dizem.”

“Ouvi dizer que o Dr. Phillips assinou o podcast para oferecer sua experiência na mente do criminoso.”

Rory focou seu olhar em algum lugar sobre a cabeça de Ryder. Ela não respondeu.

“Não tenho certeza de quanto você sabe sobre o podcast em que Mack Carter estava trabalhando”, disse Ryder finalmente.

“Mas esta explosão... sua morte ... é tudo muito suspeito. ”

Atrás de Ryder Hillier, dois homens apareceram. Rory sabia por seus ternos e suas expressões que eram detetives.

“Com licença”, disse um deles. “Estamos aqui para falar com o Dr. Phillips.”

“Eu vou deixar você ir”, disse Ryder. Ela parecia saber que eles eram policiais também, e Rory reconheceu nos olhos da mulher um desejo repentino de escapar da sala. Ela entregou a Rory um cartão de visita, como um advogado perseguindo uma ambulância. “Diga ao Dr. Phillips para me ligar se quiser conversar.”

Rory segurou o cartão na mão enquanto Ryder desaparecia passando pelos detetives. Rory enfiou a mão na mochila, colocou o cartão de visita em uma abertura na bolsa da frente e tirou os óculos, empurrando-os até a ponta do nariz e se sentindo um pouco mais invisível.

“Sou o detetive Ott”, disse o senhor mais velho. “Este é meu parceiro, Detetive Morris.”

Rory avaliou-os instantaneamente, sua mente disparando através das possibilidades até que ela se fixou na que ela sabia ser a mais precisa. Ott tinha cerca de 60 anos. A pele sob seus olhos caiu com uma combinação de anos e experiência, e provavelmente muito álcool. Ele estava perto da aposentadoria e talvez tivesse mais alguns bons anos nele. Morris era mais jovem, talvez trinta. Seu rosto estava quase sem rugas, e sua carranca disse

a Rory que ele era o protegido que estava um pouco ansioso para provar a si mesmo.

“Rory Moore”, disse ela.

“Como está o Dr. Phillips?”

“Estável”, disse Rory. “Um pouco de inalação de fumaça e um ferimento feio na cabeça.”

“Ele conseguiu falar?” o detetive mais jovem perguntou com pouca emoção.

“Ainda não. Ele está sedado. Eles estão garantindo que o inchaço em sua cabeça diminua e a hemorragia comece a desaparecer antes que eles fiquem muito animados em deixá-lo acordar. ”

“Bem, ele está em boas mãos. Os médicos aqui são ótimos ”, disse o detetive Ott.

Rory acenou em agradecimento. Ela não tinha certeza de quão bom era o atendimento de saúde aqui, e estava relutante em comparar o nível atual de atendimento de Lane com o que ele poderia receber em Chicago. Mas os médicos o declararam estável e disseram a Rory que estavam sendo cautelosos durante as primeiras 48 horas. Eles garantiram a ela que tinham a capacidade de transferi-lo, de helicóptero, se necessário, para uma unidade de trauma de nível superior se ele não progredisse como o esperado.

O detetive Ott também tirou um cartão do bolso. “Você se importaria de nos ligar quando o Dr. Phillips estiver pronto para um bate-papo?”

“Vou repassar o pedido.”

Em seguida, o detetive Ott puxou um bloco de notas do bolso da camisa.

“Você tem um minuto para repassar o que aconteceu?”

Rory sabia que era uma pergunta retórica, então ela não respondeu.

“Você foi o primeiro a chegar à cena. Você pode nos contar sobre sua noite?”

“Claro,” Rory disse, informando os detetives sobre sua viagem improvisada de Chicago e como ela rastreou Lane até a casa alugada de Mack Carter.

Sobre entrar na casa pela porta dos fundos e encontrar Lane no chão do cômodo ao lado da cozinha.

“Você pode nos dizer o que você e o Dr. Phillips estão fazendo na Peppermill?”

“Lane estava trabalhando no podcast de Mack Carter sobre a Escola Preparatória Westmont. Eu estava me juntando a ele para lhe fazer companhia. ”

Houve um momento de silêncio enquanto o detetive anotava em seu bloco de notas.

“O oficial de bombeiros disse que a explosão foi resultado de um vazamento de gás. Considerando os danos à casa, ele tem muita sorte de estar vivo ”, disse Ott. “Estamos investigando como o vazamento começou. Saberemos mais em breve. ”

“Estaremos solicitando amostras de impressões digitais de você,” Morris disse em um tom que pretendia afirmar competência e autoridade, mas apenas fez Rory pensar que ele estava compensando a falta delas.

“Isso pode ser providenciado de acordo com sua conveniência”, disse Ott. Ele olhou para seu bloco de notas. “Quando você chegou em casa, viu algum carro na área? Ou alguém por perto? “

“Não”, disse Rory. “Eu vi chamas e corri para dentro. A porta da frente estava trancada. Tentei chutá-lo para abri-lo antes de correr para a parte de trás. ” Ela olhou para Morris. “Você provavelmente encontrará minha pegada na porta. Botas de combate Madden Girl Eloisee, tamanho sete. Não há necessidade de chamar os caras do CSI para isso. ”

Seu comentário fez com que os lábios de Ott se curvassem.

Eles passaram dez minutos fazendo perguntas a Rory. Apesar de dizer a verdade, uma coceira se materializou em cada um de seus deltóides, logo abaixo do ombro, que implorou a Rory para arranhar e arranhar. Ela recusou. Ela não tinha nada a esconder, mas sua mente não funcionava dessa maneira. Ela era desconfiada por natureza, e quando era ela que estava sendo questionada, ela se preocupava que os detetives interpretassem mal sua linguagem corporal e evitar o contato visual como um engano.

“Onde você vai ficar, Sra. Moore?” Ott perguntou quando eles terminaram suas perguntas.

Era uma boa pergunta e ela não tinha pensado nisso até agora. “Acho que estarei no aluguel de Lane.”

Ela deu a eles o endereço e compartilhou seu número de celular. Depois que os detetives saíram, ela parou ao lado da cama do hospital. Além de um sono agitado na cadeira de cabeceira, ela estava acordada há quase 24 horas, desde que acordou em Miami após o leilão. Apesar de já ser cedo, ela precisava desesperadamente de um Lorde das Trevas e talvez de um banho.

Ela pegou a mão de Lane na dela e apertou antes de sair. Ele não se mexeu.

CAPÍTULO 26

NAQUELE BRILHO INICIAL DO AMANHECER ESCONDIDO PELAS RUAS DE Peppermill enquanto ela dirigia passando por lojas e restaurantes, pelo bulevar principal e, finalmente, por Winston Lane, a estrada sombreada onde sua noite começou quase doze horas antes. Os chalés se alinhavam em cada lado da rua enquanto ela entrava no beco sem saída. Ela havia pescado as chaves do bolso de Lane depois que as enfermeiras lhe deram uma sacola cheia de roupas dele. Ela estacionou na garagem e caminhou até a porta da frente, onde abriu a fechadura e entrou.

Rory manteve a cabana nas sombras, apenas acendendo a pequena lâmpada na mesinha de canto da sala da frente. Ela levou um momento para estudar a pequena casa, entrando na cozinha. A fome roncou em seu estômago e ela abriu a porta da geladeira. Não havia comida, mas enchendo a prateleira de cima havia seis garrafas de cerveja escura Dark Lord alinhadas em fileiras perfeitas com os rótulos para frente, como se a própria Rory os tivesse arrumado. Um sorriso apareceu em seu rosto.

Ele sabia que ela viria.

Ela puxou um Lorde das Trevas da prateleira e pegou um copo do armário. A cerveja formou uma camada espessa quando ela a serviu, e Rory permitiu que a cerveja preta se acomodasse enquanto ela carregava o copo com ela e explorava o resto da casa. Quando ela chegou ao quarto de três temporadas nos fundos da casa, ela parou e olhou para a mesa. Disposto em sua superfície havia uma variedade de tons pastéis que ela usou para colorir as bonecas que restaurou. Ao lado deles havia pincéis e cotonetes. A

apresentação representou apenas uma fração das ferramentas que ela usou durante uma restauração, mas Rory apreciou os esforços de Lane. O resto de seu equipamento foi embalado em seu carro, junto com sua nova boneca Kiddiejoy.

O estúdio improvisado aqui, isolado dos vizinhos e com as janelas altas olhando para o lago que mantinha o brilho sutil do início da manhã, era quase tão convidativo quanto sua oficina em casa.

Quando ela entrou na sala, ela percebeu um presente embrulhado e esperando na mesa. Ela girou o pacote e viu seu nome rabiscado na etiqueta na letra cursiva de Lane. Tirando o papel, ela encontrou uma caixa de pinho do tamanho de um romance de capa dura. Ela levantou a tampa para revelar um conjunto de pincéis Foldger-Gruden. A coleção havia sido descontinuada anos atrás, e o conjunto atual de Rory pertencia a sua tia-avó. Esses pincéis valiam mais em sentimentalismo do que em praticidade, já que muitos estavam inutilizáveis após tantos anos de restaurações. Essa visão do conjunto imaculado formigou seu peito com a possibilidade e produziu o desejo de ir para seu carro, pegar sua nova boneca e colocar as escovas em uso.

Rory tirou uma das escovas do invólucro de espuma que a prendia. A alça, assim como a caixa, era feita de pinho. Em uma extremidade havia cerdas finas feitas de cabelo negro. Ela acariciou as costas da mão para sentir a suavidade. A outra extremidade da alça era chanfrada em uma ponta semelhante a uma agulha, destinada a esculpir. Rory parou um momento para admirar a coleção de pincéis, que variavam de finos a largos e seriam perfeitos para restaurar sua nova boneca Kiddiejoy.

Por mais atraída que estivesse para a bancada de trabalho que Lane havia arranjado para ela, algo mais na sala chamava sua atenção. Contra a parede oposta, ela viu um grande quadro de cortiça apoiado em um cavalete. Parecia assustadoramente semelhante ao do escritório de Rory. Aquele quadro de cortiça infame em seu bangalô em Chicago estava cheio de centenas de buracos por anos de alfinetes espetados em fotos de vítimas de casos arquivados que ela havia resolvido. Assim que pregou uma foto no quadro de cortiça, Rory embutiu a imagem da vítima em sua mente de uma forma que a impediu de esquecer seu rosto até encontrar respostas para o que havia acontecido com eles. Durante este processo, um relacionamento

começou - um vínculo íntimo entre Rory e o falecido que ela nunca foi capaz de explicar a outra alma viva. Era assim que sua mente funcionava. Era a maneira como ela desvendava casos que ninguém mais conseguia resolver. Ela se aproximou mais das vítimas cujos assassinatos investigou do que de quase qualquer outra pessoa em sua vida.

Rory carregou sua taça de Lord das Trevas pela sala e olhou para o quadro de cortiça. Fixada nela estava uma foto de Theo Compton, o mais recente aluno do Escola Preparatória Westmont a voltar para a pensão e se matar. Outras fotos foram afixadas abaixo das de Theo. Quando Rory se aproximou do tabuleiro, ela reconheceu os cinco rostos que a encaravam. Ela fez sua pesquisa.

Depois que Lane contou a ela sobre o caso pela primeira vez, Rory passou a noite vasculhando a Internet e aprendendo tudo que podia sobre os assassinatos do Escola Preparatória Westmont. Fora uma distração da angústia de se preparar para embarcar em um avião na manhã seguinte.

Dois dos rostos pertenciam aos alunos que foram mortos durante o massacre. Os outros três eram os sobreviventes que haviam voltado para aquela casa nos últimos meses para se matar. Rory ficou em frente ao quadro e examinou cada foto, hipnotizado pelos olhos que a fitavam de volta. Finalmente, ela olhou para a mesa ao lado do quadro de cortiça. Uma foto brilhante de cinco por sete estava na superfície. Continha outro rosto com olhos igualmente hipnóticos. Ela ergueu a foto da mesa, olhou para ela por um momento e então a fixou no topo do quadro, acima das outras. Esta foto era de Charles Gorman, o professor de química que matou os dois primeiros alunos e pendurou um deles em uma cerca.

Rory deu um passo para trás para ver todo o tabuleiro. A sala estava começando a iluminar com o sol nascente. Eram quase seis da manhã quando ela se sentou em uma cadeira em frente ao quadro de cortiça e olhou para os rostos que continham o mistério da Escola Preparatória Westmont. Ela ergueu o copo e tomou um gole do Lorde das Trevas. Algo sinistro estava escondido e enterrado naquela pensão. Fosse o que fosse, Mack Carter começou a cavar no lugar certo para encontrá-lo. E se não era o local exato, ele estava perto o suficiente para assustar quem quisesse que ficasse enterrado.

A experiência de Rory era reconstruir crimes para encontrar a verdade escondida dentro deles - não apenas como aconteceram, mas por quê. Enquanto estava sentada na pequena cabana em Peppermill, Indiana, ela teve dificuldade em encontrar um caso mais adequado aos seus talentos do que o Escola Preparatória Westmont Killings. Ela se acomodou na cadeira e estudou

os rostos à sua frente. Eles eram os alunos que antes caminhavam pelo campus, mas agora eram fantasmas da floresta. E o professor que os atacou.

Ela tomou outro gole do Lorde das Trevas e se perguntou o que aconteceu naquela escola que causou tantas mortes.

Escola Preparatória Westmont

Verão de 2019

Sessão 3

Anotações no diário: UM ACOMPANHAMENTO RELUTANTE

EU OLHEI ATRAVÉS DO FECHADURA DA PORTA. DEPOIS DE MEU PAI TERMINAR A SUA PURGAÇÃO, houve um longo silêncio quando a casa ficou calma e silenciosa. A vista pelo buraco da fechadura não oferecia nada além de uma sala de jantar vazia e a mesa vazia onde meu pai tinha jogado tudo no chão. Pensei em sair do meu quarto. Eu queria correr para minha mãe e me certificar de que ela estava segura. Pegue o gelo para o lábio quebrado. Já tinha feito isso antes, e ela sempre me disse o quanto me amava por isso. Mas a surra desta noite foi diferente. Meu pai estava possuído de uma maneira que eu não tinha visto antes. O poste de luz quebrado foi simplesmente um catalisador para um problema muito maior que ele queria resolver de seu sistema.

Eu estava com medo de sair do meu quarto. Não tanto porque temia que ele me machucasse, mas porque temia que minha mãe interviesse e tentasse evitar. Ela tinha feito isso antes, e meu pai esvaziou o resto de sua ira sobre ela. Por mais difícil que fosse olhar pelo buraco da fechadura, outro nível de inadequação sempre se apoderou de mim quando o vi espancá-la pessoalmente. Pelo buraco da fechadura, eu era anônimo. Lá fora eu não estava. Lá fora, os olhos da minha mãe ocasionalmente encontravam os meus no meio disso. Quando fiquei impotente nas sombras durante aqueles

momentos, me senti menos do que humano. Era melhor ficar atrás da porta fechada do meu quarto, observar através do meu portal e esperar.

Finalmente, depois de uma hora espiando pelo buraco da fechadura, vi meu pai entrar na sala de jantar. Ele parecia com pressa ao pegar os itens do chão e reorganizá-los na mesa. Havia algo em seu maneirismo que eu não conseguia identificar.

Algo sobre ele que eu não reconheci. Depois que ele terminou de limpar a bagunça, ele andou de um lado para o outro.

Quando ele fez isso, finalmente me ocorreu. Eu entendi o que parecia tão estranho. Ele estava nervoso. O mesmo olhar que eu tinha visto tantas vezes no rosto de minha mãe enquanto ela antecipava sua chegada do trabalho estava agora no de meu pai.

Antes que eu pudesse imaginar essa estranha inversão de papéis, ouvi sirenes. Logo, luzes vermelhas e azuis piscando estavam pintando as paredes do meu quarto. Então ouvi portas batendo e vozes falando, e de repente soube por que meu pai estava nervoso. Por que a maldade havia sumido de seu rosto e a arrogância ausente de sua postura. Ele machucou minha mãe esta noite de uma maneira que nunca tinha feito antes, e ele chamou uma ambulância para obter ajuda.

Eu pulei de pé e abri a porta do meu quarto. Corri pelo corredor e entrei na sala de jantar, chegando assim que meu pai abriu a porta da frente. Lá, no patamar, estavam dois paramédicos com uma maca entre eles.

“Aqui”, disse meu pai. “Ela está na parte inferior da escada. Ela deve ter caído.”

Os paramédicos entraram calmamente em minha casa e avaliaram a cena. Caminhei lentamente em direção às escadas, diferente da maneira como saí correndo do meu quarto. Dei um passo hesitante de cada vez. Um após o outro, até que a parede da sala de jantar cedeu e eu tive uma visão clara do saguão. Minha mãe estava amontoada ao pé da escada, seus olhos fechados como se estivesse dormindo, mas o resto de seu corpo em ângulos estranhos. Um braço estava envolto em seu rosto e o outro impossivelmente dobrado sob seu corpo. Uma perna estava reta, mas a outra estava dobrada no joelho como se ela estivesse deslizando para a segunda base.

“Está tudo bem”, disse meu pai para mim.

Eu não conseguia me lembrar da última vez que ele falou comigo.

“Sua mãe sofreu um acidente. Eu vim para casa para encontrá-la assim. Você a viu cair?”

Eu encarei meu pai com um olhar vazio. Eu não respondi. Os paramédicos estavam cuidando de minha mãe quando um deles olhou para mim. “Você ouviu alguma coisa? Você a ouviu cair?” ele perguntou.

Inexplicavelmente, eu balancei minha cabeça. “Sim, eu disse. “Eu não sabia o que era aquele barulho. Eu estava no meu quarto fazendo minha lição de casa.”

“Está tudo bem”, disse meu pai. “Os paramédicos estão aqui. Eles vão cuidar dela.”

Os homens voltaram a ajudar minha mãe. Eles carregaram seu corpo imóvel na maca e a levaram para a ambulância. Vi alguns vizinhos no jardim da frente sob o brilho vermelho da luz da ambulância. Eles estavam olhando para minha mãe enquanto ela era colocada na ambulância. Eu não a tinha visto se mover uma vez, e seus olhos nunca abriram.

Então eu percebi outro par de olhos. Meu pai. Ele estava olhando para mim. Embora ele nunca tenha dito uma palavra, seu olhar me disse tudo o que ele queria que eu soubesse. Finalmente, ele saiu de casa para ir com minha mãe ao hospital. A Sra. Peterson da porta ao lado conversou com meu pai no jardim da frente e depois caminhou em direção à minha porta aberta. Ela ficaria comigo durante a noite.

Antes de a porta da frente fechar, meu pai acenou para mim. Como se fôssemos cúmplices. Como planejei manter seu segredo. Como se apenas ele e eu soubéssemos a verdade sobre como perdi minha mãe. Ele acreditava que estava acenando com a cabeça para a criança fraca e frágil que olhava pelo buraco da fechadura, com medo de sair do quarto. Mas ele estava errado. Essa criança se foi. Essa criança morreu quando minha mãe foi colocada em uma ambulância para nunca mais voltar.

Meu pai estava certo sobre uma coisa, no entanto. Nunca contei a ninguém sobre o que ele fez. Eu o matei no dia seguinte, então não havia razão real para contar a ninguém.

Puxei a borla na dobra da espinha e fechei o diário. Levantei os olhos das páginas e nossos olhos se encontraram. Ela não disse nada. Normalmente, busco um insight quando termino de ler meu diário. Mas depois da sessão de hoje, nada precisava ser dito. Nosso relacionamento era heterodoxo, alguns podem até dizer impróprio. Mas funcionou para nós. Funcionou para mim, pelo menos. Eu não poderia sobreviver sem ela.

Olhamos um para o outro, nossos olhos fixos por um longo momento. Por hoje, isso foi o suficiente.

CAPÍTULO 27

SÀBADO À TARDE, UM DIA DEPOIS QUE OS SEIS SE ENCONTRARAM TOMAR cerveja Budweiser quente e discutir o misterioso convite que todos receberam, Gwen sentou-se no dormitório de Gavin. Ela folheou uma pilha de envelopes e parou no meio.

“Aqui está um da sua mãe.”

Gavin revirou os olhos. “Ela não é minha mãe.”

“Desculpe eu esqueci.”

Embora eles estivessem namorando desde o primeiro ano, Gwen nunca soube da história completa por trás da vida familiar de Gavin, ou por que sua tia e seu tio haviam assumido a custódia total dele. Ela sabia que seu irmão morrera em um acidente alguns anos antes e que sua família nunca havia se curado totalmente. Isso é tudo que ela foi capaz de tirar de Gavin. Ela havia tentado algumas vezes cavar mais fundo em sua vida fora da Escola Preparatória Westmont, mas Gavin Harms nunca falava sobre seu irmão morto ou sua família. Ele nunca falou sobre sua tia e tio. Era assim que ele operava. É pegar ou largar.

A incapacidade de Gwen de quebrar as paredes de Gavin era o que ela costumava fazer no diário e era o tópico mais comum de discussão durante as sessões com o Dr. Casper.

“Ela se recusa a se comunicar comigo de qualquer outra forma”, disse Gavin. “Cartas escritas enviadas pelos correios, é isso.”

“O correio tradicional é divertido. Eu nunca recebo nenhum. Posso ler?”

“Eu não me importo. Eu sei o que diz. É a mesma coisa que ela escreveu no verão passado, por isso não o abri este ano. ”

Gwen rasgou o envelope e removeu a única página que estava dobrada em três partes. Ela pigarreou e começou a falar com a voz excessivamente gentil de uma mãe que dá más notícias ao filho.

“Caro Gavin, espero que esta carta o encontre bem.” Gwen olhou por cima da carta, seus olhos emoji arregalados. “Oh meu Deus.”

“Ela é um robô. É assim que ela começa cada carta para mim. ”

Gwen voltou para a página.

“Espero que esta carta te encontre bem. E ocupado. Seu último relatório de notas foi excelente. Estou muito orgulhoso de você, e é por isso que estou escrevendo para informá-lo de que foram feitos arranjos para você passar o verão em Westmont em seu programa de estudos avançados. Esta foi uma decisão muito difícil para nós, mas acreditamos que oferece a você a melhor chance de atingir seus objetivos. O programa tem um custo tremendo, tanto financeiro quanto emocional. Você sabe como isso é um desafio para nós, mas acreditamos que será um dinheiro bem gasto. Embora adoremos passar o verão com você, esta oportunidade dará mais para o seu futuro do que poderíamos oferecer em casa. Boa sorte para você neste verão.

Tenho certeza de que conversaremos em breve e com frequência. Com amor.”

Gwen ergueu os olhos novamente. Ela encolheu os ombros. “Quero dizer, além da abertura de Shawshanky, foi meio legal.”

“Qualquer que seja.”

“Oh, guarde seu beicinho para o Dr. Hanover. Você sabe que não queria voltar para casa neste verão. ”

Houve uma pausa; Gwen estava nervosa para fazer a próxima pergunta.

“Como ela está? Dr. Hanover? “

Gavin encolheu os ombros. “Multar.”

Gwen estava acostumada a tirar pouco de Gavin sobre suas sessões de terapia também. Ela decidiu não empurrar. Em vez disso, ela subiu na cama

e se aconchegou ao lado de Gavin. Ela beijou seu pescoço. “Não é de todo ruim. Você vai ficar aqui todo o verão comigo. Isso não é uma coisa boa? ”

“Sim,” ele disse em um tom distraído. “É bom.”

Ela rolou de costas e puxou o telefone na frente do rosto enquanto colocava a cabeça no braço de Gavin.

“Qual é o plano para esta noite?” ela perguntou.

“Espere até escurecer e depois saia.”

“Você já esteve na pensão abandonada?”

Gavin balançou a cabeça. “Nunca.”

“Você está assustado?”

“Você está?”

Gwen se virou e olhou para ele. “Sim.”

CAPÍTULO 28

“SE ALGUÉM TOCA EM MIM , ”GAVIN DISSE ENQUANTO ANDARAM PELO o campus escuro, “ou tenta me bater, vou revidar”.

Eles passaram pela estrutura gótica do prédio da biblioteca, a exibição espalhafatosa do logotipo da escola e o local onde ficavam todos os anos no Dia do Portão.

“Vamos”, disse Gwen. “Ninguém vai nos remar. Existem, tipo, leis contra essas coisas. ”

“É Andrew Gross e seu grupo de capangas. Não há como dizer o que está esperando por nós. ”

“Ignore-o”, disse Gwen para Theo e Danielle. “Ele está de mau humor desde que começou a ver a Dra. Ressaca, que sabe ...”

“Para te dar uma forte dor de cabeça”, disse Danielle, terminando a frase de Gwen. “Por que eles trocaram você? Não devemos ser designados para Hanover até o último ano. ”

“Ela pediu que ele mudasse para ela mais cedo”, disse Gwen.

“Ha! Ela deve pensar que você está realmente ferrado. “

“Eu sou talentoso, eu acho”, disse Gavin.

“Não sei o que vou fazer quando eles me trocarem”, disse Gwen. “Dr. Casper conhece toda a minha história de vida. De jeito nenhum eu contaria ao Dr. Hanover metade do que digo ao Dr. Casper.”

“Você não deve dizer nada ao seu terapeuta”, disse Gavin. “Você deveria contar ao seu diário.”

Eles riram disso. O registro no diário era um item básico da Escola Preparatória Westmont, e cada sessão de aconselhamento incluía um segmento em que se esperava que os alunos lessem uma passagem de seu diário.

“Vamos todos concordar em não incluir o que estamos prestes a fazer em nenhum de nossos diários”, disse Theo, e então apontou para um ponto na trilha à frente deles. “Aí está.”

Os quatro pararam quando chegaram ao caminho que desaparecia na floresta. Eles pararam, olhando ao redor do campus silencioso e examinando os prédios escuros que estavam vazios e esperando a sessão de verão começar na segunda-feira.

Holofotes no nível do solo iluminavam os edifícios e capturavam os exteriores cobertos de hera em triângulos de brilho em expansão, enquanto a luz do sol moribunda destacava as cornijas e as fazia parecer espinhos de uma coroa nos telhados. O zumbido constante de gafanhotos enchia a noite, e todos eles permitiram que o ruído de fundo ocupasse o silêncio entre eles.

Finalmente, Theo falou.

“Estamos esperando Tanner e Bridget?”

“Tanner disse que eles estavam indo para a Rota 77 sozinhos, então vamos nos encontrar com eles lá”, disse Gavin.

Todos eles acenaram um para o outro sem nada mais a dizer, cada um sentindo algum nível de hesitação e esperando que um deles desligasse essa ideia. Mas ninguém disse mais nada e eles finalmente entraram na floresta. O caminho era largo e bem pisado. O pesado teto de folhagem bloqueava os restos do crepúsculo, então eles acenderam as lanternas de seus celulares para guiar o caminho. Entrando no primeiro ano, eles não eram mais alunos do último ano; eles estavam agora quase no topo da cadeia alimentar. Eles

foram convidados para a pensão abandonada. Embora muitos alunos soubessem da existência da casa, poucos possuíam detalhes sobre o que ali acontecia. E embora quase todos os alunos já tivessem ouvido falar de O Homem do Espelho - os rumores eram grandes e exagerados, e o folclore era lendário - poucos tinham detalhes específicos.

Isso porque a filiação a esse grupo era exclusiva, as exigências de sua irmandade grandes e o juramento de sigilo absoluto.

Enquanto caminhavam pela floresta, seus passos eram alimentados por uma dose constante de ansiedade e curiosidade. Eles tinham apenas os idosos para lidar, o verão para passar e a iniciação para conquistar.

CAPÍTULO 29

ELES SEGUIRAM O CAMINHO DE TERRA BATIDA ATÉ QUE CHEGARAM A UMA CLAREIRA QUE os levaram para uma rodovia de duas pistas que todos sabiam ser a Rota 77. Eles viraram à direita e caminharam ao longo do acostamento escuro, o cascalho rangendo sob os pés.

“Aí está,” Gwen disse, apontando para frente.

O marcador da milha treze estava na frente deles, sombreado, mas visível quando o 1 e 3 pegaram o luar.

“Treze, três, cinco”, disse Theo quando chegaram ao marcador. “Deve estar um terço de milha mais longe agora.”

“Isso está me assustando”, disse Danielle.

Gavin acenou para eles. “Apenas se apresse. Não há onde se esconder se um carro vier, e já passamos do toque de recolher.”

Em fila única, eles caminharam rapidamente ao longo do acostamento estreito até que, cerca de um terço de uma milha além do marcador, avistaram uma entrada de volta para a floresta. Os arbustos se separaram e ofereceram um buraco negro na floresta. Eles desceram o aterro em direção à abertura.

“Vaia!”

A voz era alta e desagradável. Todos eles recuaram assustados. As meninas gritaram. Então vieram risadas quando Tanner Landing saiu da orla da

floresta.

“Tanner, você é um idiota”, disse Gwen.

Tanner estava curvado na cintura, assim como na noite anterior, rindo e apontando para eles. “Você deveria ter visto seus rostos. Isso se tornaria viral se eu tivesse gravado.”

- Desculpe - disse Bridget, seguindo Tanner para fora da escuridão da floresta. “Ele achou que seria engraçado se esperássemos por você aqui.”

“Tão engraçado”, disse Gavin em uma voz excessivamente animada. “Estou tão feliz que você esperou por nós. Na verdade, estou tão feliz por você estar aqui esta noite. Não tenho certeza do que teríamos feito sem você.”

Tanner ficou em pé e lentamente parou de rir. “Como sua namorada lida com seu mau humor?”

“Como o seu lida com sua idiotice?”

Isso trouxe risadas dos outros.

“Desculpe”, disse Gavin a Bridget.

“Não sinta”, ela disse. “Ele é um idiota. Ele simplesmente não se importa.”

Eles se dirigiram para a floresta para completar a meia milha final de sua jornada. Sob a densa folhagem, eles seguiram o caminho de terra, tentando calcular a distância que viajaram. Quando chegaram à borda da floresta, uma corrente sorria entre dois postes e segurava um PROPRIEDADE PRIVADA sinal. Além dela, a mítica pensão surgiu à vista. Estava envolto em sombras, mas de dentro da casa um brilho estranho e escuro se espalhou pelas janelas e caiu no chão lá fora. Estudando as janelas, eles perceberam que a iluminação interna era embotada por tinta spray preta que cobria as janelas.

O exterior do prédio seguia a mesma tradição dos prédios principais do campus - pedra calcária Bedford coberta por hera.

Mas aqui, as coisas estavam desarrumadas. A hera corria solta em espumas pesadas ao redor das janelas e caía sobre si mesma quando alcançava as sarjetas. Várias estações de folhas caídas se acumularam nas bordas do prédio e ao redor dos troncos das árvores que flanqueavam a casa. Um

carvalho enorme estava no jardim da frente com galhos mais baixos e robustos se expandindo horizontalmente como os braços de um crucifixo.

“O que agora?” Gwen perguntou.

Danielle puxou seu telefone e percorreu as mensagens de texto até que ela chegou ao convite que cada uma tinha recebido.

“O Homem no Espelho pede sua presença às treze e três e cinco”, disse Danielle, lendo de seu telefone. “Após a chegada, prossiga para o jardim da frente e aguarde mais instruções.”

“Não tenho certeza se quero fazer isso”, disse Gwen.

Tanner sorriu. “Oh, nós estamos fazendo isso. Vamos ver do que se trata todo esse hype.”

CAPÍTULO 30

ELES CAMINHARAM O LIMITE DA MATA E SE DIRIGIRAM A CLAREIRA na frente da pensão. Então, juntos, o grupo passou pela abertura do portão de ferro forjado que cercava a casa. Assim que chegaram ao jardim da frente, figuras se materializaram na escuridão e lentamente se aproximaram delas. Envolvidos em capas pretas com capuz, os fantasmas se transformaram nas sombras da hera que subia pelas paredes, saíam pela porta da frente e emergiam como feiticeiros da floresta que cercava a casa. Eles se aproximaram rapidamente, e a visão de Gwen escureceu quando ela sentiu uma venda sendo enrolada em seu rosto, o náilon macio amarrado com um nó na parte de trás de sua cabeça.

“Esta pensão abandonada...” alguém disse atrás dela.

Gwen reconheceu a voz de Andrew Gross. Andrew era um veterano da Escola Preparatória Westmont que todos acreditavam estar por trás do convite. Há muito se dizia que ele estava envolvido nos desafios de O Homem do Espelho, sobre os quais tantos colegas fofocavam.

“Não é para quem decide vir. É para os escolhidos. Todos vocês foram convidados a se juntar ao The Man in the Mirror, um pequeno e exclusivo grupo da Escola Preparatória Westmont. Se você aceita esse convite ainda está para ser decidido.”

Gwen sentiu uma mão em seu cotovelo, que a guiou pela grama até um caminho de cascalho. Depois de apenas alguns momentos sem visão, ela estava desorientada ao seu redor. Ela tropeçou em um aterro, sentindo o aperto em seu cotovelo para mantê-la em pé. Finalmente, a mão se moveu de seu cotovelo para o ombro e forçou-a a se sentar em uma cadeira dura de madeira.

“Todos vocês já ouviram sobre o Homem no Espelho e os desafios que ele apresenta. Haverá uma série deles neste verão, e a primeira é esta noite. É simples. Apenas sente-se onde está. Isso é tudo. O primeiro a se levantar da cadeira perde, e acredite em mim, você não quer ser um perdedor.”

Gwen ouviu passos esmagando o cascalho e as folhas enquanto Andrew e os outros veteranos recuavam. Finalmente, o barulho desapareceu e tudo o que restou foi o zumbido das cigarras. Finalmente, Gwen falou.

“Gavin?”

Ela não tinha certeza do por que estava sussurrando, mas todos seguiram.

“Estou aqui”, disse Gavin. “Acho que estou bem ao seu lado.”

Gwen sentiu a mão estendida de Gavin tocar seu ombro. Isso a assustou, e então ela o agarrou e apertou a mão dele.

“Isso está seriamente bagunçado”, disse Theo. “Devemos ficar sentados aqui a noite toda?”

“Isso mesmo”, disse Tanner. “Vou ficar uma semana se for preciso. Mas vocês podem ser os primeiros a desistir.”

Ninguém falou.

“Olá?” Disse Tanner.

Desde o primeiro ano do Gate Day, Tanner estava desesperado para se encaixar, Gwen sabia. Ele era um alpinista social, saltando de grupo em grupo, buscando aceitação e aprovação de qualquer um que o oferecesse. O fato de ele ter sido incluído neste pequeno grupo que foi convidado a se juntar à muito falada seita secreta dentro do corpo discente da Escola Preparatória Westmont foi seu bilhete para a amizade e popularidade. Gwen sabia que Tanner não estava blefando. Ele realmente ficaria sentado aqui a

noite toda se isso significasse que os idosos o incluíam em seu círculo social.

“Olá?” Tanner disse novamente.

“Tanner, apenas cale a boca”, disse Gavin. “Você acha que é capaz disso?”

Assim que as palavras saíram da boca de Gavin, um barulho veio de longe. Uma buzina muda que interrompeu a vibração dos gafanhotos.

“O que é que foi isso?” Gwen perguntou. Ela apertou a mão de Gavin com mais força.

Ele veio novamente. Desta vez mais alto.

“Devemos sair?” ela perguntou.

“Eu não sei”, disse Gavin.

Outro assobio, ainda mais alto. Em seguida, um estrondo. As cadeiras pulsaram sob eles. Finalmente, eles ouviram o barulho de um trem se aproximando. Com as vendas e nada além de escuridão em sua visão, o trem veio do nada.

“Gavin?” Disse Gwen.

“Dane-se”, disse Gavin. “Vamos lá!”

Gwen tirou a venda do rosto. Ela viu que os seis estavam alinhados próximos aos trilhos do trem, as costas das cadeiras perigosamente próximas aos trilhos. Quando ela olhou para a esquerda, ela viu o farol de um trem correndo em direção a eles.

Ela soltou um grito que fez com que todos na fila puxassem as vendas para baixo. Todos eles estavam em um êxodo máximo, correndo pelo barranco enquanto o trem passava como uma tempestade. Tanner prendeu o calcanhar na cadeira enquanto corria, fazendo com que tombasse para trás nos trilhos. Enquanto o trem passava em alta velocidade, a cadeira se estilhaçou quando o trem esmagou a madeira e a quebrou em mil pedaços.

Todos ficaram parados na ravina rasa enquanto o trem passava borrado, respirando pesadamente por causa do choque e da adrenalina, os ouvidos cheios de estrondo de metal contra metal. Um pedaço mutilado da cadeira

de Tanner ricocheteou no trem e parou a seus pés. Todos eles olharam para ele.

Era 8 de junho. Treze dias depois, o massacre ocorreria na pensão atrás deles.

CAPÍTULO 31

MARCO MCEVOY TINHA UM PLANO. ELE IRIA PARA PEPPERMILL ON 21 de junho. Ele seguiria a Rota 77. Ele seguiria a rota de que tantos colegas de classe falaram - 13: 3: 5 - e encontraria a pensão abandonada. Ele faria isso neste verão, do jeito que deveria ter feito durante seu primeiro ano na Escola Preparatória Westmont. Ele deveria ter feito isso naquela época por desafio, para provar que os alunos que escolheram apenas alguns poucos escolhidos para se juntar a sua camarilha não tinham mais domínio sobre a escola do que os alunos que eles evitavam. Se Marc possuísse a mesma coragem de um calouro no colégio que possui hoje, muito de sua raiva e curiosidade teriam sido dissipadas. Em vez disso, ele era um homem de 25 anos ainda marcado pela rejeição e ainda perseguindo um sonho de aceitação. Perseguindo a necessidade de fazer parte de um grupo que o havia excluído anos antes.

Ele precisava manter sua viagem à Peppermill em segredo. Sua esposa não sabia nada sobre isso. Ele interpretaria isso como uma viagem de negócios. Ele ficaria fora por apenas uma noite, ele diria a ela. Ele iria de carro até o aeroporto e estacionaria no estacionamento estendido, certificando-se de obter um recibo. De lá, ele pegaria a Linha South Shore Metra. Foram apenas duas paradas de South Bend - Hudson Lake e Carroll Avenue - antes que o Metra chegasse às margens do Lago Michigan e à cidade de Peppermill. Sua esposa pagava suas contas, então ele teria que usar dinheiro para não deixar nenhum rastro de crédito para trás. Uma vez em Peppermill, ele tomaria uma bebida no bar da esquina, esperaria até a hora apropriada e então encontraria a Rota 77 e iniciaria a jornada que deveria ter feito anos antes. Ele finalmente veria do que se tratavam os rumores. Ele ficaria nas sombras. Ninguém o veria. Ele ficaria invisível.

Ele estava ciente da possibilidade de uma decepção. Ele estava ciente de que durante seus anos na Escola Preparatória Westmont, ele provavelmente havia tornado a iniciação de The Man in the Mirror um evento maior do que realmente era. Agora, quase uma década depois, era possível que o que ele

encontrou na casa abandonada não correspondesse às expectativas, para seus pensamentos embelezados do que acontecia na floresta escura à meia-noite de cada solstício de verão. A excursão inteira pode não cumprir suas fantasias. Mas ele poderia fazer essas fantasias se tornarem realidade. Ele não era mais um adolescente assustado. As regras não o prendiam mais. Ele poderia fazer qualquer coisa que quisesse, uma vez que ele chegasse naquela casa.

Era 8 de junho. Ele tinha treze dias para aperfeiçoar seu plano.

PARTE IV

Agosto de 2020

CAPÍTULO 32

A CADEIRA AO LADO DA CAMA ERA COMO GRANITO, ASSIM RORY OPTOU POR esparramado no peitoril da janela saliente, que pelo menos tinha uma almofada. Ela se sentou com as costas contra o lado, as pernas esticadas à sua frente e as botas de combate cruzadas da direita sobre a esquerda. Sempre da direita sobre a esquerda, nunca o contrário. Sua mente não permitiria. A janela estava à sua esquerda, e o lago e a fonte quatro andares abaixo eram visíveis, mas eram ignorados enquanto ela lia. Em seu colo estava o caderno de Lane que continha sua pesquisa inicial sobre os assassinatos do Escola Preparatória Westmont. Incluído em suas notas estavam o perfil preliminar de Charles Gorman e outro perfil que listava as características prováveis da pessoa que matou os alunos.

O perfil de Gorman representava um professor de ciências reservado que se destacou em química. Um homem introvertido com tendência a ser tímido em situações públicas fora da sala de aula, ele sempre cumpriu as regras e nunca ganhou uma marca séria contra ele - nem na Escola Preparatória Westmont nem na escola pública onde lecionou por mais de uma década antes de entrar em Moinho de pimenta. Gorman vinha de uma família tradicional, que ainda estava intacta. Seus pais eram casados, ambos professores aposentados vivendo de pensões e morando na mesma casa em Ohio onde criaram seus três filhos. Gorman era o filho do meio e, segundo todos os relatos - de acordo com a pesquisa de Lane -, teve uma infância normal. Nenhum incidente de violência na escola primária, escola secundária ou faculdade. Nenhuma bandeira vermelha indicando que ele era

um homem à beira de um ataque de raiva ou planejando um massacre terrível.

Charles Gorman era solteiro, e a pesquisa de Lane havia descoberto apenas uma área curiosa do passado de Gorman que despertou seu interesse. Isso era marcado nas notas por três estrelas vermelhas e duas barras que sublinhavam o título Relacionamentos. Uma ex-namorada do emprego anterior de Gorman o denunciou ao departamento de RH da escola depois que eles encerraram seu relacionamento de oito meses. O relatório afirmou que a colega, professora de educação cívica, se sentiu “desconfortável” com a atenção e insistência de Gorman para que resolvessem as coisas. Após reunião com o RH e representante sindical de professores, o caso foi resolvido e nada mais aconteceu entre as duas partes.

Gorman deixou a escola no final do semestre e começou na Escola Preparatória Westmont no ano seguinte. O nome da mulher era Adrian Fang. Lane também havia sublinhado o nome dela duas vezes, o que significava que pretendia falar com ela para divulgar seu perfil de Charles Gorman. Lane também listou os nomes dos dois irmãos e pais de Gorman como fontes para falar.

No final da página, Lane listou seus contatos no Hospital Psiquiátrico Grantville, onde Gorman estava sendo atendido. Rory dobrou a página e passou para a próxima.

A MATANÇA DA CASA DE EMBARQUE estava rabiscada no topo em todas as letras maiúsculas. O perfil que se seguiu incluía características que Lane acreditava ser o assassino dos dois alunos do Escola Preparatória Westmont. O esboço mostrava um assassino organizado, com base nas escassas evidências encontradas no local. Além dos corpos, o assassino não havia deixado impressões digitais, fibras ou pegadas no local. Por outro lado, um assassino desorganizado - alguém que teve um acesso de raiva e matou por reação, e não por cálculo - normalmente deixava uma cena de crime repleta de evidências e muitas vezes oferecia uma tentativa pobre de esterilizar a cena. O banho de sangue na pensão, Lane supôs, foi planejado e executado com cuidado por um predador habilidoso.

O único descuido descoberto na cena do crime encenado foi a quantidade de sangue que não pertencia a nenhuma das duas vítimas. O DNA foi

retirado de todos os alunos e professores, incluindo Charles Gorman. O sangue não identificado na cena não pertencia a nenhum deles.

DE QUEM SANGUE ESTAVA NA CENA? Lane tinha escrito em maiúsculas.

Somando-se à teoria de um assassino organizado que planejou cuidadosamente os assassinatos estava a maneira como cada aluno foi morto - um por um único corte que cortou a jugular direita e o outro por um ferimento na garganta, cortando a traqueia e causando asfixia. A ausência de feridas defensivas nas mãos ou nos braços da vítima sugeria um elemento surpresa.

O ataque original ocorreu dentro de um dos cômodos da casa, e então um aluno foi arrastado para fora e empalado na cerca de ferro forjado. Lane presumiu que isso representava um ato simbólico de vingança.

Essa pessoa provavelmente era, leu Rory, alguém com um passado conturbado e uma infância abusiva ou família desfeita. O

fato de nenhuma estudante ter sido ferida sugeria que talvez o assassino tivesse sentimentos ruins em relação aos homens, talvez seu próprio pai. O fato de haver uma aluna presente, mas ilesa no local, tornou viável a ideia de que o assassino era próximo de sua mãe, ou pelo menos teve forte influência materna em sua vida. Lane fez duas observações aqui: O assassino ou viveu com sua mãe durante a vida adulta e teve um relacionamento íntimo anormalmente com ela e, por padrão, não era casado, ou perdeu a mãe em uma idade jovem ou devido a um evento traumático que o levou a se desenvolver uma memória não natural e inflada de sua mãe como uma divindade que outras mulheres não poderiam cumprir.

A violência provavelmente fazia parte do passado dessa pessoa, seja contra ela ou contra alguém que amava. O trauma dessa violência foi internalizado e, mais tarde, projetado para outras pessoas. Os alunos do Escola Preparatória Westmont podem não ter sido as primeiras vítimas do assassino. Ele pode ter matado antes. O assassino tinha que ser fisicamente forte, com massa suficiente para colocar um adolescente de 60 quilos em cima da cerca. A probabilidade de que essa pessoa fosse do sexo masculino era esmagadora.

Rory virou a página e viu que Lane havia desenhado um diagrama de Venn que incluía todas as características de cada perfil -

o de Charles Gorman e o do assassino. Os círculos se sobrepuseram no meio, criando uma oval onde os dois perfis

combinavam. Poucas características foram listadas lá. O oval incluía que o infrator tinha conhecimento da pensão abandonada e sabia que os alunos estariam lá na noite do crime. O agressor provavelmente era alguém conhecido das vítimas, talvez com baixa autoestima, mas com inteligência acima da média. O agressor foi forte o suficiente para esmagar dois adolescentes saudáveis.

Rory ergueu os olhos do caderno e olhou pela janela. Sua mente estava agitada com ansiedade, um desejo descontrolado de começar os cálculos redundantes necessários para decifrar as peças de um crime. Charles Gorman correspondia ao perfil do assassino de Lane quase tão bem quanto qualquer professor aleatório do Escola Preparatória Westmont. Ela sabia que havia mais nessa história. Uma energia inquietante fluía por seu sistema circulatório.

Rory se levantou do parapeito da janela e caminhou até a cama, colocou a mão na testa de Lane e se inclinou para que os lábios dela estivessem perto de sua orelha.

“Eu preciso de você, então você pode acordar a qualquer hora agora.”

CAPÍTULO 33

ERA UMA OCASIÃO RARA QUE RYDER HILLIER CAMINHOU PARA OS QUARTOS PRINCIPAIS da estrela de Indianápolis. Ela recebeu a maioria de suas atribuições por e-mail e enviou seus artigos da mesma maneira. As reuniões da equipe exigiam sua presença duas vezes por mês, mas, fora isso, ela era uma repórter policial que perseguia histórias sozinha e esperava a aprovação de seu editor depois de encontrar uma de que gostasse. Normalmente, seus esforços eram recebidos com elogios entusiasmados. Seu histórico havia concedido a ela uma longa trela. Hoje, porém, seu editor estava puxando o outro lado. Sua presença na sede não foi resultado de uma reunião de equipe ou de um prazo vencido para o qual ela precisava obter uma prorrogação. Ela estava lá porque estava em um mundo de merda.

A decisão de postar o vídeo de Theo Compton foi equivocada, na melhor das hipóteses, e Ryder admitiria que seus motivos foram obscurecidos pela oportunidade de vencer Mack Carter com um furo. A postagem do vídeo foi sua forma de mostrar ao mundo sua vitória. O tiro saiu pela culatra de forma espetacular. Ela convidou Mack naquela noite porque ela percebeu que se algo significativo acontecesse na pensão abandonada, Mack não teria escolha a não ser incluir Ryder em seu podcast. Claro, Ryder não tinha ideia do que a esperava lá. Ela nunca pensou que encontraria a criança morta, mas quando o fez, ela sabia que o mistério da Escola Preparatória Westmont era mais profundo do que qualquer um poderia imaginar. As crianças estavam se matando por um motivo, e ela estava determinada a descobrir o que era.

Sem considerar as repercussões, ela postou o vídeo em seu canal no YouTube às 2h25 da madrugada, logo após ela terminar seu depoimento à polícia. Ela imaginou que ficaria na frente do podcast de Mack vencendo-o com força. Pelo que valeu a pena, a façanha foi bastante eficaz. Às seis da manhã, o vídeo tinha mais de cem mil visualizações.

Conforme sua base de fãs o compartilhava, o vídeo atraiu centenas de milhares a mais e, eventualmente, milhões. Até ser retirado, junto com todo o seu canal.

Se Ryder estivesse tão bem protegido quanto Mack Carter, ela estaria em uma posição muito melhor hoje do que estava atualmente. Mack Carter tinha advogados poderosos e uma rede para protegê-lo. Os chefões provavelmente disseram a Mack para ficar o mais longe possível do vídeo de Theo Compton. Mas eles ainda esperavam que ele atacasse o ângulo. E ele fez, com enorme sucesso. Seu podcast nunca vinculou diretamente ao vídeo do corpo de Theo, mas produziu o inferno da jornada de Mack até a casa abandonada depois que uma “dica não identificada” apareceu. Claro, eles editaram o telefonema de Ryder, em vez de girar a história para sugerir que foi o próprio Mack quem viu a mensagem de Theo e decidiu avançar para 13: 3: 5.

O fato de haver outro repórter presente na casa naquela noite - descrito no episódio do podcast como um “detetive amador” -

foi puro acaso. O fato de esse amador ter tomado a decisão malfadada de registrar o que encontraram nos trilhos do trem foi um problema que recaiu

diretamente sobre os ombros de Ryder Hillier. Mack foi embora limpo. Melhor do que limpar, ele se afastou mais popular do que nunca. O quarto episódio do podcast foi baixado milhões de vezes. Mas a genialidade do que Mack Carter havia realizado era que, para se distanciar do vídeo, ele precisava mencionar que ele existia. O que ele fez, uma e outra vez.

Cada vez que repreendia o “detetive amador” por postar um vídeo tão hediondo, Mack Carter sabia que estava convidando seus ouvintes de podcast para pesquisar a filmagem. Mesmo sem links diretos para o blog de Ryder ou canal do YouTube, ela viu o aumento no tráfego da web e sabia que o público de Mack estava procurando o vídeo em seu site. Mack recebeu o benefício da gravação sem nenhuma das ramificações legais. Foi, Ryder teve que admitir, um pouco de gênio do marketing.

“Desligue isso,” seu editor disse a ela agora enquanto ela se sentava na frente de sua mesa.

“Já está baixo. O YouTube proibiu o vídeo e fez o possível para apagar sua existência. Tirou todo o meu canal e, quando o colocarem de volta, provavelmente será desmonetizado. ”

“Não apenas o vídeo,” seu editor continuou. “Desligue tudo. Tudo. Chega de cobertura da Escola Preparatória Westmont. ”

“Nunca fiz nada relacionado à Escola Preparatória Westmont para o jornal”, disse Ryder.

Ela não tinha. Seu fascínio pelos assassinatos na Escola Preparatória Westmont era seu próprio esforço, e seu blog e canal no YouTube eram projetos separados que ela perseguia sozinha, nunca gastando um centavo no jornal e nunca perdendo um prazo por causa de seu trabalho no caso.

“E você nunca vai”, disse seu editor. “Isso inclui escrever qualquer coisa sobre a morte de Mack Carter.”

“Sou eu quem deveria escrever sobre Mack. Fui eu que estive com ele algumas noites antes de morrer. E sua morte tem que estar relacionada ao Escola Preparatória Westmont. ”

“Fique longe disso, Ryder. Já atribuí a outra pessoa. E se você quiser continuar a escrever para este artigo, você fechará o material secundário. No mínimo, você está afastado do trabalho paralelo até que aprendamos a

profundidade e o peso das ramificações legais de sua última façanha. E se você for formalmente acusado e condenado por qualquer delito, obviamente seu tempo aqui acabou. Por enquanto, mantenha-se ocupado e invisível. Sem assinaturas até que essa outra bagunça seja resolvida. ”

“Sem assinaturas? Você está tirando minha coluna? “

“Colocando em um hiato.”

“Olha”, disse Ryder, tentando domar a conversa. “Mack Carter chega em Peppermill e começa a mexer em um caso de um ano de idade. Em pouco tempo ele está morto. As circunstâncias em torno de sua morte são terrivelmente suspeitas. Estou intimamente familiarizado com o caso que ele estava investigando, e agora você está me dizendo que não posso tocá-lo? Eu poderia fazer um artigo para o jornal que seria gangbusters. E se a Estrela não confiar em mim, outra pessoa o fará. Desde quando você escolhe recuar uma história? ”

“Quando estou preocupado com o jornal ser a próxima entidade a ser processada. Nossos advogados acham que a única razão de ainda não termos sido processados é porque não há laços diretos entre nós e a história da Escola Preparatória Westmont. Você fica no meio do caminho e os predadores estão esperando uma maneira de ir atrás do jornal. Não vou permitir que isso aconteça.

Você está oficialmente à margem, sem mais discussão sobre isso. ”

Ele olhou para o computador e rabiscou em um pedaço de papel solto, que deixou cair na frente dela. A página continha vários nomes e endereços.

“Aqui está um monte de leads. Uma garota desaparecida de Evansville. Um assalto a uma loja de conveniência em Carmel.

Uma confusão em um jogo de futebol da pré-temporada no Indiana U. Uma acusação de estupro em Notre Dame. ” Ele olhou de volta para o computador. “Ah, e um cara que levou um tiro na bunda quando invadiu a casa de uma senhora de oitenta anos. Fale com aquela senhora. Eu a quero na primeira página da seção metropolitana. ”

Ryder olhou para a lista de pistas. Na parte inferior estava o nome do homem desaparecido de South Bend, que havia desaparecido no ano

anterior. Ela bateu com o dedo. “Eu já cobri o cara em South Bend. Ninguém sabe o que aconteceu com ele. A história é fria e chata.”

“Então aqueça-o.” Seu editor acenou para ela. “Consiga-me algo interessante em todas essas ligações. Isso o manterá ocupado por dias.”

“E depois? Perseguir essas pistas e fazer o que com elas? Você disse sem assinatura.”

“Correto. Você não está escrevendo nada por um tempo. Traga seu caderno de volta aqui, cheio de pesquisas, e entregue a outro repórter para escrever a história.”

“Você está realmente fazendo isso comigo?”

“Você fez isso consigo mesmo, Ryder. Você quer escrever histórias para este jornal novamente e depois trabalhar nas trincheiras até que suas dores de cabeça jurídicas desapareçam. Considere-se com sorte por ainda ter um emprego. Nenhum outro jornal aceitaria você no momento.”

Ryder agarrou as pistas, amassando a página na palma da mão enquanto se levantava, girava nos calcanhares e saía do escritório.

CAPÍTULO 34

RORY HÁ MUITO PERGUNTA SOBRE SUA FASCINAÇÃO COM PORCELANA restauração de bonecas. Ela usou a obsessão como uma saída para os pensamentos reprimidos do mundano e redundante que trabalharam para perturbar sua vida. Ela o usara para controlar sua aflição durante a infância. Durante sua vida adulta, ela se apoiou na diversão como uma forma de se manter conectada com sua tia-avó Greta, que havia apresentado a Rory o passatempo da restauração de bonecas chinesas. No processo, Greta salvou Rory de uma vida de autodestruição. Apesar desses usos legítimos e admitidos, Rory também se perguntou se ela se consolava em restaurar bonecas antigas porque isso lhe permitia consertar as partes quebradas que ela nunca poderia consertar em si mesma. Era um paradoxo que suas próprias falhas e deficiências fossem as mesmas ferramentas que ela usava para consertar as falhas e imperfeições nas bonecas. Se canalizado corretamente, os defeitos de Rory de compulsão obsessiva e algum espectro de autismo poderiam ser usados para restaurar as bonecas de volta à perfeição. Apesar de Rory sempre ter sido quebrada e nunca poder ser totalmente consertada, as bonecas a tornavam o mais completa possível.

Ela se sentou na sala de três temporadas da cabana e preparou um lote de papel machê. O cheiro trouxe de volta lembranças de sua infância na casa de fazenda de tia Greta, onde ela passou os verões de sua juventude aprendendo fórmulas furtivas e técnicas secretas da velha senhora que, quando bem aplicadas, podiam transformar os destroços de uma antiga boneca alemã em uma obra-prima. Quando o papel machê tinha a consistência correta, ela pegou uma pequena quantidade e começou a reconstruir a orelha da boneca, onde a maior parte da porcelana anterior havia rachado e caído para deixar uma cratera aberta.

Depois de criar uma base resistente, ela secou o machê com uma pistola de calor elétrica. Em seguida, ela puxou um lote de argila de porcelana fria de um saco hermético, colocou uma grande quantidade no meio da área do papel machê e moldou-o aproximadamente no formato que ela desejava. Ela usou suas ferramentas para esculpir a porcelana em uma nova orelha e bochecha e então aqueceu a porcelana para endurecê-la. Abrindo seu novo conjunto de pincéis Foldger-Gruden da Lane, ela removeu um pincel e tocou sua ponta em seu dedo. Cada cabo de escova era feito de pinho, a ponta da qual servia como uma varinha de escultor. As alças variavam em nitidez, de contundente a penetrante. Rory escolheu uma varinha de ponta romba para o trabalho grosseiro que foi exigido durante sua escultura inicial da argila de porcelana. Mais tarde, ela usaria as pontas mais afiadas e semelhantes a agulhas para moldar com precisão os traços sutis da orelha, bochecha e canto lateral do olho esquerdo da boneca.

Ela trabalhou continuamente por duas horas, purgando suas ansiedades armazenadas, descarregando pensamentos reprimidos de redundância e dissipando o desejo constante de repetir atividades que ela havia concluído recentemente. Ao terminar, ela colocou a boneca Kiddiejoy de volta na maleta de viagem, tomando cuidado para não atrapalhar seu progresso. Então ela trancou a cabana e foi para o hospital se sentindo mais leve do que antes.

*

Os olhos de Lane estavam abertos quando ela entrou em seu quarto de hospital. Eles estavam molhados e injetados com o remédio que pingava da bolsa de soro.

“Ei,” Rory disse.

“Não foi assim que eu planejei te trazer aqui.”

Rory sorriu e colocou a mão em sua bochecha. “Você me assustou muito.”

“Que show de merda”, disse Lane antes de fazer uma careta.

Rory viu um copo de isopor ao lado da cama e o entregou a Lane, que deu um gole no canudo.

“A garganta parece cascalho.”

“O que os médicos disseram a você?”

“Ainda não os vi, mas dois detetives estavam aqui quando abri os olhos.”

“Sim, já falei com eles.”

“Minha garganta não estava cooperando, então não pude dizer muito a eles. Eu também não pude fazer perguntas. Cristo, Rory, o que aconteceu?”

“Acho que acordar em uma cama de hospital deixa muitos espaços em branco.”

Rory sentou-se ao lado da cama e informou Lane sobre tudo, desde sua viagem ao leilão em Miami, sua decisão de ir para Peppermill, seu rastreamento de Lane até a casa de aluguel de Mack Carter e o incêndio que ela encontrou lá. Que Mack Carter morrera na explosão e no incêndio subsequente e que os detetives Ott e Morris suspeitavam das circunstâncias, para dizer o mínimo.

“Eu pensei a noite toda sobre o quão bravo eu teria ficado com você se você tivesse morrido.”

“Aí está a mulher quente e peluda que eu amo”, disse Lane, e então sugou água gelada pelo canudo.

“Como está sua cabeça?”

“Isso dói.”

“Você pode usar isso?”

Lane acenou com a cabeça.

“Boa. Eu li seus perfis sobre o assassino do Escola Preparatória Westmont. Nós precisamos conversar.”

CAPÍTULO 35

UM DIA DEPOIS LANE ABRIU OS OLHOS, EM UMA ENSOLARADA TARDE DE DOMINGO, ele teve alta do hospital. A hemorragia subdural estava passando e seus pulmões funcionavam com 80% de eficiência. Ele tinha uma lista de restrições, limitadas principalmente por sua concussão, que incluía dirigir um carro, andar em um por mais de um ou dois quilômetros, uso do computador e leitura. Ele deixou o hospital com a sugestão de ser sequestrado em um quarto escuro sem estímulos até que sua dor de cabeça passasse. Lane concordou com tudo e assinou os papéis de alta. Ele teria assinado qualquer coisa para sair da cama do hospital. Rory o ajudou agora enquanto ele arrastava os pés pela calçada da casa de campo na Winston Lane. Lane vislumbrou seu reflexo na janela do carro. Sua cabeça estava vestida com gaze branca.

“Meu Deus, pareço Phineas Gage.”

Rory o segurou pelo braço. “As bandagens permanecem até que os grampos saiam. Provavelmente é melhor estarmos presos no Peppermill. Será mais fácil controlar você. ”

Eles subiram os degraus até a porta da frente.

“O que você acha do lugar?” Lane perguntou. “Eu disse que era fofo.”

“Eu gosto do Lorde das Trevas na geladeira. Como você administrou isso?”

“Parei em Munster e conversei com Kip, disselhe para que precisava e que estava disposto a gastar uma fortuna para comprar algumas garrafas. Minha cabeça está começando a latejar. Talvez eu tenha um para acalmar a bateria.”

“Sem chance,” Rory disse.

Ela o ajudou a subir no sofá. A escova Foldger-Gruden que ela havia usado antes na boneca Kiddiejoy apareceu no bolso da camisa.

- Vejo que você encontrou as escovas - Lane disse enquanto se aprofundava.

“Eu fiz. Tenho certeza de que isso custou uma fortuna também. Eles foram descontinuados por duas décadas. ”

“Você pode encontrar qualquer coisa na Internet. Depende apenas de quanto você deseja gastar. ” Lane se ajustou. “Todo esse dinheiro foi bem gasto, com o propósito deliberado e transparente de subornar você para ficar por um ou dois dias.”

“Você me pegou por mais de um ou dois dias, Dr. Phillips. Estamos presos em Peppermill até que você seja liberado para dirigir um carro. Ou ande em um, por falar nisso. Os médicos disseram que pelo menos duas semanas. ”

Lane recostou a cabeça na almofada do sofá e fechou os olhos. “Se você estivesse ansioso para partir, você me colocaria em seu carro e voltaria para Chicago, com buracos e tudo. Estamos cumprindo as regras e permanecendo nesta pequena cidade porque você foi pego no caso da Escola Preparatória Westmont. ”

Rory se sentou ao lado dele. “O quadro de cortiça na outra sala definitivamente tem minha atenção.”

“E enquanto eu dormia pacificamente no hospital, você leu meu perfil do assassino do Escola Preparatória Westmont. O que você achou disso até agora? ”

Rory balançou a cabeça. “Algo sobre o caso parece estranho.”

Lane abriu os olhos e ergueu a cabeça. “Continue.”

“Meu primeiro pensamento é que Charles Gorman não corresponde ao seu perfil do assassino. Além de algumas sobreposições na geografia e no conhecimento básico sobre os alunos, que se aplicariam a qualquer membro do corpo docente, Gorman não parece possuir muitas características do assassino que você descreveu. ”

“Vamos revisar o que sabemos.” Lane apontou para sua cabeça enfaixada. “Estou nublado.”

“A cena do crime”, disse Rory.

“Isolado. Escuro. Algo que alguém pode controlar facilmente, especialmente se ele estiver familiarizado com a casa. ”

“Nenhuma chance de alguém inesperadamente tropeçar nele,” Rory disse.

Era assim que Rory e Lane operavam em seu relacionamento profissional - livre e fluentemente, trabalhando os pensamentos um do outro e muitas

vezes terminando as frases um do outro.

“Além dos alunos que estavam na floresta, não havia chance de que espectadores indesejados vissem nada”, disse ela.

“Correto. E sem chance de algo ser capturado em vídeo de vigilância. Um ambiente muito controlado ”, acrescentou Lane.

“Em algum lugar onde ele pudesse estar à espreita. Nenhum ferimento defensivo nas vítimas significa que ele as surpreendeu.

Ele estava em casa quando as duas crianças chegaram. ”

“Organizado. Pré planejado. Ele escolheu o local, ele escolheu o método, ele escolheu a arma. ”

Ambos pararam por um momento.

“Conte-me sobre o assassino,” Rory disse. “Descreva sua mentalidade e de onde veio esse tipo de violência.”

“Bem”, disse Lane. “Vamos começar com o que sabemos sobre as vítimas. Ambos os alunos. Ambos homens. Um estava entrando no primeiro ano, o outro no último ano. Nenhuma droga foi encontrada em nenhum de seus sistemas. O criminoso os queria mortos por um motivo. Os assassinatos não foram aleatórios. Eles foram planejados. Que tipo de pessoa gostaria de matar dois adolescentes? Alguém com um passado conturbado. Alguém com ressentimento para com os homens. A garota no local saiu ilesa. Supondo que ela encontrou o criminoso e teve permissão para viver, o assassino provavelmente estava perto de sua mãe. “

“Seu perfil sugeria um forte vínculo materno”, disse Rory.

Lane acenou com a cabeça. “Forte, mas talvez fraturado de alguma forma. O vínculo com sua mãe não é natural. Talvez enraizado no amor, mas que se transformou em algo anormal e doentio. E uma relação inexistente ou tóxica com seu pai. Ou a figura paterna em sua vida estava ausente, pela qual o criminoso se sentia desprezado, ou sua relação com o pai era abusiva, pela qual o criminoso se sentia ofendido e ressentido. Precisamos saber mais sobre as vítimas. Eles eram bons garotos? Eles eram valentões? Eles impactaram a vida do criminoso de forma a desencadear seus pensamentos íntimos sobre seu pai? ”

Outra pausa encheu a sala enquanto cada um deles percorria os cenários.

“Então”, disse Lane. “Nós sabemos o que aconteceu - duas crianças foram mortas em uma pensão abandonada. Nós sabemos como isso aconteceu - eles sofreram uma emboscada e suas gargantas foram cortadas.”

“Mas, para descobrir o porquê e quem”, disse Rory, “vamos precisar cavar bastante”.

O olhar de Rory se desviou para a sala de três temporadas, onde as fotos das vítimas foram pregadas no quadro de cortiça. Os dois alunos que foram mortos e os três que se suicidaram. Ela queria ir para o quadro agora e olhar as fotos. Ela ansiava por aquele sentimento de intimidade com as almas perdidas que ela evocava toda vez que reconstruía um homicídio.

“As crianças que estão se matando”, disse Rory. “Talvez eles estejam fazendo isso para escapar de sua miséria. Talvez a culpa os esteja puxando de volta à cena do crime e a morte pareça ser sua única opção.”

“Por que eles estão se sentindo culpados?”

Rory manteve seu olhar focado na sala de três temporadas.

“Um segredo?” ela finalmente disse. “Os segredos costumam comer as pessoas vivas.”

“O garoto Compton certamente tinha algo que queria tirar do sério quando falava com Mack Carter.”

“Então, se concordarmos que o retrato do assassino não se parece com Charles Gorman, e partimos do pressuposto de que há um grupo de alunos que sabe mais sobre aquela noite do que disseram à polícia, então é uma conclusão lógica que a culpa dos alunos decorre do que realmente aconteceu na pensão abandonada naquela noite. E essa culpa os está puxando de volta para aquela casa e os trilhos do trem para acabar com suas vidas.”

CAPÍTULO 36

GAVIN HARMS ANDOU AO LONGO DO BOULEVARD QUE CORRIA NA FRENTE da entrada principal da escola. A sessão de verão estava terminando e seu último ano oficialmente começaria em breve. O

campus estava vazio. Os alunos que sobraram para passar o verão na Escola Preparatória Westmont estavam enfiados em seus dormitórios ou na biblioteca estudando para as provas finais. O campus estava visivelmente mais silencioso do que o normal, mesmo no verão. As matrículas caíram após os assassinatos na pensão, a primeira contração na história da escola. A Escola Preparatória Westmont sempre esteve confortavelmente lotada e as matrículas sempre precisaram ser limitadas, o excesso sendo colocado em uma longa e duvidosa lista de espera. Mas desde os assassinatos na pensão abandonada no verão anterior, muitos alunos simplesmente nunca mais voltaram para a sessão de outono. Aqueles que o fizeram saíram prontamente do campus quando o ano acabou, deixando escassas as matrículas de verão. Junho marcou o aniversário de um ano, e Gavin estava entre apenas uma vintena de alunos que estudaram durante o verão. Deus me livre, ele pensou, sua tia e seu tio permitem que ele volte para casa no verão.

Os robustos balaústres do prestigioso edifício da biblioteca da Escola Preparatória Westmont ergueram-se para apoiar o frontão onde o lema da escola era exposto: Cheguem sozinho, saiam juntos. Gavin nunca acreditou no ditado. Não quando ele era um calouro de olhos arregalados, e não hoje, quando tinha apenas nove meses de se formar. Ele se sentia mais sozinho agora do que nunca.

Mas muito desse sentimento veio de suas decisões no ano passado. Muito disso veio do segredo que ele estava guardando.

Um segredo que ele temia permanecer escondido apenas por mais um curto período de tempo. Ele tinha feito tudo ao seu alcance para evitar que isso viesse à tona. Ele tinha feito coisas das quais se arrependeu e coisas que gostaria de poder retirar.

Cheguem sozinho, saiam juntos.

Ele se perguntou se ele e Gwen seriam capazes de deixar este lugar juntos, ou se cada um deles iria caminhar sozinho e em direções diferentes. Ele apertou sua mochila com mais força enquanto passava pela biblioteca e para seu dormitório. Lá dentro, ele trancou a porta e puxou seu laptop, onde consultou o blog de Ryder Hillier. Como o podcast de Mack Carter havia sido colocado em um hiato indefinido, o site de Ryder era sua única fonte de atualizações. Ele tinha ouvido falar que Ryder estava em apuros por

postar o vídeo do corpo sem vida de Theo caído nos trilhos. Os pais de Theo a estavam processando e, com alguma sorte, seu site também seria fechado em breve. Então, a Escola Preparatória Westmont ficaria protegida do mundo e, com alguma sorte, tudo em seu passado desapareceria da memória. Quanto menos atenção o resto do país prestasse a Peppermill, Indiana, melhor. Tudo que Gavin precisava era enfrentar esta última tempestade, passar por seu último ano e deixar este lugar para trás. Então as coisas seriam melhores.

Enquanto o blog de Ryder estivesse ativo, entretanto, Gavin o usaria para atualizações. Hoje, no entanto, ela não postou nada de novo. O quadro de mensagens estava cheio de teorias da conspiração sobre a pensão, o trem que passava ao lado dela, o Homem no Espelho e por que os alunos continuavam se matando. A última teoria entre os fanáticos do crime verdadeiro era que os dois garotos do Escola Preparatória Westmont haviam morrido em um cenário de homicídio-suicídio, um matando o outro, pendurando-o no portão e depois voltando para a pensão abandonada para cortar sua própria garganta. Os outros alunos que voltaram para a casa para se matar estavam seguindo alguma mensagem codificada que foi deixada para trás. Essa teoria foi refutada pelo relatório do médico legista que determinou que nenhum dos ferimentos no pescoço havia sido autoinfligido.

Ainda assim, os malucos do crime verdadeiro correram com ele e gritaram sobre um encobrimento policial.

Todas as teorias ambiciosas e exageradas sobre a Escola Preparatória Westmont foram causadas pelo fato de o caso ter sido encerrado tão rapidamente. Quando a polícia encontrou tantas provas contundentes contra o Sr. Gorman nos dias após o massacre, o público em geral recebeu poucos detalhes sobre o que estava acontecendo naquela noite na floresta. O público soube apenas que um professor teve um surto psicótico e matou dois alunos depois de escrever um manifesto sobre suas fantasias sádicas. Então, quando a polícia se aproximou de seu homem, o Sr. Gorman voltou à cena do crime e tentou se matar. Suficiente da história não foi contado para a multidão do crime verdadeiro correr solta.

Sem o podcast de Mack Carter, Gavin checava o blog de Ryder de vez em quando para ver se alguém acidentalmente tropeçava em um pedaço da

verdade. Até este ponto, ninguém tinha. Claro, Gavin não sabia quase nada sobre a investigação policial em andamento, ou quanto da verdade eles tinham realmente descoberto. Por enquanto, as autoridades pareciam satisfeitas em defender sua conclusão original sobre Gorman e seus motivos. Mas o suicídio de Theo os havia iniciado novamente em uma busca para descobrir o que haviam perdido. Gavin estava preocupado que eles pudessem encontrá-lo.

Houve uma batida na porta e Gavin rapidamente fechou o site de Ryder e fechou seu laptop. Quando ele abriu a porta, ele encontrou Gwen no corredor. Gavin ainda não tinha se acostumado com sua aparência. Ao longo do último ano, desde a noite dos assassinatos, Gwen havia perdido sete quilos em um quadro que já tinha sido pequeno. O resultado foram bochechas magras e omoplatas cadavéricas. Aluna nota A desde o nascimento, Gwen viu seu GPA despencar durante seu primeiro ano.

Mais alarmante do que sua aparência ou suas notas era sua falta de preocupação. Gwen não só perdeu o interesse pelos estudos, mas também se afastou de quase tudo em sua vida, incluindo seu relacionamento com Gavin. Isso era o mais perigoso de tudo. Quanto mais Gwen se afastava dele, menos ele sabia sobre suas ações. Agora, mais do que nunca, eles tinham que ficar juntos. Eles tiveram que ficar quietos. Só por mais um ano. Só até se formarem no Westmont e irem para a faculdade. Então as coisas melhorariam. As imagens daquela noite desapareceriam. Suas consciências seriam curadas. Eles esqueceriam. Seu segredo seria preservado e suas vidas voltariam ao normal.

Nos primeiros seis meses após o massacre, Gavin tentou salvar seu relacionamento com Gwen. Mas ele sentiu as coisas escapando. Depois do suicídio de Danielle, as coisas chegaram ao fundo do poço, e agora Gavin e Gwen conversavam apenas quando necessário. Esses momentos consistiam principalmente em situações como esta noite, quando Gavin precisava convencê-la a sair do precipício e mantê-la quieta.

Gavin acenou para ela entrar e, em seguida, inclinou a cabeça para o corredor para se certificar de que ela estava sozinha.

“Como você está se sentindo?” Gavin perguntou enquanto fechava a porta.

“Terrível.”

“Você precisa comer alguma coisa, Gwen. Sericamente.”

“A mãe de Theo me mandou uma mensagem.”

“O que ela queria?”

“Ela disse que não consegue falar com você e que quer falar com a gente.”

“Não ligue de volta”, disse Gavin rapidamente.

“Gavin, o filho dela morreu. Ela quer respostas e, naturalmente, pensa que podemos fornecê-las.”

“O que devemos dizer a ela? Ela vai querer saber o que está acontecendo. Não apenas recentemente, mas também no ano passado. Se começarmos a dizer às pessoas o que sabemos, mais cedo ou mais tarde um de nós dirá algo que não deveríamos dizer. É isso que você quer? Quer que a polícia comece a nos perguntar sobre aquela noite de novo? Você se lembra de cada detalhe que contou a eles? Porque eles fazem. E eles vão querer saber por que você se lembra das coisas de forma diferente agora, um ano depois, do que naquela época. E assim que bagunçarmos nossa história, eles começarão a bisbilhotar novamente. Você quer que a polícia comece a examinar o que aconteceu naquela noite?”

Gwen balançou a cabeça.

“Então não fale com ninguém, ok?”

“Tudo bem”, disse ela. “Você verificou as coisas de Ryder Hillier?”

“Sim, nada de novo.”

Lágrimas brotaram dos olhos de Gwen. “Não sei por quanto tempo mais poderei fazer isso.”

Gavin passou a mão pelo cabelo. Ele olhou para Gwen e se preocupou que ela não sobreviveria ao longo do ano.

“Apenas se acalme,” ele disse finalmente. “Vou pensar em algo.”

Escola Preparatória Westmont

Verão de 2019

Sessão 4

Lançamento de diário: SUICÍDIO ASSISTIDO

EU FIQUEI NO MEU QUARTO DEPOIS QUE A AMBULÂNCIA LEVOU MINHA MÃE.

A Sra. Peterson bateu algumas vezes para me verificar. Fiquei em silêncio, sentado no chão com as costas pressionadas contra a porta, até que ela finalmente desistiu. Ouvei meu pai chegar em casa no meio da noite e me esforcei para ouvir sua breve conversa com a Sra. Peterson. Eu não peguei muito. Depois que a porta da frente se fechou e a Sra. Peterson foi embora, eu me enfiei debaixo das cobertas, certo de que meu pai viria me atualizar. Mas ele não fez isso. Ele simplesmente subiu as escadas e foi para a cama.

Por fim, voltei para a minha porta e olhei pelo buraco da fechadura até ter certeza de que ele estava dormindo. Algo fermentou em meu peito na noite em que meu pai me ignorou, nem mesmo se importando em me dizer o estado de minha mãe.

O desprezo de meu pai acendeu tudo o que estava queimando dentro de mim e, nos dias que viriam, quando soube que a mãe que eu amava se foi para sempre, aquelas chamas queimaram como um incêndio e nunca se apagaram.

A porta do meu quarto rangeu ligeiramente quando a abri. Eu sabia o que precisava e exatamente onde encontrar. Eu havia planejado isso muitas vezes, mas nunca tinha tido coragem de ir em frente com isso. Naquela época, quando travei, o fiz com a promessa de que continuaria com meu plano se minha mãe precisasse. Mas era apenas uma fantasia. Uma mentira descarada que repeti para me enganar. Eu havia aproveitado esse tempo fictício no futuro, quando acabaria com o fato de meu pai aterrorizar minha mãe, como forma de ignorar a covardia que governava minha vida. O golpe me permitiu desviar o quão fraco e fraco eu me sentia cada vez que olhava pelo buraco da fechadura e o via bater nela. Funcionou durante um tempo. Muito tempo, na verdade, porque permitiu que ele abusasse dela pela última vez.

Finalmente saí do meu quarto, desci as escadas do porão e me dirigi para o canto dos fundos que abrigava as ferramentas de que precisava. Eu tinha originalmente pensado que teria que fazer isso com minha mãe em casa. Mas com ela fora, seria muito mais fácil. De volta ao andar de cima, parei no corredor. À minha esquerda estava a porta do meu quarto aberta; à minha direita estava o local onde meu pai puxou minha mãe sobre a mesa

da sala de jantar no início da noite. Passei pela mesa e cheguei ao pé da escada, onde o corpo de minha mãe estava quando a ambulância chegou. Eu subi as escadas uma de cada vez. Eles rangeram suavemente sob meu corpo de quatorze anos, mas de repente eu não estava com medo. Um senso de propósito me preencheu enquanto eu carregava a corda grossa em minhas mãos enluvadas. Senti uma determinação me dizendo que mesmo se meu pai acordasse, eu seria capaz de fazer as coisas como planejado. Não havia nada que pudesse me impedir.

Quando empurrei a porta do quarto, a luz do corredor iluminou seu corpo adormecido. Ele estava roncando como sempre fazia depois de beber. Ele estava deitado de costas e eu não perdi tempo. Eu cuidadosamente coloquei a corda em seu pescoço. Ele engoliu quando eu fiz isso, e seu ronco parou momentaneamente. Fiquei parado até que começou de novo, então deslizei para debaixo da cama. Estava escuro sem a luz do corredor para me guiar. Procurei as pontas da corda e puxei-as para baixo, de forma que ficassem penduradas nas minhas orelhas. Em seguida, envolvi cuidadosamente cada comprimento em minhas mãos. Eu estava usando luvas de jardim do porão para evitar queimaduras com cordas. Eu deslizei meus joelhos para cima para que eles ficassem contra o meu peito. Foi um aperto forte e, para ganhar o apoio de que precisava, tive que levantar um pouco o colchão. Quando o fiz, meu pai se mexeu. Eu temia que ele estivesse prestes a acordar. Não tive tempo de me posicionar.

Puxei cada ponta da corda. Ao mesmo tempo, inclinei-me para trás no assoalho enquanto meus joelhos pressionavam firmemente contra o colchão acima de mim. Fechei os olhos quando o ouvi tossir e o senti se contorcer. Eu queria cobrir meus ouvidos, mas precisava ouvi-lo morrer. Eu precisava ter certeza. O colchão sacudiu descontroladamente quando ele se debateu acima de mim. Eu segurei com todas as minhas forças. Cinco minutos seguidos. Até que os músculos dos meus braços contraíram e minhas costas doeram. Até minhas pernas ficarem dormentes e meu pai finalmente parar de se mover.

Obriguei-me a segurar a corda com força por mais cinco minutos.

Quando eu finalmente soltei meu aperto, meus músculos se recusaram a relaxar. Eles ficaram tensos e contraídos, e uma dor lancinante percorreu meus joelhos quando os endireitei. Esperei mais alguns minutos, mas o

único ruído que ouvi foi a minha respiração. Saí de baixo da cama e olhei brevemente para meu pai. Eu sabia que ele estava morto. Eu não preciso verificar.

Em vez disso, amarrei as pontas da corda no topo da cabeceira da cama e empurrei seu corpo sem vida até que pendurou na beira da cama. Eu me certifiquei de que não havia nada na sala que denunciasse minha presença naquela noite. Em seguida, voltei para o porão e deixei cair as luvas de jardim no canto onde as encontrei, subi as escadas para o meu quarto e fechei a porta. Fiquei olhando pelo buraco da fechadura a noite toda, até que as sombras escuras foram substituídas pelo amanhecer.

Meu pai nunca mais apareceu no buraco da fechadura. Foi um novo dia.

Puxei a borla e coloquei-a entre as páginas enquanto fechava meu diário.

“Eu era muito jovem na época para entender o que sentia por mim mesmo, mas nossas sessões esclareceram as coisas para mim. A sensação era de nojo. Desde aquele dia, percebi que os fracos não têm lugar nesta terra e que aqueles que os atacam são igualmente dignos de extinção.”

Olhamos um para o outro como sempre fazíamos depois que terminei de ler meu diário.

“Você discorda?” Eu finalmente perguntei.

Ela balançou a cabeça. “De jeito nenhum.”

“Boa. Então quero contar a vocês sobre o que planejei aqui no campus. Cuidará tanto dos pateticamente frágeis quanto dos agressores que se aproveitam deles. Você é o único que entenderia, e como você não pode contar a ninguém o que discutimos durante nossas sessões, sei que você manterá meu segredo.”

CAPÍTULO 37

NA LONGA HISTÓRIA DA ESCOLA PREPARATÓRIA WESTMONT, NENHUM ALUNO JÁ FOI EXPULSADO.

Assim que o Westmont aceitou o indivíduo, a instituição aceitou o desafio de orientá-lo, remodelá-lo e mudar suas vidas. Eles fizeram isso com disciplina, estrutura e aconselhamento. Muitos e muitos conselhos.

Christian Casper formou-se em psiquiatria e concluiu uma bolsa de estudos em psicoterapia infantil e adolescente. Junto com Gabriella Hanover, o Dr. Casper era o codiretor de aconselhamento na Escola Preparatória Westmont. Drs. Casper e Hanover supervisionaram os assistentes sociais que fizeram o possível para orientar os adolescentes que passaram seus anos de formação na escola. A maioria dos adolescentes que passou pelos portões da Escola Preparatória Westmont deixou a instituição como seres humanos melhores e mais capazes de enfrentar os desafios da vida do que antes de chegarem.

Como grande parte do corpo docente da Escola Preparatória Westmont, o Dr. Casper tinha uma residência no campus. Além de seu papel como terapeuta, ele deu um curso de História dos Estados Unidos da América, um cargo em tempo integral ao qual ele havia se dedicado na última década de sua vida. Ele morava no duplex número dezoito na linha do professor, que também servia de escritório. Gwen Montgomery estava sentada em frente a ele agora, a sessão chegando ao fim.

“Você não trouxe seu diário para nossas sessões recentemente”, disse Casper. “Você tem feito o diário?”

“Não tanto quanto de costume.”

O Dr. Casper não respondeu, o que Gwen sabia por anos de sessões com ele significava que ele não estava satisfeito com a resposta dela.

“Eu realmente não tenho pensado sobre essas coisas ultimamente. Tipo, coisas minhas. Estive distraído a semana toda. ”

“Pelo quê?”

Gwen encolheu os ombros. “Apenas me acostumando a ser um júnior e tudo o que vem junto com isso.”

“O que há de tão diferente no primeiro ano?” Dr. Casper perguntou.

“Coisas de veterano.”

“Deixe-me adivinhar, você começou a ir para a pensão abandonada.”

Gwen desviou o olhar e o Dr. Casper riu.

“É o segredo mais mal guardado da Escola Preparatória Westmont. A velha casa na floresta onde os veteranos bebem cerveja e fazem outras coisas estúpidas? Já vinha acontecendo muito antes de você chegar aqui e

continuará muito depois. Ou pelo menos até que destruam aquela coisa miserável. No próximo ano, quando você for um veterano, fará a mesma coisa com os juniores desavisados. ”

“Fazendo o que?” Gwen perguntou.

Dr. Casper puxou seu laptop. “Dando a eles um tempo difícil. É tradição que os mais velhos lidem com os mais novos. ”

Gwen se perguntou se a definição de “razzing” do Dr. Casper incluía ser vendado e alinhado nos trilhos do trem. E mesmo que o Dr. Casper soubesse da reunião na pensão abandonada, Gwen tinha certeza de que ele nada sabia sobre os detalhes do que acontecia ali. Ela estava aprendendo sozinha.

“Coloque no seu diário”, disse Casper. “Anote suas experiências e o que essas experiências o incomodam. Falaremos sobre eles na próxima vez. Combinado?”

Gwen acenou com a cabeça.

O Dr. Casper digitou em seu teclado. “Você precisa de refis em sua receita?”

Gwen ficou em silêncio.

Dr. Casper olhou para ela. Gwen acenou com a cabeça.

“Sim. Eu preciso de mais.”

“Vou mandar agora e você pode pegá-lo na enfermaria amanhã.”

Gwen ficou em silêncio até que o Dr. Casper parou de digitar em seu computador e olhou para ela.

“É verão”, disse ele. “Eu espero que você quebre algumas regras. Eu ficaria preocupado se você não o fizesse. Só não se empolgue. ”

CAPÍTULO 38

A PRIMEIRA SEMANA DA SESSÃO DE VERÃO FOI EM ANDAMENTO, E DEPOIS apenas um único dia de aula estava se revelando tão terrível quanto o previsto. Os alunos olhavam pelas janelas da sala de aula, sonhando em estar em qualquer outro lugar, romantizando o verão que estavam perdendo e imaginando seus colegas liberados tomando

banho de sol durante as festas na praia em longos dias de verão e rindo ao redor de fogueiras à noite. O

único aspecto positivo era que o currículo era leve, com cada aluno sendo obrigado a fazer apenas duas disciplinas. Gavin e Gwen haviam planejado estrategicamente o mesmo cronograma - sr. A aula de Química de Gorman e o curso APUSH do Dr.

Casper.

A aula do Sr. Gorman veio com a carga adicional de um laboratório de três horas às terças e quintas-feiras para acompanhar o tempo de aula de segunda, quarta e sexta-feira. Tirar isso do caminho enquanto lida com apenas um outro curso era uma desculpa relutantemente legítima para ficar preso em Westmont durante o verão, como a tia de Gavin havia mencionado na carta que Gwen havia lido.

Gwen e Gavin ficaram um ao lado do outro no laboratório, óculos de segurança protegendo seus olhos e tubos de ensaio e copos na frente deles. Em frente a eles estavam Theo e Danielle, e na mesa do laboratório vizinho estavam Tanner Landing e Bridget Matthews, que tinham sido parceiras de Andrew Gross e outro veterano. O Sr. Gorman falava monotonamente ao fundo sobre a reação química que estava prestes a ocorrer.

“Vocês estão interessados em ir a Chicago em um fim de semana neste verão para assistir a um jogo dos Cubs?” Andrew perguntou.

Tanner quase salivou com o convite. Ele assentiu. “Com certeza!”

“Bom”, disse Andrew, um sorriso se formando em seu rosto. “Ouvi dizer que há um trem que vai direto para Wrigley Field.

Vou ver se consigo um lugar para você. ”

Os outros idosos riram da mesa ao lado deles.

“Mas desta vez vou conseguir um assento que não se lasque tanto.”

Tanner sorriu porque não sabia mais o que fazer. Suas bochechas ficaram vermelhas.

O Sr. Gorman foi até a mesa do laboratório de Gwen. “A Srta. Montgomery irá demonstrar para nós a reação química primeiro e então você repetirá o processo em suas próprias estações. Reunir em torno de.”

Havia apenas doze alunos no laboratório, três grupos de quatro, e todos eles convergiram em torno da mesa de Gwen enquanto ela derramava um líquido rosa de um copo em um frasco de Florence, que Gavin segurava com uma braçadeira presa ao redor do pescoço e com o fundo sobre o chama de um bico de Bunsen. Dentro do frasco, os cristais começaram a girar enquanto o líquido fervia com o calor. Gwen segurou uma pipeta sobre o frasco. Quando ela titulou uma única gota no líquido fervente rosa, ele criou um barulho alto de estouro antes que uma espessa névoa branca gasosa se formasse dentro do frasco, que cresceu em intensidade até que o gás transbordou pela borda e escorreu pela lateral do copo.

“Sr. Aterrissando, você pode explicar por que o vapor está se movendo para baixo no exterior do frasco, em vez de flutuar no ar? “

“Porque tem aquela coisa rosa dentro?”

O Sr. Gorman olhou ao redor do laboratório. “Senhorita Montgomery?”

“Porque o vapor de iodo tem uma densidade maior que o ar. Basicamente, é pesado e então afunda. ”

“Correto. Sr. Landing, vamos tentar novamente. Conte-me sobre a reação que está ocorrendo entre a amônia e o iodo. Qual é o barulho de estalo que estamos ouvindo? ”

Tanner olhou para o fluido rosa borbulhante enquanto chiava e cuspiam mais vapor.

“Hum, é explosivo?”

“Muito bonitinho. Você pode nos dizer o que está acontecendo com a química? ”

“Hum, algum tipo de reação que é muito doce.”

“Senhorita Montgomery?”

“O triiodeto de nitrogênio é instável”, disse Gwen, “porque os átomos de nitrogênio e iodo têm tamanhos diferentes. As ligações que conectam os núcleos estão se quebrando, o que causa o ruído de estalo. Quando as ligações iônicas se rompem, elas liberam a névoa ou vapor. ”

“Excelente, Srta. Montgomery. Talvez você possa mostrar ao Sr. Landing onde está essa informação no livro que ele claramente ainda não abriu.

Agora vamos adicionar a outra substância ao frasco de fumaça. ”

Gwen titulou algumas gotas de uma segunda pipeta no frasco que Gavin estava segurando. Assim que a substância encontrou o fluido dentro do frasco, a névoa se dissipou.

“Buzzkill”, disse Tanner, oferecendo um sorriso estúpido. “Eu me pergunto o que aconteceria se você engolisse essa coisa.”

Isso gerou algumas risadas dos idosos.

“Você perderia mais células cerebrais do que tem para oferecer, Sr. Landing.”

O retorno do Sr. Gorman fez com que toda a classe caísse na gargalhada. Gavin riu tanto que teve que firmar o frasco com as duas mãos para evitar derramamento.

“Acalme-se”, disse Gorman. “Todos se dividem em seus grupos e realizam o experimento por conta própria. Descarte tudo nas pias sob o capô. O resumo da redação será entregue no final do período. ”

O Sr. Gorman foi para a frente do laboratório e sentou-se à sua mesa para folhear papéis.

“Hoje à noite,” Andrew disse enquanto estava de pé ao redor da mesa do laboratório de Gwen. “Treze e três e cinco. Onze horas.”

Gwen e Gavin olharam um para o outro e depois para os outros.

“É um dia de semana”, disse Gwen. “O toque de recolher é nove.”

Andrew sorriu. “Então não seja pego.”

CAPÍTULO 39

ELE DIRIGE PARA PEPPERMILL DE SOUTH BEND LEVOU MENOS DE UMA hora. Marc McEvoy fez a viagem após uma manhã movimentada no escritório. Ele saiu sob o pretexto de uma reunião no almoço com um cliente. Na verdade, porém, hoje era para reconhecimento. Ele pegou a Rota 2 de Indiana a oeste de South Bend. Foi um tiro certo para Peppermill, e depois de uma hora ele puxou para o estacionamento da estação Metra. De seu carro estacionado, ele esperou cinco minutos pela chegada do trem, então observou os passageiros subirem na plataforma e se dispersarem.

Em seguida, ele dirigiu até o Motel 6 na Grand Avenue, medindo a distância em seu hodômetro a 0,6 milhas da estação de trem. Uma caminhada fácil. Em seguida, ele dirigiu para o norte até chegar à Rota 77. Isso era mais um quilômetro, também facilmente percorrido quando necessário. Por fim, dirigiu a Rota 77 até avistar a marca de treze quilômetros, após o que diminuiu a velocidade para trinta quilômetros por hora enquanto estudava a folhagem à direita. Ele localizou o local na floresta por onde ele entraria. De lá, ele sabia que levaria mais meia milha até seu destino.

Ao todo, da estação ferroviária, ele teria que cobrir cerca de quatro quilômetros e meio a pé na noite do Homem no Espelho.

Sem problemas.

Para ter certeza de que conhecia a rota sem questionar, Marc fez o retorno e voltou para o Motel 6 para ensaiar a rota mais uma vez. Quando a noite chegou, ele não queria surpresas.

CAPÍTULO 40

O GRUPO CHEGOU À FLORESTA ÀS DEZ HORAS na noite de terça-feira, tendo seguido a mesma rota 13:3:5 que haviam feito no sábado. O PROPRIEDADE PRIVADA placa pendurada na corrente inclinada com a pensão na frente deles. As luzes internas tentaram penetrar nas janelas pintadas e resultaram em um brilho embotado que evaporou na noite negra.

Andrew Gross saiu pela porta da frente e parou no patamar.

“Todos os seis de vocês voltaram.” Ele encolheu os ombros. “Estou chocado que o trem nem mesmo fez um de vocês desistir.

Não se preocupe. Temos todo o verão.”

Andrew desapareceu pela porta da frente. Gwen e suas amigas esperaram um momento antes de irem para a casa. Subir as escadas parecia mítico. Eles tinham ouvido falar do lugar por tanto tempo que entrar parecia um sonho. Embora alimentassem eletricidade, as lâmpadas do teto há muito estavam queimadas e eram altas demais para serem substituídas com segurança.

Sua ausência lançou a escada e os tetos altos do vestíbulo na escuridão. Holofotes em formato de caixa laranja estavam em um tripé e iluminavam a

grande sala da frente do saguão. Os cantos da sala estavam cheios de garrafas de cerveja vazias, garrafas descartadas de Vodka Tito's e latas amassadas de misturadores.

Andrew ficou na frente do grupo de idosos que esperava na sala da frente. Os dois grupos - idosos de um lado, juniores do outro - se enfrentaram.

“Dentro das paredes da Escola Preparatória Westmont, existe um grupo privado. Muitos já ouviram falar deste grupo, mas poucos sabem algo sobre ele. O corpo docente nega que exista, e pessoas de fora vêm tentando penetrar em seus segredos há anos. Agora você está olhando para os membros mais antigos. Calouros e alunos do segundo ano não são dignos o suficiente para serem incluídos, e apenas juniores selecionados são considerados para a iniciação. Vocês seis são os únicos a ganhar um convite.

“Mas a aceitação nas fileiras da elite de nossa sociedade exige que você passe por uma série de desafios. A falha em completar um desafio resulta na expulsão do grupo. Os desafios culminam na noite sobre a qual você certamente já ouviu falar - a noite em que novos iniciados enfrentam o Homem no Espelho. Isso acontece no dia mais longo do verão - vinte e um de junho. A tradição do solstício de verão remonta ao ano inaugural, quando o Westmont abriu suas portas em 1937. As coisas que acontecem nesta pensão abandonada são apenas para membros da sociedade e não podem ser discutidas com nenhum não-membro. O sigilo é um dos nossos maiores juramentos.

“A cada ano, a sociedade escolhe um professor para os novos iniciados atingirem. No verão passado, foi a Sra. Rasmussen.

Como juniores, éramos encarregados de certos desafios voltados para ela. Todos vocês se lembram da bomba de fumaça que explodiu durante seu discurso de formatura? O guaxinim morto na gaveta da escrivaninha? O dia em que ela ficou trancada no banheiro até que o corpo de bombeiros a resgatasse? O dia em que sua residência na Fila do Professor foi violada e levemente vandalizada? A polícia foi chamada e os alunos foram interrogados”. Andrew abriu os braços para indicar o grupo de idosos atrás dele. “Nenhum de nós esteve implicado em qualquer um dos incidentes. Isso é por causa do nosso juramento de sigilo.

“Você deverá completar desafios semelhantes neste verão. Seu assunto nunca deve ver a greve chegando. Ele nunca deve saber quem o entregou. Trabalhamos nas sombras e, embora grande parte do corpo discente saiba que a sociedade está por trás de uma determinada pegadinha, ninguém deve ser capaz de identificar nenhum membro de nosso grupo. Se você for pego durante um dos desafios, o sigilo de nossa organização exige que você mesmo carregue a culpa.”

Andrew deu alguns passos na direção deles.

“Todas essas regras são compreendidas?”

Gwen e suas amigas assentiram, nenhuma compreendendo totalmente com o que estavam concordando, ainda confusas com a realidade de estar dentro da infame pensão.

“Boa. Seu assunto neste verão é o Sr. Gorman. Em suma, você tornará o verão muito desagradável para ele. Tanner, você tem células cerebrais suficientes para entender isso?”

Alguns dos veteranos atrás de Andrew riram.

“Depois de concluir os desafios com sucesso, você terá a oportunidade de se tornar membros plenos. Esta oportunidade se apresentará no dia 21 de junho, quando todos vocês se reunirão na floresta atrás desta casa na noite do Homem no Espelho.

Provavelmente todos vocês já ouviram rumores sobre o que acontece no solstício de verão, mas acredite quando digo que tudo o que você ouviu empalidece em comparação com a coisa real. Aqueles que passam pela iniciação permanecem membros para o resto da vida.”

Andrew olhou cada um dos juniores nos olhos.

“Há alguma pergunta?”

Se houvesse, eles não tiveram a chance de perguntar. Assim que Andrew terminou de falar, o apito da buzina do trem ecoou ao longe.

“O trem!” um dos idosos disse.

Andrew sorriu. “É hora de mudar.”

Um estrondo sacudiu as paredes, então um rugido seguiu enquanto o trem se aproximava.

“Abra as janelas!” Andrew disse, olhando para os juniores. “Abra tudo!”

Rapidamente, os veteranos começaram a trabalhar abrindo as janelas pintadas com spray da sala da frente. Outros correram pela casa fazendo o mesmo. As portas de todos os cômodos foram escancaradas. Na cozinha, armários e despensas foram abertos.

Gwen conhecia o folclore. O trem que corria ao lado da pensão abandonada carregava os espíritos daqueles que haviam sido reivindicados pelo Homem no Espelho. Os espíritos entraram na casa, mas só puderam residir em quartos com janelas e portas que permaneceram fechadas. Armários, cômodas, armários. Os espíritos podiam descansar em qualquer lugar que estivesse selado.

Gwen decolou. Ela não sabia dizer se o que sentia era uma sensação de pavor ou apenas uma empolgação boba por fazer parte do mito sobre o qual tanto ouvira falar durante seus primeiros dois anos na Escola Preparatória Westmont. Ela correu escada acima com Danielle. Eles entraram no primeiro quarto e abriram as janelas. Quando o fizeram, o rugido do trem de carga que passava ficou mais alto. Eles abriram portas de armários, armários de banheiro e um velho baú que ficava no canto. Eles correram de cômodo em cômodo e fizeram o mesmo até terem certeza de que tudo estava aberto.

Quando desceram as escadas, os outros estavam voltando de diferentes partes da casa. Na sala da frente, Andrew começou a puxar uma lona sobre o espelho alto que ficava no canto. Espíritos também podiam residir em espelhos descobertos, Gwen sabia. E até o trem partir, nunca se deve olhar para o próprio reflexo.

O apito do trem soou no momento em que Andrew cobriu o espelho. Antes que ele cobrisse totalmente, Gwen olhou para a superfície por uma fração de segundo. Ela estava em um ângulo agudo e não podia ver seu próprio reflexo, mas tinha uma visão clara de Tanner. Ele estava olhando para o mesmo ponto no espelho. Gwen fechou os olhos e apertou as pálpebras com força.

Era 11 de junho. Dez dias depois, Andrew Gross estaria morto naquele quarto e Tanner Landing seria empalado na cerca de ferro forjado do lado de fora.

PARTE V

Agosto de 2020

CAPÍTULO 41

ERA NOITE QUANDO A CAMPAINHA TOCOU. RORY E LANE discutiam ideias durante toda a tarde até que Lane ficasse exausta. Ele estava no sofá com a cabeça apoiada nas almofadas.

Pela janela da frente, Rory viu uma viatura sem identificação entrar na garagem e estacionar atrás do dela.

“Os detetives estão aqui,” Rory disse, protegendo instintivamente seus óculos. “Você está pronto para conversar?”

“Se eles estão aqui em um domingo, não acho que temos escolha.”

Rory se levantou e se dirigiu para a porta. Ela puxou o gorro para baixo na testa antes de abrir a porta.

“Em. Moore ”, disse o detetive Ott.

“Detetive. Entre. ”

Rory deu um passo para o lado para permitir que o detetive entrasse na cabana. Lane ficou com as pernas bambas e apertou a mão de Ott.

“Dr. Phillips. Henry Ott. ”

“Prazer em conhecê-lo, detetive.”

“Na verdade, já nos conhecemos no hospital, mas você estava acabando de sair dele.”

“Isso mesmo. Receio que minha cabeça ainda esteja zumbindo. Você se importa se eu sentar? “

“Claro. Serei breve. Ou podemos fazer isso outro dia quando você estiver se sentindo melhor. ”

“Vamos tirar isso do caminho agora”, disse Lane.

Eles se sentaram ao redor da mesa da sala da frente - Rory e Lane no sofá, o detetive na cadeira ao lado. Lane dirigiu o Detetive Ott por sua presença em Peppermill, o podcast e sua associação com Mack Carter. Ele foi passo a passo por seus três dias na Peppermill, terminando com a noite em que voltou para a casa de Mack para revisar o áudio da noite em que Mack descobriu o corpo de Theo Compton perto dos trilhos perto da pensão abandonada.

Ott ouviu com atenção, fazendo poucas perguntas ao longo do caminho. Ele apresentou a Rory algumas continuações preguiçosas de seu primeiro encontro. Ela recontou sua versão dos eventos novamente. Além de não ter nada a esconder, ela também tinha uma memória fotográfica, então a segunda vez que sua história foi uma declaração literal da primeira - algo que solidificou sua honestidade ou a envolveu em dúvidas.

“Você é o único detetive com quem conversei que não faz anotações”, disse Lane.

Ott se mexeu na cadeira como se o que estava prestes a dizer fosse incômodo.

“Sim, acho que minha visita é tanto profissional quanto pessoal. Prefiro não gravar, caso o que estou prestes a perguntar não saia tão bem.”

Lane acenou com a cabeça. “Pergunta à vontade.”

“Oficialmente, os assassinatos do Escola Preparatória Westmont estão fechados há um ano. Charles Gorman foi acusado e, embora não tecnicamente condenado pelo sistema judicial, ele é o nosso cara. Ele entendeu o que fez e tentou escapar pulando na frente daquele trem. Nós o colocamos sob prisão e o acusamos formalmente em sua cama de hospital no dia seguinte, enquanto ele estava em coma. Ele provavelmente nunca será julgado, mas oficialmente está fechado.”

“Oficialmente”, disse Rory.

Ott passou a palma da mão na barba por fazer.

“Sim. Oficialmente, o caso está encerrado. Mas, em off, algo sobre isso nunca me agradou. Desde que apareci no campus da Escola Preparatória Westmont na noite do crime e dirigi um carrinho de golfe por aquele bosque até aquela cena horrível, as coisas se encaixaram perfeitamente.

Perfeitamente demais. Não me interpretem mal, fiquei feliz em encerrar o caso, e quase todas as evidências que reunimos nos levaram a Gorman. Mas cada vez que outro aluno se mata, questiono tudo o que já soube sobre o caso. ”

“Como o quê?” Rory perguntou. Sua postura havia mudado. Ela não estava mais afundada no sofá esperando que as almofadas a escondessem. Ela agora estava com as costas retas e alerta. Sua mente permitia que seus pensamentos se movessem apenas em direção ao que não fazia sentido. A maioria das pessoas evitou confusão e caos. Rory foi atraído por isso. O misterioso e inexplicável a intrigava, e ela não podia ignorá-los mais do que uma mariposa poderia resistir a uma fonte de luz.

“Bem, a maior pergunta que eu me pergunto é se nós pegamos o cara certo, ou alguma outra coisa aconteceu naquela noite?”

Ainda está acontecendo alguma coisa? ”

“Isso é o que Mack Carter estava tentando descobrir”, disse Lane.

“Sim, bem, isso é cultura pop.” Ott acenou com a mão. “Ele era uma personalidade da televisão produzindo um podcast para sensacionalismo e para classificações e lucro e celebridade. É por isso que nunca fiz nenhum comentário quando ele pediu.

Prefiro trabalhar nas sombras. Não preciso que o público saiba cada passo que dou no caso ou cada pista que encontro. E

definitivamente não preciso de detetives cidadãos perseguindo essas pistas. ” Ott balançou a cabeça. “Mas agora Mack está morto, e tenho um bombeiro achando que o vazamento de gás em sua casa foi fabricado.”

Rory e Lane se entreolharam. Eles ainda não verbalizaram seus medos sobre o que tinha acontecido na casa de Mack Carter, mas ambos sentiram as perguntas não feitas que flutuavam entre eles.

“Alguém queria impedir Mack Carter de investigar este caso?” Rory perguntou.

“Acho que essa é a pergunta de um milhão de dólares”, disse Ott.

“O último garoto a se matar, o garoto Compton”, disse Lane. “Ele conversou com Mack. Parte da conversa foi ao ar no podcast. O garoto fez

parecer que havia um grupo de alunos dentro da Escola Preparatória Westmont que sabia algo sobre aquela noite que eles guardaram para si mesmos. Ele disse que Gorman não matou seus colegas de classe. Não com tantas palavras, mas ele insinuou a ideia. ”

“Se esses alunos existem”, disse Ott, “eles não estão falando. Entrevistei todas as crianças da escola. Muitos deles mais de uma vez. Nenhum deles tem algo novo a dizer, então se há um grupo de crianças que está escondendo algo, eles ficam quietos. ”

“Ou se matando”, disse Rory.

Houve um breve silêncio na sala antes que Ott finalmente olhasse para Rory. “Acho que é por isso que estou aqui esta noite.”

“Você tem uma teoria diferente sobre o que aconteceu?” Rory perguntou.

“Não. Se eu olhar para trás no caso, o que faço sempre que outro garoto da Escola Preparatória Westmont comete suicídio, quase tudo ainda aponta para Charles Gorman. ”

“Como você entrou em Gorman?” Lane perguntou. “Pelo que aprendi até agora, não havia nenhuma evidência física que o ligasse à cena do crime.”

“Não havia, mas havia muitas evidências circunstanciais para ir atrás dele.”

“Você disse que quase tudo apontava para Gorman”, disse Rory. “O que não coube?”

O detetive Ott se inclinou para a frente para apoiar os cotovelos nos joelhos. “Esse é o meu maior problema.” Ele olhou para Lane. “Você tem algo para beber?”

“Infelizmente, não muito. Só estou aqui há alguns dias. ”

“Nós temos cerveja,” Rory disse.

“Posso ter um?”

“Com certeza,” Rory disse, fazendo o seu melhor para agir com calma.

Mas enquanto ela caminhava para a cozinha para servir um Lorde das Trevas, suas mãos tremiam de impaciência e sua mente estava faminta por informações.

CAPÍTULO 42

“EU CHEGUEI À CASA DE EMBARQUE NAS PRIMEIRAS HORAS DA MANHÃ , ”Detetive Ott disse enquanto segurava um litro de Lord das Trevas em sua mão enquanto se recostava na cadeira. “Três ou quatro horas. Encontrei duas crianças mortas. Um foi empalado no portão externo, o outro estava em uma poça de seu próprio sangue em um dos quartos internos. Apenas uma estudante permaneceu na casa, uma garota chamada Gwen Montgomery. Ela estava em choque e sentada no chão ao lado do garoto no portão. Ela tinha sangue e, a princípio, pensei que ela estava ferida.

Mas a maior parte do sangue era de Tanner Landing. ” Ott respirou fundo. “Ela disse que tentou puxá-lo para baixo do portão antes de perceber que era inútil. Ele foi empalado dramaticamente. Então ela se sentou ao lado dele, ligou para o nove-um-um e balançou-se para a frente e para trás até que os primeiros respondentes chegassem. Ela estava tão distraída que os policiais permitiram que ela se sentasse no chão até que eu aparecesse ”.

Ott sentou-se e mordeu o lábio inferior antes de balançar a cabeça e olhar para Rory.

“Essa garota”, disse ele, “ela é a única coisa que não faz sentido”. Ele tomou um longo gole da cerveja preta forte. “O sangue nas mãos e no peito? A maior parte pertencia a Tanner Landing, mas parte permanece não identificada. Nunca fomos capazes de identificá-lo, nunca descobrimos a quem esse sangue pertence. ”

“O que a garota disse?” Lane perguntou. Ele também estava sentado e se inclinando na direção do detetive.

“Ela disse que correu pela floresta para chegar à casa, onde todos os alunos planejavam se encontrar. Quando ela chegou, encontrou Tanner no portão e tentou levá-lo, sangrando no processo. Diz que ela nunca entrou. O sangue não identificado também foi encontrado no corpo de Tanner Landing. Não muito, apenas traços. E havia muito sangue no local. Parecia uma maldita carnificina. O garoto Landing foi cortado na garganta e empalado no queixo e no rosto. A maior parte do sangue era dele. “

“Então, esse sangue não identificado pode pertencer ao assassino?” Rory perguntou.

“Poderia, sim”, disse o detetive Ott.

“Mas o sangue não combinava com Charles Gorman?”

Ott deu outro longo gole na cerveja.

“Não combinava com ninguém. Gorman, Gwen Montgomery ou qualquer um dos alunos. Testamos todo o corpo docente também. Sem correspondência.”

“Você testou todo mundo?” Rory perguntou. “Toda a equipe, zeladores, funcionários de meio período?”

“Todos que pisaram naquele campus foram testados”, disse Ott. “Todos em branco.”

“Então, como você chegou a Gorman tão rápido?”

“Depois de inspecionar a cena, permiti que os policiais fizessem seu trabalho de documentar tudo - fotos e vídeos. A casa, os corpos, a floresta, os trilhos do trem. Enquanto eles estavam trabalhando, voltei ao campus principal e comecei a reunir informações. Todo o campus estava acordado àquela hora, talvez cinco ou seis horas, com sussurros sobre o que tinha acontecido na pensão abandonada. Eu tinha a reitora de alunos, Dra. Gabriella Hanover, ao meu lado. Ela me acompanhou pelos dormitórios. Eu questionei todos os alunos naquela manhã. Rapidamente, informalmente, apenas para sentir o que havia acontecido. A maioria não tinha ideia sobre a pensão. Mas alguns disseram que eles estavam lá. Eles haviam percorrido o caminho de volta pela floresta e, quando chegaram à casa, viram Tanner Landing no portão, entraram em pânico e correram de volta ao campus para pedir ajuda. O tempo das chamadas aumenta. A garota Montgomery ligou primeiro e, em seguida, uma série de ligações se seguiram. Eu li todas as transcrições nove-um-um e ouvi as gravações. Todos eles parecem adolescentes em pânico.

“Nenhuma das histórias dos alunos parecia suspeita, e todas combinavam o suficiente para o meu gosto. Nenhum estava no meu radar no momento. Gwen Montgomery foi a única aluna que não questionei naquela noite. Os paramédicos a transportaram de ambulância para o hospital, onde ela passou o dia e a noite seguinte antes de darem alta. A essa altura, eu já estava investigando há um dia e já estava no encalço de Gorman.

“Conversei com o corpo docente naquela manhã depois de fazer perguntas aos alunos. Falei com o diretor assistente, Dr.

Christian Casper. Falei com alguns professores. O corpo docente era escasso porque era verão e a maioria dos professores tinha ido embora. Nada era interessante para mim durante essas entrevistas até que eu bati no duplex número quatorze. ”

“A casa de Gorman”, disse Lane.

“Assim que ele abriu a porta, eu sabia que algo estava acontecendo. Ele estava muito nervoso e evasivo com suas respostas.

Havia muitas inconsistências com relação a onde ele estava na noite anterior e com quem estava. Coloquei-o no topo da minha lista inicial e contei ao meu supervisor sobre minhas suspeitas. Foi no final do dia, depois que tiramos Tanner Landing da cerca e o levamos para o necrotério, que ganhamos acesso ao telefone do garoto. Descobrimos um vídeo que parecia ter sido filmado pela janela de um quarto. O vídeo retratou Charles Gorman...”

Ott olhou rapidamente para Rory e então tomou outro gole de cerveja.

“Uh ... no meio do coito e em estado de êxtase. ”

“Transando?” Lane perguntou.

“Sim. O vídeo era de Gorman fazendo sexo em seu quarto e estava...” O detetive Ott olhou para o teto enquanto procurava novamente as palavras. “O vídeo violou totalmente a privacidade e pode ser considerado bastante constrangedor. Mais tarde, soubemos que o garoto Landing havia carregado o vídeo em um site de mídia social. A linha do tempo mostra que ele fez isso algumas horas antes de ser morto. ”

Rory e Lane se entreolharam. Sócios no negócio há quinze anos e amantes há mais de uma década, eles precisavam apenas de contato visual para saber o que o outro estava pensando. O perfil do assassino de Lane incluía a probabilidade de que a morte de Tanner Landing - um dente de ferro forjado na cabeça - tivesse sido um ato de vingança. A notícia desse vídeo fez com que o pequeno oval no diagrama de Venn de Lane, aquele que incluía as características sobrepostas de Gorman e do assassino do Escola Preparatória Westmont, ficasse um pouco maior.

“Conseguí um mandado de busca no dia seguinte. Gorman não estava em casa quando os drs. Hanover e Casper destrancaram a porta da frente para

nós. Nós vasculhamos a casa e encontramos seu manifesto escondido em um cofre na parede de sua cova. ”

“Manifesto?” Rory perguntou.

“Três páginas manuscritas descrevendo em detalhes exatos o que ele planejava fazer com Tanner Landing e Andrew Gross.

Foi uma descrição literal da cena do crime. Ele nomeou suas vítimas. Ele descreveu a maneira como mataria cada um deles.

Mais tarde, soube que Gorman havia sido alvo de algum tipo de trote desses dois alunos. O vídeo foi a gota d’água e pareceu irritá-lo. Depois que encontramos o manifesto, tínhamos o suficiente para trazê-lo. O único problema é que não conseguimos encontrá-lo. Achamos que ele fugiu, então começamos a procurá-lo. Faça um all-points para rastreá-lo. ”

“Quando você o encontrou?”

“Um dos nossos uniformes estava na cena do crime, na pensão abandonada. Ainda estávamos coletando evidências naquele ponto. Quando ele fez uma varredura na área ao redor da casa, ele encontrou Gorman perto dos trilhos do trem. Ele pulou na frente do trem. Meu cara pensou que estava morto no início, mas não estava. Colocamos médicos no local e eles o mantiveram vivo. Eles o estabilizaram no hospital, mas ele ficou em coma por semanas antes de finalmente abrir os olhos.

Mas Charles Gorman nunca voltou para nós. Sua mente se foi. Lesão cerebral traumática o deixou em um estado vegetativo persistente. ”

“Cérebro morto”, disse Lane.

O detetive Ott acenou com a cabeça. “Ele acabou sendo transferido para o Hospital Psiquiátrico de Grantville para Criminosos Insanos. Em quatorze meses, ele nunca disse uma palavra. Os médicos dizem que ele nunca o fará. Eu vou vê-lo de vez em quando. Eu costumava ir para ter certeza de que ele sabia que eu o peguei. Ultimamente, porém, vou ver se ele é capaz de me dizer que entendi errado. Ele mal pisca quando estou na sala. Eu persegui algumas pistas depois que Gorman tentou se matar, apenas para amarrar pontas soltas. Eles nunca levaram a lugar nenhum. Gorman era o nosso cara, e pronto. ”

Rory ajustou os óculos novamente. “Isso se soma a um caso circunstancial bastante convincente”, disse ela. “Um homem com motivo de vingança e um manifesto que é praticamente uma confissão”.

“E achamos que Gorman entendeu isso, e é por isso que ele tentou acabar com sua vida.”

“A única coisa que nunca fez sentido foi o sangue não identificado?”

O detetive Ott inclinou a cabeça para trás e engoliu o resto de seu Lorde das Trevas. “E as crianças que ficam se jogando na frente dos trens.”

CAPÍTULO 43

RORY PEGOU A GARRAFA VAZIA DO DETETIVE E LEVOU PARA A COZINHA e entregou outra Dark Lord para ele. Ela serviu um para ela também.

- Obrigado - disse Ott quando Rory entregou a ele o copo de cerveja preta forte com uma espessa camada de espuma.

- Estou tendo a sensação de que você não veio aqui esta noite para questionar Lane.

“Não, vim para outra coisa”, disse Ott, olhando para Rory. “E eu vim sozinho por um motivo.”

Ela queria desviar o olhar, como faria normalmente quando alguém forçava o contato visual. Mas esta noite ela não o fez.

Esta noite ela sustentou o olhar do detetive porque sabia o que ele tinha vindo buscar.

“Sim”, disse ela. “Eu percebi que seu pequeno pit bull estava ausente.”

“Morris é um bom detetive, mas é jovem e inexperiente e segue estritamente as regras.”

“Mas você quebra as regras?” Lane perguntou.

“Quando eu preciso.” Ott continuou a olhar para Rory. “Transparência completa. Depois de falar com você no hospital, reconheci o nome e fiz algumas pesquisas. Então liguei para seu chefe em Chicago. Ron Davidson e eu temos um pouco de história juntos, e ele foi bastante convincente quando me disse que você é bom no que faz. Eu sei que os caras do estado

aqui embaixo trabalharam com você e o Dr. Phillips por meio do Projeto de Responsabilidade pelo Assassinato. ”

MAP foi a empresa que Lane criou para identificar assassinos em série. Ele desenvolveu um algoritmo que rastreou características específicas de homicídios em todo o país e encontrou semelhanças entre eles. Quando marcadores suficientes apareceram, um ponto de acesso foi criado e análises adicionais foram feitas para ver se as tags que o algoritmo pegou apontavam para uma única pessoa que cometeu os assassinatos. Até o momento, o MAP era responsável por descobrir uma série de assassinos em série, e o software estava sendo desenvolvido e licenciado para departamentos de polícia nos Estados Unidos.

“Seu trabalho em reconstrução forense é lendário”, disse Ott. “E, francamente, eu poderia usar um pouco de ajuda. Preciso de outra pessoa para dar uma olhada no caso da Escola Preparatória Westmont e vê-lo de uma nova perspectiva. Preciso de alguém que seja capaz de reunir casos não resolvidos e descobrir o que os outros perderam. ”

Ott endireitou os ombros e expandiu o peito. “Sou um homem orgulhoso e um bom detetive. Acredito que fiz tudo o que pude com o caso da Escola Preparatória Westmont. Mas se outra criança for para aquela casa e pular na frente de um trem, eu vou desmoronar. ”

A nuca de Rory estava molhada de suor e seus pulmões pararam por um momento até que ela ordenou que se expandissem.

“Eu preciso de acesso a tudo,” Rory disse antes que ela soubesse que as palavras estavam em seus pensamentos. “Se vou ajudar você, vou precisar de tudo.”

Ott assentiu como se já tivesse considerado isso.

“Vou precisar ver a cena do crime em primeira mão. Passe por isso pessoalmente. ”

Rory não mencionou que andar nas pegadas dos mortos era sua maneira de ter acesso às vítimas cujas almas esperavam pelo fechamento que ela poderia fornecer. Ela tinha seus próprios métodos e suas próprias filosofias quando se tratava de analisar um homicídio que nunca havia tentado explicar a outras pessoas. Ela sabia apenas que sua rotina permitia que ela

olhasse o que todo mundo tinha visto e pensasse o que ninguém mais pensara.

Ott acenou com a cabeça. “Eu posso fazer isso acontecer.”

“E eu vou precisar dos arquivos do caso. Não apenas o que você quer me alimentar, ”Rory disse. “Não apenas o que você daria ao público. Se você quiser que eu encontre algo que você possa ter perdido, vou precisar de tudo o que você tem. Na escola, nas crianças, em Gorman. Sem hesitar. ”

Ott passou a língua pelo interior da bochecha enquanto pensava nisso.

“Oficialmente, no que diz respeito ao público, temos o nosso homem. Se minha investigação sobre a morte de Mack Carter me diz o contrário, que assim seja. Mas, a partir de agora, o caso da Escola Preparatória Westmont está encerrado. O caso Carter está sendo tratado como uma morte suspeita e meu departamento está investigando todas as pistas disponíveis. É assim que meu chefe deseja, e vejo seu raciocínio. Se tivéssemos de reabrir formalmente uma investigação sobre os assassinatos do Escola Preparatória Westmont, os dominós começariam a cair. Além do medo público de que um assassino esteja entre nós, haveria repercussões legais. Ações judiciais das famílias das vítimas. Ações judiciais da família de Gorman. Cabeças rolariam, e a minha seria uma delas. Mas não oficialmente? Algo neste caso cheira mal, e preciso de ajuda para descobrir o que é. ”

Rory olhou para Lane para ter certeza de que ele estava a bordo, mas antes mesmo de seus olhos se encontrarem ela sabia que ele estava. Foi por isso que ele veio para Peppermill para começar, e porque ele tentou convencer Rory a se juntar a ele. Foi por isso que ele estocou a geladeira com o Lorde das Trevas e criou uma réplica de seu escritório na sala de três temporadas.

“Os loucos pelo crime verdadeiro que seguiram o podcast de Mack terão suas próprias teorias sobre o que aconteceu”, disse Lane.

“Sim, bem, hoje em dia todo mundo com interesse em crime pensa que pode fazer o dobro dos detetives com metade das informações. Os amadores podem criar todas as teorias que quiserem. Dois terços do que esses idiotas pensam que sabem está totalmente errado, e o outro terço é impreciso. ”

“Mesmo assim”, disse Lane, “o podcast de Mack teve um grande público. As pessoas vão falar, especialmente agora. Outros repórteres podem até

aparecer para terminar o que Mack começou. ”

“É por isso que estou aqui esta noite”, disse Ott. “Estou tentando chegar na frente dessa coisa. Ver se consigo descobrir o que está acontecendo antes que a equipe B apareça e exploda essa coisa. Vocês dois a bordo? “

Rory ajustou os óculos e percebeu que sua perna direita estava vibrando, fazendo os ilhós de sua bota de combate chacoalharem.

“Quando você pode me pegar seus arquivos?” ela perguntou.

CAPÍTULO 44

EM UMA MANHÃ RUÍM DE SEGUNDA-FEIRA, RYDER pegou seu carro no meio-fio do lado de fora da casa em South Bend pertencente à esposa do homem que havia desaparecido há mais de um ano.

Era uma das pistas listadas na lista de merda que seu editor lhe entregou na sexta-feira anterior. A história não era nova para ela. Ryder havia feito sua pesquisa sobre o misterioso caso do pai de dois filhos que um dia partiu em uma viagem de negócios e nunca mais voltou para casa. Ryder tinha escrito originalmente sobre isso em seu blog no ano anterior - Local Man vai desaparecendo sem deixar rastros - era exatamente sobre o que seu blog era. Os fãs de crime verdadeiro que a seguiram estavam ansiosos para participar de casos não resolvidos e perseguir pistas das quais a polícia e os detetives haviam desistido.

Qualquer pedaço de evidência que os detetives cidadãos encontraram que pudesse ajudar a resolver o mistério foi considerado um sucesso.

O interesse no homem desaparecido de South Bend morreu, no entanto, depois que as notícias dos assassinatos do Escola Preparatória Westmont roubaram a capa de todos os jornais de Indiana. À medida que os detalhes horríveis da cena do crime na escola foram surgindo, o interesse cresceu até que toda a nação começou a acompanhar o caso. Em apenas dois dias, o ciclo de vinte e quatro horas de notícias a cabo estava saturado de histórias da Escola Preparatória Westmont. Era a manchete nos programas matinais da rede, e a própria rainha da televisão matinal - Dante Campbell - tinha até dado o seu salto alto na outrora desconhecida cidade de Peppermill.

Com a mídia analisando exageradamente cada detalhe da história, quando a primeira brecha no caso veio - a descoberta de um manifesto de segurança

da parede do professor que descreveu os detalhes do massacre ocorrido na pensão abandonada - a notícia se espalhou como um incêndio. Quando aquele professor, Charles Gorman, tentou o suicídio, a cobertura da Escola Preparatória Westmont e dos assassinatos em Peppermill, Indiana, foi de ponta a ponta. O pai desaparecido de dois filhos de South Bend foi esquecido. O interesse pelo paradeiro dele aumentou e desapareceu, assim como o homem.

Ryder era tão culpado quanto qualquer outro jornalista. Ela aderiu ao movimento da Escola Preparatória Westmont junto com todos os seus colegas. A única diferença era que Ryder não aceitara tão facilmente o que a polícia oferecia sobre os assassinatos do Escola Preparatória Westmont. Quando Dante Campbell e os outros senhores da mídia noticiosa passaram a contar novas histórias e novos ultrajes, Ryder permaneceu em Peppermill. Ela e seus seguidores pensaram que havia mais na história, e Ryder passou a maior parte do ano perseguindo pistas e descobrindo inconsistências no caso. Seu trabalho árduo levou apenas a Mack Carter a conseguir seu próprio podcast e roubar sua história. Agora, além de Mack e seu podcast terem desaparecido, a chance de Ryder descobrir mais alguma coisa sobre a Escola Preparatória Westmont estava se esvaindo.

Ela havia pensado muito sobre a melhor maneira de responder ao seu rebaixamento. Sua primeira reação foi desistir. Se ela ainda pudesse contar com a renda de seu canal no YouTube, ela teria dito a seu chefe para dar o fora. Mas o YouTube a fechou e era improvável que ela visse outro centavo de seu canal. Ela precisava de seu trabalho no jornal para pagar as contas, e não tinha certeza de que tipo de dores de cabeça financeiras a esperavam devido ao processo pendente que os pais de Theo Compton impetraram. Não importava como ela imaginava as coisas, no momento Ryder Hillier estava preso fazendo o trabalho pesado para outros escritores. Esse trabalho começou em uma pequena casa em South Bend e um homem desaparecido chamado Marc McEvoy.

CAPÍTULO 45

DEPOIS TERMINOU SOBRE A ESCOLA PREPARATÓRIA WESTMONT, RYDER VOLTOU PARA suas outras histórias. Uma delas foi Marc McEvoy. Ele era um pai de dois filhos, de 25 anos, que certa tarde partiu para uma viagem de negócios e nunca mais voltou. Seu carro foi

encontrado no Aeroporto Internacional de South Bend, mas ele nunca mais foi visto. Além das postagens em seu blog sobre o caso, Ryder também escreveu artigos para o Star que narravam o mistério de Marc McEvoy. Os artigos eram, em sua maioria, atualizações breves sobre o caso paralisado e releituras de detalhes antigos, mas nunca nada substancial ou inovador. Desde o início, havia pouco para continuar. O homem simplesmente desapareceu.

Com a falta de detalhes, entretanto, geralmente há uma abundância de boatos. Eles variavam muito, desde Marc McEvoy escapando de um casamento fracassado, até sua fuga com sua amante, até sua esposa tê-lo matado e eliminado o corpo. Mas Ryder sabia que mulheres raramente matavam por outros motivos além da paixão, e até o momento não havia nenhuma evidência de que seu marido tivesse um caso. Também era raro encontrar qualquer suburbanito habilidoso o suficiente em assassinato para realizar um assassinato de forma tão limpa e precisa que não deixasse nenhuma evidência para trás. O

maluco que matou sua esposa e dois filhos alguns verões antes no Colorado foi preso pouco depois de concordar em dar uma entrevista na televisão, onde implorou para que sua família voltasse para casa. Seus olhos evasivos e frases gaguejantes diziam que até os piores jogadores de pôquer poderiam entender. Depois de praticamente se condenar pela televisão, a polícia vasculhou sua casa. Ele deixou tantas evidências físicas para trás que a polícia não demorou muito para prendê-lo. Até um assassino diabólico como Robert Durst tinha feito um péssimo trabalho ao se livrar do corpo de seu vizinho depois que ele o matou. Depois de desmembrar o corpo, ele tentou afundar as partes do corpo na baía de Galveston, mas não percebeu que os sacos plásticos pretos em que ele enfiara os membros logo se enchiam de gás quando as extremidades começavam a se decompor. Não muito depois de ele ter recolhido as evidências, os sacos inchados flutuaram para a superfície e se espalharam pela costa. Não demorou muito para que um transeunte desavisado rasgasse um. Durst foi preso no dia seguinte. Portanto, a teoria de que a esposa de Marc McEvoy, uma professora do ensino fundamental e membro do coro da igreja, havia cometido um homicídio tão perfeito e escondido o corpo no último ano era terrivelmente improvável. Ryder estava trabalhando na suposição de que Marc McEvoy

ainda estava vivo e lá fora em algum lugar. Se ela pudesse encontrá-lo, havia uma chance de salvar sua carreira.

A única notícia real - Ryder estava relutante em chamar a informação de uma pista - foi a descoberta de que a esposa de Marc McEvoy estava tentando cobrar uma apólice de seguro de vida de um milhão de dólares. Não era muito, mas poderia valer a pena uma investigação. Ryder subiu os degraus da frente e bateu na porta. Uma mulher respondeu um momento depois.

“Brianna McEvoy?”

“Sim?”

“Meu nome é Ryder Hillier, sou um repórter do Indianapolis Star. Eu queria saber se eu poderia te fazer algumas perguntas sobre o seu marido. ”

A mulher cruzou os braços. “O que você quer saber?”

“Estou escrevendo um artigo de acompanhamento sobre seu marido, e a polícia divulgou detalhes sobre uma apólice de seguro de vida.”

Brianna McEvoy revirou os olhos. “Tenho duas meninas e estou tentando descobrir como criá-las sozinha. Não tenho ideia do que dizer a eles quando perguntam onde está o pai. Você realmente acha que me importo com o que as pessoas pensam sobre uma apólice de seguro de vida? Ele o tirou há três anos. Não são notícias de última hora. Estou tentando cobrar porque não consigo pagar as contas com o salário de um professor sozinho. ”

A mulher deu um passo mais perto e olhou nos olhos de Ryder.

“Parece que uma mãe de dois filhos, que ensina na comunidade, mataria o marido, o pai dos filhos, para pagar um seguro de vida? Minha sugestão para a polícia e todos os jornalistas é que parem de assistir televisão e passem algum tempo descobrindo o que aconteceu com meu marido ”.

Ryder sentiu uma corrente de ar em seu rosto quando a esposa de Marc McEvoy bateu a porta da frente. Ela se lembrou por que odiava o trabalho pesado de perseguir pistas. Ela enfiou o cartão de visita na fresta do batente da porta e voltou para o carro. A página amassada de leads repousava no banco do passageiro. Ryder fechou os olhos e beliscou a ponta do nariz. Que show de merda. Poucos dias antes, ela estava feliz escrevendo sobre o crime para um dos maiores jornais de Indiana. Ela tinha um blog popular

sobre crimes verdadeiros e um canal no YouTube que complementava muito bem sua renda. Agora sua carreira tinha ido para o inferno. Ela estava perseguindo histórias sem saída e entregando qualquer coisa útil para outros repórteres para escrever a história.

Seu telefone vibrou. Ela não reconheceu o número.

“Ryder Hillier.”

Houve silêncio do outro lado.

“Olá? Você ligou para Ryder Hillier. ”

Uma mulher clareou sua voz. “Esta é Paige Compton. A mãe de Theo. ”

Ryder ergueu as sobrancelhas e olhou ao redor de seu carro como se ela tivesse acabado de ser pega fazendo algo ilegal.

“Oi.”

“Eu preciso falar com você.”

“Sra. Compton, quero me desculpar por fazer aquela filmagem do seu filho. Foi irresponsável e tão impróprio para mim colocar isso nas redes sociais. Isso mostrou uma total falta de julgamento da minha parte. ”

Houve um longo silêncio e Ryder pensou que a conexão havia morrido. Ela olhou para o telefone para se certificar de que o cronômetro de chamadas ainda estava funcionando.

“Além disso,” Ryder finalmente continuou, “quero que você saiba que meu jornal não tem nada a ver-”

“Não me importo com o vídeo”, disse a sra. Compton, interrompendo-a. “O processo não foi ideia minha. Meu advogado foi quem sugeriu isso. Ele disse que eu deveria ir atrás do jornal porque havia uma boa chance de que eles chegassem a um acordo fora do tribunal. Ele me disse que eu tinha que ir atrás de você primeiro, mas não estou interessado em nada disso.

Nenhuma quantia de dinheiro trará Theo de volta. Vou até desistir se você concordar em me ajudar. ”

Ryder empurrou o telefone com mais firmeza contra seu ouvido. “Ajudar com o quê?”

Houve outro longo período de silêncio.

“Sra. Compton? Te ajudar com o quê? ”

“Theo me ligou na noite anterior... faleceu. Ele queria me avisar. ”

Ryder se inclinou para frente em seu assento, sua visão focando em um ponto no painel. “Avisar sobre o quê?”

“Ele e seus amigos se meteram em algum tipo de problema.”

“Que tipo de problema?”

A Sra. Compton pigarreou. “Não quero fazer isso por telefone. Podemos conversar pessoalmente? ”

“Quando?” Ryder perguntou sem hesitação.

“Agora, ou assim que você puder chegar.”

“Onde fica aqui, senhora?”

“Cincinnati.”

Cincinnati ficava a quatro horas de carro. Ryder repassou uma lista mental de prazos que ela precisava cumprir para manter seu emprego. Perseguir a história de Theo Compton e os assassinatos de Escola Preparatória Westmont não estavam nessa lista.

“Eu posso ir neste fim de semana”, disse Ryder. “Sexta-feira.”

Ryder rabiscou o endereço na nota, rabiscando as outras pistas que ela tinha a tarefa de perseguir. Ela sublinhou o endereço, rabiscando o nome de Marc McEvoy no processo.

CAPÍTULO 46

AS PERNAS DE GWEN MONTGOMERY TORCERAM COMO ELA SONHOU. Ela estava tentando correr pela floresta escura, mas só conseguiu dar um ou dois passos antes que seus pés afundassem na lama espessa.

Com grande esforço, ela puxou o pé da terra, criando um alto ruído de sucção no processo. Então ela tentou correr novamente. Assim que ela transferiu o peso para o pé, ele mergulhou no solo macio. Seu progresso foi dolorosamente lento até que ela finalmente alcançou a borda da floresta. Lá, ela viu a pensão. Ela sentiu o sangue pegajoso nas mãos e no peito e ansiava por correr para dentro e se lavar, enfiar as mãos sob o jato de água

da torneira da cozinha e deixar o sangue escorrer de suas mãos e escorrer pelo ralo. Ele desapareceria então, e ela nunca mais teria que pensar em sua origem.

De repente, seus pés estavam livres da lama e ela correu em direção à casa. Então ela viu o portão de ferro forjado e o corpo empalado nele. A luz da lua iluminou o rosto inchado e desfigurado de Tanner Landing, seus olhos meio abertos com o olhar vazio da morte, a ponta do portão aparecendo no topo de sua cabeça. Ela soltou um grito gutural enquanto corria para ele e tentava levantá-lo do portão. O corpo dele estava molhado e, quando ela olhou para as mãos, elas estavam cobertas de mais sangue do que quando ela deixou a floresta.

Ela chamou Gavin. Não houve resposta. Ela ligou de novo e de novo até que seus esforços finalmente a acordaram. Ela se sentou na cama e sabia que estava acontecendo de novo. A vibração em seu peito, o suor em volta do pescoço e nas costas, a incapacidade de lidar até mesmo com os estímulos mais rotineiros. Ela se assustou quando ouviu dois colegas rirem no corredor ao passarem por seu dormitório. Sua respiração era superficial e difícil quando ela se levantou da cama e ficou em seu quarto; um ataque de pânico era iminente. Ela pensou em falar com Gavin. Ele sabia sobre os pesadelos. Gavin sabia de tudo. Mas sua voz antes reconfortante havia perdido o efeito nos últimos meses. Eles eram os únicos que restavam e haviam viajado muito por essa estrada escura. Até agora, na verdade, Gwen não tinha certeza se eles encontrariam uma saída. Ou se a saída fosse o que ela realmente queria. Sair dessa estrada agora não seria alegre. Isso levaria a uma estrada diferente, muito mais escura e sinistra do que a atual. Mas o caminho em que estavam - aquele que todos eles haviam percorrido naquela noite na floresta - estava se provando não apenas insalubre, mas também perigoso.

Ela prendeu o cabelo em um rabo de cavalo, vestiu uma calça jeans e uma regata pela cabeça. Ela deixou Margery Hall e correu pelo campus para o Teacher's Row. Ela bateu no número quatro. Um momento depois, o Dr. Hanover atendeu.

“Gwen, o que está acontecendo?”

Desde os eventos de 21 de junho do ano passado, quando Tanner e Andrew foram mortos, todos os alunos da Escola Preparatória Westmont foram

vigiados de perto. Depois que Bridget Matthews entrou na frente do trem, aqueles em seu círculo imediato foram examinados de perto. Gwen, com seu comportamento nervoso, crises de depressão, perda de peso e ataques de pânico, tinha sido monitorada mais de perto do que qualquer um deles. Em uma reunião com seus pais e o Dr. Casper, a Dra. Hanover anunciou que transferiria Gwen para sua agenda de aconselhamento. Como reitora de alunos da Escola Preparatória Westmont, a Dra.

Gabriella Hanover não queria mais tragédias atrás das paredes da escola. Apesar dos drs. Os esforços de Hanover e Casper, após o suicídio de Bridget, Danielle e Theo logo seguiram. A condição de Gwen continuou piorando.

Gwen bateu no peito agora, enquanto estava do lado de fora da casa do Dr. Hanover. “Eu não consigo respirar. Eu não consigo pensar. Estou enlouquecendo.”

“Entre”, disse o Dr. Hanover, movendo-se para o lado. “Vai ficar tudo bem.”

Dentro do escritório, Gwen se sentou em seu lugar habitual na cadeira em frente ao Dr. Hanover.

“Respire fundo e me diga o que está acontecendo”, disse a Dra. Hanover em sua voz suave.

“Tive outro sonho. Estou tendo um ataque de pânico e estou sem Xanax. ”

“O Xanax era uma muleta com a qual concordei apenas no início. O plano era fazer com que você controlasse melhor sua ansiedade sem medicação. Conte-me sobre o sonho. ”

Gwen balançou a cabeça. Era aqui que ela sempre precisava ter cuidado. Ela não se sentia confortável falando com o Dr.

Hanover e nunca poderia ser tão aberta nessas sessões como era com o Dr. Casper.

“Eu estava na floresta. De volta para casa. Eu vi Tanner... o portão.”

“É natural ter flashbacks fortes, especialmente quando você dorme. Faz parte do processo. Sua mente está eliminando esses pensamentos. No início,

“você os bloqueou. Agora sua mente está trabalhando para purificá-los. Você tem feito o registro no diário?”

Gwen balançou a cabeça.

“Seu diário é onde você pode se preocupar”, disse Hanover. “Seu diário é onde você pode se estressar. Você deve armazenar toda a sua ansiedade, raiva e medo nessas páginas para que, ao fechar o diário, todas essas coisas fiquem lá e não possam interferir em sua vida cotidiana.”

Mas eles iriam, Gwen sabia. Purgar suas preocupações nas páginas de seu diário as tornaria reais. Isso traria as coisas que ela fez à vida, onde atualmente ela poderia fingir que não existiam. Somente em momentos como este, quando a realidade do que eles haviam feito a assombrava tão profundamente, ela se arriscava a se expor. Ela passou um ano inteiro lutando contra a flutuabilidade de seu segredo, trabalhando todos os dias para mantê-lo escondido sob a superfície.

“Ok,” ela finalmente disse, sua voz plana e não convincente. “Vou tentar.”

“Ótimo”, disse Hanover. “Escreva todo o seu sonho. Tudo que você pode lembrar. Vou verificar você esta noite. Vamos discutir tudo.”

Gwen acenou com a cabeça e se dirigiu para a porta.

“Gwen”, disse Hanover.

Gwen se virou antes de chegar à porta.

“Você ficará surpreso com a utilidade do registro no diário. Cada um dos meus alunos se beneficiou com isso.”

Gwen acenou com a cabeça e depois voltou para a porta. Quando ela saiu, ela finalmente exalou. Ela desceu apressada a Teacher’s Row e subiu os degraus do duplex número dezoito, onde tocou a campainha. Um momento depois, o Dr. Casper atendeu a porta.

“Gwen”, disse o Dr. Casper. “A que devo o prazer? Faz um tempo que não vejo você.”

“Eu preciso falar.”

Os olhos do Dr. Casper se estreitaram de preocupação. “Claro. O que está em sua mente?”

Gwen mordeu o lábio inferior enquanto pensava no que estava prestes a dizer. “No verão passado e tudo o que aconteceu.”

As sobrancelhas do Dr. Casper se ergueram uma fração de centímetro. “Você não tem falado com o Dr. Hanover sobre isso?”

Todos nós decidimos que era melhor você ver o Dr. Hanover depois de tudo o que aconteceu. ”

“Todos nós não decidimos. Dr. Hanover e meus pais decidiram. Você concordou e eu não tive nenhuma palavra a dizer. ”

A expressão do Dr. Casper suavizou quando ele olhou para seu ex-paciente. “Mesmo assim, Gwen. Uma decisão foi tomada e acho melhor continuarmos com ela. Fale com a Dra. Hanover, ela é uma médica muito habilidosa. ”

“Não posso contar tudo a ela.”

Dr. Casper semicerrou os olhos. “Como o quê?”

Um momento de silêncio inchado preencheu o espaço entre eles.

“Não contamos à polícia tudo sobre aquela noite.”

“Quem não contou à polícia?”

“Meus amigos e eu.” Gwen passou a mão pelo topo da cabeça e desceu pelo rabo de cavalo. “Posso entrar?” ela finalmente perguntou.

Depois de um momento de hesitação, o Dr. Casper assentiu e Gwen passou por ele e entrou na casa.

ESCOLA PREPARATÓRIA WESTMONT

Verão de 2019

Sessão 5

Anotações no diário: ORIENTAÇÃO

EU RESPONDI TODAS AS SUAS PERGUNTAS SOBRE MEU PAI.

Eu era jovem e estava em choque. Minha mãe se foi e agora meu pai tirou a própria vida. Que tragédia terrível. Todos eles me olharam com pena e tristeza. Eles acreditavam que eu não tinha chance em uma vida que me deu uma mão tão trágica em uma idade tão jovem.

Aceitei sua pena e absorvi sua tristeza, mas reconheci o que realmente era - fraqueza. A polícia, os assistentes sociais e o advogado especial nomeado pelo tribunal olharam para mim - a criança repentinamente sem pais - com tanta fraqueza que me deixou doente.

Eles disfarçaram sua aflição e tentaram fingir que era simpatia. Mas eu sabia que por trás de seus sorrisos tristes e por trás de seus olhos tristes estava o medo. Trabalhar comigo era como trabalhar com um leproso. Como se eles chegassem muito perto, eles pegariam qualquer maldição que tivesse tocado minha vida. Senti sua fraqueza e a reconheci imediatamente. Foi algo que uma vez me atormentou. Eu tinha tomado a decisão de nunca permitir que aquele sentimento me dominasse novamente. Nunca mais seria o covarde que olha pelo buraco da fechadura. Jurei superar tudo isso para poder levar minha nova perspectiva para o mundo e começar o trabalho árduo de corrigir as coisas.

O que tocou minha vida não foi uma maldição, mas a iluminação. Levei um pouco de tempo para perceber isso totalmente.

Assim que o fiz, coloquei minha vida em ordem e vim para o Escola Preparatória Westmont. Então eu te encontrei.

Puxei a borla e fechei meu diário. A mulher olhou como se quisesse mais de mim hoje.

“Minha mãe se foi. Eu tinha matado meu pai. Eu estava sozinho no mundo, até te encontrar. Desde então, você tem guiado minha vida. Você guiou minhas decisões. Cada um deles. ”

Eu a encarei por um longo tempo. Eu não preciso dizer mais; ela entendeu minhas palavras. Ela entendeu como ela moldou minha vida.

“Você tem vergonha de mim?” Eu perguntei.

Houve um longo momento em que ela sustentou meu olhar. Então, finalmente, ela piscou.

“De jeito nenhum.”

CAPÍTULO 47

TODOS ELES FICARAM EM SEUS LUGARES NO LABORATÓRIO DO SR. GORMAN verificando mensagens de texto e jogando em seus

telefones. A sessão de verão era diferente do ano escolar normal, quando os telefones nunca eram permitidos na sala de aula. Os telefones mal eram permitidos fora do dormitório. Mas no verão, as coisas eram mais relaxadas. Eles esperaram pela chegada do Sr. Gorman para iniciar seu projeto de laboratório.

Andrew Gross foi até a mesa de Gwen.

“Aqui”, disse Andrew enquanto jogava um saco de papel no centro da estação. Gwen e suas amigas ficaram olhando para ele.

“Melhor se apressar antes que Gorman apareça”, disse Andrew.

Gwen puxou a bolsa e olhou para dentro, então ela despejou o conteúdo na bancada. Uma ratoeira de madeira barata e um rolo de fita adesiva foram desenrolados.

Andrew apontou para eles. “Um de vocês tem que armar a armadilha e então prender com fita na parede ao lado do interruptor de luz no banheiro. Quando Gorman sair para mijar, o que ele faz em algum momento durante cada laboratório, ouviremos sobre isso.”

Gwen balançou a cabeça. “Prender na parede?”

Andrew acenou com a cabeça.

“De jeito nenhum,” ela disse.

“Sem chance.” Isso veio de Gavin, que também estava balançando a cabeça.

Theo e Danielle se afastaram do balcão com sorrisos em seus rostos. Theo balançou a cabeça. “Não.”

- Eu farei isso - disse Tanner, estendendo a mão para a armadilha.

“Não faça isso.” Bridget agarrou seu pulso. “Você terá muitos problemas.”

Andrew sorriu enquanto se afastava. “Vocês resolvem, mas lembrem-se do que acontece se você não completar um desafio.”

Andrew juntou-se aos outros idosos que os observavam.

“Estou fazendo isso”, disse Tanner.

Gwen balançou a cabeça. “Vai quebrar o dedo dele.”

“É uma pequena ratoeira barata, não quebra o dedo de ninguém. Você deveria estar me agradecendo, não tentando me convencer do contrário. ” Tanner olhou cada um deles nos olhos. “Sem mim, nenhum de vocês teria a chance de fazer isso. Eu sou o único com os cojones para fazer isso. ”

Tanner agarrou a ratoeira e a fita, olhou ao redor do laboratório e saiu para o corredor. Um minuto depois, a descarga deu descarga e Tanner voltou para o laboratório com um sorriso estúpido no rosto. Ele voltou para sua estação assim que o Sr.

Gorman entrou no laboratório.

“Cheguem às suas estações”, gritou Gorman.

Os alunos se aquietaram abruptamente, sufocando o riso com sorrisos questionadores em seus rostos. Gwen balançou a cabeça quando Gavin olhou para ela.

“É uma má ideia”, disse ela.

O Sr. Gorman desempacotou suas coisas em sua mesa na frente da sala. Ele usava uma camisa de botão de manga curta mal ajustada. Seus braços finos e peludos pendurados nas mangas, e os círculos escuros de seus mamilos apareciam através do tecido fino de cada lado de sua gravata torta.

“Hoje estaremos misturando os compostos para demonstrar a reação de Briggs-Rauscher. Como sempre ”, disse Gorman, colocando seus grandes óculos de proteção no rosto, “ a proteção para os olhos deve estar instalada o tempo todo e as capas de ventilação ajustadas para o alto ”.

O Sr. Gorman levou quinze minutos para rabiscar instruções no quadro-negro e mais dez para certificar-se de que cada estação tinha os ingredientes corretos. Um dos produtos químicos precisava ser aquecido até ferver e, assim que cada grupo colocasse seus frascos sobre os bicos de Bunsen, Gorman colocou todos em uma vigília de dez minutos, onde monitorariam o ponto de ebulição rastreando o progresso do termômetro. Com os alunos ocupados e uma pausa no experimento, Gwen observou o Sr. Gorman deslizar para o corredor.

Tanner mordeu o lábio inferior antes de sorrir.

“Putá merda”, ele sussurrou.

A energia nervosa encheu a sala. Eles ouviram o barulho das dobradiças da porta do banheiro e, um segundo depois, um estalo alto.

“Droga!”

A voz do Sr. Gorman ecoou pelos corredores vazios. Os alunos tentaram abafar suas risadas, Tanner sendo o menos bem-sucedido. Quando o Sr. Gorman voltou para o laboratório, sua mão direita estava enfiada sob a axila e ele segurava a ratoeira com a esquerda.

“Quem diabos fez isso?” ele gritou quando entrou na sala.

Até então, todos os alunos, exceto Tanner, conseguiram se controlar. Gwen estava assustada e todos os outros mostravam expressões de choque. Tanner pressionou os lábios com força para suprimir um sorriso.

“Quem fez isto?” O Sr. Gorman gritou novamente.

Gwen avançou. “O que aconteceu?”

“Alguém prendeu isso no interruptor de luz.”

“Deixe-me ver”, disse Gwen.

O Sr. Gorman olhou para ela.

“Não foi nenhum de nós,” ela disse enquanto o olhava nos olhos. “Todos nós entramos no laboratório um pouco antes de você.” Gwen acenou com a cabeça. “Deixe-me ver.”

O Sr. Gorman estendeu a mão. Seus dedos indicador e anular estavam vermelhos e inchados, com uma linha de demarcação clara nas juntas.

Gwen tocou levemente seus dedos. “Você acha que eles estão quebrados?”

O Sr. Gorman puxou lentamente a mão e flexionou os dedos. “Volte para a sua estação.”

Gwen acenou com a cabeça e voltou para seu lugar ao lado de Gavin.

O Sr. Gorman engoliu em seco e olhou para o grupo de alunos. “Se o seu frasco estiver fervendo, vá para a etapa dois”, disse ele antes de voltar para a mesa e jogar a ratoeira no lixo.

Tanner esclareceu sua voz. Foi um péssimo trabalho esconder sua risada.

Era 13 de junho.

CAPÍTULO 48

NO DIA SEGUINTE, CHARLES GORMAN ENTROU NA SALA DOS PROFESSORES. Ele pegou uma bandeja e caminhou até a estação do bufê, onde escolheu cuidadosamente seus itens de almoço -

frango assado com vegetais, uma xícara de pudim de chocolate e uma bebida. Ele levou sua bandeja até uma mesa onde Gabriella Hanover e Christian Casper estavam sentados.

“O que aconteceu com você?” Perguntou Gabriella.

Charles foi à farmácia após o período de laboratório e comprou uma tala para os dedos doloridos. Agora, seus dedos indicador e anular estavam imobilizados por um pedaço de metal forrado de esponja e envolto em fita cirúrgica branca.

Charles colocou sua bandeja sobre a mesa e se sentou.

“As partidas de verão começaram de novo.”

“Quem?” Perguntou Gabriella.

“Provavelmente Tanner Landing. Incentivado, tenho certeza, por Andrew Gross. ”

“Falei com Andrew no ano passado, quando Jean Rasmussen estava sendo enganado. O guaxinim morto e as roupas íntimas penduradas na biblioteca. Eu o avisei então e tive uma longa discussão com seus pais. ”

Charles encolheu os ombros. “Acho que ele não entendeu a mensagem.”

“O que aconteceu?” Perguntou Christian Casper. “Teremos que tomar medidas sérias se ocorrer qualquer agressão.”

Charles balançou a cabeça. “Eles nunca vão admitir isso, e os bastardos presunçosos sabem que eu não serei capaz de provar nada.”

“Como isso aconteceu?” Christian perguntou novamente.

“Eles colaram uma ratoeira no interruptor da luz do banheiro.”

“Essas merdinhas”, disse Gabriella.

“Eu não acho que foram todos eles. Apenas um ou dois. ”

“Mesmo assim”, disse Gabriella. “Não podemos suportar isso. Vou convocar uma reunião do corpo estudantil para impedir isso antes que avancemos muito no verão. ”

PARTE VI

Agosto de 2020

CAPÍTULO 49

DETETIVE OTT ESTACIONOU O CARRO E DESLIGOU O MOTOR.

Eventualmente, seus faróis se apagaram e apenas o halogênio do poste iluminou o estacionamento. As delegacias do Departamento de Polícia de Peppermill estavam às escuras; apenas algumas almas estariam trabalhando no turno da noite, incluindo os policiais de ronda que estariam fora de casa em suas viaturas após a mudança de turno, o sargento responsável que estaria em seu escritório e os despachantes que não iriam bater um olho em um detetive entrando no escritório à uma hora da manhã.

Ele não poderia contar a ninguém o verdadeiro propósito de sua presença na delegacia esta manhã, e ele tinha uma história de cobertura para qualquer um que encontrasse. Ele pesou as probabilidades e decidiu que realizar esse roubo durante o horário comercial normal seria impossível. Havia muitas pessoas no escritório durante o dia, e seu jovem protegido o seguia como uma sombra quando eles estavam de serviço. As horas escuras da noite lhe deram a melhor chance de permanecer invisível.

Ele empurrou a porta do carro e entrou na umidade do meio da noite. Em seguida, ele enfiou a mão no banco de trás, puxou o paletó do cabide e enfiou os braços nas mangas antes de caminhar em direção à porta da frente. Ele passou sua carteira de identidade para ter acesso ao saguão e passou pela recepção, onde o guarda noturno deu um sorriso grogue e um aceno.

“Detetive.”

“Como você está, Donny?”

“Vivendo o sonho.”

“Você e eu, camarada. Você e eu. “

O detetive Ott entrou no fosso, onde ele e outros doze detetives formavam a equipe de investigadores da Força Policial de Peppermill. Ele serviu uma xícara de café e misturou açúcar no copo de isopor enquanto examinava as coisas. Apenas um outro detetive estava presente - Gene Norton - que estava caçando e digitando em seu teclado com tanta concentração que Ott sabia que devia estar trabalhando em um prazo de relatório. Norton odiava computadores mais do que qualquer detetive da polícia e demorava o dobro do tempo de qualquer outra pessoa para digitar seus relatórios.

Ott sentou-se em seu cubículo, puxou os casos ativos em que estava trabalhando e registrou-se em um arquivo para ter uma cobertura por estar no escritório tão tarde. Ele salvou alguns trabalhos do início do dia e começou a digitar um relatório. Ele era mais eficiente do que seu colega e, depois de dez minutos, tinha tudo concluído. Ele deixou a caixa aberta e se levantou de sua mesa. Norton ainda estava bicando, jurando como sempre fazia que as teclas não estavam no mesmo lugar que estavam no dia anterior - um medo permanente desde que os caras reorganizaram as letras de seu teclado.

De seu cubículo, Ott foi até a sala de evidências. Ele novamente usou seu cartão de identificação para entrar e então agarrou a caixa contendo todas as evidências do caso que ele havia puxado em seu computador. Ele pegou outra caixa também e levou as duas para sua mesa. Ele sentou e esperou por um minuto, ouvindo Norton bicar e xingar. Finalmente, ele pegou a segunda caixa e foi até a copiadora. Metodicamente, ele colocou cada seção no alimentador automático de documentos. Do lado de fora, ele esperou pacientemente enquanto a máquina fazia o trabalho com um ruído alarmante, mas eficiente. Assim que uma seção foi concluída, ele colocou as páginas copiadas em uma nova caixa, devolveu o original ao seu lugar apropriado e reiniciou o processo com a próxima seção. Demorou minuciosos vinte e dois minutos para copiar todo o conteúdo da caixa, e Ott notou a cabeça de Gene Norton estalando por cima de seu cubículo em algum lugar no meio dele, e Ott ergueu o queixo na direção de Norton.

“Frickin ‘prazo final”, disse Norton. “E meu teclado está bagunçado de novo. Você sabe alguma coisa sobre isso? “

“Não fui eu”, disse Ott.

Norton desapareceu em seu cubículo e Ott enfiou a última seção do arquivo no alimentador. Cinco minutos depois, ele juntou a caixa original de volta e a levou, junto com a caixa que continha as cópias, para sua mesa. Ele colocou a caixa copiada de lado e carregou as outras duas de volta para o Evidence, passou o cartão-chave novamente e os recolocou em seus lugares apropriados.

Ele não se incomodou em se despedir de Norton, mas acenou com a cabeça para Donny ao sair. Ele colocou a caixa no banco de trás do carro e saiu do estacionamento. Os arquivos representavam o caso que o acordara às três da manhã no verão anterior. Ele não teve uma boa noite de sono desde então.

Ele se perguntou se as coisas mudariam em breve.

CAPÍTULO 50

RORY SENTAVA-SE NA SALA DE TRÊS TEMPORADAS DA CASA DE CAMPO. A boneca Kiddiejoy estava deitada na mesa na frente dela com a Luminária de haste curva puxada para iluminar o rosto da boneca. A área reparada da orelha e da bochecha - que Rory reconstruiu habilmente com papel machê e argila de porcelana fria - estava agora endurecida e pronta para esculpir. Ela começou a trabalhar com suas escovas Foldger-Gruden, usando as alças pontiagudas para esculpir pequenos sulcos que se tornariam o detalhe da cartilagem da orelha. Para isso, ela trabalhou sem uma foto de referência. Tudo o que ela precisava estava armazenado em sua mente quando ela pesquisou a boneca, como se a imagem do que ela esperava alcançar estivesse sentada em um cavalete à sua frente e sob os holofotes.

Rory metodicamente progrediu através das escovas, movendo-se de maçante a afiada e terminando com a ponta de pinheiros needlelike que facilmente esculpido através do barro. Sua concentração era tão intensa que sua visão ficou obstruída e ela mal se lembrou de piscar. Cada sulco fino que ela criou exigia a precisão repetitiva de um artista e o foco de um cirurgião. Os chamados de sua mente para repetir e aperfeiçoar, que ela guardava durante as horas de sua vida que não passava restaurando bonecas, foram eliminados em sua estação de trabalho. Aqui, esses pensamentos perturbadores foram úteis e necessários.

Quando ela completou esculpir a orelha, ela se mudou para a borda da boca e talhou uma costura perfeita no canto dos lábios da boneca. Ela terminou por meio da reconstrução do canto externo do olho esquerdo. Foi detalhado trabalho que levou horas.

Após cortar a última notch, ela deslizou a escova em seu bolso, surpreendeu o resíduo e, finalmente, recostou-se na cadeira.

Como luzes de teatro lentamente iluminando na conclusão de um filme, a visão de Rory se arregalaram. A boneca era estruturalmente volta juntos. A textura e cor estavam fora, então o próximo passo seria lixar suavizar as áreas ela reparados e depois vitrificar a porcelana com um revestimento de epóxi para apagar a rede de fissuras. Finalmente, ela iria polir e pintar a superfície, o que traria a volta boneca à sua beleza original. Ainda havia muito a ser feito, mas depois de apenas três sessões que ela tinha feito grandes progressos.

A batida da porta de um carro quebrou sua concentração. Quando a campainha tocou, ela olhou para o relógio. Era um PM

Ela estava trabalhando ininterruptamente por três horas e havia perdido a noção do tempo. Puxando a lâmpada pescoço de ganso para o lado, ela colocou a boneca Kiddiejoy de volta na caixa de viagem. Ela encontrou os óculos e os ajustou no lugar, em seguida, vestiu o blusão cinza para combinar com o jeans. Ela o abotoou até o fecho superior perto do pescoço e puxou o boné. Suas botas de combate cobriam seus pés e completavam seu equipamento de batalha. No caminho para a porta da frente, ela agarrou sua mochila e jogou-a sobre o ombro. Lane estava cochilando no andar de cima e Rory decidiu não interromper seu sono, que os médicos haviam avisado que viria em longos períodos enquanto seu cérebro se curava da concussão. Ela abriu a porta e o detetive Ott estava esperando na varanda.

“Esta pronto?” ele perguntou.

Rory acenou com a cabeça. Hoje ela andaria pela cena do crime - a pensão abandonada escondida na floresta na borda do campus da Escola Preparatória Westmont, onde dois estudantes foram mortos um curto ano antes. Ela sabia o que estava por vir. Ela sabia o que esperava lá. Era a mesma coisa que esperava em cada cena de crime que ela analisava - as almas daqueles que haviam perdido suas vidas. O objetivo de Rory era

senti-los e se conectar com eles para que, eventualmente, ela pudesse se comunicar com eles de sua própria maneira sutil. Sua conexão com as vítimas não era física e sua comunicação não era verbal. Para aquelas almas perdidas, Rory fez uma promessa simples - conduzi-las a um lugar adequado de descanso, onde paz e calma seriam encontradas.

Em sua carreira de reconstrucionista forense, Rory Moore nunca quebrou uma promessa.

CAPÍTULO 51

ELE SENTOU-SE NO ASSENTO DO PASSAGEIRO ENQUANTO DETETIVE OTT DIRIGIA PELAS ruas de Peppermill. Rory nunca tinha sido confortável na presença de estranhos, policiais ou de outra forma. Aviões e carros, em particular, eram lugares de agitação. Talvez um toque de claustrofobia adicionado ao seu desconforto, mas a maioria era seu descontentamento ao longo da vida com a companhia do outro em tão perto. Anos atrás, a pista tinha rapidamente quebrado através de suas paredes para se tornar o único homem que não seja seu pai, ela permitiu tocá-la fisicamente. Então, agora, enquanto eles dirigiam, Rory sentiu um tremor familiar no peito. Era um sinal de que a linha IV proverbial que ofereceu um lento gotejamento constante de ansiedade diretamente em seu sistema circulatório tinha sido aberto um entalhe mais amplo.

“Tínhamos duas opções”, disse Ott. “Nós poderíamos tomar parte de trás caminho-entrada menos conhecida que é acessível a partir de Route 77. Esta foi a rota as crianças tomaram a noite de junho vigésimo primeiro. Ou poderíamos ser mais transparente e atravessar os portões da frente de Escola Preparatória Westmont. Desde que eu estou tentando o meu melhor para não perder meu trabalho, nós estamos tomando o caminho mais transparente. Eu disse o decano dos estudantes que eu precisava de acesso à casa e faixas que correm ao lado como um follow-up para a minha investigação sobre o suicídio de Theo Compton.

Ela concordou em nos acompanhar “.

Rory acenou com a cabeça. “Provavelmente a melhor maneira de fazer isso.”

Eles viraram no Champion Boulevard e pararam nos dois pilares de tijolos conectados pelo alto portão de ferro forjado sobre o qual arqueava um

leiteiro de concreto que anunciava ESCOLA PREPARATÓRIA WESTMONT.

O detetive Ott parou no alto-falante, apertou o botão e estendeu seu distintivo para fora da janela para ser examinado.

“Bem-vindo ao Escola Preparatória Westmont”, uma voz feminina soou pelo alto-falante.

“Detetive Ott para ver o Dr. Hanover.”

Um momento depois, os portões de ferro se abriram para dentro, como dois braços dando-lhes as boas-vindas em um abraço.

Ott parou no estacionamento de um visitante. Rory abriu a porta, ajustou os óculos e o gorro e depois seguiu o detetive Ott em direção ao prédio principal com suas quatro colunas góticas resistentes ao sol da tarde. Um homem e uma mulher esperavam na escada. Rory presumiu que fossem Christian Casper e Gabriella Hanover, os co-reitores dos alunos. Eles pararam ao lado de um carrinho de golfe.

“Dr. Hanover ”, disse Ott. “Bom te ver.”

“Você também, detetive.”

Eles apertaram as mãos.

“Dr. Casper - disse Ott, apertando as mãos novamente. “Este é Rory Moore. Ela está trabalhando como consultora e estará me ajudando hoje. ”

Dr. Hanover estendeu a mão, que Rory não demorou. Não poderia, realmente. Ela nunca tinha sido capaz de apertar as mãos com estranhos, ou qualquer outra pessoa para essa matéria. Seu cérebro não estava ligado a fazê-lo. Ela não era uma germophobe e não tinha aversão à doença. Sua relutância em apertar a mão de outro partiu da mesma aflição que derramou suor pelas costas assim que fechou a porta do carro do carro seu desagrado geral de Henrique Ott com interação humana. A aflição não podia nem ser explicada por Rory nem ser compreendido pelos outros. Era simplesmente como ela tinha vivido durante quarenta anos, e mudando agora não era possível. Para a mudança, Rory necessária motivo e meios. Ela não tinha nenhum. Ela preferia o constrangimento de rejeitar um aperto de mão aos pensamentos complicados eo desconforto que vieram de aceitar um. Em vez disso, ela ajustou os óculos, oferecido Dr. Hanover um breve momento de

contato com os olhos, e depois assentiu. Dr. Hanover finalmente retirou a mão. Dr. Casper sabia o suficiente para não oferecer o seu.

“Por aqui,” Dr. Hanover finalmente disse, apontando para o carrinho de golfe. “Caso contrário, é uma longa caminhada.”

O detetive Ott e Rory subiram na segunda fila. O Dr. Hanover dirigia e o Dr. Casper sentou-se ao lado dela. Eles serpentearam pelo campus, passaram pelos edifícios cobertos de hera e finalmente chegaram a uma parede alta de tijolos vermelhos que corria cem metros em qualquer direção antes de dar lugar ao ferro forjado que terminou o trabalho de isolar a floresta do outro lado do campus.

O Dr. Casper se levantou do carrinho e usou um molho de chaves para liberar o cadeado e abrir o corredor na parede de tijolos. O Dr. Hanover acelerou pela abertura antes que o Dr. Casper fechasse a porta atrás deles. Rory sentiu um

estremecimento de mau presságio quando a porta se fechou atrás dela, como se a segurança do campus tivesse desaparecido e os perigos da floresta ameaçadora esperassem.

O Dr. Casper subiu de volta na carroça e logo eles estavam saltando por uma trilha que cortava a floresta. Eles emergiram alguns minutos depois, e Rory viu a casa na frente deles. O exterior de calcário era visível apenas em pequenas manchas onde a hera não havia crescido. As videiras estavam tão crescidas que mais pareciam camuflagem do que decoração.

“Vamos esperar aqui, se estiver tudo bem”, disse Hanover.

“É claro”, disse o detetive Ott enquanto ele e Rory desciam do carrinho.

Rory não esperou que o detetive Ott assumisse a liderança. Ela caminhou em direção à casa, seu olhar vagando para frente e para trás, observando todo o ambiente como se seus olhos estivessem registrando tudo que entrava em suas pupilas. Claro, sua mente estava fazendo exatamente isso. A compreensão total de seu processamento subconsciente pode demorar mais, mas a catalogação foi imediata. Ela se aproximou do portão de ferro forjado onde Tanner Landing fora empalado. A ponta da ponta estava quase dois metros acima do solo. Ela passou pela abertura do portão, no jardim da frente, e então se virou para olhar do outro lado e obter uma perspectiva diferente.

O detetive Ott tirou uma foto do arquivo de papel manilha que carregava e entregou a Rory. Retratado em oito por dez estava o corpo sem vida de Tanner Landing espetado por um dos piquetes do portão. Rory analisou a foto medonha, depois olhou para trás, para o portão e o topo das pontas de ferro. Com um metro e meio de altura, o portão se erguia quase 30 centímetros acima da cabeça de Rory. Soltar um adolescente de 160 libras no portão exigia força e altura. Mas também tempo. O

assassino sabia que tinha tempo. Era alguém que conhecia a casa e a área ao redor. Alguém que sabia o que os alunos estavam fazendo naquela noite.

“Quando cheguei ao local”, disse o detetive Ott, “era óbvio que o corpo do garoto Landing havia sido arrastado de dentro de casa. Havia um rastro de sangue descendo os degraus da frente, e sangue foi encontrado dentro das ranhuras de terra que conduziam da parte inferior dos degraus a este local. ”

“Então ele foi definitivamente atacado pela primeira vez lá dentro”, disse Rory.

“Sim. Na sala da frente, perto do foyer. “

O detetive Ott entregou a Rory outra foto da cena do crime. Mostrava sangue manchado em todo o piso de madeira do saguão e da porta.

“Nenhuma pegada encontrada no sangue ou na sujeira?” Rory perguntou.

“Nenhum. Encontramos algumas fibras que nos fizeram acreditar que o assassino pode ter usado coberturas de sapatos, como você veria um operário vestir antes de entrar em uma casa ou andar sobre o carpete. Mas nenhuma impressão definitiva para puxar. ”

“Organizado,” Rory sussurrou enquanto olhava para a foto.

Ela olhou de volta para as lanças do portão.

“Dê-me uma linha do tempo. Quão rápido isso caiu? ”

Ott entregou-lhe outra foto, desta vez do corpo nu de Tanner Landing deitado na mesa de metal para autópsia.

“O relatório do médico legista afirmou que a ferida do portão penetrou logo abaixo do queixo da vítima”, disse Ott. “E

continuou através dos ossos da face, aspecto anterior do cérebro, através do lobo frontal e para fora da testa. Determinou-se que essas feridas foram feitas antes da morte. ”

Rory continuou a olhar para a foto da autópsia. “O menino Landing estava morrendo rapidamente devido ao ferimento no pescoço, mas ainda estava vivo quando foi pendurado no portão.”

“Correto.”

“Então aconteceu rapidamente”, disse Rory. “Nosso cara não esperou muito depois do ataque inicial para realizar o enforcamento ritualístico. Lane sugeriu que era cerimonial - feito especificamente para vingança. Matá-lo não foi o suficiente.

Ele teve que puni-lo. ”

“Praticamente lobotomizou ele.”

“Até agora”, disse Rory, devolvendo a foto ao detetive Ott, “com um metro e noventa de altura, Charles Gorman tinha a altura, a força e o motivo para conseguir isso.”

Rory se afastou do portão e olhou para a pensão abandonada e mal cuidada, com hera vermelha cobrindo as janelas.

“O que eles estavam fazendo aqui? As crianças. Por que eles estavam aqui naquela noite? “

“O melhor que consegui reunir, as crianças estavam participando de um jogo chamado The Man in the Mirror. De acordo com minha pesquisa, é um jogo ritualístico e cultuado em todo o mundo. Principalmente por adolescentes, mas o jogo também tem muitos seguidores adultos. Principalmente no exterior. ”

“É sobre o que?”

“Espíritos. Maldições. E uma entidade que reside em espelhos descobertos, cujo poder pode ser aproveitado duas vezes por ano, no solstício de verão e no solstício de inverno. ”

“E as mortes ocorreram em junho passado.”

“Correto”, disse Ott. “No dia vinte e um de junho. O dia mais longo do ano.”

“Como funciona?”

“Os jogadores encontram o seu caminho através de uma floresta para uma casa vazia. O primeiro a chegar encontra o espelho designado, descobre-o e sussurra Homem no Espelho para seus reflexos. Isso permite que você viva o ano em paz e em boa situação com os espíritos do Homem no Espelho. Deixar de encontrar as chaves e completar o ciclo de sussurros no espelho antes da meia-noite traz um ano de maldição.”

“Cristo. Parece assustador.”

“Eu fiz muitas pesquisas”, disse Ott. “O jogo não é novo. Existem muitas versões diferentes, mas parece que as crianças da Escola Preparatória Westmont levaram isso para outro nível. Esse definitivamente não era o Ghosts in the Graveyard com quem eu cresci.”

Rory continuou olhando para a casa.

“Você pode me mostrar a sala onde isso aconteceu?”

“Sim”, disse Ott, pegando as chaves de seu cinto de utilidades. “Me siga.”

CAPÍTULO 52

RORY CAMINHOU PELA PORTA DA FRENTE DA PENSÃO ABANDONADA. Os tetos eram altos e o saguão de entrada chegava ao segundo andar. Uma escada com fusos perdidos e quebrados subia em espiral até o segundo andar.

“Antigamente”, disse Ott, sua voz ecoando pela casa vazia, “costumava ser onde morava o corpo docente residente. Existem oito quartos que foram convertidos em quartos privados com banheiros. A casa estava fora do caminho comum e oferecia privacidade para os professores”.

Ele apontou para a grande sala à direita deles.

“Esta era a área de jantar da comunidade, uma grande cozinha na parte de trás da casa, e aqui” - ele apontou para a esquerda, onde um pequeno corredor levava a uma porta fechada - “é onde a biblioteca estava localizada. É onde o corpo de Andrew Gross foi descoberto.”

Rory seguiu Ott pelo corredor e para dentro da sala. Ott recuperou outra foto de sua pasta de arquivo e entregou a ela. Um espelho manchado de sangue estava no centro da sala, uma lona de pintor amontoada no chão ao lado dele, e o corpo de Andrew Gross estava em uma pilha na frente do espelho, um círculo perfeito de sangue escuro coagulado em torno dele.

“O sangue ao redor do corpo de Andrew Gross não foi perturbado, então ele sangrou aqui sem ser interrompido”, disse ela.

“O menino Landing foi arrastado rapidamente para fora e para o portão. Ele sabia que outros estavam vindo. Ele sabia que tinha que se apressar. ”

“Por que espetar apenas o garoto Landing?” Ott perguntou. “Por que não ambos?”

Rory continuou a olhar para a foto. “Não há tempo suficiente. Ou talvez ele só quisesse vingança em Tanner Landing.

Novamente, certamente há um forte argumento para Charles Gorman ser nosso criminoso. ”

Rory continuou a olhar para a foto.

“O que há com a lona do pintor?” ela perguntou.

“Faz parte do jogo que eles estavam jogando. Os espelhos precisam ser cobertos até que o Homem no Espelho seja convocado. ”

Rory balançou a cabeça e caminhou até a janela, que estava encharcada de tinta spray escura o suficiente para impedir a visão de onde Tanner Landing fora empalado.

“Ninguém mais esteve na casa naquela noite?” ela perguntou.

“Não que estejamos cientes. Os outros alunos estavam na floresta e, quando chegaram à casa, viram o massacre na frente e correram de volta para o campus. ”

“Nenhum DNA estranho encontrado nesta sala?”

“Não. O único sangue que encontramos nesta sala pertencia a Andrew Gross e Tanner Landing. ”

“O sangue não identificado. Foi encontrado apenas perto do portão? ”

“Correto”, disse Ott.

“Estava nas mãos e no peito da garota, e também no corpo de Tanner Landing?”

“Correto. Gwen Montgomery tinha o sangue de Tanner nela, o que foi explicado por sua tentativa frenética de remover seu corpo do portão quando o encontrou, bem como uma pequena quantidade de sangue que não identificamos.

Rory se afastou da janela. “Como você passou pelo sangue não identificado?”

“Eu não tenho.”

CAPÍTULO 53

UMA GARRAFA DE DARK LORD ESTAVA EM CIMA DA MESA POUCA ILUMINADA DO SOLÁRIO na parte de trás da cabana. Somente a lâmpada de mesa iluminava a sala. Foi o suficiente para permitir que Rory para ler a caixa de arquivos Detective Ott lhe dera depois de terem terminado o passeio através da casa de embarque e uma inspeção da área sobre os trilhos de trem, onde Charles Gorman haviam tentado acabar com sua vida. Este foi o mesmo local onde três alunos desde então conseguiu. Rory ainda estava processando o dia turbilhão, seu organizador subconsciente e catalogar tudo o que ela tinha visto e aprendido. Ela tinha reforçado suas descobertas recapitulando sua excursão a pista quando ela chegou em casa. Agora a casa estava escuro e silencioso. Foi horas mais produtivas da meia-noite-Rory estavam na frente dela.

Ela tomou um gole da cerveja preta forte. Ela já estava nisso há uma hora, depois de ler pela primeira vez a pasta de Gorman para ver tudo o que o detetive Ott e sua força policial haviam descoberto sobre o professor de química de 45 anos. Ela leu sobre sua vida antes da Escola Preparatória Westmont e sobre seus oito anos na escola. Ela leu sobre as evidências que Ott usou para garantir seu mandado de busca. Dentro da pasta de Gorman estava o manifesto que ele escrevera, que Ott descobrira no cofre da parede do duplex de Gorman na Teacher’s Row - três páginas de escrita cursiva nas quais Gorman havia descrito em detalhes vívidos o que planejava fazer com Tanner Landing e Andrew Gross. Foi um trabalho perturbador que abalou Rory profundamente. Ela vira as fotos da cena do crime - tanto no início do dia, quando Ott lhe entregou as escolhas, quanto mais esta noite, enquanto

ela folheava as fotos que acompanhavam o manifesto. Foi assustador para Rory expor as fotos, uma por uma, exatamente do que Gorman descreveu em seu manifesto. O relatório de um analista de caligrafia confirmou que a letra cursiva do manifesto correspondia a amostras da caligrafia de Charles Gorman.

Finalmente, Rory leu sobre a cena nos trilhos do trem quando o oficial descobriu Charles Gorman quase sem vida depois que ele tentou acabar com sua vida. Uma pergunta preocupante continuava saltando em sua mente: Se Gorman era inocente, por que ele tentou se matar? Ela estava começando a se perguntar se, talvez, Henry Ott tivesse prendido o homem certo. Ela estava começando a duvidar que a caixa ao lado dela contivesse algum segredo, ou se tudo o que precisava ser encontrado já havia sido descoberto.

Algumas bandeiras vermelhas a convenceram, porém, de que algo estava esquecido. O primeiro foi o sangue não identificado. O segundo foram os alunos que se mataram. Ela tomou um gole do Lorde das Trevas, devolveu a pasta Gorman à caixa e puxou o arquivo de Bridget Matthews - a primeira aluna da Escola Preparatória Westmont a seguir os passos de Gorman nos trilhos do trem ao lado da pensão abandonada.

Rory tinha certeza de que o mistério dos assassinatos do Escola Preparatória Westmont residia nessas vítimas suicidas.

CAPÍTULO 54

RORY LEU AS ANOTAÇÕES DO DETETIVE OTT SOBRE BRIDGET MATTHEWS. Elas incluíam sua entrevista inicial com a garota no dia em que Tanner Landing foi encontrado empalado na cerca e as discussões do detetive com os pais de Bridget após o suicídio dela. Juntas, as transcrições retratam Bridget como uma adolescente típica.

Ela vinha de uma família rica e seu relacionamento com os pais não parecia mais tenso do que a maioria das crianças de sua idade, mandadas para um internato dez meses por ano.

A versão de Bridget dos acontecimentos na noite do crime foi uma combinação exata quando Rory comparou com as declarações dos outros alunos, o que significava que todos estavam dizendo a verdade ou uma mentira bem ensaiada. A história foi assim: Todos eles se conheceram em

um local pré-planejado fora da Rota 77 no extremo sul do campus. Esse era o caminho típico que os alunos faziam para chegar à pensão - um caminho de volta pouco conhecido que estava fora do caminho comum e evitava a necessidade de atravessar o campus principal. Na noite de 21 de junho, os alunos se reuniram na Rota 77 para participar da iniciação de um jogo chamado The Man in the Mirror. Sua tarefa naquela noite era se aventurar sozinho na floresta ao redor da pensão e procurar as chaves que haviam sido escondidas pelos idosos. As chaves abririam a

“sala segura” dentro da pensão. Eles eram obrigados a completar este desafio à meia-noite.

O grupo consistia em cinco juniores - Bridget Matthews, Gwen Montgomery, Gavin Harms, Theo Compton e Danielle Landry. Tanner Landing, que era namorado de Bridget, tinha ido para a floresta mais cedo do que os outros. Cada aluno ofereceu uma explicação idêntica para o isolamento de Tanner naquela noite. Eles disseram que Tanner estava mais entusiasmado com a noite do que o resto do grupo e estava determinado a ser o primeiro a chegar à pensão e completar o desafio. O benefício de tal feito foi se tornar o líder dos iniciados e o chefe do grupo no ano seguinte, quando eles assumiram as coisas como veteranos - uma posição que havia sido ocupada por Andrew Gross.

Depois de chegar ao local designado na Rota 77, cada um deles partiu para a floresta. Depois de uma hora de busca, todos encontraram as chaves e voltaram correndo para casa em momentos diferentes. Quando eles emergiram da floresta, a primeira coisa que viram foi Tanner Landing empalado no portão. Em pânico, todos correram de volta para o campus. Todos menos um. Gwen Montgomery ficou para trás e tentou tirar Tanner do portão antes de finalmente se estabelecer no chão ao lado dele e esperar por ajuda.

Rory tomou um gole do Lorde das Trevas e imaginou adolescentes espreitando por uma floresta escura. Poucos desses detalhes chegaram ao conhecimento do público. Ott disse a Rory que, depois de sentirem o cheiro da trilha de Gorman, eles propositalmente mantiveram os detalhes do jogo de culto para si mesmos, com medo de que uma repetição da paranóia dos anos 80 sobre os cultos satânicos prejudicasse sua investigação.

Em seguida, Rory puxou os registros médicos de Bridget Matthews à sua frente, incluindo as transcrições das sessões de terapia da garota com o Dr. Christian Casper. Rory leu todos eles. As sessões de Bridget antes do verão de 2019 foram benignas e incluíram as preocupações da maioria das adolescentes - namorados, melhores amigos, o estresse dos trabalhos escolares e as preocupações de encontrar a faculdade certa. Mas depois dos assassinatos, as transcrições pintaram uma menina atormentada pela tristeza e pesar pela morte de Tanner. Rory leu uma carta escrita pelo Dr. Casper aos pais de Bridget que descreveu sua preocupação com o estado mental de Bridget. A carta do Dr. Casper descrevia tendências suicidas e os sinais de alerta característicos que as acompanhavam. Bridget mostrou todos eles, e o Dr. Casper sugeriu medicina e psicoterapia. Mas era tarde demais. Em 28 de setembro de 2019, três meses depois daquela noite na floresta, Bridget Matthews parou na frente do trem de carga nacional canadense por volta das dez e meia da noite. Rory puxou o relatório da autópsia de Bridget do arquivo. Ela tomou um gole do Lord das Trevas para se acalmar, então virou a capa e abriu o relatório. Presa no lado superior esquerdo da aba interna estava uma pequena foto de Bridget Matthews. Uma linda garota, jovem e inocente e com tantos anos não vividos pela frente. Rory sentiu uma atração imediata pela garota.

Bridget, como todas as vítimas cujas mortes Rory reconstruiu, parecia lançar um gancho no abismo entre a vida e a morte que se prendia à alma de Rory. Ficaria lá, Rory sabia, criando uma conexão e gerando um puxão constante que não cederia até que Rory pudesse fornecer respostas e um fechamento. Rory não tinha certeza de como se sentia sobre essa vulnerabilidade - a incapacidade de esquecer os mortos até ter certeza de que seus espíritos estavam em paz. Essa era a razão pela qual ela era tão meticulosa nos casos que assumia. As conexões que ela formou com as vítimas eram desgastantes e envolviam grande responsabilidade.

Rory não havia escolhido o caso Escola Preparatória Westmont. Circunstâncias descontroladas a puxaram para isso. A incerteza de Rory estava enraizada não apenas no medo de que não houvesse nada de novo a descobrir sobre este caso, mas também no fato de que várias vítimas estavam envolvidas. Cinco alunos morreram - dois foram mortos de forma selvagem e três suicidaram-se.

Construir relacionamentos com tantas vítimas ao mesmo tempo carregava o potencial de dominar seus sentidos e diminuir sua capacidade de ver o que os outros haviam perdido. Mas ela sabia que não tinha escolha. Os sussurros começaram, e apenas as respostas os silenciariam.

Rory passou uma hora - e meia Lorde das Trevas - lendo o relatório da autópsia de Bridget Matthews, folheando cuidadosamente cada descoberta e cada linha. O suicídio de trem foi uma cena horrível, e Rory leu as descobertas do legista afirmando que ferimentos devastadores na cabeça e no torso levaram à morte. Rory olhou as fotos da autópsia, mas não se demorou nelas. Não havia drogas ou álcool no sistema da menina. O relatório terminou com a causa da morte: Múltiplas lesões traumáticas contundentes. A forma de morte: suicídio.

Rory leu a página final e fechou o arquivo. Ela estava prestes a empurrá-lo para o lado para começar a revisão do próximo aluno quando algo a parou e a chamou. Ela reabriu o relatório da autópsia e voltou para a última página. Percorrendo rapidamente as informações, ela passou o dedo pela página. Ela quase não percebeu, e tinha certeza de que outros também.

Mas Rory Moore viu tudo. Se um detalhe crítico não fosse imediatamente óbvio, sua mente armazenava a informação em um pergaminho sem fim e depois enviava um sinalizador até que sua mente consciente notasse. Esse sinal estava forte agora e atraiu toda a sua curiosidade em direção a ele. Havia algo no relatório da autópsia de Bridget Matthews. Não foi um achado físico, mas, em vez disso, listado de forma mais benigna pelo médico legista junto com os itens incluídos no corpo de Bridget no momento em que o exame post-mortem foi realizado.

No bolso da calça jeans de Bridget havia três itens: um tubo de Chap-Stick, um cartão de caixa eletrônico e uma moeda de um centavo. Ela pode ter lido rapidamente a descrição da moeda, mas não o fez. Ela parou e leu as notas do legista que descreviam a moeda como “achatada e oblonga”.

A mente de Rory disparou. Como um curto-circuito, algo queimou até que sua memória girou o pergaminho para o local exato que ela precisava. Ela empurrou a cadeira para longe da mesa e caiu de joelhos enquanto folheava a caixa de evidências. Lá ela encontrou as notas da tentativa de suicídio de Charles Gorman. Ela pegou o arquivo e o colocou sobre a mesa, cobrindo as descobertas da autópsia de Bridget - algo que ela normalmente nunca

faria, já que o conceito desorganizado de ter um arquivo aberto tocando em outro normalmente a deixaria fora de controle. Mas o fio que ela procurava era tão frágil que não teve tempo de organizar as coisas em pilhas apertadas.

Ela abriu o arquivo de Gorman, lambeu o dedo indicador e folheou o conteúdo até encontrar a lista de itens descobertos na cena da tentativa de suicídio. O item setenta e dois, representado na foto da cena do crime ao lado de um marcador amarelo invertido, era uma moeda achatada e oblonga encontrada a apenas um metro de onde jazia o corpo quase sem vida de Gorman. Uma impressão digital clara e distinta tirada da moeda foi comparada a Charles Gorman, sugerindo que ele estava segurando a moeda no momento em que foi atingido pelo trem. A análise dessa moeda sugeriu que seu formato incomum fora causado por sua colocação nos trilhos e pela passagem de um trem sobre ela.

CAPÍTULO 55

A DESCOBERTA DELA VALEU A DISCUSSÃO NO MEIO DA NOITE.

Depois de saber que uma moeda de formato estranho estava no bolso de Bridget Matthews no momento em que ela se matou e na cena da tentativa de suicídio de Charles Gorman, Rory folheou os achados da autópsia de outros alunos que haviam tirado suas vidas. Catalogado nos itens pessoais de Danielle Landry e Theo Compton eram moedas de um centavo achatadas e oblongas. Era um elo comum que os unia e era incomum demais para ser considerado coincidência.

Lane estava sentado à mesa da cozinha em frente a Rory. Eram três e meia da manhã.

“O que isso significa?” Lane perguntou.

“Eu não tenho certeza,” Rory disse. “Além de ser uma raridade que liga todos eles.”

“Muitas coisas os ligam”, disse Lane. “Mas isso é certamente interessante. As crianças colocam moedas nos trilhos dos trens para atropelá-los e achatá-los. Pode ser tão simples quanto isso. Todos eles jogaram centavos nos trilhos, já que passaram tanto tempo na casa abandonada e nas linhas de trem.”

“Exceto que um centavo foi encontrado com Gorman também.”

Rory girou o copo do Lord das Trevas na frente dela enquanto ela pensava. Finalmente, ela olhou para Lane.

“Vamos executá-lo no banco de dados do MAP. Veja se o algoritmo detecta algum acerto. ”

Lane acenou com a cabeça com a sugestão. O algoritmo do Projeto de Responsabilidade de Assassinato certamente encontrou links mais estranhos do que moedas achatadas.

“Qual é o marcador?” Lane perguntou. “Centavos?”

“Centavos, centavos achatados, trilhos de trem.”

“Teremos muitos sucessos com ‘trilhos de trem’. Mas vou conectá-lo e ver o que o algoritmo apresenta. Levará um ou dois dias para vasculhar todas as informações e refinar a pesquisa. ”

Rory tomou seu último gole do Lorde das Trevas e esvaziou seu copo.

“Eu me pergunto se mostrar esses centavos para Gorman desencadearia alguma coisa.”

Lane ergueu as sobrancelhas com o pensamento. Ele passou a mão pela nuca ainda enfaixada. A mente de Rory nunca descansou. Ela passou as horas da meia-noite sem nenhuma dificuldade. Lane precisava de oito horas de sono e, em seguida, um bule de café antes que seus neurônios disparassem. E seus neurônios estavam grogue tanto da hora da madrugada quanto da concussão.

“Ott disse que Gorman não fala desde que saiu do coma”, disse Lane. “Os neurologistas acreditam que sua mente se foi. Um EEG diz que não há nada lá. Mas o cérebro é uma coisa misteriosa. Você nunca sabe o que pode estimulá-lo. Eu ainda conheço algumas pessoas no Hospital Psiquiátrico de Grantville de quando eu estava escrevendo minha dissertação. Vou ligar para ver o que posso fazer. ”

CAPÍTULO 56

A ENFERMEIRA ENTROU NO QUARTO 41 E VIU SEU PACIENTE DE PÉ perto da pia, escova de dentes na mão e olhando no espelho. Foi uma cena comum. Seu paciente teve os meios para iniciar uma tarefa, mas ficou preso em algum lugar no meio, tendo esquecido o objetivo final. A

enfermeira atendia muitos pacientes, mas encontrava o residente da Sala 41 nessas situações com frequência. Às vezes, ficar ao lado da porta do banheiro esquecendo que sentar no vaso sanitário era a intenção original de caminhar até aquele local, ou sentar à mesa com o garfo na mão, mas esquecendo-se de comer. Hoje, ele estava parado na frente do espelho, confuso com a pasta de dente na mão.

A enfermeira se aproximou. Todos mereciam compaixão e dignidade, não importa o quão longe estivessem. O toque humano, a enfermeira aprendera durante seus trinta anos de carreira, era uma maneira de trazer os pacientes com lesão cerebral traumática de volta ao presente. Um toque suave no ombro, uma mão cuidadosa no antebraço - qualquer pequena interação ajudava muito. Ela sempre fazia isso lenta e delicadamente, para não assustar a paciente. Então ela conseguiu contato visual, como fazia agora.

“Você ia escovar os dentes, lembra?”

Depois de vários segundos, a enfermeira finalmente viu um aceno de cabeça. As expressões faciais nunca mudaram - havia apenas um olhar estoico de distanciamento. Mas um aceno de cabeça era um bom sinal. A enfermeira interrompeu esta manhã. Com um paciente tão longe, era tudo o que ela podia esperar. Era como as coisas sempre haviam sido e como, acreditava a enfermeira, seriam para sempre. Houve apenas uma vez em que esse paciente em particular demonstrou algum reconhecimento da vida no hospital, e foi quando o visitante veio. Uma vez por semana, como um relógio.

Lentamente, a enfermeira observou a escova de dente subir. A mira estava errada, então ela guiou a escova até a boca do paciente e ajudou enquanto as cerdas se moviam para cima e para baixo.

CAPÍTULO 57

ERA FIM DE TARDE DE UMA QUINTA-FEIRA, NO DIA SEGUINTE RORY TINHA TROPEÇADO nas moedas de um centavo que ligavam cada um dos alunos da Escola Preparatória de Westmont que haviam se matado. O fato de Charles Gorman também possuir uma dessas moedas era outra peça do quebra-cabeça. Lane começou a busca no banco de dados do MAP

definindo os marcadores - centavos, centavos achatados, trens, trilhos de trem - e procurando por correspondências com outros homicídios. Ele sabia que sua pesquisa seria ampla e que o algoritmo levaria tempo para classificar as descobertas.

Enquanto ele e Rory esperavam pelos resultados preliminares, eles voltaram sua atenção para o laptop de Lane, que estava aberto na frente deles na sala da frente do chalé. Um pen drive saía da porta USB e a tela do computador exibia o vídeo que os investigadores da cena do crime haviam filmado quando chegaram à pensão na noite em que Andrew Gross e Tanner Landing foram mortos.

Uma cena de crime bem tratada, especialmente um homicídio, incluía uma hierarquia estrita. Depois que os primeiros respondentes determinaram que havia ocorrido um homicídio, eles chamaram seus superiores para desenvolver uma cadeia de comando. Detetives foram despachados, a unidade de investigação da cena do crime foi convocada e um registro foi iniciado para documentar todos que entraram na cena do crime. O grupo inicial a pisar na cena do crime, depois dos primeiros respondentes, foi o pessoal do CSI. Seu trabalho era documentar tudo com fotos e vídeos. Isso foi feito antes que outras pessoas pudessem interromper as pegadas e impressões digitais da cena e o gotejamento aleatório de DNA. Na caixa de evidências que Henry Ott entregou a Rory, havia um pen drive que continha as fotos da cena do crime e as gravações de vídeo. Rory e Lane observaram agora enquanto a pensão abandonada se materializava no laptop. A data apareceu na parte inferior da tela: sábado, 22 de junho de 2019 – 12h55. Holofotes ofereciam uma bolha de iluminação dentro da floresta negra. O vídeo de ponto de vista filmado por um dos investigadores da cena do crime saltou enquanto a câmera se movia da área atrás da casa e através da abertura do batente da porta. O interior da casa também era iluminado por holofotes brilhantes que superexpunham a câmera quando o técnico entrou pela primeira vez na casa.

Quando a câmera se ajustou ao contraste, Rory e Lane viram um corredor estreito que levava à cozinha. Lane fez uma pausa no vídeo e apontou para o monitor.

“Por que todas as portas dos armários estão abertas?”

“Ott me contou sobre um jogo chamado The Man in the Mirror. Os alunos estavam jogando alguma versão dela naquela noite. Os espíritos que acompanham esse personagem mítico encontram abrigo seguro em qualquer coisa que esteja fechada.

Armários, gavetas, armários, quartos. Abrir tudo à vista impede que os espíritos fiquem para te amaldiçoar. ”

“Adorável”, disse Lane. “O que aconteceu com Spin the Bottle?”

“Oh,” Rory disse, retomando o vídeo. “Essas crianças já ultrapassaram o Spin the Bottle.”

Na tela, a câmera percorreu toda a cozinha e o primeiro andar, onde todas as portas de todos os cômodos estavam abertas.

Então a câmera sacudiu seu caminho para a biblioteca da sala da frente. Rory havia entrado na sala dois dias antes com o detetive Ott. Uma fileira de velas estava diante de um espelho de pé. Fósforos estavam espalhados no chão ao lado das velas e, na frente delas, todo o corpo de Andrew Gross estava amontoado. O rigor mortis ainda não havia se instalado e seu corpo parecia ter murchado, como se seus membros antes cheios tivessem despressurizado para deixá-lo em um monte no chão.

Uma poça de sangue de bordas claras cercou seu corpo, escuro e meloso. O espelho refletiu a imagem da técnica da cena do crime enquanto ela varria a sala com a câmera, produzindo uma estranha colisão de vivos e mortos. A superfície do espelho estava manchada de sangue, assim como a parede atrás dele. A sala estava vazia, exceto pela hera vermelha que flutuava pela janela aberta, as pétalas de cereja tremulando enquanto o ar da noite a trazia de fora. A câmera se afastou da janela e apontou para a porta da sala. No chão da porta havia lanças de sangue de onde o corpo de Tanner Landing foi arrastado.

A cena cortada da sala da frente, e a próxima imagem que Rory e Lane viram foi filmada do lado de fora. Holofotes que caíram de cima iluminaram fortemente a área. O zumbido de um gerador pode ser ouvido alimentando as luzes da polícia.

Conforme a câmera se movia pelo gramado da frente, documentou o rastro de sangue e os sulcos no solo produzidos pelo corpo de Tanner Landing arrastado pela terra. Lentamente, a câmera moveu-se do chão para o portão

de ferro forjado. Rory inconscientemente se inclinou para trás, longe do computador, quando o corpo de Tanner Landing apareceu. Ela se lembrou de Henry Ott descrevendo a cena como um massacre e, quando Rory percebeu a imagem do dente perfurando o queixo do menino e se projetando no alto da testa, ela não conseguiu pensar em palavra melhor para isso.

Ela pausou o vídeo e manteve os olhos na tela enquanto falava com Lane.

“Nenhum sinal de luta dentro daquela sala”, disse ela. “A falta de feridas defensivas em qualquer uma das vítimas. Nosso pensamento é que o assassino se aproximou deles, mas talvez isso não esteja certo. Talvez o assassino fosse um deles. Talvez o assassino estivesse com eles.”

“Outro aluno?”

“Possivelmente. Nesse cenário, esses dois teriam sido pegos de surpresa, não porque alguém os abordou, mas porque eles não tinham razão para pensar que quem estava com eles tinha qualquer intenção de prejudicá-los.”

Lane estendeu a mão e rebobinou o vídeo até que estivessem de volta dentro da casa.

“Olhe no espelho”, disse ele. “Está salpicado de sangue. Isso significa que o assassino atacou por trás, permitindo que os respingos de sangue se projetassem para frente. As duas crianças foram cortadas na garganta. Para que o sangue causasse esse tipo de padrão de respingos no vidro, os dois estavam de frente para o espelho e o atacante estava atrás deles.”

Rory acenou com a cabeça. “Pelo que o detetive Ott me contou, e pelo que descobri em uma rápida pesquisa na Internet, este jogo exige que as crianças olhem para um espelho e sussurem ‘Man in the Mirror’ várias vezes. Talvez eles estivessem fazendo isso quando foram mortos.”

Lane também acenou com a cabeça e deslizou para a frente no sofá. “Então o assassino está à espreita ou com eles quando eles chegam a esta sala e ficam na frente do espelho. Ele corta suas gargantas, deixa um no chão para sangrar e arrasta o outro para fora para içá-lo até o portão. O agressor estava mostrando seu domínio ou exigindo vingança. Mas arrastar um adolescente de 160 libras para fora e colocá-lo no portão levaria tempo. Pelo menos cinco minutos após o ataque. Isso sugere que o agressor estava

familiarizado com a área e não tinha pressa. Ele estava calmo. Definitivamente organizado.

Definitivamente premeditado. Isso não aconteceu do nada. Depois de passar pelo sangue e pelo sangue coagulado, o que estou vendo na cena do crime não se encaixa na ideia que Charles Gorman tirou. Isso é muito calculista e complicado para acreditar que ele simplesmente perdeu o controle. ”

Lane levou a mão à nuca enfaixada e apertou enquanto pensava.

“Perder o controle pode fazer com que alguém mate inesperadamente”, disse ele. “Mas o enforcamento ritualístico desse garoto no portão é algo diferente. Não foi reacionário. Foi planejado e foi intencional. Não importa o quanto essas crianças tenham intimidado Gorman, seu perfil não corresponde a de alguém que perderia o controle. Não combina com alguém que mataria assim, ou em tudo. ”

“Mas Gorman descreveu a cena exatamente como é mostrada aqui no vídeo”, disse Rory. “Ele escreveu os detalhes de gargantas cortadas e o empalamento no portão. Isso apóia o seu perfil de premeditação. Que ele planejou cuidadosamente com antecedência. ”

Rory olhou para o monitor um pouco mais e finalmente se virou para Lane.

“Os alunos da Escola Preparatória Westmont eram obrigados a se encontrar com seus orientadores uma vez por semana. Eu li os registros médicos de Bridget Matthews e Danielle Landry e percebi que suas sessões de terapia as encorajaram a registrar seus pensamentos. Seus medos e ansiedades, e algumas de suas reflexões interiores mais íntimas. ”

“É uma ferramenta comum em psicoterapia.”

“Talvez o manifesto de Gorman fosse simplesmente isso - suas contemplações mais íntimas colocadas na página como uma forma terapêutica de dissipá-las.”

Lane inclinou a cabeça para o lado. “Mas isso significaria... ”

“Outra pessoa poderia ter lido o diário de Gorman e montado a cena exatamente como ele descreveu.”

Lane sentou-se ereto, interessado na hipótese de Rory. “A confidencialidade médico-paciente determina que apenas uma outra pessoa teria acesso ao seu

diário.”

“Correto.”

“O arquivo dele indica que ele estava em terapia?”

“Sim,” Rory disse.

“Menciona o nome do médico dele?”

Rory acenou com a cabeça. “Gabriella Hanover.”

Escola Preparatória Westmont

Verão de 2019

CAPÍTULO 58

ELES ESPERARAM ATÉ MEIA-NOITE E SE ENCONTRARAM SOB O PEDIMENTO GÓTICO do prédio da biblioteca. Os holofotes brilhando para cima sombreavam a gravura do logotipo da escola: Veniam solum, relinquatis et. Eles certamente estavam juntos esta noite, embora apenas com relutância. O último desafio lançado por Andrew Gross exigia que eles entrassem na casa do Sr. Gorman e roubassem um item pessoal. Durante a viagem mais recente à pensão abandonada, todos beberam cerveja Miller Lite enquanto Andrew se gabava dessa fase dos desafios do ano anterior, quando ele era um novo iniciado e seu grupo de juniores roubou uma gaveta inteira da Sra. Sutiãs Rasmussen. A notícia do roubo se espalhou, e rumores foram sussurrados pelo campus de que os envolvidos nos desafios do Homem no Espelho eram os responsáveis. Poucos dias depois, os sutiãs da Sra. Rasmussen apareceram pendurados em uma linha limpa no beiral do prédio da biblioteca, logo abaixo do logotipo da escola. Essa nova classe de iniciados tinha poucas chances de superar o legado de devassidão de Andrew, e nenhum deles estava disposto a chegar perto da gaveta de roupas íntimas do Sr. Gorman.

Mas Tanner estava inflexível de que eles poderiam fazer algo que chamaria a atenção e respeito dos veteranos.

A chave que Andrew havia dado a eles era supostamente um mestre para as portas dos fundos de todas as casas na Fila dos Professores. Se funcionava, era para ser determinado. Gwen mencionou que, depois que os sutiãs da

Sra. Rasmussen desapareceram no ano anterior, talvez as fechaduras de todos os duplexes na Sala dos Professores tivessem sido trocadas.

Gwen também mencionou que, desde o incidente da ratoeira, outra pegadinha não sairia bem. Eles estavam sendo examinados de perto, e Tanner e Andrew foram chamados para falar com os drs. Hanover e Casper, que avisaram que não tolerariam o mesmo nível de desrespeito que havia ocorrido no verão anterior. Todos foram lembrados do código de conduta que a Escola Preparatória Westmont exigia. Arrombar e entrar não fazia parte disso.

Ainda assim, aqui estavam eles, escondidos sob a cobertura da escuridão e rastejando em seu caminho para a Fila dos Professores. Cada um deles tinha seus próprios motivos para esta noite. Tanner estava desesperado para se encaixar e ser aceito, e ele faria quase qualquer coisa para superar aqueles que ele estava tentando impressionar. Gwen e os outros queriam, em algum nível, fazer parte do grupo exclusivo dentro dos muros da Escola Preparatória Westmont. Ninguém discutiria esse ponto. Mas algo mais os estava impulsionando. Temer. Desde que chegaram ao Escola Preparatória Westmont como calouros de olhos arregalados, eles perseguiram o mito do Homem no Espelho. Quase todos os alunos tinham. O folclore era tão predominante no campus que apenas um punhado de alunos foi capaz de escapar da atração da lenda. Agora, de alguma forma, este grupo de seis teve a oportunidade de participar daquela fábula. Não uma réplica barata dele que alguns outros alunos tentaram criar. 21 de junho foi o verdadeiro negócio. Mas para chegar lá, para receber os privilégios que vieram ao completar o desafio Man in the Mirror, eles tiveram que passar pelos desafios de iniciação. Eles acreditavam no mito apenas o suficiente para seguir Tanner esta noite pelas sombras do campus.

Nenhum sabia o quanto suas vidas estavam prestes a mudar.

CAPÍTULO 59

O PLANO ERA PARA TANNER ENTRA PELA PORTA DO FUNDO DO DUPLEX DO SR. GORMAN e pegar a primeira coisa que visse da cozinha. Não importava o que fosse, importava apenas que pertencia a Charles Gorman. Em seguida, eles fechavam a porta silenciosamente e desapareciam na noite, tendo completado o desafio final antes do evento do solstício de verão.

Eles permaneceram nas sombras e chegaram à Sala dos Professores, onde apenas algumas luzes da varanda estavam acesas. O

resto das casas estava escuro e silencioso. Eles se aproximaram do número quatorze e deram a volta, seus passos individuais suaves, mas o agrupamento deles soou como uma brigada do exército. Quando deram a volta no prédio, notaram que uma das janelas do Sr. Gorman brilhava com uma luz amarela.

“Merda”, disse Tanner. “Ele está acordado?”

“Vamos cancelar isso”, disse Gwen.

“De jeito nenhum. Não podemos falhar em um desafio. ”

“Se formos pegos, seremos expulsos da escola. Hanover e Casper já estão nos observando neste verão. ”

“Você pode sair então”, disse Tanner. “Mas Bridget e eu estamos fazendo isso.”

Tanner olhou para o resto deles.

“Dentro ou fora?”

“Basta ir ver o que está acontecendo”, disse Gavin. “Se ele estiver acordado, será impossível entrar furtivamente. Teremos que vir outra noite.”

Tanner se afastou do grupo e se agachou enquanto se aproximava da janela traseira. Sua silhueta se arrastou ao longo da borda da casa até que ele estava ao lado da janela iluminada; então ele se inclinou e olhou para dentro. Houve um momento de silêncio enquanto os outros o observavam. Cada um deles prendeu a respiração. Eles estavam desligados, prontos para fugir noite adentro se a porta dos fundos se abrisse ou as cortinas se movessem. Mas em vez disso, eles viram a silhueta escura de Tanner acenando freneticamente para a janela.

“Venha pra cá!” ele disse em um sussurro desesperado. “Agora!”

Gwen e Gavin se entreolharam, e todos eles se moveram em um grupo lento em direção à janela. Tanner estava rindo com uma gargalhada ofegante, segurando o peito como se pudesse ter um ataque cardíaco. Ele apontou para a janela.

“Sr. G está indo para lá. ”

Gwen e Gavin se inclinaram além da moldura da janela até que o interior da casa estivesse visível. Theo, Danielle e Bridget fizeram o mesmo, cada um de seus rostos captando a luz amarela suave que se espalhou pela janela. Lá dentro, a luz vinha de um abajur de cabeceira, cujo brilho sombreava o corpo nu de Charles Gorman enquanto ele empurrava os quadris em uma cadência rítmica. Pernas delgadas estavam enroladas em sua cintura, e todos eles tinham um olhar voyeurístico no traseiro do professor de química enquanto ele abria e fechava as nádegas.

“Putá merda”, disse Gavin quando ele rapidamente se afastou da janela. Todos eles fizeram o mesmo e abafaram suas risadas.

“Vamos sair daqui”, disse Gwen. “Não vamos fazer isso esta noite.”

“Isso é bom demais para perder”, disse Tanner, pegando seu telefone.

Ele clicou em sua câmera, passou para o vídeo e começou a gravar a ação pela janela. A certa altura, o Sr. Gorman se posicionou como se estivesse fazendo uma flexão, virou a cabeça para o lado e ofereceu uma expressão inestimável de êxtase antes de empurrar as nádegas para a frente uma última vez enquanto seu corpo estremecia. Tanner tentou manter a câmera firme, mas sua risada sacudiu o quadro para frente e para trás.

Os outros também voltaram o olhar para a janela, achando impossível não olhar. Eles eram como curiosos olhando para um acidente de carro. Quando o Sr. Gorman virou a cabeça para que seu rosto ficasse visível, todos se abaixaram para passar pela janela. Tanner segurou seu telefone acima do peitoril por mais alguns segundos.

“Vamos embora”, disse Gwen.

“Quase”, disse Tanner, puxando o telefone para baixo e colocando-o no bolso.

Do mesmo bolso, ele retirou uma buzina de ar. Em seguida, ele rastejou por baixo da janela e correu para a porta dos fundos.

Os outros assistiram, ainda tontos pelo que acabaram de testemunhar e não totalmente cientes das intenções de Tanner. Até, isto é, eles ouviram o rangido suave da porta traseira do Sr. Gorman se abrindo. Tanner

desapareceu por um momento e então reapareceu com um diário encadernado em couro na mão.

“A primeira coisa que consegui encontrar”, disse ele, sem fôlego por causa da onda de adrenalina.

“Você é tão louco”, disse Gavin. Ele agarrou a mão de Gwen. “Vamos sair daqui.”

Todos eles se afastaram da porta ainda aberta e começaram sua fuga silenciosa. Foi quando a buzina de ar soou. Três longas rajadas que quebraram o silêncio da noite com um grito ensurdecedor.

“Melhor correr, perdedores!” Tanner disse enquanto passava por eles. A porta do Sr. Gorman ainda estava aberta.

Com o coração batendo forte, todos eles dispararam noite adentro.

CAPÍTULO 60

CHARLES GORMAN ESTAVA RESPIRANDO PESADAMENTE, QUANDO DESMAIOU sobre a mulher embaixo dele. Ele sentiu as unhas dela correrem por suas costas.

“Fique esta noite”, ele sussurrou em seu ouvido.

“Você sabe que não posso”, disse ela.

Ele nunca empurrou, apenas perguntou. Os dois estavam quietos, apenas sua respiração era audível enquanto deitavam emaranhados. Em seguida, um grito ensurdecedor rasgou a casa. Depois outro e outro. Três guinchos altos que assustaram os dois.

“Que diabos!” Charles gritou enquanto rolava para fora da cama e se espatifava no chão como se a explosão de barulho o tivesse levantado fisicamente e o jogado no chão.

A mulher puxou os lençóis sobre o corpo nu. Charles ouviu risos e passos em disparada. Ele vestiu a cueca e disparou para fora do quarto, pelo corredor e para a cozinha. A porta dos fundos estava aberta. Ele acendeu as luzes e olhou em volta. A casa estava vazia. Ele correu para fora e olhou para cima e para baixo no caminho que corria atrás dos duplexes. O bater de pés estava à sua esquerda e desapareceu rapidamente na noite. Ele deu alguns passos na direção deles e ouviu novamente, mas tudo o que ouviu foi

o zumbido dos gafanhotos. Outro momento se passou e ele foi tentado a correr para a escuridão e seguir os passos. Ele tinha certeza de que poderia pegá-los. Ele percebeu que eles estavam indo para os dormitórios. Mas ele estava vestindo apenas sua cueca branca. Ele se virou e voltou para sua casa. Quando voltou para o quarto, Gabriella Hanover já estava vestida. Ela estava visivelmente abalada.

“Malditos filhos”, disse Charles. “Eles acham que administram este lugar no verão.”

A mão de Gabriella tremia enquanto ela passava a palma pela boca e pela bochecha. “Quem era?”

“Eu não os vi, mas tinha que ser Andrew Gross ou Tanner Landing.”

“Charles, você acha que eles nos viram?”

“Como eles poderiam ter nos visto?”

“Eles estavam na casa, Charles! Você acha que eles nos viram? ”

“Não. É apenas um desafio estúpido. Abra a porta e toque uma buzina de ar, ou o que diabos foi isso. Eles não teriam coragem de entrar na minha casa, os idiotas. “

“Podemos ter muitos problemas se alguém descobrir sobre nós. Existem regras contra o que temos feito. ”

- Ninguém vai descobrir, Gabriella. Ninguém viu nada. São crianças estúpidas em um desafio estúpido. “

“Eu sou seu superior, Charles. Isso mostra uma total falta de julgamento de minha parte. Se alguém descobrisse sobre isso, o conselho escolar me liberaria imediatamente. Sem falar que estou dormindo com um dos meus pacientes. Eu poderia perder minha licença, Charles! ”

Ele se aproximou dela e tentou confortá-la, mas ela o empurrou.

“Eu tenho que ir,” ela disse. “Conversaremos amanhã.”

Gabriella Hanover saiu correndo pela porta dos fundos. Gorman ficou em sua cozinha e observou-a sair. Ele caminhou até a porta e a fechou.

PARTE VII

Agosto de 2020

CAPÍTULO 61

SEXTA-FEIRA, RORY ACORDOU QUANDO A COR DE COBRE fosco de antes do amanhecer preenchia as molduras das janelas. Ela ouviu a respiração ainda difícil de Lane, o leve gorgolejo quando ele exalou - um sintoma persistente da inalação de fumaça. Ela verificou o relógio de cabeceira e viu que eram 5:12. Com o sono leve durante toda a vida, Rory acordou do mais suave dos ruídos. E uma vez tirado do sono, encontrá-lo novamente era difícil. Abrir os olhos dela foi como ligar um computador. Sua mente agitada e processada, pronta para ser colocada para trabalhar. Isso era especialmente verdadeiro quando ela estava no meio de um caso.

Ela escorregou da cama e caminhou para o corredor em sua camiseta e shorts. Ela puxou uma camisa de flanela de botão sobre os ombros. Sombras escuras se espalharam pelo nível inferior da cabana. Rory desceu as escadas, pegou uma Coca Diet da geladeira e se dirigiu para a sala de três

temporadas. Sentada em sua mesa, ela acendeu a lâmpada. O Armand Marseille Kiddiejoy estava na caixa de viagem. Ela o ergueu agora para examinar o trabalho que havia feito para restaurar a orelha e a bochecha. Ela havia polido a porcelana e epóxi, o que havia apagado a treliça de rachaduras. Ela foi trabalhar esta manhã, removendo as cores incompatíveis com a mistura secreta de vodca e sabão em pó de tia Greta. Quando Rory terminou, ela assumiu o desafio de lixar a porcelana. Foi um trabalho meticuloso e tedioso, exigindo rodadas redundantes de lixamento com papel de qualidade consecutivamente mais fino - o último dos quais tinha grão 600, tão fino que ela mal conseguia sentir nas pontas dos dedos - até que a textura do lado reparado fosse uma combinação exata com o de outros. Depois de duas horas, Rory fechou os olhos e correu as pontas dos dedos pelo rosto da boneca, sentindo as imperfeições que seus olhos poderiam não ter percebido. Ela não encontrou nenhum. Em seguida, ela começou o processo de tingir a porcelana para trazê-la de volta à sua cor original. Rory consultou fotos de linhagem que ela obteve no leilão, bem como fotos que ela puxou da Internet. O catálogo da boneca alemã estava aberto e apoiado em um cavalete em frente à mesa, a página atual destinada a exibir uma boneca Armand Marseille Kiddiejoy em sua forma natural com bochechas cor de vinho rosé sobre pele branca.

Ela começou com a escova Foldger-Gruden mais larga, cujas cerdas tinham pouco menos de uma polegada de largura. Ela usou esse pincel largo para aplicar a primeira camada de primer de base, que coloriu a superfície do rosto da boneca de amarelo amêndoa. Depois da primeira camada, ela aplicou a pistola de ar quente antes de passar a luz ultravioleta azul sobre a porcelana. Seguiu-se uma segunda camada de primer. Enquanto ela se movia entre a coloração e a secagem, Rory enfiava os pincéis dentro e fora do bolso da camisa de sua flanela em movimentos rápidos, mal pensando enquanto conquistava as exigências escrupulosas de seu ofício.

Passaram-se mais duas horas antes que ela percebesse que suas costas doíam. Ela se levantou e esticou a rigidez de seus músculos antes de colocar a boneca de lado. Ela estava quase acabando. Tudo o que restou foi adicionar os detalhes dos cílios, o rubor das bochechas, o sombreamento ao redor das narinas e a coloração ao redor das bordas dos lábios. Em um flash, a mente de Rory percorreu cada pincelada meticulosa que seria necessária - milhares e milhares delas, uma após a outra. Ela ansiava por

começar com os detalhes finais. Foi, talvez, seu elemento favorito de restauração. Mas ela precisava que a porcelana secasse antes de aceitar adequadamente os tons pastéis que ela adicionaria.

Ela pegou outra Coca Diet da geladeira e ouviu a cadeira no sótão do andar de cima derrapar no chão. Ela sabia que Lane estava de volta ao computador, conectando mais marcadores no banco de dados do MAP e procurando por qualquer conexão que pudesse encontrar que lidasse com suicídios e moedas achatadas nos trilhos do trem. Lane tinha passado a maior parte da tarde anterior trabalhando na descoberta de Rory - catalogando cada acerto no banco de dados e tentando dar sentido a tudo.

Na noite passada, ele disse que havia encontrado uma pista promissora. Ela estava ansiosa para ouvir o que ele havia encontrado, mas assim como Rory, Lane tinha suas próprias peculiaridades. Um deles era a necessidade de isolamento enquanto ele estava no meio de um projeto. Ela lhe daria espaço até que ele estivesse pronto para compartilhar o que havia aprendido.

Ela se sentou de volta à escrivaninha na sala de três temporadas. Eram quase dez horas quando ela mudou sua atenção para a caixa de evidências. Em frente a ela estava o quadro de cortiça com os rostos dos alunos da Escola Preparatória Westmont e do homem acusado de matá-los. Ela puxou o arquivo de Theo Compton à sua frente. Rory o havia lido uma vez antes, na primeira noite depois que o detetive Ott entregou a caixa de arquivos. Ela leu novamente agora. Sua mente registrou tudo durante a leitura inicial, mas um pensamento distante continuava borbulhando na superfície de sua mente - um pressentimento subconsciente que ela não conseguia identificar ou reconhecer imediatamente. Rory só sabia que esse pensamento subterrâneo precisava ser escavado. Se Rory ignorasse essa noção, se ela falhasse em cavar e encontrar seu significado, alguma parte de sua mente estaria para sempre preocupada com o que ela havia perdido. Em breve, essa preocupação se transformaria em obsessão. A obsessão, se não reprimida, é uma compulsão. Em sua vida cotidiana, Rory lutou contra essa aflição. Em sua rotina diária, esse tipo de pensamento era uma doença poderosa o suficiente para arruinar sua vida. Em seu trabalho, no entanto, Rory aproveitou essa doença e todas as suas idiossincrasias para descobrir o que todos haviam perdido.

Ela puxou as fotos do arquivo de Theo e as colocou sobre a mesa. Eram impressões grandes de oito por dez dos trilhos do trem, o corpo de Theo Compton, as impressões dos sapatos e a área circundante. Durante a primeira vez que Rory examinou o arquivo, ela se concentrou na moeda achatada e oblonga encontrada no bolso de Theo no momento do suicídio. Mas havia algo mais. Algo que sua mente subconsciente havia notado. Ela trabalhou agora para descobrir o que era.

As fotos foram tiradas por investigadores legais médicos do escritório do legista do condado de LaPorte e foram tiradas depois que Mack Carter ligou para o 911 e depois que os paramédicos chegaram ao local para tentar reanimar a vítima. No processo, eles reposicionaram o corpo de Theo Compton antes de declará-lo morto. O pessoal do escritório do legista chegou em seguida para documentar a cena. Apesar das fotos que Rory estudava agora, ela se lembrava de uma imagem diferente de Theo Compton. Este instantâneo que piscou dentro e fora de sua memória foi tirado antes que os investigadores legais médicos, legista ou paramédicos tivessem chegado ao local. Era de quando Mack Carter encontrou o corpo de Theo. Havia uma gravação daquele momento, e Rory tinha visto. O vídeo trêmulo que Ryder Hillier havia feito era uma gravação granulada de celular de baixa qualidade, com apenas a lanterna do telefone tentando romper a noite negra. Apesar da qualidade amadora do vídeo, Rory se lembrava de algo sobre a gravação agora. O que quer que fosse, estava armazenado em sua mente, onde estava adormecido e intocado. Mas esta noite, enquanto ela olhava para as fotos da cena do crime do corpo de Theo Compton, aquela outra imagem ganhou vida. Algo sobre isso estava arranhando seu cérebro e fazendo com que as sinapses de sua mente disparassem. Rory tentou conjurar a imagem e descobrir o que a estava incomodando, mas a noção estava fora de alcance.

Ela abriu seu laptop e acessou o blog de Ryder Hillier, na esperança de ver o vídeo. Mas a filmagem foi restrita. Rory checou o canal do jornalista no YouTube a seguir, apenas para encontrar o mesmo resultado. Ela procurou na Internet, mas cada site que prometia a gravação proibida era um beco sem saída. Este vídeo não está mais disponível foi listado em cada link que Rory clicou. A gravação acabou.

Rory recostou-se na cadeira. Havia algo no vídeo que não combinava com as fotos que ela estava vendo agora. Ela fechou os olhos e tentou girar o

rolo de informações em sua mente de volta ao momento em que assistiu ao vídeo. Não importa o quanto ela tentasse, entretanto, ela não conseguia levantar a imagem que ela sabia que estava lá. Ela sabia apenas que a imagem armazenada a fazia questionar uma suposição que todos haviam feito até este ponto.

E se os alunos do Escola Preparatória Westmont não estivessem cometendo suicídio? E se eles tivessem sido mortos?

Rory se levantou da mesa e pegou sua mochila, então abriu o zíper do compartimento da frente e tirou o cartão de visita que Ryder Hillier lhe dera na noite em que se conheceram no hospital. Ela ligou o telefone e discou.

CAPÍTULO 62

RYDER HILLIER SENTAVA-SE À FRENTE DE DA MÃE DE THEO COMPTON NA mesa da cozinha. Ela havia feito a viagem de quatro horas para Cincinnati na sexta-feira de manhã cedo e agora, pouco depois das dez, Ryder aceitou a oferta de café da Sra. Compton. O vapor subiu em espiral da caneca quando Paige Compton a colocou na frente dela.

“Obrigado por ter vindo até aqui”, disse a sra. Compton.

“Claro”, disse Ryder. “Obrigado por me convidar. Estou ansioso para ouvir sua história, mas quero mencionar novamente o quanto lamento por postar aquele vídeo do seu filho. Por favor, acredite em mim quando digo que estou cheio de arrependimento e remorso.”

“Obrigado por dizer isso. Mas, quer você postasse esse vídeo ou não, meu filho ainda teria partido. Diga-me “, disse a sra.

Compton enquanto se sentava à mesa da cozinha,” como você sabia que Theo estaria na pensão naquela noite? “

Ryder colocou as mãos em torno da caneca quente para mantê-los ocupados. Ela ainda estava hesitante em ficar sentada na cozinha dos Comptons - primeiro por causa do processo que Paige Compton tinha movido contra ela, e segundo, porque se seu editor descobrisse que ela estava perseguindo essa história, ele a despediria na hora.

“Theo deixou uma mensagem no site de podcast de Mack Carter”, disse Ryder. “A mensagem indicava que ele estaria em casa naquela noite.”

“Fazendo o que?”

“Na época em que li a mensagem, não fazia ideia.”

“O que dizia a mensagem?”

“A polícia não passou por isso com você?”

“Não. Eles mal falaram comigo. Eles me informaram que Theo se matou, mas não pensou mais em mim ou em meu marido desde então. E porque estamos tão longe, tudo o que podemos fazer é deixar mensagens e esperar por uma ligação de volta. ”

“Gostaria de ver a mensagem que Theo escreveu?” Ryder perguntou. “Eu poderia puxar pelo meu telefone.”

Os olhos da Sra. Compton ficaram úmidos de lágrimas. Ela acenou com a cabeça.

Em seu telefone, Ryder acessou a página da Web da The Suicide House. Fazia duas semanas desde que o último episódio foi ao ar e, apesar da morte de Mack Carter, ela sabia que seu grande público estava esperando por mais episódios. Ela percorreu o quadro de mensagens até encontrar o comentário enigmático de Theo. “Aqui. Dizia: ‘MC, treze, três, cinco. Esta noite. Eu vou te dizer a verdade. Então, aconteça o que acontecer, acontece. Estou pronto para as consequências. ‘ ”

A Sra. Compton pegou o telefone quando Ryder o ofereceu.

“O que os números significam?” Sra. Compton perguntou enquanto ela olhava para a mensagem.

“Eles são coordenadas de uma espécie. Instruções sobre como chegar à pensão abandonada por um caminho de volta. ”

“Como você sabia o que significavam?”

“Fiz muitas pesquisas sobre a Escola Preparatória Westmont desde os assassinatos do verão passado e escrevi sobre isso no meu blog.

Durante minha pesquisa, tropecei na mensagem codificada. Um ex-aluno que entrevistei me deu uma pista sobre o significado. Parecia que a maior parte do corpo discente sabia o que os números representavam. Há algum

folclore em torno do código e muitos rumores e especulações sobre o que se passa na pensão. ”

“Isso tem a ver com aquele jogo que eles estavam jogando?”

Ryder encolheu os ombros e balançou a cabeça. “Eu não tenho certeza exatamente. Eu só sabia que Theo estava pedindo a Mack Carter para encontrá-lo na pensão. É por isso que fui. Eu estava perseguindo um furo. Tentar revelar uma história e ser o primeiro a relatá-la. ”

“Que tipo de notícia você achou que encontraria?”

“Eu não tinha certeza. Eu sabia que Theo havia começado a revelar alguns detalhes ao conversar com Mack Carter antes que ele decidisse não fazer isso no último minuto. Seu filho apareceu em um dos episódios de podcast. Sempre acreditei que há mais na história da Escola Preparatória Westmont do que o que está por aí, e suponho que imaginei que seu filho sabia algo sobre isso. Mas, por favor, acredite em mim quando digo que não tinha ideia de que encontraria Theo do jeito que encontrei. ”

A Sra. Compton ficou sentada em silêncio até que ergueu os olhos do telefone e encarou Ryder nos olhos.

“Por que meu filho pediria a um repórter investigativo, que estava fazendo um podcast sobre os assassinatos em sua escola, para encontrá-lo no mesmo lugar onde os assassinatos ocorreram, apenas para se matar antes que o repórter chegasse?”

A pergunta foi tão direta e direta que fez Ryder piscar várias vezes enquanto ela a considerava.

“Eu ... não sei,” Ryder finalmente disse.

“Theo nunca falou muito comigo sobre o que aconteceu na noite em que ele e seus amigos foram para aquela casa na floresta.

Ele nunca falou sobre os meninos que foram mortos no verão passado. Ele disse que era muito difícil discutir e que os médicos da escola estavam ajudando ele e os alunos a superar a tragédia. Eu nunca empurrei. Eu pensei que ele estava

passando por bastante sem sua mãe o importunando. Mas então Theo me ligou. Foi na noite anterior à sua morte. Ele disse que estava preocupado. ”

“Preocupado com o quê?” Ryder perguntou

“Sobre o que ele estava pensando em fazer.”

Ryder se inclinou para frente. O vapor do café subiu até o queixo. “O que ele estava pensando em fazer?”

“Ele disse que ia falar com um repórter sobre o que aconteceu naquela noite na floresta e sobre algumas coisas que estavam acontecendo desde aquela noite.”

“Que coisas?”

“Theo tinha um grupo de amigos de quem era próximo no Westmont. Crianças que ele conhecia desde o primeiro ano. Ele disse que queriam contar algo à polícia naquela noite. Theo disse que estava pronto para tirar isso do peito. “

“O que foi isso?”

Sra. Compton balançou a cabeça. “Ele nunca me contou. Ele estava apenas ligando para me avisar que isso iria colocá-lo em alguns problemas. Ele disse que não conseguia mais esconder. Ele sabia algo sobre seu professor de química. Aquele que matou aqueles meninos. ”

“Sr. Gorman? O que Theo sabia? ”

“Novamente, ele nunca me disse. Mas ele queria contar a alguém e decidiu que alguém deveria ser Mack Carter. Mas antes que ele o fizesse... ”

A Sra. Compton começou a chorar.

“Mas antes que ele fizesse ...” Ryder disse com um tom medido. “Theo se matou?”

Sra. Compton balançou a cabeça. “Não meu Theo. Ele nunca faria isso. ”

Ryder permitiu que a implicação se resolvesse. Mas ela precisava ter certeza de que estava na mesma página.

“Então, se Theo não se matou... ”

A Sra. Compton ergueu os olhos, as lágrimas rolando pelo rosto. “Alguém o matou. Alguém que não queria que Theo falasse sobre o que aconteceu com seus amigos naquela noite. ”

Ryder deslizou sua cadeira um pouco para frente. “Você falou com a polícia sobre alguma dessas coisas?”

“Eu tentei”, disse a sra. Compton. “Eu tentei convencê-los de que Theo nunca acabaria com sua própria vida. Ele nunca faria isso com sua família. Mas eles não vão me ouvir. Eles acham que sou apenas uma mãe enlutada, incapaz de aceitar o suicídio do filho. É por isso que te chamei. A polícia não vai pensar duas vezes na morte do meu filho. Mas eu sei que você vai.

Preciso da tua ajuda. Preciso que você descubra o que Theo queria arrancar de seu peito. O que ele ia dizer a Mack Carter. ”

Tantas coisas passaram pela mente de Ryder. O caso Escola Preparatória Westmont não estava morto. De repente, ela estava olhando para isso de uma nova perspectiva, vindo de um ângulo diferente, armada com uma conclusão que ninguém mais havia feito. Ela sabia que casos arquivados eram resolvidos quando novos olhos olhavam para evidências antigas.

“Ok,” Ryder finalmente disse, organizando seus pensamentos. “Eu vou olhar isso para você. Veja o que posso encontrar. Farei o que puder, mas não prometo que farei algum progresso. Acho que vou começar com os amigos de Theo. ”

“Esse é o problema”, disse a sra. Compton. “Só sobraram dois deles. E, pelo que sei, eram eles que Theo tinha medo. ”

Antes que Ryder pudesse fazer outra pergunta, seu telefone tocou.

CAPÍTULO 63

GWEN MONTGOMERY SUBIU AS ESCADAS DO EDIFÍCIO DA BIBLIOTECA até que ela alcançou o último andar. Seis escrivaninhas de madeira robustas foram posicionadas em ordem precisa entre as prateleiras que continham periódicos antigos e enciclopédias. Os alunos vinham aqui para ficar quieto. Os alunos vinham aqui para estudar de verdade, não para conversar e rir como aconteceu no andar principal da biblioteca. Durante as sessões de verão, com apenas um número escasso de alunos no campus, o nível superior da biblioteca estava sempre vazio. Tornou-se o local para seus encontros com Gavin. O dormitório foi considerado muito perigoso para suas discussões.

Ela caminhou até a fileira de janelas que davam para a entrada principal do campus - os pilares de tijolos gigantes que eram conectados pelo alto portão de ferro forjado que fechava cerimoniosamente a cada ano no Dia do Portão, prendendo os alunos lá dentro. Embora não seja visível de sua perspectiva dentro do prédio da biblioteca, Gwen sabia que as janelas pelas quais ela olhava agora estavam posicionadas logo abaixo das letras gravadas no frontão do prédio que lembrava aos alunos que eles vieram para Escola Preparatória Westmont sozinhos, mas saíram juntos. Ela se perguntou agora se ela iria embora.

“Ei”, disse Gavin em uma voz sussurrada atrás dela.

Ela se assustou e se afastou das janelas.

“O que está errado?”

Sua pergunta, por si só, a incomodava. Gavin sabia muito bem o que estava errado, e sua indiferença sobre a situação sempre a perturbou, mas nunca mais do que nas últimas semanas. Suas ações afetaram tantas vidas.

“Acho que não temos ideia do que está acontecendo”, disse ela. “Não temos ideia do que alguém sabe. Desde que o podcast terminou e o site de Ryder Hillier foi limpo, ficamos no escuro.”

“Isso é uma coisa boa”, disse Gavin. Ele se aproximou dela. “Lembra como você ficou preocupado quando ouvimos sobre o podcast em primeiro lugar? Quanto menos gente bisbilhotar, melhor para nós.”

“Mas pelo menos tínhamos informações para prosseguir. Pelo menos sabíamos qual era o pulso da investigação. Agora, não sabemos nada.”

“Nós sabemos que ninguém está pedindo para falar conosco. Isso é tudo com que devemos nos preocupar no momento. Você quer pessoas bisbilhotando? Você quer ver o que teria acontecido se Theo tivesse derramado sua coragem?”

“Jesus, Gavin! Você fala como se fosse bom que Theo se matasse.”

“É uma coisa trágica! Mas poderia ter sido pior se ele tivesse contado a Mack Carter sobre aquela noite. Merda, Gwen. Eu sou o único pensando claramente aqui. E por isso, estou crucificado. Onde estaríamos agora se eu não estivesse controlando as coisas?”

Ela não respondeu.

“Ouça”, disse Gavin, seu tom mais suave. “Eu sei que isso é difícil. Mas não temos mais escolha. Fizemos isso em um ponto e tomamos nossa decisão. Agora temos que enfrentar isso. Temos que ficar juntos. Somos os únicos que sobraram, Gwen.

Somos só eu e você. ”

Gwen acenou com a cabeça e balançou a cabeça. Ela colocou os braços em volta dos ombros ossudos e se abraçou.

“Eu só queria que tivéssemos uma maneira de saber sobre a investigação. Eu gostaria que tivéssemos uma maneira de saber o que eles sabem. ”

“Você não vê? A falta de informação é uma coisa boa. Isso significa que eles não sabem de nada. E enquanto você e eu ficarmos juntos, vai continuar assim. ”

Ele se aproximou e a tomou nos braços. Mas o toque de Gavin havia perdido seu conforto. Ele não era mais querido por ela.

Ele havia mudado tanto desde o ano passado que Gwen mal o reconheceu.

CAPÍTULO 64

GWEN ENXUGOU AS LÁGRIMAS DOS OHOS ENQUANTO ELA CAMINHAVA da biblioteca. A pressão estava começando a esmagá-la. Na verdade, estava muito além de começar. Isso a estava matando. Era como se ela tivesse carregado uma pedra enorme nos ombros durante o último ano, lutando com as coxas trêmulas para se mover pela vida. Finalmente, depois de quatorze meses, era demais para suportar. As palavras de Gavin não a confortavam mais. Suas garantias de que o tempo iria curar suas feridas e tirar sua culpa não eram mais críveis. Ele fazia parte de tudo. Ele foi, talvez, a causa de tudo. Foi idéia dele.

Sem Gavin, Gwen precisava de alguém para guiá-la. Ela não podia recorrer a seus pais. Agora não. Não depois de tanto tempo. Os esforços do Dr. Hanover também foram ineficazes. Apenas uma pessoa já aliviou sua dor. Apenas uma pessoa reprimiu sua culpa naquela noite. Ela confiava nele com sua vida, e sem ninguém a quem recorrer, ela finalmente decidiu contar tudo a ele.

Ela caminhou pelo campus até chegar à fila do professor. Ela não olhou para o número quatorze quando o passou. Fazer isso a lembrou da noite em que ela e seus amigos causaram tantos estragos. A noite em que sua vida mudou para sempre. Como as coisas seriam diferentes se eles não tivessem ido ao duplex do Sr. Gorman naquela noite. Quão diferente seria sua vida hoje se eles não tivessem feito aquele vídeo ou seguido Tanner Landing como um rebanho de ovelhas. Gwen empurrou as memórias e pensamentos hipotéticos de sua mente. Ela enlouqueceu no último ano com sonhos de voltar no tempo. De fantasias de que o relógio poderia voltar atrás para ela, de que ela poderia mudar as decisões que tomou naquela noite.

Quando ela alcançou o duplex do Dr. Casper, ela subiu as escadas e bateu. A porta da frente se abriu. Ela não deu a ele a chance desta vez de protestar contra sua presença. Ela não deu a ele a oportunidade de recusar seus pedidos de ajuda.

“Eu tenho que falar com você,” ela disse, e então passou por ele e foi para a sala da frente que funcionava como seu escritório. Ela se sentou na cadeira de pelúcia de encosto alto onde sempre se sentava durante as sessões com ele, até que foi designada novamente para o Dr. Hanover após os assassinatos.

Demorou um pouco antes que o Dr. Casper aparecesse na porta. Gwen podia sentir sua apreensão, como se ele soubesse que suas palavras estavam prestes a mudar sua vida. Como se ele soubesse que ela era frágil e estava à beira do abismo. Ela o viu se transformar na pessoa que sempre fora para ela. O médico que sempre soube ajudá-la. Alguém que nunca a rejeitaria, não importa o quão terrível ela tenha feito.

“O que está em sua mente?” O Dr. Casper finalmente perguntou em um tom lento e calculado.

Gwen esfregou a boca com o punho e mordeu os nós dos dedos enquanto pensava.

“Quero contar a você sobre a noite em que Tanner e Andrew foram mortos.”

O Dr. Casper ficou imóvel como uma rocha no batente da porta. Ele ergueu as sobrancelhas. “Você já não contou à polícia tudo o que sabe?”

“Não. Algo aconteceu naquela noite com meus amigos e eu. Não contamos a ninguém.”

Ela olhou para seu colo, organizando seus pensamentos e, finalmente, de volta para o Dr. Casper.

“É sobre o Sr. Gorman. Sabemos que ele não matou Tanner e Andrew.”

O Dr. Casper deu alguns passos para dentro da sala.

“Gwen, não tenho certeza se sou a pessoa para quem você deve contar isso.”

“Você é a única pessoa que posso dizer.”

Escola Preparatória Westmont

Verão de 2019

CAPÍTULO 65

POR VOLTA DE NOVE HORAS DA MANHÃ DE UMA TERÇA-FEIRA

— Apenas alguns depois daquele de sábado à noite através das sombras da Escola Preparatória Westmont e para os fundos do duplex número quatorze - a notícia do vídeo havia circulado em cada canto do campus. Quase todos os alunos clamavam para ver a filmagem. Como Tanner havia feito o vídeo, e atualmente residia apenas em seu telefone, ele o usou como um ímã para atrair a atenção pela qual estava tão sedento. No laboratório de química, os alunos se amontoavam ao seu redor, assistindo e reexibindo o vídeo semipornográfico, mas principalmente cômico, de um Charles Gorman nu empurrando os quadris, como um coelho, até que ele virou a cabeça para o lado e ofereceu à câmera uma expressão frenética de êxtase. Gwen não precisou assistir ao vídeo para avaliar qual parte os outros estavam vendo. Quando o grupo caiu na gargalhada, ela soube que Tanner havia pausado o vídeo no rosto do Sr. Gorman. Ela ficou triste pelo Sr. Gorman. Essa parte privada de sua vida havia sido roubada e agora estava sendo distribuída a todos com uma necessidade voyeurística, por alguém que ansiava pela aceitação de seus pares mais do que respeitava os princípios básicos da privacidade.

Tanner criou memes a partir do que considerou as melhores partes do vídeo. Havia um intitulado The Jackhammer, que incluía as nádegas nuas do Sr.

Gorman saltando furiosamente para cima e para baixo em um loop de avanço rápido. Outro era rotulado como Mr. G's Money Shot e incluía um close-up em zoom do rosto granulado e escurecido de Gorman quando ele virou a cabeça para o lado.

“Ele é um idiota”, disse Gavin para Gwen. Eles estavam em sua estação de laboratório com Theo e Danielle. “Ele vai enviar aquele vídeo para alguém e, em pouco tempo, ele aparecerá nas redes sociais. Então estamos todos ferrados.”

“Diga a ele”, disse Gwen.

“Eu fiz. Ontem à noite, quando vi os memes que ele estava criando. Eu disse a ele que teríamos muitos problemas se o vídeo vazasse. Ele não liga. Ele acha que é seu ingresso para as boas graças de Andrew Gross, e tem certeza de que será considerado um claro trunfo da roupa íntima da Sra. Rasmussen pendurada na biblioteca.”

“Bom dia”, disse Gorman ao entrar no laboratório. “Acalme-se e divida em seus grupos de laboratório.” Ele olhou para o grupo amontoado no canto traseiro do laboratório. “Sr. Aterrissando, o que há de tão engraçado aí?”

“Nada”, disse Tanner, deslizando o telefone no bolso de trás. Sorrisos e risadinhas atormentaram a classe inteira.

“Eu estava me preparando para o experimento que estamos fazendo hoje.”

“Excelente”, disse Gorman. “Com certeza, então, você será capaz de explicar para a classe?”

“Uh, sim”, disse Tanner, mal conseguindo controlar sua risada. Ele olhou para Andrew Gross, que estava parado em frente a ele. “O experimento de hoje criará um lento acúmulo para uma erupção repentina.”

Imediatamente, a classe caiu na gargalhada. O Sr. Gorman esperou pelo silêncio.

“Há um pequeno vídeo que assistiremos sobre o experimento de hoje”, disse ele enquanto diminuía as luzes e puxava a tela do projetor para baixo. Ele ligou o projetor e um quadrado azul de luz caiu na tela. Assim que isso aconteceu, o estômago de Gwen caiu.00

“Oh, Deus”, ela sussurrou para Gavin. “Por favor, me diga que ele não fez isso.”

O Sr. Gorman começou o vídeo. A cor azul desapareceu e um segundo depois apareceu o meme intitulado The Jackhammer.

A sala de aula ficou em silêncio enquanto o corpo nu do Sr. Gorman apareceu na tela. Charles Gorman demorou um pouco para entender o que estava vendo, porque o vídeo foi reproduzido por vários segundos antes que ele desligasse o projetor e saísse rapidamente da sala.

Era 18 de junho.

CAPÍTULO 66

CHARLES GORMAN ESTAVA EM PÂNICO. DE ALGUMA FORMA ELES TINHAM GRAVADO ele. Ele adivinhou que o vídeo tinha sido feito pela janela de seu quarto, mas ele só deu uma olhada rápida antes de desligar o projetor e sair correndo do laboratório. Agora sua mente pregava peças nele e sua memória era irregular enquanto o loop recorrente do vídeo passava por sua mente. Ficava cada vez pior a cada vez que ele pensava nisso. Combinado com sua outra descoberta, foi o suficiente para tê-lo no limite de um comportamento racional.

Ele tinha procurado em todos os cantos de seu duplex. Agora ele estava caminhando rapidamente para o escritório de Gabriella. Ele bateu em sua porta com mais força do que pretendia. Ela o abriu um momento depois.

“Charles,” ela disse, olhando por cima do ombro para ver quem poderia estar testemunhando eles juntos.

“Eu preciso falar.”

“Estou no meio de uma reunião no momento-”

“É sobre a outra noite.”

Gabriella baixou a voz. “Charles, este não é um bom momento. E nada mudou. Precisamos manter a nós mesmos por um tempo.”

“Isso não é mais possível,” Charles disse ao passar por ela e entrar na casa. Quando ele entrou na sala da frente, ele encontrou Christian Casper sentado na cadeira.

“Charles. É bom ver você, ”disse Christian.

“Charles acabou de passar por aqui”, disse Gabriella da porta, “para discutir ...”

“Meu diário sumiu”, disse Charles.

“Perdão?” Disse Gabriella.

“Meu jornal. Eu não consigo encontrar. Tem tudo que você e eu já discutimos durante uma sessão. ”

“Acho que vou deixar vocês dois sozinhos”, disse Christian enquanto se levantava.

“Não”, disse Charles. “Você também precisa saber sobre isso.”

“Charles”, disse Gabriella, “posso dizer que você está chateado. Vamos discutir isso em particular. ”

“Eu disse que era tarde demais para isso. Eles nos gravaram. ”

Christian Casper engoliu em seco, sem jeito. “Eu vou me desculpar.”

“Eles fizeram o quê?” Disse Gabriella.

Charles respirou fundo. “A outra noite.” Ele olhou rapidamente para Christian e depois de volta para Gabriella. “Quando nós estávamos ... juntos. Eles nos gravaram pela janela. ”

Gabriella colocou a palma da mão sobre a boca. Sua mandíbula, sem saber, ficou aberta.

“De quem, exatamente, estamos falando? E o que eles gravaram? ” Christian perguntou.

Charles fechou os olhos. “Gabriella e eu estamos em um relacionamento. Ela estava no meu duplex no sábado à noite quando os alunos abriram a porta dos fundos e sopraram uma buzina pela casa. Eu pensei que era apenas uma brincadeira estúpida, até hoje. Comecei meu projetor e, em vez de uma aula de química, um vídeo de nós dois começou a ser reproduzido. ”

“Meu Deus”, disse Gabriella, sentando-se em uma cadeira.

Ele olhou para ela. “Por favor, diga que deixei meu diário aqui depois de nossa última sessão.”

Gabriella balançou a cabeça. “Não, não está aqui.”

Charles passou a mão pelo cabelo e engoliu em seco. Ele também se sentou. “Eles pegaram. Os pequenos bastardos o pegaram. “

“O que estava nele?” Christian perguntou.

“Tudo”, disse Charles. Ele olhou para Gabriella. “Tudo sobre o meu passado.” Seus dentes cerraram novamente, como se ele não tivesse controle sobre sua mandíbula. “E todas as minhas divagações sobre o que eu queria fazer com Tanner Landing e Andrew Gross.”

Gabriella colocou a mão na testa, como se um feitiço tivesse caído sobre ela. “O que você escreveu, Charles?”

“Tudo que eu te falei! Tudo o que você me encorajou a documentar como uma forma de retirá-lo do meu sistema. ”

“Pare, por favor”, disse Gabriella. Ela olhou para Christian. “Você pode nos dar licença?”

“Ele sabe o que escrevi, Gabriella. Eu disse a ele sobre isso, então vamos deixar de lado a ideia de que podemos manter tudo isso privado por mais tempo. Se essas crianças lerem meu diário, estou ferrado. E não estou falando em perder meu emprego por causa de um relacionamento consensual. Estou falando sobre consequências legais. Pelo amor de Deus, crianças do ensino fundamental têm suas vidas arruinadas por rabiscar desenhos de armas. O que eu escrevi foi... horrível. E horrível. E detalhado. ”

“Vou chamá-los”, disse Gabriella. “Teremos uma reunião com os alunos.”

“Sim”, disse Christian. “Isso já foi longe demais.”

“Você acredita honestamente que eles admitiriam ter tirado meu diário? Ou para o vídeo? ”

Gabriella finalmente olhou para ele. “Quais são as nossas outras opções?”

“Acho que devemos cancelar as aulas pelo resto desta semana”, disse Christian. “Até que consigamos controlar esta situação.”

Gabriella acenou com a cabeça. “Eu concordo.”

Os olhos de Charles Gorman estavam vidrados, úmidos de preocupação enquanto ele olhava para longe. Seu rosto estava impassível e distante.

PARTE VIII

Agosto de 2020

CAPÍTULO 67

O ALGORITMO TINHA PRODUZIDO MILHARES DE ACESSOS a partir do conjunto inicial de critérios que Lane inseriu - trem, trilhos de trem, ferrovia, sistema ferroviário, suicídios e todas as versões de moedas de um centavo de formato irregular. Aparentemente, ele aprendeu, os pátios ferroviários são lugares perigosos. Com uma lista de dez páginas, ele precisaria de um exército de ajuda para acompanhar todas as pistas. Se ele estivesse de volta a Chicago, poderia empregar alguns de seus alunos de pós-graduação para pesquisar as descobertas, mas aqui em Peppermill eram apenas ele e sua cabeça dolorida. Ele não teve escolha a não ser restringir sua busca até que o algoritmo expusesse uma lista gerenciável de pistas. Ele havia passado toda a quinta-feira fazendo exatamente isso. Dos que restaram, o mais interessante era aquele que ele perseguia de Nova York. Ele tinha trabalhado ao telefone na tarde anterior e à noite, e então esta manhã até agora, ao meio-dia de sexta-feira, ele finalmente se conectou com alguém útil dentro da NYPD.

“O cara que você está procurando está aposentado na Flórida.”

“Você tem um número para ele?” Lane perguntou.

“Certo. Mas não se ofenda se não receber uma ligação de retorno. Ele teve alguns ... problemas ”, disse a voz do outro lado da linha. “Ele está desaparecido há um tempo. Nem mesmo os caras daqui tiveram sorte em alcançá-lo. ”

“Vou pegar o número do mesmo jeito”, disse Lane. “Se você não se importa.”

“Sim. Aqui está. Boa sorte.”

Lane rabiscou o número, agradeceu e rezou para que não fosse um beco sem saída.

CAPÍTULO 68

O DETETIVE APOSENTADO GUS MORELLI LEVOU SUA LA RUBIA, uma cerveja da Wynwood Brewing, fora de seu condomínio e mancando escada abaixo para a praia na sexta-feira à noite. Ele normalmente assistia ao pôr do sol da varanda protegida de seu apartamento no terceiro andar, mas esta noite ele precisava limpar a cabeça. O condomínio alugado ficava a cinquenta passos da praia - ele contara, um hábito que adquirira desde que o câncer atingira sua perna direita, três anos antes. Ele mediu quase tudo hoje em dia por quantos passos seriam necessários para chegar lá.

Ele quase dominou seu andar em terreno plano, mas areia ainda era um filho da puta. Ele demorou ao pisar na praia. Nenhum dos outros aposentados do condomínio sabia que ele andava com uma prótese de titânio. Apesar do calor e da umidade da Flórida, ele usava calças compridas e mantinha um ritmo razoável na areia para enganar a maioria das pessoas. Para aqueles que notaram algo incomum em seu andar, eles suspeitariam de muitos outros cenários antes de concluir que ele havia perdido uma perna. Talvez ele estivesse se recuperando de uma cirurgia. Desde que chegou ao sul, ele soube que quase todos os idosos da Flórida haviam passado pela faca no ano anterior. Era como um esporte para eles, tentar superar um ao outro comparando procedimentos cirúrgicos. Ou talvez ele estivesse se recuperando de uma queda, outro hobby comum entre a população da qual ele havia feito parte. Os velhos tropeçavam como bêbados e quase todos usavam bota ou suporte em algum momento do ano.

Ele parou por um momento para dar um gole em seu La Rubia, na esperança de abafar seu cinismo. Apesar da serenidade da Ilha Sanibel, o detetive Morelli ainda tinha trabalho a fazer para conter seu desprezo pelos idosos. Eles trouxeram de volta memórias sombrias de seu tempo no hospital de reabilitação, onde ele passou várias semanas depois de perder a perna. Lá, ele foi confundido com os desamparados e desamparados. Por algumas semanas, ele foi um membro da classe de idosos frágeis que dependia de enfermeiras e auxiliares para fazer de tudo, desde jantar até mijar. Gus estava determinado a nunca mais ser agrupado nesse grupo demográfico. Os anos estavam fora de seu controle; como ele lidaria com eles dependia completamente dele.

Talvez, ele considerou, qualquer pessoa que o visse caminhando cautelosamente pela praia poderia acreditar que ele estava simplesmente

tomando seu tempo, curtindo a areia e o surf durante a aposentadoria. Isso seria difícil de vender, porém, porque ele mesmo não acreditava nisso. Agora, um caso de seu passado estava acordando de um longo sono e empurrando Gus junto com ele. Ele foi para a praia esta noite tentando descobrir se ele estava com raiva por ter sido tirado da hibernação ou se isso o fazia se sentir vivo novamente.

Engolindo sua cerveja, ele se moveu cautelosamente pela areia e desceu até a arrebentação, onde o solo era mais liso. Ele tomou um gole de cerveja e olhou para o oceano. Ele observou o momento em que a crista superior do sol mergulhou abaixo do horizonte. De acordo com um velho que ele conheceu em seu primeiro dia em Sanibel, um flash verde apareceu no instante em que o sol se pôs abaixo do horizonte. Depois de três meses de pôr do sol, Gus estava começando a achar que o velho era um monte de merda. Ainda assim, ele semicerrou os olhos para o horizonte e esperou que o sol afundasse no oceano. Mas ele só estava pensando no telefonema que recebera no início do dia do psicólogo forense de Chicago que estava interessado em um caso antigo no qual Gus estivera envolvido. O sol poente e seu reflexo brilhando através do oceano desapareceram quando seus pensamentos voltaram para um dia de outono em Nova York, quando um adolescente foi morto nos trilhos do trem.

The Bronx, Nova York

Oak Point Yard era o lar de trens de carga que passavam por Nova York a caminho do oeste. A carga incluía madeira do Canadá, produtos, combustível e produtos importados que fizeram a travessia do Atlântico. O trem de lixo também passava por esse pátio ferroviário, assim como duas linhas da Amtrak que usavam os trilhos eletrificados e corriam em alta velocidade. Estava escuro quando Gus chegou ao local. A polícia local cercou o local e ele se abaixou para passar por baixo da fita enquanto se dirigia para os trilhos. O terreno era rochoso, com pedras cedendo sob seu peso enquanto ele caminhava.

O médico legista o encontrou.

“Como é isso?” Perguntou Gus.

“Uma bagunça total”, disse o legista, uma mulher baixa em um blusão e jeans preto. “Trem de alta velocidade encontra pedestres. Nunca é bonito.

Eu estimo que o trem estava se movendo a cerca de cinquenta milhas por hora. A vítima foi atingida pelo carro da frente, carregada por algumas centenas de metros pelos trilhos - duzentos e doze metros no total -

antes de finalmente ser puxada para baixo. O trem de carga tinha uma milha de comprimento e o condutor nunca viu o garoto, então ele nunca parou. ”

“O que sobrou dele?”

“Não muito.”

“Como foi chamado?” Perguntou Gus.

“O irmão da vítima estava com ele. Disse que estava tocando nas faixas quando aconteceu. O irmão correu para casa, os pais ligaram para o nove-um-um. ”

“Eles estão aqui?”

O legista assentiu e apontou para um grupo de pessoas. “Lá. Quer ver o corpo antes de embrulhá-lo e levá-lo para dentro? “

Gus balançou a cabeça. “Nah. Vou dar uma olhada nas fotos quando estiver tudo pronto. ”

O legista se virou para voltar para sua equipe.

“Ei, doutor?” Perguntou Gus.

Ela se voltou.

“Você disse que o trem arrastou o garoto duzentos e doze metros. Como você conseguiu esse número exato? ”

“Duas maneiras”, disse ela. “Primeiro, encontramos fragmentos de sangue e crânio no cascalho onde suspeitamos que a criança foi inicialmente atingida. Entre lá e a localização do corpo, encontramos pedaços dele, junto com um rastro de sangue perceptível. ”

Gus acenou com a cabeça. “Mas dois doze é bem específico. Como você sabe que não está desviado por um ou dois metros?”

“

“Por causa da segunda maneira, reduzimos o local exato em que ele foi atingido”, disse o legista. “O trem o tirou dos sapatos. Um deles, pelo

menos. Ainda estava na pista onde os primeiros pedaços de crânio e sangue estavam localizados.

Imaginei que era o local exato. Nós medimos a partir daí. ”

“Cristo”, disse Gus. Ele respirou fundo e se dirigiu para os pais do garoto morto. Eles estavam falando com um oficial quando Gus se aproximou.

“Sou o detetive Morelli. Sinto muito pelo seu filho. ”

Os pais concordaram. “Obrigada”, disse a mulher, mal contendo as lágrimas. Seu rosto estava vermelho e seus olhos avermelhados.

“Eu soube que seu outro filho estava presente no momento em que William foi atropelado pelo trem?”

A mulher acenou com a cabeça. “Ele é nosso filho adotivo, mas sim, ele estava com William.”

“Posso falar com ele?”

A mulher acenou com a cabeça. “Ele está com um dos policiais.”

Gus acompanhou a mulher até um grupo de oficiais. Sentado no chão estava um adolescente. “Este é o detetive Morelli”, disse a mulher. “Ele quer falar com você sobre o que aconteceu com William.”

O menino ergueu os olhos. Gus percebeu que seus olhos estavam claros, não avermelhados como os de sua mãe. Mãe adotiva, Gus lembrou a si mesmo.

“Ei”, disse Gus.

“Ei,” o garoto disse de volta.

“Desculpe pelo seu irmão.”

“Obrigado.”

“Vamos dar um passeio. Você está bem com isso? “

O garoto deu de ombros e se levantou. Gus colocou a mão no ombro do garoto e eles caminharam por entre o grupo de policiais uniformizados e se afastaram dos pais adotivos do garoto.

“Você pode me contar o que aconteceu?” Gus perguntou enquanto se dirigiam para o sul, com os rastros à direita e a comoção de tudo o que

havia acontecido atrás deles. Gus conduziu o garoto para fora do pátio de trens até o estacionamento, onde sua viatura não identificada estava localizada.

“Estávamos tocando nas faixas como sempre fazíamos.”

“Como você sempre fez?”

“Sim. Viemos aqui o tempo todo. ”

“Para fazer o que?”

O garoto deu de ombros novamente. “Veja os trens passando. Veja o quão perto podemos chegar deles. Se você chegar perto o suficiente, você pode sentir o vento te movendo. ”

“Parece perigoso.”

Houve uma pequena pausa.

“Eu não sei. Eu acho.”

“Foi isso que aconteceu com William? Ele chegou muito perto dos trilhos?”

“Mais ou menos”, disse o garoto. “Estávamos achatando centavos.”

Gus ergueu as sobrancelhas. “Fazendo o que?”

O garoto enfiou a mão no bolso e tirou uma moeda. Gus viu que era fino, plano e alongado. “Colocamos centavos nos trilhos e deixamos os trens atropelá-los. Eles ficarão assim quando terminarmos. ”

Gus pegou a moeda do garoto. Era bem esticado e lembrava a Gus um pedaço de Play-Doh, mas ainda robusto e rígido. O

rosto de Lincoln era reconhecível no cobre, mas não havia mais sulcos ou bordas em sua imagem. Ele passou o polegar pela superfície. Suave como um pedaço de madeira recém-lixado.

“Você disse que vem muito para as pistas?”

O garoto acenou com a cabeça.

Agora Gus encolheu os ombros. “Então você provavelmente tem outros centavos?”

“Sim,” o garoto disse sem hesitação. “Eu tenho um monte.”

“Sim? Onde?”

“Meu quarto.”

Gus olhou para a moeda uma última vez e a devolveu ao garoto.

“Então o que aconteceu esta noite? Com William? ”

“Eu realmente não sei. Ele chegou perto demais, eu acho. Nós dois colocamos nossos centavos nos trilhos, e então o trem chegou. Eu meio que recuei, mas William ficou perto e o trem só ... eu realmente não sei. Ele tinha acabado de sair. “

“Você pode me mostrar onde aconteceu? O local onde você e William estavam e onde você colocou as moedas? “

O garoto deu de ombros uma última vez. “Certo.”

No brilho áspero da iluminação do pátio ferroviário, com a noite escura além, Gus seguiu o garoto de volta aos trilhos.

CAPÍTULO 69

LANE REMOVEU AS BANDAGENS DE SUA CABEÇA E VERIFICOU O dano no espelho. Uma grande mecha de cabelo havia sido raspada ao longo do lado superior direito de sua cabeça, e os grampos pareciam segurar um pacote de lombo de porco. Ele considerou brevemente removê-los ele mesmo, mas sabia que seria um inferno pagar por tal façanha. Ele já estava tendo problemas para convencer Rory a seguir seu plano. Arrancar grampos de sua própria cabeça uma semana antes da data prevista para o lançamento não ajudaria em nada. Ele os deixou sozinhos e tomou seu primeiro banho em quase uma semana. Parecia celestial, apesar da picada em seu couro cabeludo.

Ele se barbeava e vestia uma camisa oxford de botão e paletó esporte. Seu cabelo desgrenhado era longo o suficiente para esconder a faixa de calvície onde os grampos estavam localizados, mas ele optou por um boné para se certificar de que não reviraria o estômago de ninguém. Ele desceu as escadas e entrou na sala de três temporadas onde Rory estava trabalhando.

“O que você acha?” ele perguntou.

Rory ergueu os olhos do arquivo que estava lendo.

“Ah, de volta ao ser humano,” ela disse. “O chapéu é um belo toque. Combina perfeitamente com a jaqueta esportiva. Como você está se sentindo?”

“Tipo cem dólares.”

“Fofa. Talvez você deva descansar por mais alguns dias antes de fazer isso.”

Lane balançou a cabeça. “Sem chance. Este detetive estava ansioso para falar, mas também ansioso em geral. Tive a impressão de que era agora ou nunca com esse cara.”

“Então fale ao telefone. E se você for até a Flórida e chegar a um beco sem saída?”

“Tenho a sensação de que o veterano tem algo importante para nós. Ele disse que quer falar pessoalmente, não faria isso por telefone. Ele é um daqueles idiotas da velha guarda. Ele não está disposto a dar informações a um estranho pelo telefone.”

“Tem certeza de que está pronto para isso?”

“Tenho certeza.”

“Os médicos disseram para não dirigir por pelo menos duas semanas.”

“E eu concordo. Eu não vou dar uma lambida na direção.”

A campainha tocou assim que as palavras saíram de sua boca.

“Ver? Aqui está minha escolta.”

Rory se levantou de sua mesa, colocando os óculos no processo. “Eu me sinto péssimo por ele ter vindo até aqui para isso.”

- Não faça isso - disse Lane. “Eu o tornei um homem rico ao longo dos anos. Além disso, para começar, ele me envolveu nessa coisa. Ele me deve.”

Lane saiu da sala de três temporadas e foi para a porta da frente. Dwight Corey, seu agente, estava na varanda da frente.

Dwight estava vestido com calças de alfaiataria cinza que caíam perfeitamente nele, sapatos cor de amêndoa brilhantes e uma camisa de botão que não estava nem um pouco amassada.

“Agora, como diabos você conseguiu dirigir de Chicago sem amassar sua camisa?” Lane perguntou.

Dwight franziu as sobrancelhas enquanto olhava para Lane. “Você parece um lixo. Não estou permitindo que você use um boné de beisebol com essa jaqueta. ”

“Você deveria ter visto ele com a cabeça enfaixada,” Rory disse.

Dwight se inclinou para dar uma olhada em Rory por cima do ombro de Lane.

“É bom ver você, Rory.”

“Você também, Dwight. Desculpe fazer você vir até aqui. ”

“De jeito nenhum. Eu precisava verificar meu cliente estrela, de qualquer maneira. ”

“Entre”, disse Lane.

Rory e Lane se sentaram no sofá, Dwight na poltrona adjacente.

“Brincadeira de lado, como você está se sentindo, amigo?” Perguntou Dwight.

“Estive melhor, mas também estou melhorando”, disse Lane.

“Bom ouvir isso. Ouça, estou feliz em ajudar, mas há outra razão pela qual eu vim também. Tem a ver com vocês dois, na verdade. ”

Lane olhou para o relógio. “Temos trinta minutos antes de sairmos.”

“Vou direto ao ponto. A NBC está em contato desde ... Mack Carter faleceu. Eles estão em uma situação difícil com o podcast. É muito popular, com muitos seguidores. Eles o colocaram em um hiato indefinido, mas nos bastidores estão procurando alguém para continuar a série. Eles sugeriram a ideia de você e Rory se comprometerem em oito episódios ao longo de dois meses. Um episódio por semana. Basicamente, eles estão pedindo que você veja o que pode encontrar e faça um relatório sobre isso. ”

Lane balançou a cabeça. “Não somos artistas, Dwight. Faríamos um péssimo serviço ao podcast. E atualmente não temos nada para continuar. Ainda estamos perseguindo pistas. ”

“Achei que você tivesse me dito ao telefone que tinha conversado com alguém do Departamento de Polícia da Peppermill.”

“Nós fazemos. O detetive do caso da Escola Preparatória Westmont deu uma olhada nos arquivos. Mas ele fez isso off the record. ”

“Ninguém está pedindo que você desista de suas fontes. A rede quer que o podcast continue e eles querem que vocês dois o hospedem. Eles fizeram uma oferta lucrativa. ”

Lane olhou rapidamente para Rory. Ela não precisava de palavras para dizer a Lane o que estava pensando. Ele levantou-se.

“Vamos para a Flórida. Podcasts não são nossa praia, Dwight. Fiquei feliz em oferecer minha opinião, mas temo que hospedar não é para mim. ”

“Eu tive que perguntar”, disse Dwight.

Lane colocou a bolsa no ombro e deu um beijo de despedida em Rory. “Ligarei para você amanhã depois de ouvir o que este detetive tem a me dizer.”

“Ele não pode dirigir”, disse Rory para Dwight.

“Estou cuidando disso”, disse Dwight.

“E ele deve ter oito horas de sono.”

“Vou colocá-lo na cama esta noite.”

“Sem álcool, também”, disse Rory.

Dwight piscou para ela. “Vou observá-lo como um falcão.”

“Um homem de cinquenta anos com babás”, disse Lane enquanto caminhava para fora. Ele subiu no banco do passageiro do Land Rover de Dwight e eles se dirigiram ao aeroporto para pegar um sete PM

voo para fora de Indianápolis.

O olho perspicaz de Rory havia descoberto uma linha promissora que percorria o mistério da preparação de Westmont. Essa discussão levou a um

detetive aposentado na Flórida e a um caso em que ele havia trabalhado anos antes. Lane não engoliu um analgésico por quarenta e oito horas. Além de uma dor de cabeça surda, sua mente estava clara e seus pensamentos estavam ordenados. Ele estava ansioso para voltar ao trabalho. Com apenas uma leve bagagem de mão, ele e Dwight passaram pela segurança sem incidentes. Às sete e meia, o avião atingiu sua altitude de cruzeiro. Lane reclinou o assento da primeira classe, puxou o boné sobre os olhos e adormeceu. Ele pousaria em Fort Myers, Flórida, às 10:52 da noite hora do Leste.

CAPÍTULO 70

RORY ESTAVA PRONTA PARA BATALHA, UM HORRIVEL CALOR DE AGOSTO. Ela usava os óculos sem receita de aro grosso no rosto, o gorro baixo na cabeça e o blusão cinza abotoado até o pescoço. Ela estava com a mochila no ombro e, como sempre, as botas de combate Madden Girl Eloisee nos pés.

Rory normalmente trabalhava em seus casos sozinha. Além de sua colaboração com Lane, sua investigação em um caso arquivado envolveu ela, uma caixa de arquivos e quaisquer pistas que esperavam para serem descobertas. Ocasionalmente, porém, as ligações exigiam interação com outros humanos - a parte menos favorita de Rory no trabalho. Ela já havia caminhado pela cena do crime com Henry Ott e teve que suportar a estranheza de conhecer Gabriella Hanover. Agora, as pistas que ela havia encontrado no arquivo do caso de Theo Compton a levaram a este café em uma noite de sexta-feira para se encontrar com o repórter chamado Ryder Hillier. Noites como aquela eram os riscos de sua ocupação - perigos que nenhum pacote de compensação de trabalhadores cobriria.

Ela estacionou a uma quadra do café da esquina e foi surpreendida pela multidão quando abriu a porta do café. Jovens movidos a cafeína digitavam em laptops e ocupavam todas as mesas do local. Ela reconheceu Ryder Hillier de sua reunião no hospital, avistando-a em uma mesa perto do canto de trás. Ela ajustou os óculos uma última vez, respirou fundo e se aproximou.

“Oi”, disse Ryder. “Estava começando a achar que estava na hora errada.”

“Desculpe,” Rory disse. “Eu estava no meio de algo e não conseguia escapar.”

“Não há problema”, disse Ryder. “Quer um café?”

Rory balançou a cabeça. “Não, obrigado.” Ela se sentou. “Desculpe ligar para você do nada como eu fiz, mas tenho um ...

favor a pedir.”

Rory sabia que os favores dos jornalistas nunca eram gratuitos.

Ryder acenou com a cabeça. “Estou ouvindo.”

Rory viu a apreensão no rosto de Ryder.

“Eu preciso ver o vídeo que você filmou de Theo Compton na noite em que ele morreu. Tentei encontrar na Internet, mas não existe. ”

“Os processos parecem fazer isso. Foi esfregado como se nunca tivesse existido. Provavelmente uma coisa boa. Eu nunca deveria ter postado. ”

“Mas você ainda tem o original? No seu celular?”

Ryder acenou com a cabeça novamente.

“Eu preciso ver.”

“Por que?”

“Por causa de um tópico que estou perseguindo.”

“Então você está trabalhando no caso da Escola Preparatória Westmont.”

Rory fez uma pausa e olhou ao redor do café.

“Não oficialmente,” ela disse. “Mas estou analisando o caso em silêncio.”

“O quê tem pra mim?” Ryder perguntou.

“Não muito,” Rory disse. “Mas se eu encontrar o que acho que está no vídeo, contarei minha teoria. Peço apenas que não escreva sobre isso em seu jornal. Pelo menos, ainda não. ”

“Eu realmente não tenho um jornal no momento. Meu editor e eu não estamos de acordo sobre meus problemas jurídicos atuais. ”

Ryder tomou um gole de café.

“Eu vou deixar você ver o vídeo se você não apenas me der uma pista sobre o que está procurando, mas também me atualizar sobre suas outras teorias sobre o caso. Não vou colocar nada disso no Star, mas vou cobri-lo no meu blog sobre crimes verdadeiros. ”

“Como você sabe que tenho alguma teoria?”

“Você é uma espécie de lenda dentro do mundo do crime verdadeiro. Não há nenhuma maneira de você estar na Peppermill por uma semana sem chegar a nenhuma teoria. ”

Rory pegou o gorro e o ajustou mais para baixo na testa. Como sempre, ela nunca foi tão anônima quanto acreditava.

Rory acenou com a cabeça. “Eu vou te dizer o que eu tenho até agora se você prometer me dar uma semana antes de escrever qualquer coisa.”

“Combinado.”

Ryder esticou o braço sobre a mesa para selar o acordo com um aperto de mão. Rory balançou a cabeça.

“Sistema de honra. Apenas duas mulheres concordando em se ajudar. ”

Ryder acenou com a cabeça e retirou a mão dela.

“Vamos dar uma olhada no vídeo”, disse Rory.

Ryder puxou seu telefone e deslizou a tela algumas vezes, em seguida, puxou sua cadeira para ficar ao lado de Rory. O vídeo começou a rodar. A filmagem era tão ruim quanto Rory se lembrava, com a tela quase toda preenchida pela noite negra com a imagem trêmula ocasional da folhagem da floresta aparecendo. Em seguida, a pensão abandonada quando Ryder passou por ela. O áudio estava alto, e Rory ouviu um barulho nos alto-falantes do telefone que mal era audível por causa do barulho no café. Então o trem encheu a tela, o borrão de carros passando da direita para a esquerda. Pareceu durar para sempre. Então, de repente, o trem se foi e a tela se encheu de preto novamente até que a imagem vacilante do corpo de Theo Compton se materializou.

“Pronto”, disse Rory. “Pare o vídeo.”

Ryder tocou na tela para pausar a filmagem.

“Volte,” Rory disse. “Apenas alguns quadros. Logo após a passagem do trem.”

Ryder deslizou o dedo pela tela, puxando o trem em alta velocidade de volta para a cena e, em seguida, avançando em câmera lenta até que o último carro deslizou para fora do quadro. Então, a imagem granulada do corpo de Theo Compton se materializou do outro lado dos trilhos.

“Vá um pouco mais longe”, disse Rory.

Ryder deixou o vídeo tocar por mais um ou dois segundos e então parou quando Rory perguntou.

“Olha,” Rory disse, apontando para a tela.

Ela tinha visto o vídeo apenas uma vez antes, mas naquela única exibição ela se lembrou da posição exata do corpo de Theo Compton. Agora, enquanto olhava para o telefone de Ryder Hillier, ela tinha certeza.

“Olhe para as mãos dele”, disse Rory.

Ryder beliscou o quadro estático na tela e, em seguida, expandiu os dedos para ampliar a imagem.

“O que estou olhando?” Ryder perguntou.

“As duas mãos estão nos bolsos.”

Ryder percebeu que sim. “O que isso significa?”

“As pessoas se matam entrando na frente dos trens o tempo todo”, disse Rory. “De acordo com as estatísticas, é um dos principais métodos de suicídio. Eu só me pergunto quantas dessas vítimas de suicídio estão tão calmas quanto a acabar com suas vidas que mantêm as duas mãos nos bolsos enquanto o trem se aproxima delas.”

Ryder deu uma olhada mais de perto. O corpo de Theo Compton estava virado para cima no chão, as duas mãos enfiadas nos bolsos da calça.

“As fotos tiradas pelo médico legista mostram uma cena diferente”, disse Rory. “Nessas fotos, as mãos de Theo estão fora do bolso.”

“Nós o mudamos”, disse Ryder. “Mack e eu. Não sabíamos que ele estava morto, então o movemos e tentamos ressuscitá-lo.”

Então, quando os paramédicos chegaram, eles fizeram o mesmo até que oficialmente o declararam morto e chamaram o legista. Durante todo o empurrão, suas mãos devem ter saído dos bolsos. ”

Ryder desviou o olhar do telefone e olhou para Rory.

“Falei com a mãe de Theo hoje cedo. Ela estava inflexível de que Theo nunca se mataria. Eu não tinha certeza do que fazer com seu argumento, porque é a mesma coisa que quase todos os pais diriam. Mas talvez ela estivesse certa. Ela disse que Theo ligou para ela na noite anterior à morte para avisá-la.

“Sobre o que?”

“Que ele ia dizer Mack Carter algo sobre a noite dos assassinatos Escola Preparatória Westmont que ele e seus amigos não tinha contado para a polícia.”

Rory manteve o olhar focado na imagem do corpo de Theo Compton, com as mãos nos bolsos da calça jeans. “Talvez alguém o tenha empurrado”, disse Rory.

“E se alguém empurrou Theo, talvez eles tenham empurrado os outros.”

“Talvez”, disse Rory, “alguém empurrou Charles Gorman também.”

The Bronx, Nova York

O dia depois que o trem bateu William Pederson fora de seus sapatos e arrastou-o para dois campos de futebol, Gus puxou para a calçada em frente à casa de dois andares da família. Ele passou os braços em seu paletó, subiu as escadas e bateu na porta da frente. Sra Pederson respondeu. Gus notou os mesmos anéis avermelhadas ao redor dos olhos e narinas que ele tinha visto na noite anterior. Tinha sido uma noite delirante para ela, Gus estava certo. Ele tinha visto outras mães que perderam seus filhos. Era um perigo do trabalho que ele nunca totalmente aprender a lidar com eles.

“Sra. Pederson ”, disse Gus. “Agora é uma boa hora para conversar com seu filho?”

A mulher acenou com a cabeça e abriu a porta de tela. Gus entrou na casa e a seguiu até o quarto da criança. Ela esperou na porta enquanto Gus entrava

na sala. O garoto estava deitado na cama, um braço atrás da cabeça e com as pernas cruzadas. Uma revista MAD em seu peito.

“Ei, amigo”, disse Gus.

O garoto ergueu os olhos, mas não falou.

Gus ergueu o queixo. “Eu costumava ler isso quando tinha sua idade.”

“William tinha um monte. Ele me deixou lê-los. ”

A Sra. Pederson entrou na sala e tirou a revista de sua mão. “Eu pedi para você não tocar neles. William os tinha em ordem cronológica e não gostou que você os examinasse. ”

O garoto não apresentou nenhum protesto ou resistência. Ele não se moveu, na verdade, enquanto sua mãe adotiva arrancava a revista dele.

“Ele disse que eu poderia olhar para eles”, disse ele. “Eu não teria aceitado se achasse que ele não queria que eu o tivesse.”

Gus olhou para a Sra. Pederson e depois de volta para o garoto.

“Se você não se importa, quero fazer mais algumas perguntas sobre ontem.”

O garoto deu de ombros como na noite anterior. “Você já perguntou um monte.”

“Eu fiz. Mas eu tenho mais alguns. ”

O garoto ficou em silêncio.

“Você e William? Vocês eram próximos? “

“Eu não sei. Às vezes, sim. ”

“Você disse que você e William iam para as pistas o tempo todo. Isso está certo?”

Outro encolher de ombros. “Sim. Fomos muito. ”

“Seus pais sabiam que você ia às pistas?”

“No início do verão”, disse a Sra. Pederson da porta, “eles foram pegos nos trilhos por um policial, que os trouxe para casa.”

Gus já havia encontrado o relatório do incidente.

“Então você foi pego nas trilhas antes, você e William? E disseram para você não voltar, certo?”

“Sim”, disse a Sra. Pederson, a raiva audível em sua voz. “Eu disse a ele para não levar William para as pistas de novo.”

Gus se virou e olhou para a Sra. Pederson. “Vou deixá-lo me dizer com suas próprias palavras.”

Ela acenou com a cabeça.

“Seus pais e a polícia lhe disseram para ficar longe dos trilhos, certo?”

O garoto acenou com a cabeça.

“Mas você foi lá de qualquer maneira.”

Outro aceno de cabeça.

“O que há de tão interessante nas faixas?”

O garoto encolheu os ombros. “Eu não sei. Nós apenas gostávamos de ir lá e achatar nossos centavos. William estava sempre pedindo para ir.”

“William nunca tinha ido a essas pistas”, disse a Sra. Pederson. “Somente nos últimos seis meses isso foi um problema.”

Seis meses, pensou Gus. Há quanto tempo os Pedersons cuidavam desse jovem.

“Posso ver sua coleção?” Perguntou Gus. “Você disse que coletou os centavos que achatou.”

“Minha coleção de moedas?”

“Sim. Você disse que você e William tinha ido para as faixas um monte de outras vezes para achatar tostões. Você mencionou ontem à noite que guardou todos eles.”

“Eu fiz.”

O garoto se levantou da cama e foi até a mesa. Ele pegou uma tigela e entregou a Gus. Estava cheio de moedas achatadas.

Gus enfiou os dedos na tigela, o cobre tilintando contra a porcelana, e agarrou um. Parecia idêntico ao que o garoto havia mostrado no dia anterior. Fino, plano e liso.

“São muitos centavos. O que você diria? Trinta?”

“Vinte e oito”, disse o garoto.

“Cada vez que você fosse para os trilhos, quantos centavos você acharia?”

“Eu não sei. Às vezes dois, às vezes três. ”

“Diga-me como funcionou. Você colocou as moedas nos trilhos e depois viu o trem atropelá-las? Então, uma vez que o trem partiu, você os recuperou? ”

“Sim.”

“Então, o que aconteceu ontem?”

“Eu não sei. William acabou de chegar perto demais. ”

Gus ergueu a tigela de moedas. “Mas você já tinha feito isso tantas vezes antes. O que William fez de diferente ontem à noite que não tinha feito todas as outras vezes? “

O garoto olhou nos olhos de Gus. “Ele foi morto.”

Gus Morelli sentou-se em sua varanda e ouviu as ondas quebrando na praia. Já era tarde agora, passava das dez PM

A noite sem nuvens ofereceu uma meia-lua, seu reflexo saltando ao longo da superfície do oceano até que se espalhou na costa para sombrear a praia com tons de cinza acinzentados. O sol havia se posto horas atrás e aqui estava ele, ainda pensando no velho caso que acordou por um telefonema aleatório. Ele tomou um gole de seu La Rubia, mas teve uma coceira pela coisa marrom. Se houvesse uma garrafa no apartamento, ele poderia ter se servido de alguns dedos, mas jurou que não faria isso desde que perdeu a perna. Antes que o câncer tentasse matá-lo, as coisas difíceis chegaram perto. Agora, ele limitou sua ingestão para duas cervejas por dia. Não era livro de sobriedade, mas estava tão perto como Gus Morelli ia vir para ele.

Ele se lembrou daquele dia no quarto do garoto. Ele ainda se lembrava do tilintar de seus dedos quando ele alcançou a tigela de moedas achatadas. O som ecoou em seus ouvidos agora e abafou as ondas três andares abaixo. Ele pegou sua cerveja e tomou um gole. Não foi a primeira vez que um caso de seu passado despertou de um longo sono. Desta vez, porém, ele estava preparado para isso.

Ele carregou sua cerveja de volta para o condomínio. Ele tinha trabalho a fazer antes de amanhã.

CAPÍTULO 71

AS COISAS ESTÃO FORA DE CONTROLE. Eu senti dentro de mim. Eu tinha sentido algo semelhante o dia meu irmão adotivo morreu. Pensei, então, que eu poderia ter calculado mal. Toda vez que ele me intimidado, cada vez que ele arrancou uma de suas revistas MAD das minhas mãos, minha raiva cresceu. Nesses momentos, o meu irmão adotivo me fez lembrar de meu pai. E quando eu estava dócil na minha cama enquanto ele estava em cima de mim intimidatingly, segurando a revista, como se estivesse prestes a me atacar com ele, ele me lembrou de que a criança frágil que olhou pelo buraco da fechadura da porta de seu quarto e permitiu que sua mãe ser batido. Isso frágil e alma patética já não existia. Ele foi muito longe, e só eu fiquei, alguém que valentões não tolerada ou as almas fracas que caçava.

Meu planejamento tinha me ajudado a resistir à tempestade. Minha preparação meticulosa ajudou a desviar a pressão que o detetive colocou em mim. Eu vim através incólume depois, mas desta vez eu tenho sido menos cuidadoso. Eu tenho permitido minhas emoções para substituir a minha razão. Eu fui imprudente e impulsivos. Quando eu testemunhei as coisas que aconteceram em Escola Preparatória Westmont, eu não tinha escolha senão agir. Executei o meu plano original perfeitamente. À perfeição, realmente. Ele saiu sem um engate. Mas algumas pessoas se recusaram a aceitar a realidade que eu estabelecido. Alguns continuaram a cavar para respostas. Alguns que cavaram muito profundamente agora se foram. Mas havia outros ainda, e foi irrealista pensar que eu poderia evitar cada um dos seus golpes de pá. Gwen foi o meu maior problema. Sua relutância para ficar em silêncio, e seu desejo de compartilhar com os outros o que ela sabia sobre aquela noite, foi o suficiente para me mostrar o fim estava próximo. Mas o fim da minha jornada foi amarrado a de outra pessoa. Sempre foi.

Eu segui a rotina usual quando entrei no hospital e logo me encontrei na ala leste. Os médicos raramente entravam nesta enfermaria. Era para os oprimidos e aqueles que já estavam longe para serem afetados positivamente por qualquer coisa que a medicina pudesse oferecer. Os

cuidados paliativos foram tudo o que restou para aqueles aqui. Os médicos aprovaram doses copiosas de medicamentos para sedar os pacientes que poderiam prejudicar a si próprios ou a outras pessoas. Uma abundância de narcóticos foi racionalizada pela alegação de que eles evitavam que os pacientes distantes e ambivalentes vagassem mais para o fundo do abismo. Na verdade, porém, eles foram feitos para mantê-los lá.

O paciente Eu vim para ver esta noite foi a mesma que eu tinha sentado com uma vez por semana desde que eu era permitido privilégios de visitação. Nunca houve esperança de melhoria, e talvez fosse por isso que eu vim com tanta frequência.

Certamente explicou por que vim esta noite. As coisas estavam caindo aos pedaços, e o paciente na ala leste deste hospital seria parte intrinsecamente da minha queda.

A cama estava calmo quando eu entrei na sala. O paciente estava bem acordada sob as cobertas, os olhos se perguntando, mas cego, como se sentisse que eu viria esta noite. Este foi normal, e não pela primeira vez imaginei como era a vida em tal estado, olhando para o mundo ao ser preso em uma bolha inevitável. Esta noite, porém, a fuga era possível. Liberdade era tangível. Eu nunca poderia deixar este mundo sem tomar esta pessoa comigo.

Fechei a porta do quarto do hospital. Demorou muito tempo e esforço, mas acabei prendendo o paciente na cadeira de rodas.

Um momento depois, empurrei a cadeira do posto de enfermagem e recebi apenas sorrisos e acenos de cabeça. Fiz uma pausa na sala de estar, onde a televisão estava ligada, mas sem som, e onde outros pacientes olhavam boquiabertos para a engenhoca. Nós nos juntamos a eles por um momento, apenas o suficiente para nos misturarmos. Olhei para trás, para o posto de enfermagem. Todos estavam olhando para seus computadores e se preparando para a longa jornada do turno da noite.

Nenhum estava interessado nos pacientes subjugados assistindo à televisão sem som.

Levantei-me e afastou casualmente para os elevadores, onde eu apertou o botão para baixo. Eu ouvi os cabos envolver como o carro elevador subia a partir do térreo. Eu caminhava de volta para a cadeira de rodas e,

lentamente, puxou-o, e seu ocupante, em direção aos elevadores. Quando as portas se abriram, eu recuei para dentro, apertou o botão para o térreo, e esperou pacientemente para as portas para fechar. Eles finalmente o fez, e nós estávamos sozinhos.

“Vou tirar você daqui esta noite,” eu disse.

Inclinei-me em torno da cadeira e olhei para aqueles olhos arregalados e curiosos que nunca mudaram desde que comecei a visitar. Eles não mudar, então, mesmo quando a liberdade estava tão perto. A campainha do elevador tocou e anunciou nossa chegada ao andar térreo. Quando as portas se abriram, eu não mostrou hesitação. Eu simplesmente empurrei a cadeira para além da recepção e para as portas de vidro deslizantes da entrada. Eles abriram como cortinas de boas-vindas-nos em um grande palco. Atravessamos o limiar e à noite.

CAPÍTULO 72

NA MANHÃ SEGUINTE, A ENFERMEIRA COMEÇOU SEU TURNO ÀS SETE horas Ela passou trinta minutos na troca-a sobreposição entre o turno da noite terminando e o turno da manhã partida, quando os enfermeiros que estavam indo fora do relógio trouxe os enfermeiros chegam-se atualizado sobre os acontecimentos da noite anterior. Tinha sido uma noite tranquila, sem emergências e há 911 chamadas. Fazia duas semanas desde que um residente tinham morrido-a raia longa neste hospital.

Eram sete e meia quando a enfermeira começou sua ronda. Ela foi de quarto em quarto, acordando os residentes e anotando os pedidos do café da manhã, vendo quem precisava de ajuda para sair da cama, organizando a dosagem matinal de medicamentos e marcando itens em uma longa lista de atividades que a manteriam ocupada até o meio-dia. Ao entrar no quarto 41, esperava encontrar o paciente na cama. Em vez disso, porém, a cama estava vazia. Pior do que vazio - parecia imperturbado, como se ninguém tivesse dormido nele. Ela verificou o banheiro quando uma leve vibração de medo formigou seu esterno. Às vezes, ela encontrava seu paciente parado na frente do espelho, confuso e desorientado. Da última vez, sua paciente segurava uma escova de dentes sem nenhuma compreensão cognitiva de como usá-la. Antes, ela havia encontrado sua paciente parada em frente ao banheiro com a calça suja, por ter esquecido o propósito de entrar no

banheiro. Mas quando ela empurrou lentamente a porta do banheiro na manhã de sábado, ela também estava vazia.

Ela correu pelo corredor para verificar a área de jantar, depois para a área da comunidade onde os residentes se reuniam para assistir à televisão. Finalmente, ela correu para o posto de enfermagem e pegou o telefone.

“Eu tenho um código amarelo,” a enfermeira disse em um tom apressado. “Residente desaparecido. Quarto quarenta e um. ”

CAPÍTULO 73

A VIDA DA DR. GABRIELLA HANOVER ESTAVA EM AGITADA DESDE os eventos do verão passado. Ela nunca sobreviveria se a verdade fosse revelada sobre seu relacionamento com Charles. O

conselho de curadores nunca a manteria como reitora de alunos se soubessem que ela tinha um relacionamento com um de seus pacientes e que sua carreira na medicina também estaria perdida. Ela havia se convencido de que era melhor ficar calada sobre as coisas que sabia. Especificamente, que o manifesto que a polícia usou para condenar Charles foi ideia dela. Que não tinha sido uma declaração de intenções, mas sim uma ferramenta de psicoterapia usada para expulsar a raiva. Admitir essas coisas agora pouco mudaria.

Gabriella encontrou uma vaga no estacionamento para visitantes na manhã de sábado e entrou no Grantville Psychiatric Hospital for the Criminally Insane. Ela havia passado pelo processo tantas vezes no último ano - todas as semanas, na verdade

- que se tornou rotina. As enfermeiras haviam contado a Gabriella a diferença notável que viam nele após cada uma de suas visitas, por isso ela tentava nunca perder uma.

Grantville não era como os outros hospitais. A admissão foi um processo. Exigia registro de foto, a criação de um crachá de visitante e a companhia de um guarda armado enquanto ela passava por uma porta trancada após a outra até encontrar o quarto andar. Mas a recompensa valeu a pena, porque quando a brincadeira acabou, ela conseguiu vê-lo. Ele não era nada como costumava ser. Ainda assim, porém, a visão dele acalmou alguma parte dela. Ela era hábil em analisar e compreender as emoções dos outros, mas

se perdia ao tentar decifrar as suas. Como ela se sentiu no ano passado ainda era um assunto que ela se recusou a examinar.

Seu estômago se agitou de excitação agora que ela se aproximou do quarto de hospital; sempre foi assim. Ela fechou os olhos por um momento enquanto segurava a maçaneta da porta, respirou fundo, empurrou a porta e entrou.

Ele estava em sua cadeira de rodas quando ela entrou. Sua expressão permaneceu estóica quando ela ficou na frente dele. Não mudou quando ela se abaixou para fazer contato visual; isso nunca aconteceu.

“Oi, Charles”, ela disse. “Como você tem estado?”

Ela não esperava uma resposta. Ele nunca havia falado durante as visitas de Gabriella. Mas hoje, seu silêncio a afetou mais do que nunca.

“Oh, Charles. Eu nunca quis que nada disso acontecesse ”.

Ela colocou a mão em sua bochecha e observou seus olhos piscarem, mas não registrou nada. Gabriella respirou fundo e se sentou na cadeira em frente a ele.

Escola Preparatória Westmont

Verão de 2019

CAPÍTULO 74

MARCO MCEVOY BEIJOU SUA ESPOSA DE MANHÃ CEDO ANTES

carregando uma pequena mala em seu carro e dirigindo para o aeroporto. Ele havia dito a ela que uma reunião de negócios em Houston exigia que ele ficasse fora durante a noite. Ele estacionou o carro no aeroporto, fez questão de obter um recibo e embarcou no Metra. Uma hora depois, ele estava enrolando a mala atrás de si enquanto saía da estação de trem, encontrava a Grand Avenue e entrava no saguão do Motel 6.

“Último nome?” perguntou a jovem atrás da recepção.

“Jones. Marc Jones. ”

“Sim. Aqui está. Apenas uma noite?”

“Isso é tudo.”

“Vou precisar de um cartão de crédito para o depósito de segurança.”

Marc sorriu. “Estou tendo um pequeno problema de crédito atualmente. Alguém roubou minha identidade, então meus cartões de crédito foram todos cancelados. Posso pagar em dinheiro?”

“Lamento ouvir isso. Hum ...” A mulher digitou no teclado. “Certo. O dinheiro vai funcionar. Exigimos um depósito de duzentos dólares contra danos. Quando você fizer o check-out amanhã, reembolsaremos a diferença depois que você pagar pelo quarto.”

“Perfeito”, disse Marc, puxando a carteira do bolso e retirando duas notas de \$ 100. “Desculpe pela inconveniência.”

“Não tem problema.”

A mulher enfiou um cartão-chave em um envelope do Motel 6 e rabiscou 201 na frente.

“Ai está. Segundo andar, logo à direita dos elevadores.”

“Obrigado”, disse Marc, agarrando o envelope. Alguns minutos depois, ele estava no quarto 201, deitado na cama. Eram quatro na sexta-feira, 21 de junho. Ele tinha apenas algumas horas para matar.

CAPÍTULO 75

À NOITE DO HOMEM DO ESPELHO A INICIAÇÃO TINHA FINALMENTE CHEGADO, embora tenha vindo com mais medo e incerteza do que deveria. Eles deveriam estar com medo do que os esperava na floresta escura nos limites do campus. Encontrar as chaves e chegar à sala segura tinha o objetivo de despertar ansiedade e ansiedade dentro deles, assim como a imaginação do que encontrariam quando abrissem a porta e sussurrassem no espelho.

As regras de iniciação foram criadas para separá-los e forçá-los a entrar na floresta sozinhos enquanto procuravam suas chaves, cada um correndo para ser o primeiro a chegar à casa.

Embora nenhum deles admitisse abertamente, cada um queria ser o primeiro a chegar. Cada um deles queria sair da floresta e encontrar Andrew Gross esperando na porta da frente. Andrew explicara semanas antes que ser o primeiro a ir ao quarto seguro era significativo. Foi o vencedor do

Man in the Mirror que chegou ao topo da cadeia alimentar no ano seguinte, quando todos se tornaram veteranos e enviaram convites para jovens desavisados. O vencedor da noite também foi escolhido para liderar as festividades do Homem no Espelho para novos iniciados, como Andrew faria esta noite. Andrew era o único veterano que estaria na pensão abandonada. Ele ajudaria todos aqueles que encontrassem com sucesso sua chave e conseguissem atravessar a floresta. À meia-noite, os outros idosos deixariam o campus e iriam para a casa para ver quais iniciados haviam conseguido. Haveria uma cerimônia épica para aqueles que o fizeram.

Mas os eventos da semana anterior haviam azedado sua expectativa pela noite. Como Tanner carregou o vídeo do Sr. Gorman no projetor e permitiu que a filmagem fosse reproduzida durante o laboratório na terça-feira, as aulas foram canceladas pelo resto da semana. O corpo docente havia ficado em silêncio sobre os motivos para o encerramento das aulas, mas não demorou muito para que os rumores se espalhassem pelo campus. No final da semana, todos tinham ouvido falar da brincadeira de Tanner. Havia rumores de que as repercussões aconteceriam na segunda-feira seguinte.

Esta noite, enquanto Gwen e suas amigas se preparavam para a iniciação, cada uma delas tinha a autopreservação em mente.

Todos eles, exceto Tanner, que estava bem para o resto deles. Tê-lo fora de cogitação era a única maneira de realizar o que esperavam realizar esta noite, que era devolver secretamente o diário do Sr. Gorman antes de seguir para a pensão abandonada. Eles não contaram a Tanner sobre seu plano, em vez disso concordaram que estavam cada um por sua conta esta noite. Encontrar seu próprio caminho para 13:3:5 e se aventurar na floresta sozinho - o estilo sobrevivente do mais apto.

Gwen, Gavin, Theo, Danielle e Bridget estavam todos em um círculo no dormitório de Gwen agora. Tanner, eles tinham certeza, já estava a caminho da pensão. Ou até agora tinha começado a espreitar pela floresta em busca da chave. Eles concederam a vitória a ele. Eles logo se juntariam a ele, mas primeiro tinham que garantir seu futuro e apagar o fogo que Tanner havia incendiado.

Bridget enfiou a mão na bolsa.

“Aqui,” ela disse, produzindo o diário encadernado em couro do Sr. Gorman que ela havia tirado do dormitório de Tanner no início da noite.

Ela o colocou no chão no meio de todos eles.

“E”, Bridget disse novamente, puxando um saco Ziploc de sua bolsa, “enquanto eu estava roubando coisas do dormitório dele, eu peguei isso também.”

Dentro do saco plástico havia um único baseado.

“Boa ideia”, disse Gwen. “Estou pirando agora.”

Bridget removeu o baseado, acendeu o isqueiro e tocou a ponta da chama. Gavin abriu a janela, e cada um deu algumas tragadas antes de soprar a fumaça para a noite. Em pouco tempo, suas cabeças giravam e eles riam enquanto olhavam para o diário do Sr. Gorman.

“Eu não podia acreditar que o filho da puta tocou aquela buzina de ar”, disse Gavin.

Todos eles riram novamente.

“Quando aquele vídeo apareceu no laboratório de Gorman”, disse Theo.

“Eu quase me caguei”, disse Gavin.

Eles continuaram a rir enquanto recebiam golpes no baseado.

“São dez e meia”, disse Danielle. “Precisamos ir se quisermos chegar antes da meia-noite. Quem sabe quanto tempo vai demorar para encontrar as chaves.”

Os olhos de Gwen se arregalaram amplamente. “Eu tenho uma ideia. E eu acho que pode ser brilhante.”

Os outros olharam para ela com olhos vidrados.

“Tanner tem trinta minutos por nossa conta”, disse ela. “Vamos nos livrar do diário de Gorman conforme planejado. Mas, em vez de caminhar todo esse caminho até a casa, vou dirigir! Chegaremos lá em um quarto do tempo. Podemos até pegá-lo!”

Durante o ano letivo, os alunos não podiam ter carros no campus. Mas durante a sessão de verão, as regras foram aliviadas e os veículos foram permitidos.

“Vamos fazer isso”, disse Gavin com um sorriso.

Gwen pegou suas chaves e o diário do Sr. Gorman, e todos eles escapuliram pelos fundos de Margery Hall para a noite. Eles permaneceram nas sombras, como na última vez em que se esgueiraram para a Fila dos Professores. Desta vez, porém, os efeitos da maconha os deixaram relaxados e confiantes.

Eles fizeram isso pelo caminho que corria atrás dos duplexes e encontraram o caminho para o número quatorze. Isso trouxe de volta memórias da outra noite. Eles se arrastaram até a parede do fundo.

“Devíamos deixá-lo na escada da frente”, disse Gwen.

Gavin acenou com a cabeça. “Dê aqui. Eu vou fazer isso.”

Gwen entregou-lhe o diário. Gavin apontou para a janela da cozinha, onde a luz se derramava na noite.

“Dê uma olhada”, disse Gavin. “Diga-me quando estiver tudo limpo.”

Gavin se esgueirou até a borda do duplex e esperou pelo sinal. Os outros ergueram lentamente a cabeça acima do parapeito da janela. Eles viram o Sr. Gorman. Ele estava de costas para eles e mexia uma panela no fogão. Todos eles se abaixaram rapidamente, alto demais para notar que estavam perto de serem vistos. Gwen acenou para Gavin, que deu a volta no prédio, largou o diário na escada da frente e tocou a campainha.

Quando Gorman atendeu a porta, Gwen e suas amigas estavam na metade do caminho para o estacionamento dos alunos, onde seu carro esperava.

*

Charles Gorman mexeu a massa enquanto ela fervia no fogão. Ele jogou sal na panela assim que a campainha tocou. Ele checkou o relógio e se perguntou se era Gabriella, querendo contar a ele o que ela planejava fazer na segunda-feira, quando uma assembleia fora montada para alunos e professores. Ele sabia que ela estava nervosa.

Ele largou a colher e se dirigiu para a porta da frente. Quando ele a abriu, sua varanda estava vazia. Ele saiu e olhou para cima e para baixo na fila do professor. As luzes da varanda da frente de outros duplexes brilhavam na noite de verão, mas a calçada estava vazia. Quando ele olhou para as

escadas, ele percebeu. Seu diário estava no segundo degrau. Ele rapidamente o pegou e folheou as páginas. Estava tudo lá. Ele olhou novamente para cima e para baixo no caminho antes de voltar para dentro.

Ele tirou a massa do fogão enquanto se sentava à mesa da cozinha e leu seu diário por dez minutos. Então, quando ficou satisfeito que não faltava nada, ele se levantou e entrou em seu escritório. Ele removeu a decoração da parede da mesa periódica e girou o botão do cofre de parede. Ele colocou seu diário dentro, fechou o cofre e recolocou o enfeite de parede.

Em seguida, pegou o telefone para ligar para Gabriella.

CAPÍTULO 76

ELE FICOU NAS SOMBRAS ATÉ QUE ALCANCARAM O ALUNO parado. Gavin subiu no banco do passageiro e os outros se amontoaram no banco de trás. Gwen colocou a chave na ignição, certificou-se de manter os faróis apagados e saiu correndo do estacionamento. Assim que passaram pela entrada da escola, ela acendeu os faróis para dar vida ao Champion Boulevard e pisou no acelerador. Se eles se apressassem, eles poderiam pegar Tanner.

Cinco minutos depois, ela virou à direita na Rota 77. Era muito preto, então ela ligou os faróis altos. Eles se concentraram nos marcadores verdes de milhas enquanto Gwen corria ao longo da estrada vazia. O primeiro tinha onze. Ele passou voando como um borrão, mas refletiu intensamente os faróis do carro. Um minuto depois, eles viram o marcador de milha doze quando avançaram sobre ele. Em seguida, eles esperaram enquanto a noite escura enchia as janelas, olhando - na esperança -

para ver a marca de treze quilômetros. Eles sabiam que estavam perto.

Eles estavam tão concentrados em procurar o próximo marcador que nenhum deles viu nada, mas todos ouviram o baque.

Parecia um taco de beisebol batendo em uma lata de lixo de plástico cheia de água.

Thump.

Gwen pisou fundo no freio, guinchando as rodas enquanto o carro derrapava e parava. Ninguém se moveu por vários segundos. Ninguém respirou. Então, finalmente, eles se viraram lentamente e olharam pela

janela traseira. Uma pilha de algo estava perto do acostamento da estrada, quase invisível na noite escura. O monte não se moveu enquanto eles olhavam e esperavam.

“O que foi isso?” Gwen perguntou, sua voz trêmula e as mãos segurando firmemente o volante. Ela ainda estava olhando para a frente, a única que se recusava a olhar para o que quer que estivesse atrás do carro.

Gavin respirou fundo. “Provavelmente um gambá.”

“Isso é grande demais para ser um gambá”, disse Theo. “Talvez um cervo?”

Gwen finalmente desviou o olhar do pára-brisa e olhou para Gavin através do espaço escuro entre eles. Então ela girou o volante e fez uma curva de três pontos. O carro rolou lentamente em direção à pilha, todos os cinco esperando ver um veado.

Na esperança de ver qualquer tipo de animal. Mas quanto mais perto eles ficavam, melhor os faróis iluminavam a pilha no acostamento.

PARTE IX

Agosto de 2020

CAPÍTULO 77

BRIANNA MCEVOY PERDEU O MARIDO HÁ UM ANO. ELA RECUSOU

acreditar que Marc estava morto; era um pensamento que ela não conseguia considerar. Mas até agora, o pensamento a estava perseguindo mais do que nunca. Nos primeiros dias após o desaparecimento de Marc, ela se reunia com detetives regularmente para receber atualizações. Eles localizaram seu carro no aeroporto de South Bend, onde Marc havia estacionado para sua viagem de negócios ao Texas. Mas os detetives descobriram rapidamente que a empresa de Marc não tinha nenhum itinerário que o mandasse para o Texas, ou qualquer outro lugar, na semana em que ele desapareceu. Na verdade, Marc havia solicitado dois dias pessoais naquela semana. Brianna ficou surpresa ao saber do engano de seu marido.

Os detetives foram receptivos nas primeiras semanas, mas depois que descartaram o crime, tentar descobrir o que havia acontecido com seu marido e onde ele estava se tornou menos vital.

Quando Brianna ligou no início da investigação, os detetives atenderam. Doze meses depois, eles responderam apenas depois que ela preencheu o correio de voz com uma série de mensagens. Quando ligavam, era para saber por que seu marido havia desaparecido. Os detetives descobriram algumas dívidas embaraçosas que levaram à teoria de que Marc fugiu da cidade para se esconder dos cobradores. Brianna sabia que isso era ridículo. E a teoria de que Marc poderia ter fugido com uma amante era igualmente absurda. Ele raramente ia a qualquer lugar além de sua casa e do trabalho - uma pequena empresa de consultoria com cinco outros funcionários - três dos quais eram homens e os outros dois eram mulheres na casa dos 60 anos.

O desenvolvimento mais recente foi a adição do nome de Marc ao Sistema Nacional de Pessoas Desaparecidas e Não Identificadas, ou NamUs - uma câmara de compensação de informações de âmbito nacional que listava as dezenas de milhares de americanos desaparecidos a cada ano. Os detetives adicionaram todas as informações de Marc ao site, incluindo a amostra de DNA que Brianna forneceu. Eles não tiveram que dizer a ela o propósito disso. Ela entendeu. Se um corpo não identificado aparecesse em algum lugar, um legista ou examinador médico poderia executar o DNA no banco de dados do NamUs para encontrar uma correspondência.

Brianna sabia que os detetives estavam simplesmente examinando sua lista de verificação dos suspeitos e situações usuais.

Ela também sabia que, se tivesse sido totalmente franca com as coisas que descobrira sobre o marido, os detetives poderiam ter feito mais progressos em encontrá-lo. Nesse ponto, porém, a honestidade não era uma opção, e a polícia não era quem iria ajudá-la.

Ela desceu as escadas do porão e abriu o armário onde Marc mantinha sua coleção de cartões de beisebol. Ela removeu as três caixas e as colocou no balcão. Ela desabotoou o botão da primeira caixa, desdobrando as asas da pasta para revelar quatro colunas de cartões de beisebol perfeitamente alinhados. No topo das cartas estavam os papéis soltos que ela havia tropeçado no outono anterior, três meses após o desaparecimento de Marc. No topo da página estava escrito O Homem no Espelho.

Vários artigos foram incluídos na pilha de papéis, todos relacionados ao estranho ritual que acontecia duas vezes por ano na Escola Preparatória Westmontaratory High School - uma vez no inverno durante o dia mais

curto do ano e novamente no verão durante o mais longo. No ano anterior, foi em 21 de junho. No mesmo dia, Marc desapareceu, quando dois alunos foram mortos na escola.

Brianna passou os últimos meses se perguntando se os dois eventos estavam conectados, com muito medo de mencionar suas descobertas aos detetives, por medo de que Marc pudesse de alguma forma estar ligado aos assassinatos do Escola Preparatória Westmont.

Ela decidiu que o mistério havia durado muito. Embora ela ainda não estivesse pronta para contar à polícia, ela estava preparada para contar a outra pessoa.

Ela puxou o cartão do bolso e olhou para o nome do repórter.

CAPÍTULO 78

COMO ACONTECIA TANTAS VEZES NA SUA PROFISSÃO, AS COISAS FORAM de quieto a caótico em um momento. Apenas uma semana antes, Ryder havia sido rebaixada para as trincheiras do negócio de jornais, seu canal no YouTube foi censurado e seu blog estava quase acabado. Então a mãe de Theo Compton ligou para pedir a ajuda de Ryder com um segredo preocupante que ela acreditava que seu filho carregava. O telefonema de Rory Moore se seguiu, solidificando a ideia de que Theo pode ter, de fato, sido morto em vez de ter cometido suicídio.

Agora, no sábado de manhã, ela desligou o telefone com a esposa de Marc McEvoy e se perguntou como diabos o caso de uma pessoa desaparecida em South Bend poderia estar relacionado aos assassinatos do Escola Preparatória Westmont. A única coisa que ela sabia com certeza: o caso da Escola Preparatória Westmont estava vivo e agitado. Uma nova vida foi soprada nele, e se Ryder jogasse suas cartas direito, ela seria parte da descoberta da verdade. Ela ligou o carro e se dirigiu para South Bend.

CAPÍTULO 79

DWIGHT COREY LEVOU O CARRO ALUGADO PARA FORA DO ESTACIONAMENTO DO HOTEL na manhã de sábado. Lane estava no banco do passageiro.

“Eu gosto disso”, disse Lane. “Você e eu nunca fizemos uma viagem antes.”

“Eu estava na turnê de seu livro alguns anos atrás”, disse Dwight ao entrar na ponte Sanibel Island.

“Aquilo não era o mesmo. Nós não dividimos um quarto de hotel e você não me conduziu por aí. ”

“Eu prometi a Rory que observaria você de perto porque seu estado mental atual é pior do que o normal. Essa é a única razão pela qual eu compartilhei um quarto com você. Eu sei o suficiente para não quebrar uma promessa a ela. Você ronca como um filho da puta, a propósito.

“São os meus pulmões. Eles ainda não estão claros. A tosse me acorda. ”

“Mesmo? Você parecia ter dormido durante isso. Fiquei acordado a noite toda ouvindo. ”

“Parte da descrição do trabalho, eu acho.”

“Talvez Rory estivesse certo em dizer para você esperar alguns dias. Sinceramente, não sabia o quão ruim era sua condição até que te vi. “

“Eu estou bem. E eu devo a ela. Eu a envolvi neste caso por razões puramente egoístas. Não há realmente nada nisso para ela.

Eu só sei como sua mente funciona. Se eu a levasse até Peppermill, o caso e todos os seus mistérios fariam o resto. E talvez eu esteja tendo um daqueles momentos em que a vida é muito curta depois do meu apuro, mas me sinto uma merda por fazer isso com ela. Mas agora que está feito, não posso desfazer. Rory não vai descansar até que ela tenha respostas. É assim que sua mente funciona. E agora que ela pode ter encontrado uma dessas respostas, devo a ela rastreá-la, quer me sintam um lixo ou não. ”

Dwight acenou com a cabeça. “Droga. Você bateu com a cabeça com força?”

“Esta é a nova Lane Phillips, aconchegante e difusa.”

“Eu acho que gosto dele. Ele vai desistir de bife e parar de envenenar seu café com açúcar? ”

“Sem chance.”

“Bem quando eu pensei que havia esperança para você.”

Enquanto o sol do final da manhã brilhava na superfície do oceano, eles dispararam pela longa ponte que ligava o continente da Flórida à Ilha Sanibel.

CAPÍTULO 80

LANE SAIU DO VEÍCULO DE ALUGUEL E ENTROU NAS SOMBRAS das palmeiras sob a qual Dwight havia estacionado. Ele puxou o boné de beisebol para esconder a laceração de aparência medonha que riscou sua nuca e, em seguida, caminhou pelo estacionamento do Doc Ford's Rum Bar & Grille. Era pouco depois das onze quando Lane entrou no restaurante e encontrou o detetive aposentado Gus Morelli em uma cabine nos fundos. Ele foi fácil de localizar com o lugar quase vazio. Um homem mais velho de aparência robusta, Lane imaginou que ele tivesse quase 60 anos.

Ele tinha cabelos brancos, cavanhaque prateado e o peito de um homem que levantou pesos na juventude. Se Merriam-Webster oferecesse a definição de um detetive aposentado de Nova York, uma imagem de Gus Morelli seria incluída ao lado dela.

O homem se levantou quando Lane se aproximou.

“Gus Morelli.”

“Lane Phillips.” Eles apertaram as mãos. “Obrigado por dedicar seu tempo. Eu realmente gostei disso.”

“Estou aposentado. Tudo que tenho é tempo. E isso deve ser importante para você vir até a Flórida em tão pouco tempo. ”

“Isto é. Ou pelo menos pode ser. ”

Gus gesticulou para a mesa e Lane se sentou. Ele notou um arquivo sobre a mesa. Seu nome estava impresso nele.

“Trabalho de casa?”

Gus sorriu. “Quando recebo uma ligação fria de um ex-criador de perfis do FBI perguntando sobre um caso antigo em que trabalhei, costumo fazer algumas pesquisas sobre eles.”

Lane ergueu o queixo. “Encontrou algo interessante sobre mim?”

“Grande quantidade. Sobre você e seu parceiro.” Gus abriu a pasta. “Fui policial de Nova York por mais de trinta anos e ainda tenho todos os meus contatos. Estou supondo que você pensou em dar uma olhada em você?”

“Eu esperava por isso.”

Gus abriu o arquivo e leu. “Dr. Lane Phillips, professor de psicologia forense da Universidade de Chicago e fundador do Projeto de Responsabilidade de Assassinato. Ex-criador de perfil do FBI com a Unidade de Ciências Comportamentais, onde você passou uma década rastreando, estudando e escrevendo procedimentos sobre assassinos em série. Os prêmios de doutorado incluem a famosa dissertação *Some Choose Darkness*, um manual sobre o processo de pensamento e raciocínio de assassinos em série que quase todos os detetives de homicídios do país leram. Autor de best-sellers e cabeça falante. Isso cobre tudo?”

Lane acenou com a cabeça. “Os destaques, sim.”

“E”, disse Gus, virando a página, “fez parceria com uma garota chamada Rory Moore, que me disseram ser uma especialista em casos arquivados.”

“Ela prefere o reconstrucionista forense.”

“Sim, bem, isso é BS moderno. No meu tempo, isso significava que ela percebia uma merda que todos nós perdemos.”

Lane acenou com a cabeça. “Significa a mesma coisa hoje. E sim, ela é muito boa nisso.”

“Pelo que meus contatos me disseram, ela tem uma taxa de resolução infernal em alguns dos casos mais antigos e arquivados.

Esse ângulo com os centavos que você me chamou? Veio dela?”

Lane sorriu. “Lamento dizer que não sou inteligente o suficiente para ter visto a conexão sozinho. Estou apenas acompanhando.”

“Bem, eu tenho que admitir... seu telefonema mexeu com uma parte de mim que pensei que dormiria para sempre. Eu ficaria fascinado em saber como essa conexão surgiu.”

A garçonete se aproximou e anotou os pedidos. Dois chás gelados.

“Meu parceiro e eu estamos trabalhando em um caso em Indiana. Os assassinatos da Escola Preparatória Westmont no verão passado?”

Gus fez beicinho com o lábio inferior e balançou a cabeça.

“Você não ouviu sobre isso? O caso foi amplamente coberto no verão passado e foi notícia recentemente.”

“Não sigo as notícias”, disse Gus. “Não assino TV a cabo e não assisto ao noticiário noturno há duas décadas.”

“Já leu um jornal?”

“Todas as manhãs, mas só a seção de esportes. O resto é besteira liberal ou bobagem conservadora.”

“Internet?”

“O que é isso?”

Lane sorriu. Gus Morelli era da velha escola radical. “Escola Preparatória Westmont é um internato particular em Peppermill, Indiana. Duas crianças foram mortas lá no verão passado.”

“Alunos?”

“Sim.”

“Na escola?”

“No limite do campus, em uma casa abandonada onde o corpo docente morava. O caso foi aberto e fechado - um dos professores agarrou e matou as crianças. Pelo menos, essa é a teoria de trabalho. Mas há mais do que isso. No último ano, três alunos que sobreviveram naquela noite voltaram para a casa, especificamente para os trilhos do trem que passam por ela, para

se matar. Algo não está acontecendo, e o detetive responsável pela investigação pediu a meu parceiro e a mim para examinarmos o caso em silêncio. Quando Rory vasculhou os arquivos, ela encontrou a conexão de um centavo que ligava todas as vítimas de suicídio e o criminoso. Usei o algoritmo MAP para ver se havia casos semelhantes. Isso me levou a você.

“

A garçonete entregou os chás gelados. Lane tomou um gole.

“No momento em que eu peguei você e desci para cá, Rory tinha farejado outra inconsistência. Ela está se perguntando se as crianças da Escola Preparatória Westmont não se mataram de verdade. ”

Gus deslizou a pasta para o lado e colocou os cotovelos na mesa. “Significado?”

“Ela ainda está trabalhando nesse ângulo, mas acha que talvez as crianças tenham morrido. E, de alguma forma, os centavos achatados encontrados em cada um deles são um link. ”

“Para o assassino?”

Lane ergueu as sobrancelhas. “Acho que é isso que estou aqui para descobrir.”

Lane viu o olhar do detetive Morelli se deslocar para a direita. Seus olhos estavam focados em nada em particular. Lane entendeu que o afastamento momentâneo do detetive da conversa era a mente do homem trabalhando em algo. Então Lane o viu puxar um cartão da pasta e rabiscar no verso.

“Este é o meu endereço”, disse Gus. “Eu tenho que verificar algumas coisas. Passe por aqui esta noite. Sete?”

Lane puxou o cartão sobre a mesa. “Você recebeu ... alguma coisa?”

“Talvez”, disse Gus. “Dê-me o dia para descobrir?”

Lane acenou com a cabeça. “Você entendeu. Vejo você à noite.”

CAPÍTULO 81

ERA MEIO-DIA NA HORA QUE RYDER VOLTOU PARA PEPPERMILL.

Ela passou exatamente uma hora com Brianna McEvoy antes de pular de volta em seu carro. Agora ela entrou no café onde ela e Rory se conheceram na noite anterior. Rory estava sentado na mesma mesa. Ela viu a mulher ajustar seus óculos de aro grosso, cujas pontas tocavam o gorro que ela usava, quando Ryder se juntou a ela na mesa.

“O que você achou?” Rory perguntou.

“Não tenho certeza. Talvez nada, mas ... provavelmente alguma coisa. ”

Ryder enfiou a mão na bolsa e tirou os artigos do Indianapolis Star que escrevera sobre Marc McEvoy, o homem de South Bend que desaparecera no verão anterior. Só depois que Brianna McEvoy apontou isso, Ryder percebeu que Marc havia desaparecido em 21 de junho de 2019 - a mesma noite dos assassinatos do Escola Preparatória Westmont.

“Estive trabalhando neste caso, vez após vez, durante o ano passado”, disse Ryder. “Marc McEvoy, 25, pai de dois filhos de South Bend, que desapareceu no verão passado. Supostamente partiu em viagem de negócios para o Texas e nunca mais voltou. Seu carro foi encontrado no aeroporto de South Bend, mas ninguém mais ouviu falar dele. Fiquei sabendo que ele não tinha nenhuma viagem de negócios programada para o Texas. A polícia não encontrou crime, o cara não tinha inimigos e o melhor que alguém pode dizer é que ele não estava dormindo por aí. ”

Rory balançou a cabeça lentamente. “O que isso tem a ver com o caso da Escola Preparatória Westmont?”

“McEvoy desapareceu na mesma noite que os assassinatos. Alguns meses depois que ele se levantou e desapareceu, sua esposa foi ao porão e encontrou um monte de recortes de jornal que ele havia escondido com sua coleção de cartões de beisebol. ”

Ryder puxou mais artigos de sua bolsa e os adicionou aos outros na mesa.

“A esposa do cara me mostrou isso hoje.”

Ryder os empurrou sobre a mesa.

“Alguns deles foram escritos por você”, disse Rory, examinando as manchetes e assinaturas.

“Sim, eu fiz muitas pesquisas sobre o caso Escola Preparatória Westmont e a escola em geral. Parece que Marc McEvoy estava obcecado por um jogo que as crianças jogavam chamado The Man in the Mirror. ”

Rory assentiu enquanto examinava os artigos. “Detetive Ott.” Rory olhou para Ryder. “Ele conduziu a investigação sobre os assassinatos do Escola Preparatória Westmont. Ele me contou sobre este jogo. Disse que essas crianças levaram isso a um nível totalmente novo. ”

“O que descobri no ano passado”, disse Ryder, “e o que escrevi bastante no meu blog, é que é muito difícil ser convidado para jogar. Poucos alunos

sabem exatamente o que está acontecendo, porque poucos têm conhecimento em primeira mão. E

aqueles que o fazem tendem a manter os detalhes para si mesmos. É como uma pequena camarilha dentro da escola. ”

“Como uma sociedade secreta.”

“Direito. Mas em vez de uma caveira e ossos cruzados, são espelhos e espíritos. Brianna McEvoy sabia tudo sobre isso. Marc era um ex-aluno da Escola Preparatória Westmont e contou a ela sobre o jogo. Sobre como ele nunca conseguiu entrar no clube. Ela disse que ele deu de ombros quando mencionou, mas ela poderia dizer que ele estava preocupado com o que quer que tenha acontecido quando ele estava no Westmont. ”

“Crianças podem ser idiotas.”

“Sem dúvida. Brianna parecia pensar que McEvoy ainda poderia estar incomodado com a rejeição, mas ela não tinha ideia de que ele estava tão obcecado com isso. ”

“Obcecado como?” Rory perguntou.

“Brianna McEvoy soube que Marc reservou dois dias de folga no trabalho na semana em que desapareceu. Ele queria que sua esposa pensasse que ele estava em uma viagem de negócios, e ele queria que seu trabalho pensasse que ele estava tirando uma folga pessoal. ”

“Para fazer o que?”

“Ninguém sabe. Mas Brianna McEvoy está preocupada que tenha algo a ver com o caso da Escola Preparatória Westmont. ”

Ryder viu algo mudar na expressão de Rory. Ela manteve os olhos nos artigos. A mulher raramente fazia contato visual, mas o fazia agora, erguendo os olhos repentinamente dos artigos de jornal.

“Havia sangue não identificado na cena do crime”, disse Rory.

Ryder piscou enquanto ela trabalhava para registrar o que Rory estava falando. “Na pensão?”

Rory acenou com a cabeça. “A polícia manteve isso longe da mídia porque é a única peça que nunca fez sentido. Três perfis de DNA foram

encontrados na cena do crime. Um que combinava com Tanner Landing. Um que combinava com Andrew Gross. E um que eles nunca foram capazes de identificar. ”

Ryder se inclinou e olhou para uma de suas manchetes.

South Bend Man desaparece. Nenhuma pista à vista.

“Marc McEvoy?” ela perguntou em uma voz arrastada enquanto olhava para Rory.

“Precisamos obter uma amostra de seu DNA.”

“Já temos um”, disse Ryder. “Suas informações foram adicionadas ao banco de dados NamUs.”

“O Sistema Nacional de Pessoas Desaparecidas e Não Identificadas”, disse Rory.

“Correto. Inclui seu perfil de DNA. ”

“Eu tenho acesso ao perfil de DNA do sangue não identificado. Podemos consultá-lo no site da NamUs e procurar uma correspondência. ”

“Quando?” Ryder perguntou.

“Agora mesmo. As informações estão na minha casa de aluguel. ”

Os dois se levantaram e saíram correndo do café.

Escola Preparatória Westmont

Verão de 2019

CAPÍTULO 82

GWEN E SEUS AMIGOS SAIRAM DO CARRO E ENTRARAM NO

feixe dos faróis. Cada uma de suas sombras rastejou ao longo da calçada e flanqueou o corpo que estava caído na estrada -

uma pilha de membros murchados e ossos quebrados que não respondeu à voz suave de Gwen quando ela gritou para perguntar se o homem estava bem. Finalmente, Gavin se aproximou e se agachou ao lado do corpo. Ele prestou atenção para respirar e observou o peito do homem subir e descer. Depois de um minuto, ele se levantou e voltou para o grupo.

“Acho que ele está morto”, disse Gavin.

Gwen, já destruída, começou a gemer enquanto chorava. Os outros deram passos instintivos para trás. Gavin passou a mão pela boca e pela bochecha, onde nervosamente coçou a área atrás da orelha.

“Tudo bem”, disse ele. “Vamos, uh ... vamos pensar sobre isso.”

“Devíamos chamar a polícia”, disse Danielle.

Gavin estendeu as mãos, o dedo indicador em cada um levantado enquanto ele pensava. “Isso é o que devemos fazer. Mas vamos pensar no que acontecerá se fizermos isso. Estamos todos chapados. Gwen está dirigindo sob a influência. Nós apenas

... matamos um cara. Se chamarmos a polícia, todos iremos para a prisão. ”

“Foi um acidente”, disse Danielle. “Ela não queria bater nele.”

“Correto”, disse Gavin. “Ela não queria matá-lo, mas ele ainda está morto. Isso é chamado de homicídio culposo. Homicídio involuntário, se ela tiver sorte. Mas ela está chapada, então eles vão argumentar que não foi tão involuntário, afinal. Você vai para a prisão por isso. Se chamarmos a polícia, a vida de Gwen acabou. E cada um de nós também. Você acha que vai para a faculdade com algo assim em sua ficha? “

“Ok, ok”, disse Theo. “Não vamos brigar. Vamos apenas descobrir o que fazer. ”

“Olha”, disse Gavin. “Foi um acidente, assim como Danielle disse. Nós não pretendíamos fazer isso. E o que diabos o cara estava fazendo em uma estrada escura vestido de preto, afinal? Se estivéssemos completamente sóbrios, ainda poderíamos ter batido nele. Nenhum de nós merece ter nossas vidas arruinadas por causa de um acidente. ”

“Você não está falando com um júri, Gavin!” Theo disse. “Qual é o maldito plano se não chamarmos a polícia?”

Gavin acenou com a cabeça enquanto pensava. “OK.” Ele encolheu os ombros como se o que estivesse prestes a propor fosse a solução fácil. “Nós escondemos o corpo. Leve-o até a ravina e afunde-o em Baker’s Creek. É profundo e há uma forte corrente. Ninguém o encontrará. Em seguida, todos nós nos aventuramos a encontrar as chaves e voltar para a casa para

encontrar Andrew. Continuamos com a iniciação exatamente como planejamos. ”

“Você está louco?” Theo disse.

“Escute-me. Se decidirmos não chamar a polícia - e acho que estamos todos na mesma página sobre essa decisão - então todos vamos precisar de álibis para esta noite. Em breve, as pessoas começarão a procurar esse cara. Todos nós temos que ter histórias sólidas para o que estávamos fazendo esta noite. ”

“Eu farei isso”, disse Gwen, interrompendo Gavin e Theo.

Todos olharam para ela.

“Vou colocá-lo no riacho. Eu bati nele. Eu vou escondê-lo. Vocês vão indo. Vá para casa. Vá em frente com a iniciação.

Encontro você lá quando terminar. ”

“Eu vou te ajudar”, disse Gavin.

“E quanto ao seu carro?” Danielle disse.

“Vou levá-lo de volta ao campus quando terminarmos”, disse Gavin. “Voltarei a pé. Hoof it. Vou chegar atrasado, mas vou chegar aí. Direi apenas que não consegui encontrar minha chave. ”

Todos se entreolharam na escuridão da noite. Suas cabeças zumbiam de maconha, suas mentes disparavam confusas e seus batimentos cardíacos aceleravam devido ao choque. Então, um por um, eles concordaram. Um plano foi criado.

Theo, Danielle e Bridget desceram o acostamento da Rota 77 para encontrar a entrada para o bosque que os levaria à pensão abandonada. Quando seus amigos sumiram de vista, Gwen e Gavin olharam para o corpo. Gwen respirou fundo para se entorpecer. Então ela se abaixou e agarrou o homem morto por baixo dos braços, sentindo o pedaço pegajoso de seu sangue em suas mãos.

PARTE X

Agosto de 2020

CAPÍTULO 83

ERA SETE HORAS DE UM SÁBADO Á NOITE QUANDO LANE BATEU

na porta do condomínio de Gus Morelli - um prédio de estuque salpicado com os tons suaves de salmão e azul da Flórida. Ele havia descido a escada externa para o terceiro andar e agora estava na prancha de embarque. A porta se abriu e o detetive aposentado apareceu no quadro.

“Então”, disse Lane. “Como você fez?”

- Entre e contarei tudo a você - disse Gus, acenando para que Lane entrasse. “Eu tenho cerveja ou refrigerante.”

Lane estendeu a mão para a parte de trás do boné e sentiu a ferida dolorida que ele escondia. Ele adoraria uma cerveja agora, mas pensou melhor.

“Vou tomar uma Coca Diet, se você tiver uma.”

“Coisa certa.”

Lane entrou na cozinha, que se transformou em uma área de jantar e depois em uma sala de estar com móveis posicionados ao redor de uma televisão pendurada na parede. Além da sala de estar havia uma varanda com tela, cujas portas estavam totalmente abertas para permitir que a brisa quente do oceano passasse pelo apartamento.

“Podemos conversar no lanai”, disse Gus enquanto enfiava a mão na geladeira e pegava uma Coca e uma cerveja.

O terceiro andar oferecia uma vista esplêndida do golfo, com a praia a leste e oeste. Ao sul, do outro lado da água, avistavam-se os edifícios de Nápoles. O sol estava virado para o oeste, saltando seu reflexo ao longo da água e estendendo longas sombras daqueles que caminhavam na praia.

Lane se sentou em uma das cadeiras do pátio. Gus sentou-se em frente a ele. O detetive deu um gole na cerveja.

“Trabalhei ao telefone o dia todo. Meus contatos chegaram e me indicaram a direção certa. Eu tirei daí. Isso me fez sentir como um policial de novo, e acho que você vai achar o que descobri muito interessante. ”

“Sou todo ouvidos.”

Gus se levantou. “Me siga. Para ter uma ideia completa, provavelmente devemos começar do início. ”

Lane largou sua Diet Coke e saiu da varanda, observando o detetive aposentado mancar por alguns passos até que parecia recuperar o ritmo. Eles se dirigiram para uma sala fora da sala de estar. Quando Gus abriu a porta, Lane viu um quarto cheio de caixas. As caixas de papelão marrom alinhavam-se na parede oposta e eram empilhadas em três unidades.

“O que é tudo isso?” Lane perguntou.

“Eu sou um detetive aposentado. As caixas me seguem aonde quer que eu vá. Eu costumava guardá-los em uma unidade de armazenamento em Nova York. Quando decidi finalmente me aposentar, eles me seguiram até aqui. ”

Lane se aproximou um pouco mais da sala, olhando as dezenas de caixas. “O que eles são?”

“Casos da minha carreira que nunca paravam de sussurrar para mim.”

“Quer dizer que você nunca os resolveu?”

“Alguns são frios. Outros incomodam. ”

Gus apontou para uma única caixa que estava ao pé da cama. “Este é totalmente perturbador, e eu nunca fui capaz de deixá-lo ir.”

Gus entrou na sala e agarrou a caixa pelas alças.

“Eu chamei de caixa de penny.”

CAPÍTULO 84

RORY E RYDER SENTARAM-SE NA FRENTE DO COMPUTADOR COMO UMA AMPULHETA girando na tela. Eles estavam na sala de três temporadas da cabana, e Rory não se incomodou em explicar o quadro de cortiça improvisado que estava no cavalete e exibia os rostos de cada pessoa morta ligada ao caso da Escola Preparatória Westmont.

Tampouco explicou a boneca de porcelana antiga que estava sentada ao lado deles na mesa, cujos toques finais Rory havia completado esta manhã.

Rory pegou seu reflexo na tela do computador e viu o contorno de seus óculos de onde saíram de suas têmporas. Ela os ajustou agora enquanto esperava pelos resultados da pesquisa de DNA que ela e Ryder estavam

conduzindo. Rory puxou o gorro mais para baixo na testa e estava prestes a ajustar o botão de cima do blusão quando o computador escureceu por um momento, e então piscou de volta à vida.

PARTIDA

Rory olhou para Ryder.

“Foi o sangue de Marc McEvoy na cena do crime”, disse Rory.

“Filho da puta”, disse Ryder, mal movendo os lábios. Ela se virou para Rory. “O que agora?”

Rory lembrou-se da descrição e dos detalhes do relatório. Traços de sangue não identificado foram encontrados no corpo de Tanner Landing e na garota que foi encontrada no local.

“Agora falamos com Gwen Montgomery”, disse Rory. “E descubra o que ela sabe sobre Marc McEvoy.”

CAPÍTULO 85

GWEN MONTGOMERY CHOROU QUANDO ELA OLHOU PARA A MULHER ATRAVÉS dela. Ela olhou ao redor da sala e respirou fundo. Ela tinha vindo aqui preparada para compartilhar seu segredo. Preparada para finalmente revelar as coisas que sabia sobre a noite em que Tanner e Andrew foram mortos. Ela havia repassado os eventos muitas vezes em sua mente, mas nunca os havia falado em voz alta. Até agora. Ela tinha vindo aqui para limpar sua consciência e dissipar seus demônios. Para finalmente revelar a verdade sobre aquela noite. Para finalmente divulgar o que esconderam da polícia.

Gwen e suas amigas sabiam que o Sr. Gorman era inocente. Eles sabiam que ele não tinha matado Tanner e Andrew. Eles o tinham visto naquela noite quando espiaram pela janela da cozinha. Ele estava cozinhando em seu fogão. Gavin tocou a campainha um momento depois, e todos eles correram noite adentro, para o carro dela, para acelerar em direção ao marco da milha treze na Rota 77. A linha do tempo de quando Tanner e Andrew foram mortos tornou impossível para o Sr. Gorman ter feito isso. Todos eles sabiam disso. À medida que os rumores se espalhavam pelo campus e os detalhes sobre o envolvimento do Sr. Gorman nas mortes gotejando na cobertura da mídia das mortes, eles sabiam que esses rumores

e detalhes estavam incorretos. Mas revelar isso à polícia exigiria que Gwen e seus amigos apresentassem sua própria linha do tempo naquela noite, e eles estavam com medo de que isso revelasse mais do que eles gostariam que a polícia soubesse - especificamente, que eles haviam atingido e matado um homem enquanto acelerava ao longo da Rota 77 no caminho para a entrada dos fundos do bosque que levava à pensão.

Quando eles chegaram em casa naquela noite, eles encontraram Tanner empalado na cerca e correram para salvar suas vidas.

Todos menos Gwen. Ela tinha tentado tirar Tanner da cerca. No processo, ela se cobriu com o sangue dele. O sangue de Tanner se misturou com o do homem que ela matou, cujo corpo ela rolou para o riacho Baker. Nos dias que se seguiram, ela aprendeu o nome dele - Marc McEvoy. O Sr. Gorman logo ficou sob suspeita, e eles debateram acaloradamente se deveriam apresentar o que sabiam ou permanecer em silêncio. Eles discutiram por tempo suficiente para que o Sr. Gorman se suicidasse. Os dias se transformaram em semanas e as semanas em meses. A culpa deles ardeu até que atraiu Bridget primeiro, e então Danielle e Theo a fazerem a mesma coisa. Pelo menos, era isso que Gwen acreditava. Até agora. Até que ela se sentou nesta sala e olhou para a mulher à sua frente.

Ela tinha vindo aqui para limpar sua alma. Ela não podia mais viver com seu segredo. Agora ela estava olhando para a mulher à sua frente e nervosamente mexendo com a moeda achatada entre os dedos. Ela chorou de novo e teve vontade de gritar. Mas ela sabia que era inútil.

CAPÍTULO 86

DE VOLTA Á VARANDA, A CAIXA DE PAPELÃO ESTAVA SOBRE A MESA DO PÁTIO. O detetive Morelli remexeu nas pastas até puxar uma da caixa e abri-la em suas anotações. Enquanto Gus folheava um arquivo, ele falou sem olhar para Lane. Ele virou uma página após a outra, folheando as anotações como se estivesse olhando um diário de infância esquecido.

“Fui chamado para Oak Point Yard, um pátio ferroviário no Bronx. Garoto adolescente versus trem, e eu era o detetive de plantão. Quando cheguei lá, estava uma bagunça. O ME já estava em cena. A vítima estava em pedaços, não sobrou muito dele depois que o trem tirou a vida dele. Quando cheguei conversei com os pais. Eles ficaram perturbados, como você pode imaginar.

Mas então eu soube que o irmão da vítima estava com ele quando aconteceu. Então, é claro, eu queria falar com o irmão. Eu queria ficar sozinho com ele para que ele não pudesse contar com seus pais. Mas eu pude sentir imediatamente uma dinâmica estranha entre os pais e essa criança. Então eu soube que a família estava cuidando desse garoto. Eles o haviam levado seis meses antes. ”

“Quantos anos ele tinha?”

“O filho adotivo tinha quatorze anos. O garoto que foi atropelado pelo trem tinha dezesseis anos. ”

Gus deu um gole na cerveja e virou a página da pasta. Lane teve a impressão de que Gus não precisava de suas anotações. O

detetive aposentado parecia se lembrar do caso como se o tivesse trabalhado no dia anterior.

“Então, eu consegui pegar o garoto sozinho. Ele me disse que ele e seu irmão adotivo tinham tocado nas faixas e que já tinham feito isso um monte de vezes antes. Disse que eles foram lá para achatar centavos nos trilhos. ”

A testa de Lane franziu em concentração com a menção das moedas achatadas.

“A história foi assim”, disse Gus. “Cada um deles colocava um novo centavo nos trilhos, depois se afastava e observava o trem atropelá-los. Na noite em que o irmão foi morto, eles estavam fazendo a mesma coisa. Só que desta vez o irmão chegou muito perto dos trilhos e o trem o atingiu. ”

Lane acenou com a cabeça e inclinou a cabeça. “Essa é uma história trágica.”

“Talvez, se fosse verdade. Mas para mim parecia um monte de besteira. Em primeiro lugar, o garoto disse que já tinha feito isso muitas vezes antes. Então, você imaginaria que eles ficam melhores a cada vez, não pioram. ”

Lane encolheu os ombros e fez beicinho com o lábio inferior. “Sim, eu entendo seu ponto. Mas as crianças são burras. Eles assumem riscos. Eles pensam que são imortais. Eu posso ver uma criança ficando muito confiante quanto mais ele vai para as pistas, e então ficando confiante demais. Chegando muito perto. ”

“Concordo”, disse Gus. “Mas há um problema com essa teoria. O filho adotivo disse que William Pederson chegou perto demais dos trilhos e o trem o atingiu. Mas o legista disse em seu relatório de autópsia que o trem não tinha simplesmente atingido o garoto, ele o destruiu. ”

Gus tirou o relatório da autópsia da caixa, abriu o arquivo e o deslizou pela mesa. Lane viu uma foto do corpo do garoto. Ele mal conseguia reconhecer o caroco na mesa de autópsia como humano. Ele fechou o arquivo.

“O trem esmagou seu crânio como uma panqueca e destruiu quase todos os órgãos de seu corpo. Arrastou-o por dois campos de futebol antes de finalmente despejar seu corpo nos trilhos e deixar o que sobrou dele para trás. ”

“Parece horrível”, disse Lane.

“Foi terrível. E é por isso que achei a história do garoto uma besteira. Se William Pederson tivesse simplesmente se aproximado demais dos trilhos, você não imaginaria que o trem o teria atingido e jogado para longe dos trilhos? Para que o trem tivesse impactado todo o seu corpo e o arrastado tão longe, ele teria que estar de pé nos trilhos, não apenas inclinado sobre eles. E eu acho que o merdinha o empurrou lá. “

Lane olhou para o oceano e se lembrou da teoria de Rory de que os garotos do Escola Preparatória Westmont não haviam cometido suicídio.

Eles não estão se matando, ele se lembrou de Rory dizendo. Alguém os está empurrando na frente daqueles trens.

Lane sentiu um formigamento no peito, logo abaixo do esterno, ao perceber uma conexão entre os casos.

“Por favor, me diga que você rastreou esse garoto.”

Gus deu um gole na cerveja. “Claro que sim. É por isso que pedi que você viesse para a Flórida. ”

CAPÍTULO 87

RORY CONSIDERAVA A MELHOR MANEIRA DE RASTREAR GWEN

Montgomery, e ela decidiu que uma abordagem furtiva era sua única opção. Se a garota sabia alguma coisa sobre Marc McEvoy, e por que o sangue do

homem estava em suas mãos na noite dos assassinatos do Escola Preparatória Westmont, ela certamente não contaria a Rory sobre isso pelo telefone. E se ela estava escondendo esse segredo por um ano, Rory iria precisar de alguma ajuda para fazer a garota falar. Uma combinação de aliados de confiança - o corpo docente e a equipe da Escola Preparatória Westmont que a ensinaram e aconselharam - junto com uma figura de autoridade para quem Gwen pensaria duas vezes antes de mentir. Para montar esta equipe, Rory fez a única coisa que ela poderia pensar. Ela ligou para Henry Ott. Rory odiava dar um jeito em um caso antes de ter todas as respostas, mas estava longe de casa nesse caso e precisava contar com os outros de maneiras às quais não estava acostumada. Sem mencionar que enfrentar Gwen Montgomery exigiria acesso ao campus da Escola Preparatória Westmont.

Rory tinha visitado o campus com o detetive Ott no início da semana. Os portões só foram trancados e abertos eletronicamente depois que Ott exibiu seu distintivo de detetive. Se foi um desafio para Henry Ott obter acesso a este lugar, Rory não teria chance de passar pelos portões se ela aparecesse sem avisar.

Ela estacionou na Champion Boulevard do lado de fora da entrada da Escola Preparatória Westmont. Durante sua conversa com o detetive Ott, Rory cobriu todas as coisas que ela aprendeu nos últimos dias - os centavos misteriosos que conectavam todos os alunos e Charles Gorman, sua suspeita de que a casa do suicídio era algo muito mais sinistro e suas descobertas que identificaram a fonte do sangue misterioso. Se ela tivesse mais alguns dias e acesso a todos os seus recursos habituais, Rory teria resolvido as coisas sozinha. Mas em Peppermill, Indiana, junto com uma repórter que certamente estava ansiosa para escrever sua história, Rory não teve escolha a não ser trazer outros para a briga.

Quando Rory foi para a Escola Preparatória Westmont, Ryder saiu para trabalhar o ângulo de Marc McEvoy e ver se ela conseguia encontrar alguma evidência que o colocou na Peppermill na noite dos assassinatos da Escola Preparatória Westmont. Rory prometeu ligar para ela mais tarde, quando soubesse mais sobre Gwen Montgomery. Henry Ott havia telefonado para a escola para falar com Gabriella Hanover e Christian Casper e informá-los sobre o mais recente desenvolvimento. Ele disse a Rory que a encontraria no portão da frente. Juntos, e pelo livro, eles iriam

rastrear Gwen Montgomery e descobrir o que ela sabia sobre o homem desaparecido chamado Marc McEvoy. Então, aqui ela esperou, sentada em seu carro, faróis acesos, e estacionou do lado de fora dos portões da Escola Preparatória Westmont. Sua pele coçou. A transpiração deixava sua nuca pegajosa e úmida. Sua perna direita vibrou, e os ilhós em suas Madden Girls encheram o carro com um tilintar sutil enquanto ela observava a estrada escura à sua frente, esperando os faróis de Henry Ott aparecerem.

Em vez disso, porém, os portões da Escola Preparatória Westmont se abriram com estrépito. Uma figura ficou parada na escuridão e acenou para que Rory avançasse.

CAPÍTULO 88

GUS ALCANÇOU Á CAIXA E PEGOU OUTRO ARQUIVO. Dentro havia fotos da cena. Ele entregou a Lane um oito por dez que capturou os rastros onde William Pederson havia sido atingido. Um tênis de basquete de cano alto estava isolado nos trilhos.

“O trem tirou o garoto dos sapatos”, disse Gus. “Estilo Ray Brower.”

Lane puxou a foto para perto dele. “A verdade é mais estranha que a ficção. Quem diria que isso era possível. ”

“O motivo de ser significativo é que o trem que tirou o garoto de seus sapatos confirma a ideia de que ele estava parado nos trilhos quando o trem o atingiu.”

“Mas o irmão adotivo nunca negou isso, não é? Ele nunca disse que estava apenas inclinado sobre os trilhos? ”

“Ele apenas disse que William chegou perto demais. Que ele estava lá em um segundo e desapareceu no próximo. Ele alegou que não viu exatamente o que aconteceu. ”

“Talvez ele tenha bloqueado. É comum com trauma. Pode ter sofrido de PTSD. ”

“Sem ofensa, doutor, mas isso é um monte de psicologia. O garoto sabia muito bem o que aconteceu. E ele tinha tudo o que me disse preparado com bastante antecedência. ”

“Como o quê?”

“Como a história. Era perfeito demais. Ele praticamente se regozijou quando me disse que ele e William já haviam estado nas pistas antes. Que eles haviam feito o truque do centavo muitas vezes. Que eles foram pegos algumas semanas antes e autuados por um policial de patrulha. Que eles foram repreendidos por seus pais. E ele tinha aquela maldita coleção de moedas prontas para me mostrar.”

“Talvez ele tivesse a história preparada porque era a verdade.”

Gus balançou a cabeça. “De jeito nenhum. Foi coreografado. Mas o merdinha era tão calculista que eu nunca poderia provar.

”

“O que te deu tanta certeza de que ele estava mentindo sobre tudo isso?”

Gus apontou para a foto que Lane estava segurando. “Vê isso?”

Lane olhou de volta para a foto. “Sim. É o sapato de criança. Já falamos sobre isso.”

“Não. Não é o que está na foto que me incomoda. É o que está faltando na foto.”

Lane examinou a imagem. “O que está a faltar?”

Gus se inclinou para frente. “A porra do centavo dele”, disse ele, apontando para a foto. “Há apenas um na foto. O garoto disse que eles colocaram dois centavos nos trilhos - um para cada um deles - pouco antes de William ser atingido. Então, depois que o trem levou seu irmão adotivo embora, o garoto entrou em pânico e correu para casa para contar aos Pedersons.

Mas não foi isso que aconteceu. O merdinha esperou o trem passar, então pegou sua própria moeda antes de ir para casa. Ele ainda estava com ele no bolso quando cheguei naquela noite no pátio ferroviário.”

CAPÍTULO 89

RORY PASSOU ATRAVÉS DE SEUS ÓCULOS E SAÍDA NA ESCURIDÃO enquanto ela lentamente puxava para frente. Quando ela estava perto o suficiente, ela reconheceu Christian Casper. Assim que Rory passou pelo portão, ele deu um passo à frente e se aproximou da janela dela. Rory ajustou os óculos e baixou a janela. O Dr. Casper se abaixou.

“Senhorita Moore”, disse ele. “Bom te ver de novo.”

Rory se lembrou da reunião estranha na quarta-feira, quando os drs. Casper e Hanover levaram ela e Henry Ott para a pensão abandonada. A memória de sua recusa em apertar a mão do Dr. Hanover avermelhou seu rosto e enviou borboletas flutuando em suas entranhas. O Dr. Casper claramente se lembrava do incidente, Rory imaginou, porque ele não ofereceu uma mão esta noite.

“Acabei de receber o telefonema do detetive Ott”, disse Casper. “Ele disse que estava vindo. Achei que você fosse ele quando vi os faróis. ”

“Ele deve chegar a qualquer minuto. Eu estava esperando por ele. ”

“Ele disse que vocês dois estavam procurando Gwen Montgomery?” Dr. Casper disse.

“Correto. Precisamos falar com ela sobre ... o ano passado. Aconteceu algo. ”

“Isso se deve a algo que você encontrou durante sua visita à pensão?”

“Parcialmente, sim,” Rory disse.

“Depois que recebi a ligação do detetive Ott, verifiquei com minha equipe. Lamento informar que Gwen foi para casa ontem.

A sessão de verão terminou ontem de manhã. Ela saiu à tarde. Ela não estará de volta até o início do semestre de outono em algumas semanas. É um assunto urgente? ”

“Possivelmente”, disse Rory, não querendo confessar tudo o que sabia até que o detetive Ott estivesse presente. “Onde fica a casa dela?”

“Michigan. Ann Arbor. ”

“Seria possível obter suas informações de contato? Número de telefone e endereço? ”

Dr. Casper fez uma pausa e ofereceu um sorriso tenso. Ele estava hesitante com suas palavras. “Eu precisaria falar com o detetive Ott antes de fornecer informações pessoais sobre um de nossos alunos.”

Rory acenou com a cabeça e ajustou os óculos novamente. “Claro.” Ela olhou para o relógio. “Estou esperando por ele a qualquer minuto.”

“Por que você não puxa para o estacionamento de hóspedes. Podemos esperar no meu escritório. Liguei para Gabriella Hanover e ela está vindo. Vou puxar o arquivo de Gwen enquanto esperamos. ”

Com a base do pescoço molhada de suor, Rory passou pelo portão de ferro forjado e entrou na Escola Preparatória Westmont.

CAPÍTULO 90

LANE CONTINUOU A OLHAR PARA A FOTO DO solitário tênis de ginástica parado nos trilhos e o único centavo que o acompanhava. Finalmente, ele largou a foto.

“Você já perguntou ao garoto sobre os centavos? Por que os dois não estavam nas pistas naquela noite? ”

“Não”, disse Gus. “Achei melhor guardar para mais tarde, mas depois nunca vim porque nunca poderia chegar a lugar nenhum com minhas suspeitas.”

“Você contou aos pais adotivos?”

“Eu nunca disse isso diretamente, mas eles estavam tão desconfiados quanto eu. Eles também não verbalizaram, mas a maneira como me olhavam cada vez que eu entrava em casa me dizia que estavam implorando por ajuda ”.

“O que aconteceu com tudo isso?”

“Só mais uma caixa que acabou em uma unidade de armazenamento. Eu estava arrasando com os homicídios. Este caso foi considerado suspeito no início, mas acabou rotulado como uma morte acidental pelo ME e carimbado fora do registro do NYPD. Não havia nada que eu pudesse fazer. ”

Lane olhou nos olhos de Gus. “Algo me diz que você simplesmente não deixou isso morrer.”

“Eu não fiz. Por enquanto, pelo menos. Eu não poderia atribuir aquele garoto à morte de William Pederson, mas algo nele parecia sinistro. Seus olhos, talvez. Seu comportamento. Eu não sei. Mas algo sobre ele me deixou nervoso. Então eu olhei para ele. Pesquisou como e por que ele entrou no sistema de adoção. ”

“O que você encontrou?”

“Ele foi colocado sob custódia do estado depois que seu pai se enforcou na cabeceira da cama em sua casa. O garoto o encontrou.”

“Cristo. Onde estava a mãe?”

“Um dia antes do pai do garoto se matar, sua mãe sofreu uma misteriosa queda escada abaixo.”

“O dia anterior?”

Gus acenou com a cabeça. “Eu puxei o arquivo do caso sobre o incidente. Parece que os médicos do pronto-socorro indicaram que os ferimentos da mulher não eram consistentes com uma queda das escadas. Alguém tinha batido nela pra valer.”

Lane pensou por um momento. “O marido?”

“Pode ser. Ele seria o suspeito mais provável, mas ele se matou naquela noite. O garoto o encontrou na manhã seguinte, chamado nove um e um.”

“Então o pai da criança bate na mãe até a morte, faz parecer que ela caiu da escada e depois ele se mata. Sem outra família, a criança acaba em um orfanato?”

“Não”, disse Gus. “A mãe da criança não morreu. Ela foi espancada até quase morrer, mas sobreviveu. Ela passou meio ano em coma. Quando ela acordou, ela era inválida. Ela nunca foi capaz de cuidar de si mesma novamente. Com o pai morto e a mãe quase em estado vegetativo, a criança passou a ser protegida pelo estado e foi para o sistema de adoção. Seis meses depois que os Pedersons o acolheram, William morreu nos trilhos.”

“O que aconteceu com a mãe da criança?”

Gus enfiou a mão na caixa e puxou outro arquivo. “Como eu disse. É por isso que te convidei para ir à Flórida. Acho que nossos dois casos podem estar ligados.”

CAPÍTULO 91

RORY DESLIGOU O MOTOR DEPOIS DE ENTRAR NO CONVIDADO estacionamento. Ela abriu a porta e saiu na noite. Dr. Casper esperava na calçada. Eram nove horas, a noite de agosto carregada de umidade e cheia

de mosquitos. Rory deu um tapa em um que caiu na nuca dela, atraído, ela tinha certeza, para o suor que se acumulou lá.

“O detetive Ott demoraria muito?” Dr. Casper perguntou

Rory reconheceu a apreensão em sua voz, como se estivesse falando com uma criança perdida no supermercado. Seu pai disse que demoraria muito, querida? Rory tinha ouvido esse nível de condescendência durante toda a sua vida. Claro, Christian Casper era psiquiatra, e depois do encontro na quarta-feira e do encontro estranho quando Rory se recusou a apertar a mão de Gabriella Hanover, ela tinha certeza de que o Dr. Casper havia criado um diagnóstico de trabalho para seu comportamento anti-social. Provavelmente incluía um medo latente de germes que produziam sua ansiedade social, junto com um toque de agorafobia. Ele certamente a colocou no espectro, e considerou uma longa lista de medicamentos que resolveriam todos os seus problemas.

Um mosquito gordo pousou em sua bochecha e Rory o esbofeteou, trazendo-a de volta ao presente e afastando-a de seus pensamentos desconfiados.

“Não muito,” Rory finalmente disse. “Ele me disse que estava indo direto para lá.”

“Vamos entrar. É muito mais fresco e sem mosquitos. O Dr. Hanover se juntará a nós e a segurança nos notificará quando o Detetive Ott chegar. ”

Rory seguiu o Dr. Casper até a Teacher’s Row e subiu os degraus até o duplex número dezoito.

CAPÍTULO 92

“EU PESQUISEI SOBRE A MÃE DO GAROTO HOJE ,” disse Gus, abrindo o arquivo que ele havia tirado da caixa. “A família não tinha dinheiro nem seguro. Ela passou seis meses no hospital após seus ferimentos, e quando ela saiu do coma e foi determinado que ela precisaria de cuidados de longo prazo, ela foi internada no estado. Seu filho foi para o sistema de adoção; ela foi para uma instituição de cuidados para adultos administrada pelo estado no interior do estado de Nova York. Passei vinte e três anos lá. ”

“E depois?” Lane perguntou. “Ela morreu?”

“Não. Dois anos atrás, ela foi transferida para um hospital em Indiana. Cerca de uma hora fora de Indianápolis. ”

A mente de Lane começou a girar. Havia uma conexão esperando para ser feita, mas ele não conseguiu endireitá-la.

“Mas aqui está o problema”, disse Gus. “Liguei para o hospital hoje para ver se conseguia descobrir algo sobre sua condição e, aparentemente ... ela está desaparecida.”

“Quem está faltando?”

“A mãe da criança.”

“O que você quer dizer com falta?”

“Eles não podem encontrá-la. Falei com o departamento de polícia local ”, disse Gus. “Eles estão verificando as imagens de segurança agora, mas parece que alguém a deixou cair em uma cadeira de rodas e a empurrou pelas portas da frente.”

Lane piscou algumas vezes. “Quando foi isso?”

“Noite passada.”

Lane balançou a cabeça. “Quem sequestraria uma mulher vegetativa idosa?”

“Meu palpite? O filho dela.”

“O garoto Pederson?”

“Sim, mas o nome dele não é Pederson. Esse era o nome da família adotiva. Ele nunca o usou. Ele manteve seu próprio nome.

”

“Que foi?”

Gus olhou para o arquivo. “Casper. O nome do garoto era Christian Casper. Ele tinha quatorze anos em 1994 quando seu irmão adotivo foi morto. O melhor que posso dizer é que ele agora é um membro do corpo docente da Escola Preparatória Westmont. Codiretor de aconselhamento estudantil, na verdade. ”

“Putá merda.” Lane pegou o telefone.

CAPÍTULO 93

DR. CASPER SUBIU OS DEGRAUS E FECHOU Á PORTA DA FRENTE do seu duplex. Rory o seguiu para dentro, ajustando os óculos e estendendo a mão para se certificar de que o botão superior de seu blusão estava preso quando ela cruzou o batente da porta.

“Posso pegar algo para você beber?” Dr. Casper perguntou.

“Não, obrigado”, disse Rory.

À esquerda da entrada ficava o escritório do Dr. Casper. Rory notou uma mesa executiva orgulhosamente no centro da sala, atulhada de papéis e pastas. Ao lado da escrivaninha havia duas cadeiras que ficavam frente a frente em uma mesa de centro.

A pele de Rory ardeu com uma irritação de eczema ao pensar em compartilhar seus segredos mais profundos enquanto estava sentada em uma daquelas cadeiras. Ela cobriu os segredos do último ano de sua vida com uma proteção contra poeira, protegeu os cantos com bigornas e planejou nunca mais falar sobre eles. A ideia de compartilhar as partes mais íntimas de sua vida com alguém que mal conhecia, mas para compromissos uma vez por semana, não fazia sentido para ela. Ela havia aprendido outros meios de lidar com o funcionamento interno de sua mente.

“Então, do que se trata?” Dr. Casper perguntou. “O detetive Ott parecia ansioso para falar com Gwen.”

“Encontramos algumas informações novas e a queríamos... feedback sobre isso.”

“Há algo para nos preocuparmos?”

“Eu ... acho que não,” Rory disse, mas a hesitação em sua voz a traiu.

“É um momento infeliz, com o semestre de verão apenas terminando. Caso contrário, poderíamos simplesmente caminhar até seu dormitório para uma conversa. E eu peço desculpas.” Dr. Casper apontou para seu escritório. “Temo que meu escritório esteja uma bagunça enquanto terminamos os boletins de verão e nos preparamos para o novo ano escolar. Transferimos temporariamente os registros do aluno para o nível inferior.”

O Dr. Casper olhou para o relógio.

“Gabriella estará aqui a qualquer momento. Desça comigo e eu pego o arquivo de Gwen. ”

Nível mais baixo. A frase ficou gravada na mente de Rory. Ela se perguntou por um instante, apenas um segundo fugaz, por que ele usaria esse termo. Eles não estavam no grande prédio da biblioteca que Rory havia passado ao passar pelos portões da frente, onde um porão poderia ser considerado um nível inferior. Eles estavam em um duplex de dois andares que também servia como escritório de Christian Casper. Qualquer escada para baixo levava a um porão. Rory forçou um sorriso e ajustou os óculos novamente. Ela puxou o gorro para baixo na cabeça, tentando se esconder atrás da aba. Ela não gostava de porões, aquele em seu bangalô em Chicago ou de qualquer outra pessoa.

Dr. Casper abriu a porta localizada do outro lado da escada. Rory viu um patamar escuro e escadas sombreadas.

“Vou levar apenas um minuto para localizar o arquivo. Você se importaria de me ajudar?”

Rory sorriu e, apesar da falha em seu cérebro, saiu em direção à porta do porão.

CAPÍTULO 94

LANE COLOCA O TELEFONE AO OUVIDO E ESCUTA ENQUANTO O correio de voz de Rory atende.

“Ei,” ele disse. “Sou eu. Estou aqui na Flórida e acho que tropecei em algo. Você tem que me ligar de volta. Agora mesmo.

Assim que você receber isso. ”

Lane consultou o relógio. Eram 9:15 da noite hora central. Ele disparou uma mensagem de texto com a mesma mensagem e, em seguida, colocou o telefone na mesa para ter certeza de ouvir a ligação de Rory.

“Sem sorte?” Perguntou Gus.

“Não.” Lane consultou o relógio novamente e se perguntou por que Rory não atendia ao telefone. Uma sensação de urgência cresceu em seu peito, mas mil e quinhentas milhas o separavam de Rory, e Lane sabia que ele

estava indefeso até que Rory ligou de volta. Ele finalmente olhou para Gus. “Tenho certeza que você investigou o Dr. Casper.”

Gus acenou com a cabeça. “Eu fiz. Ele permaneceu no sistema de adoção, mas nunca foi pego por outra família. Quando ele completou dezoito anos, ele estava livre como um pássaro. Eu o perdi naquela época, mas depois que você ligou, toquei em meus contatos e fizemos uma pesquisa de registros. ”

Gus virou a página da pasta à sua frente.

“Enquanto ele estava no sistema de adoção, ele administrou seu caminho até o ensino médio. Então ele se inscreveu e recebeu uma bolsa para ir para a faculdade. É muito raro para um filho adotivo que nunca encontrou um lar para passar do ensino médio. Mas esse garoto fez. Ele foi para o New York State College. ”

Gus ergueu os olhos da página que estava lendo.

“Adivinhe o que aconteceu com seu colega de quarto do primeiro ano.”

Lane balançou a cabeça.

“Casper morava nos dormitórios. Em outubro de seu primeiro ano, seu colega de quarto se matou. Casper o encontrou pendurado nas vigas quando voltou para o dormitório uma noite.

Lane se lembrou do perfil que ele criou do assassino do Escola Preparatória Westmont. A natureza organizada da cena do crime indicava que não era a primeira vez que ele matava. Lane também adivinhou que o assassino veio de uma família desfeita e provavelmente desenvolveu um relacionamento anormalmente íntimo com sua mãe. Esse vínculo maternal estava em oposição a um relacionamento conturbado com seu pai.

“Parece que todo mundo ao redor desse cara morre”, disse Gus. “Depois da faculdade, ele foi para a faculdade de medicina.

Por fim, foi para a psiquiatria, especializando-se em psicoterapia de adolescentes e jovens. Minha fonte rastreou um velho paciente de Casper de quando ele praticava em Nova York. O paciente anterior de Casper está com quase trinta anos e tinha apenas as coisas mais agradáveis a dizer sobre seu antigo psiquiatra. Quando questionado se o Dr. Casper tinha alguma prática ou técnica incomum, o cara disse que Casper tinha uma maneira única de acalmar seus pacientes durante as sessões de terapia. ”

Lane esperou um segundo. “Que foi?”

“Ele os fazia mexer com uma moeda achatada. Guy disse que funcionou tão bem que, depois de um tempo, era como um bebê chupando uma chupeta.”

A mente de Lane estava disparando, e a urgência em seu peito cresceu para algo mais próximo do pavor.

“Quando combinado com tudo o que aconteceu naquela escola preparatória”, disse Gus, “ou é uma coincidência muito estranha que tantas mortes cercam esse cara, ou é a prova de que tropeçamos nas pegadas de um assassino em série ao longo da vida.”

Lane pegou o telefone e discou novamente. “Atenda, Rory. Atenda o maldito telefone.”

CAPÍTULO 95

ASSIM QUE A PORTA DA PORÃO FECHOU ATRÁS DELA, RORY SABIA que algo estava errado. Ela deu três passos para baixo antes que sua intuição lhe dissesse para se virar, subir as escadas correndo, ficar acima do solo e sair desta casa. Quando a Dra. Casper desapareceu na esquina do patamar, e ela o ouviu descer a última escada, Rory decidiu fazer exatamente isso. Parte dela - a parte paranóica - preocupada com o constrangimento com que teria que lidar depois que saísse da escada e ficasse no jardim da frente da casa. O Dr. Casper certamente reapareceria com o arquivo de Gwen Montgomery nas mãos, perguntando-se por que uma mulher adulta saiu correndo de seu consultório. Mas aquela mesma parte desconfiada de sua mente estava gritando para ela deixar este cenário. A adrenalina de seu sistema de luta ou fuga percorreu seu corpo, acelerando sua frequência cardíaca e aumentando sua pressão arterial. Qualquer constrangimento que viesse de correr agora seria mais fácil de lidar do que o ataque de pânico iminente que ela experimentaria por ficar um minuto a mais no espaço confinado da escada.

- Eu poderia usar uma mão aqui embaixo, - Dr. Casper gritou do porão.

Lá em cima e do lado de fora, ela poderia esperar pelo detetive Ott. Ele estava a caminho. O Dr. Casper também não mencionou que Gabriella Hanover estava vindo? Era difícil para Rory acreditar o quanto ela desejava ver perfeitos estranhos.

A sensação confirmou o perigo em que ela havia entrado.

“Acho que encontrei o que você está procurando”, ela ouviu o Dr. Casper gritar. “E ela ...”

Rory se virou e subiu correndo as escadas, o barulho de suas botas de combate abafando a última frase de Casper. Ela alcançou a porta fechada e girou a maçaneta. Estava trancado. O barulho de clique que ela ouviu quando a porta se fechou atrás dela agora era óbvio. A porta foi trancada automaticamente do outro lado. Na escada escura, ela correu freneticamente os dedos pela maçaneta, sentindo o buraco da fechadura na maçaneta.

Ela ouviu barulho na escada, arranhar de sapatos enquanto o Dr. Casper subia metodicamente os primeiros degraus. Ele apareceu no patamar abaixo dela, seu rosto sombreado e seus olhos escondidos pela escuridão.

“Eu disse que encontrei o que você estava procurando”, disse ele. “Agora volte aqui.”

Rory tentou a maçaneta da porta novamente.

“A porta trava automaticamente quando fecha. É a maneira mais segura. Agora, direi apenas mais uma vez. Desça aqui.”

CAPÍTULO 96

HENRY OTT ESTACIONOU O SEU CHEVY NA FRENTE DOS PORTÕES da Escola Preparatória Westmont. Ele consultou o relógio e apertou os olhos através do pára-brisa para encarar a estrada escura à sua frente. Ele olhou para o espelho retrovisor e depois de volta para o relógio. Ele se perguntou como diabos ele poderia tê-la vencido aqui.

Rory ligou quarenta minutos antes para contar a ele sobre suas descobertas. Ela pediu a ele para encontrá-la na entrada da escola para que ele pudesse usar sua influência para rastrear Gwen Montgomery. Ott trocou de roupa rapidamente, deu uma mordida rápida e veio imediatamente. Ele estava tão ansioso para falar com a garota Montgomery quanto Rory, e para descobrir como o sangue de Mark McEvoy manchou suas mãos na noite dos assassinatos do Escola Preparatória Westmont.

Ele esperou mais um minuto antes de passar o dedo no telefone e pressionar o ícone de chamada de retorno. Após uma série de toques, a chamada foi conectada.

“Este é Rory Moore. Deixe um recado.”

Ott encerrou a ligação e verificou o retrovisor pela segunda vez. Policial por mais de trinta anos, ele confiava em seus instintos sempre que eram altos o suficiente para serem ouvidos. Agora mesmo, eles estavam gritando que algo estava errado.

Ele estendeu a mão para o porta-luvas, pegou uma pequena lanterna de dentro e saiu do carro para a noite úmida de verão. Ele abriu a porta traseira e puxou o paletó do cabide, enfiou os braços nas mangas e colocou-o sobre os ombros. Estava quente como o inferno, mas ele preferia manter sua arma escondida. Ele ajustou o coldre agora, posicionando-o de forma que a coronha da arma descansasse logo abaixo de sua axila esquerda.

Em seguida, ele acendeu a lanterna e caminhou em direção aos portões da Escola Preparatória Westmont.

CAPÍTULO 97

DEPOIS QUE DR. CASPER SE VIROU E VOLTOU A DESCER AS escada, Rory enfiou a mão no bolso de trás da calça jeans, mas seu telefone estava faltando. Ela verificou o blusão, depois a calça jeans novamente, como se uma segunda passagem produzisse um resultado diferente. Ela colocou o telefone no banco do passageiro do carro depois de ligar para Henry Ott e deve ter deixado lá. Ela lutou com a maçaneta da porta por mais um minuto enquanto sua pele queimava com coceira e suor escorria por sua espinha. Finalmente, Rory se virou e olhou para a escada escura. Lute ou fuja. Sua primeira escolha se foi, então ela empurrou os óculos no nariz, respirou fundo e começou a descer as escadas. Quando ela alcançou o patamar, ela virou para a direita e viu os últimos degraus que levavam à porta além.

Estava mais claro aqui, a luz do porão derramando-se nos degraus inferiores.

Ela deu os últimos passos lentamente. Na parte inferior, ela viu armários de arquivo alinhados em uma parede e uma mesa atulhada de papéis. Por um instante fugaz, Rory pensou que talvez ela tivesse interpretado mal a situação. Que o perigo que ela sentia estava apenas em sua mente. Mas então ela viu o Dr. Casper pela porta à sua esquerda. Ele estava sentado em uma cadeira com as pernas casualmente cruzadas. Um diário encadernado

em couro estava em seu colo como se ele estivesse lendo um romance e saboreando uma taça de vinho à noite. Quando Rory passou pela porta, outra imagem apareceu. Sentada em frente ao Dr. Casper, apoiada em uma cadeira de rodas, estava uma mulher emaciada com olhos fundos que estavam abertos, mas pareciam cegos para o mundo ao seu redor.

“Mãe”, disse o Dr. Casper. “Este é Rory Moore. Ela é parte da razão de você estar aqui esta noite. E, claro, você já conheceu Gwen.”

Rory entrou na sala, além do batente da porta. Quando ela fez isso, ela viu uma garota amarrada a uma cadeira. Sua boca estava coberta com uma tira de fita adesiva cinza. Ela tinha lágrimas escorrendo pelo rosto e mexia febrilmente com algo em sua mão direita. Quando a garota viu Rory, seus olhos se arregalaram e um gemido saiu de sua boca colada.

Rory reconheceu a palavra. Ajuda.

A garota de repente deixou cair o item que tinha na mão. Rory olhou para o chão e viu que era uma moeda achatada.

- Gwen - disse o Dr. Casper, descruzando as pernas e se levantando da cadeira. “O centavo deve te acalmar, não te deixar nervoso. Sempre funcionou para você no passado. Vamos tentar de novo.”

Ele se aproximou, pegou a moeda e colocou-a de volta na mão dela. Então ele voltou para sua cadeira e pegou uma tigela da mesa lateral, segurando-a e oferecendo a Rory. Estava cheio de moedas achatadas.

- Eu também lhe ofereceria um, Srta. Moore. Isso pode acalmá-lo quanto ao que está para acontecer, mas presumo que seu distúrbio do espectro também o tenha atormentado com misofobia? “

Rory ficou parado e em silêncio.

“Eu imaginei”, disse o Dr. Casper, colocando a tigela de volta na mesa. Ele se sentou e abriu seu diário. Ele olhou para Rory.

“Minha mãe e eu estávamos prestes a ter uma sessão quando o detetive Ott ligou. Li quase todo o diário para minha mãe.

Estou quase no fim. Você também pode ouvir.”

Rory ficou rígido ainda, nem mesmo piscando enquanto observava Christian Casper abrir o diário, mover para o lado a borla que segurava seu

lugar e começar a ler.

Sessão 6

Anotações no diário: O FIM ESTÁ PRÓXIMO

CHEGUEI À CASA DE PENSÃO ABANDONADA E ESPEREI NO LOCAL

os alunos chamaram de sala “segura”. Era um nome irônico, porque naquela noite seria tudo menos seguro. Eu tinha guardado um molho de chaves da velha casa de quando ela estava funcionando. A porta se abriu facilmente e eu assumi meu lugar no canto. Eu sabia o que estava acontecendo naquela noite. Era o solstício de verão, o que significava que os juniores estavam sendo iniciados. Embora seus membros acreditassem estar envolto em segredo, eu sabia quase tudo sobre o jogo que eles chamavam de The Man in the Mirror. Muitos membros do corpo docente o fizeram, incluindo Charles Gorman.

Ele havia compartilhado seu diário comigo na semana anterior, e eu li o que ele fantasiava fazer com os alunos que o atormentavam. Meu plano entrou claramente em foco então. Eu iria até a casa e esperaria os alunos chegarem, um por um.

Eu tinha planejado inicialmente matá-los naquela noite, mas os dois que Charles mais odiava chegaram primeiro, e quando ninguém mais veio imediatamente da floresta, corri de volta para o campus. Eu sabia que a polícia eventualmente suspeitaria de Charles. Ele estava fraco e fraco, e quando ele veio até mim depois da tragédia na floresta para confessar sua preocupação de que seus pensamentos mais sombrios tivessem de alguma forma se concretizado, eu o convenci de que a única maneira de dissipar os demônios que o assombravam era indo fora para a casa e os trilhos e enfrente-os. Fomos juntos. Foi lá que ele tropeçou, como meu irmão adotivo havia feito anos antes, nos trilhos. Foi considerada uma tentativa de suicídio. Eu queria livrar o mundo dos fracos e fracos - o tipo de pessoa que eu já fui - mas de alguma forma Charles sobreviveu. Era melhor assim. Charles seria para sempre mostrado ao mundo como a alma desamparada e patética que era.

Ele merecia sofrer por sua fraqueza. Seus algozes, entretanto, mereciam morrer. Assim como meu pai.

Naquela noite, na sala segura, Andrew Gross morreu em uma poça de seu próprio sangue. Tanner Landing, de um dente que espetou seu cérebro. Eu tive que esperar pelos outros. Mas, lentamente, um por um, eles vieram a mim durante nossas sessões de terapia e confessaram sua culpa por terem levado Charles Gorman ao assassinato e tentativa de suicídio, escondendo da polícia o fato de que o tinham visto naquela noite, sozinho em sua casa, e que a linha do tempo dos eventos tornou impossível para Charles ter saído para a casa abandonada.

Mas algo mais aconteceu naquela noite que também atormentou suas almas. Eles haviam acidentalmente matado um homem.

Um homem que eles largaram em Baker's Creek. Cada um deles veio a mim, desesperados por minha ajuda. Frenético para encontrar uma maneira de superar sua culpa. Eu ofereci a solução perfeita. A única maneira de limpar a consciência, eu disse a eles, era cada um enfrentar seus demônios no lugar exato que os produziu.

Bridget foi a primeira. Eu a convenci a ir para a pensão abandonada. Eu me ofereci para acompanhá-la, para ficar ao lado dela enquanto ela enfrentava seus demônios nos trilhos do trem. No local exato onde todos acreditavam que Charles Gorman havia tentado o suicídio. Quando chegamos lá, ela fechou os olhos e esperou o trem levar seus demônios. Assim como com meu irmão adotivo anos antes, era quase fácil demais.

Danielle e Theo o seguiram. Todos acreditavam que eram suicídios. Mas então o repórter chegou e o podcast começou. Novo interesse se formou em torno dos suicídios e, apesar de meus melhores esforços para reprimir essa curiosidade e encerrar o podcast, eu sabia que era apenas uma questão de tempo antes que eles voltassem para mim. Estou em paz com tudo isso, no entanto. Eu sabia que esse dia estava chegando. Na época em que espiei pelo buraco da fechadura da porta do meu quarto e permiti que aquela criança fraca e indefesa morresse - aquela que viu seu pai bater em sua mãe - eu sabia que esse dia acabaria chegando.

Quando Gwen veio até mim ontem, eu sabia que o dia havia chegado. Ela tinha um grande plano de ir à polícia, mas eu sabia que não podia permitir que isso acontecesse, mãe. Não antes de você e eu compartilharmos este último momento juntos.

Fechei o diário e olhei para minha mãe. Senti a presença das outras duas mulheres na sala - Gwen, amarrada e olhando para mim, e Rory Moore, certamente entraram em pânico além do pensamento racional.

“Você acha que o que eu fiz está errado, mãe?”

Houve um longo período de silêncio, mas o contato visual esta noite por si só não foi suficiente.

“Mãe! Você acha que o que eu fiz está errado?”

“Nem um pouco”, disse ela.

Eu sorri com as palavras tranquilizadoras. Eles tomaram conta de mim e me acalmaram. Claro, essas foram as únicas palavras que minha mãe conseguiu dizer desde que acordou do coma, há mais de 25 anos. Mesmo assim, gostei de ouvir sua voz. Eu precisava de sua garantia de que vivi minha vida de acordo com sua aprovação. Eu sou quem sou hoje e fiz o que fiz ao longo da minha vida, por causa dela. Por causa das coisas que ela me permitiu testemunhar pelo buraco da fechadura na porta do meu quarto. Por causa de sua fraqueza.

Coloquei o diário na mesa ao lado da minha cadeira. Eu me levantei, coloquei a mão no bolso e retirei a faca. Eu o desdobrei e travei a lâmina no lugar. Dei um passo em direção a minha mãe, sabendo que isso era necessário, embora fosse difícil.

CAPÍTULO 98

RORY OUVIA ENQUANTO CHRISTIAN CASPER LIA PARA A MULHER

cadavérica que se sentou em frente a ele. Ele havia ligado para a mãe dela? Ela achava que sim, mas a cena era tão confusa que Rory não estava processando as coisas de maneira correta ou lógica. Ela só sabia que sentia o mesmo senso de obrigação agora como no ano anterior, quando ela estava em uma cabana escondida na floresta. Poucos minutos antes, quando ela estava na escada, seu principal objetivo era a autopreservação. Mas agora, era outra coisa. As outras mulheres na sala precisavam dela. Rory não conseguia mais pensar em fugir.

Ela respirou fundo e ouviu o Dr. Casper confessar o assassinato de Tanner Landing e Andrew Gross. Ela ouviu como ele empurrou Charles Gorman e

os outros na frente do trem que corria ao lado da pensão. Certamente, este homem foi o responsável pela explosão que tirou a vida de Mack Carter, e quase acabou com a de Lane também. O suor escorria por suas costas enquanto sua mente relampejava ao quadro de cortiça no quarto de três temporadas da cabana e aos rostos que estavam presos ali.

Casper parou de ler e o silêncio chamou a atenção de Rory. Ela observou enquanto ele se levantava da cadeira. Ele enfiou a mão no bolso e tirou algo. A iluminação do teto refletiu no metal, e a lâmina de uma faca sorriu ameaçadoramente em sua mão quando ele a desdobrou. A frágil mulher nem mesmo estremeceu quando ele se aproximou dela. Ela parecia estar desligada da realidade.

- Você me fez assim, mãe - Rory ouviu Casper dizer em voz baixa. “E agora que estou pronto para deixar esta vida que você me deu, estou levando você comigo.”

Rory não teve tempo para considerar suas opções. Ela simplesmente disparou em direção a ele. Como um linebacker, ela abaixou a cabeça e bateu em sua cintura. O ombro direito dela acertou diretamente a virilha dele, e ele soltou um uivo quando o ar deixou seus pulmões e os dois caíram no chão. Ela imediatamente alcançou sua mão direita para isolar a faca, mas quando agarrou seu pulso, viu que sua mão estava vazia.

Casper se virou de bruços, ainda gemendo com o golpe, e começou a rastejar para a faca que havia pousado a alguns metros de distância. Rory colocou o braço direito dela em volta do pescoço dele e segurou com força um estrangulamento quando as mãos dela se juntaram. Ela apertou com todas as suas forças. Isso desacelerou seu progresso, mas não o parou enquanto ele se arrastava, centímetro por centímetro, em direção à faca. Ela apertou com mais força, esperando que a falta de sangue e oxigênio em seu cérebro o parasse. Um chiado abafado escapou de sua traqueia contraída, mas ele continuou a arrastar Rory nas costas, um cotovelo sobre o outro, até estar ao alcance do braço da faca.

Rory fechou os olhos com força enquanto acionava o estrangulamento com tudo o que havia dentro dela. Quando Casper alcançou a faca, o medo a dominou e Rory respirou fundo, procurando sua última gota de força, e apertou seu pescoço com todas as suas forças.

Ainda assim, seus dedos conseguiram deslizar em direção ao cabo da faca. Um grito gutural saiu da garganta de Rory quando a mão de Casper agarrou a faca.

CAPÍTULO 99

DETETIVE OTT APONTOU O FEIXE DE LUZ PELO PORTÃO NA entrada da Escola Preparatória Westmont e ao longo do pavimento de paralelepípedos além. A biblioteca era visível à distância, com suas quatro colunas ousadas iluminadas por holofotes direcionados para cima. À direita estava o estacionamento de visitantes, e ele notou um carro solitário estacionado ali. Ele esticou o pescoço para ter uma visão melhor, mas a parede de tijolos à qual os portões de ferro forjado estavam conectados bloqueou sua visão.

Ele levou um minuto para considerar as coisas e então desceu a calçada que corria paralela à parede de tijolos vermelhos. A barreira tinha quase 2,5 metros de altura e ele percorreu uma distância que estimou o colocaria em linha de visão direta com o lote de visitantes. Ele colocou a lanterna no bolso do paletó de seu terno, alcançou o topo da parede e puxou-se para cima de modo que sua cabeça espiasse por cima da borda superior dos tijolos.

Ele grunhiu enquanto se esforçava, e não pela primeira vez ele considerou que estava ficando velho demais para essa merda.

Mas velho ou não, seus instintos nunca o desviaram. Ele se lembrou do Toyota de Rory Moore de quando ele fora à casa do Dr. Phillips para falar com eles. Ele estava olhando para o carro dela agora, e se perguntando por que ela tinha ido para o campus sem ele. Ela disse a ele que esperaria do lado de fora dos portões.

Ott se ergueu e ergueu a perna direita até que o calcanhar atingiu o topo da parede. Ele gemeu e grunhiu até que estava escarranchado sobre os tijolos. Ele balançou a perna esquerda até que ambas ficaram penduradas no lado da parede do campus. Um joelho zangado do futebol universitário protestaria contra sua próxima decisão, então ele não se deu tempo de mudar de ideia. Ele colocou as palmas das mãos nos tijolos, ergueu o traseiro e saltou. Ele caiu no chão e ficou grato por encontrar grama em vez de concreto. Ainda assim, seu joelho doeu quando ele pousou.

Ele se dirigiu para o estacionamento e apontou sua lanterna para o carro de Rory. Ele notou o celular dela no banco do passageiro. Ele levou apenas um minuto para olhar ao redor antes de entrar no caminho que ele lembrava ser chamado de Fileira do Professor. Foi dali que ele entrou no duplex de Charles Gorman no ano anterior. Ele ficou lá agora, olhando para o caminho silencioso que corria na frente dos edifícios. Foi quando ele ouviu. Um grito abafado que veio do duplex à sua direita.

Seus olhos se arregalaram quando ele pegou sua arma. Ele ouviu outro grito e correu em sua direção.

CAPÍTULO 100

O GRITO QUE VEIO DE BOCA DE RORY, ENQUANTO DEDOS DE CASPER encontraram o cabo da faca e a assustou. Era estranho e animalesco, e Rory não podia acreditar que pertencia a ela. Mas ela sabia o que isso significava. Ela estava lutando por sua vida, e a voz desconhecida dentro dela gritava para ela fazer todo o possível para vencê-la.

Quando Casper agarrou a alça, Rory soltou seu estrangulamento e rolou para fora dele. Como um vácuo se desobstruindo, ela ouviu Casper inalar uma grande golfada de ar. Rory estava de costas para ele e estava em uma corrida louca para a porta. Sua única esperança era chegar ao poço da janela que ela vira no caminho para o porão e passar por ele antes que ele se recompusesse. Ela não chegou perto. Ele estava sobre ela em um instante, arremessando-se contra ela por trás. Ela foi de cara no batente da porta, a parede de gesso desmoronando com o impacto de seus corpos. Rory gritou novamente quando ela conseguiu deslizar para que suas costas ficassem contra a parede e eles ficassem cara a cara. Casper levantou a faca. Rory só teve tempo de agarrar seu pulso enquanto ele empurrava a lâmina em direção ao pescoço dela. Certamente, sua mente raciocinou em alguma estranha tangente de pensamento, esta era a mesma faca que ele usara para cortar as gargantas de Andrew Gross e Tanner Landing.

Batidas vieram de cima. Alguém estava batendo na porta da frente. Ela viu os olhos de Casper se arregalarem. Sua mandíbula vibrou com esforço enquanto ele empurrava a faca para mais perto dela. O braço esquerdo de Rory sozinho não era forte o suficiente para impedir o avanço da faca, então ela levantou a mão direita para reforçar. Quando o fez, sua mão roçou seu seio esquerdo e ela sentiu a alfinetada em sua jaqueta. Em um flash, ela

rasgou o zíper de seu blusão, alcançou o bolso da camisa e retirou a escova Foldger-Gruden. Foi o último que ela usou na boneca Kiddiejoy no início daquela manhã, feito para esculturas finas e com uma ponta de agulha no cabo.

Enquanto Casper empurrava a lâmina de sua faca em direção ao pescoço dela, Rory enfiou o cabo pontudo na órbita do olho esquerdo. Como um balão rompido, ele desinflou na frente dela e desabou no chão, seu rosto caindo sobre as botas de combate Madden Girl Eloisee e tingindo-as de vermelho com o sangue que escorria de seus olhos.

CAPÍTULO 101

A AUTÓPSIA DE CHRISTIAN CASPER REVELOU QUE O CABO DO pincel Foldger-Gruden tinha passado pela órbita do olho esquerdo - um furo limpo na córnea, íris, cristalino, retina e osso orbital mole - para romper a artéria carótida interna. Um grande sangramento cerebral, formalmente denominado sangramento de hemorragia craniana, foi a causa da morte. Homicídio justificável, a maneira.

A mulher emaciada era de fato sua mãe, Liane Casper. Ela foi hospitalizada por três noites após a provação no porão do duplex de seu filho antes de retornar ao centro de cuidados de longa duração perto de Indianápolis. Gwen Montgomery também passou um tempo no hospital. Ela não tinha ferimentos físicos, mas seu estado mental - já tênue desde o ano passado

- estava a ponto de quebrar. Uma semana após sua libertação, ela encontrou algum alívio ao finalmente compartilhar seu segredo com o detetive Ott e o Departamento de Polícia de Peppermill. Ela e Gavin Harms estavam enfrentando acusações de homicídio culposo pela morte de Marc McEvoy, cujo corpo havia sido pescado em Baker's Creek. Gwen e Gavin enfrentaram uma ampla gama de sentenças potenciais, de liberdade condicional a anos de prisão.

Foi uma semana depois dos acontecimentos no porão de Christian Casper que Rory entrou no covil de seu bangalô em Chicago. Ela tomou um gole de cerveja escura do Lord das Trevas enquanto se sentava em sua estação de trabalho. A boneca alemã Armand Marseille Kiddiejoy estava deitada na bancada de trabalho sob o brilho da lâmpada pescoço de ganso. Era, tanto para o observador casual quanto para um colecionador experiente, perfeito.

O rosto estava sem defeitos, as fissuras apagadas com perfeição. A reconstrução da orelha e da bochecha perfeita e equilibrada.

Rory passou uma escova no cabelo da boneca, endireitou suas roupas e caminhou até a fileira de prateleiras embutidas. Havia uma única vaga, criada naquela manhã, quando Rory pegou uma boneca mais velha e a guardou. Ela colocou o Kiddiejoy no local vazio e recuou para admirar seu trabalho. Algo dentro dela reiniciou, e ela se sentiu equilibrada novamente enquanto sua última restauração se misturava à coleção. A variedade de bonecas que enchiam sua toca não era apenas o trabalho de sua vida, era sua salvação. Uma corda de salvamento que a guiou além da aflição que, de outra forma, teria o poder de atrair seus pensamentos e destruir sua existência.

Ela voltou para a mesa, sentou-se na cadeira e tomou um gole do Lord das Trevas. Um grande envelope pardo chegara pelo correio naquela manhã e ela o guardou para abrir agora. Depois de rasgar a tampa, ela puxou o jornal dobrado de dentro. Foi a edição de ontem do Indianapolis Star. A história estava na primeira página, acima da dobra.

O homem desaparecido de South Bend desbloqueia o mistério do

Assassinatos na preparação de Westmont

PARTE UM DE UMA SÉRIE DE TRÊS PARTES

por Ryder Hillier

Antes de Rory começar a escrever o artigo, ela puxou um post-it amarelo da capa do jornal.

Rory—

Minha reunião é amanhã.

Obrigado cem vezes!

—Ryder

Rory tomou outro gole do Lorde das Trevas. Foi o primeiro e o último da noite. Ela tinha que estar afiada para o vôo no dia seguinte, embora desta vez ela tivesse Lane como sua companheira de assento, e o vôo para a Flórida certamente seria muito mais agradável do que o anterior.

Ela pegou o jornal e leu o artigo de Ryder.

CAPÍTULO 102

RYDER HILLIER CHEGOU EM CHICAGO EM MENOS DE DUAS horas. Ela agora pegou o elevador para o trigésimo quarto andar do prédio de escritórios situado bem no meio do Loop.

Borboletas se agitaram em seu estômago e ela trabalhou duro para manter suas emoções sob controle. O elevador se abriu e ela empurrou uma pequena mala atrás dela enquanto abria as portas de vidro e se dirigia para a recepção.

Um jovem com um sorriso agradável a cumprimentou.

“Olá, como posso ajudá-lo?”

“Ryder Hillier para ver Dwight Corey.”

“Sim”, disse o jovem com entusiasmo. “Ele está esperando por você.”

Ele pegou o telefone.

“Sr. Corey, sua uma hora está aqui. Sra. Hillier. ”

Um momento depois, um homem alto impecavelmente vestido com um terno Armani marrom abriu a porta ao lado da recepção. Ele também exibia um largo sorriso.

“Ryder?” ele disse enquanto se aproximava, estendendo a mão. “Dwight Corey. Tão bom te conhecer.”

Ryder apertou sua mão. “Obrigado. Eu realmente aprecio a oportunidade. ”

“É mais do que uma oportunidade”, disse Dwight. “Pelo que Rory e Lane me disseram, é para isso que você foi feito. Entre.

O pessoal da NBC estará aqui em trinta minutos, e quero informá-lo sobre a oferta. ”

Ryder engoliu em seco e seguiu o agente até o escritório. Ela estava prestes a apresentar à NBC por que era a anfitriã perfeita para continuar o podcast de Mack Carter. Seu coração batia forte enquanto ela conduzia sua pesquisa atrás dela.

CAPÍTULO 103

O VOO DELES FOI AGENDADO PARA UMA DA TARDE. DEIXOU A casa às dez, muito cedo para o gosto de Rory, já que uma partida tão cedo os deixaria no aeroporto às dez e meia com horas de sobra. Mesmo com passagens de primeira classe e o benefício do Admirals Club, tanto tempo de inatividade no aeroporto mais movimentado do mundo era desagradável. Mas Rory precisava fazer uma parada antes de seguirem para O'Hare.

Lane dirigiu para que eles pudessem desistir de estacionar. Eles dobraram na LaSalle Street, Lane clicou em seus perigos para um estacionamento duplo rápido e Rory saltou do carro e se dirigiu para a loja de sapatos Romans. Depois de quase uma década no mesmo par de Madden Girls, ela agora estava comprando seu segundo par em algumas semanas - os últimos destruídos quando o olho furado de Christian Casper vazou sangue sobre eles.

Ela afundou os pés em um par de tamanho 7 e sentiu a mesma calma de quando esteve aqui no início do mês. Ela pagou na caixa registradora e novamente tirou as botas da loja. O calor da Flórida que se dane. Ela nunca foi uma garota flip-flop, de qualquer maneira.

*

Seu avião pousou em Ft. Meyers às 4:05 da tarde, e eles estavam dirigindo o carro alugado pela ponte de Sanibel Island trinta minutos depois. Em seu relacionamento de mais de dez anos com Lane, eles nunca haviam tirado férias juntos. Houve muitas razões para isso. Rory preferia passar seu tempo livre entre os casos sozinha, ou pelo menos na maneira egoísta de restaurar uma nova boneca e lutar contra a aflição opressiva que estava constantemente trabalhando para perturbar sua vida. Lane simplesmente não era do tipo de férias. Nenhum de seus cérebros foi capaz de ceder o suficiente para permitir que eles se deitassem à beira de uma piscina e se bronzeassem. A aversão de Rory à areia, e todas as fendas que ela tinha o potencial de penetrar, foi o suficiente para mantê-la longe da praia por toda a vida. Razão pela qual esta viagem foi um ato de fé. Lane havia prometido que havia um método na loucura de alugar um condomínio na Ilha de Sanibel. Pela vida dela, Rory não conseguia ver o que poderia ser. Mas a proximidade de Lane com a morte e seu tempo traumático no porão de Christian Casper foram o suficiente para os dois repensarem suas vidas. Lane havia prometido a Rory que sabia do que ela precisava e que o

entregaria nessa viagem. O homem nunca mentiu para ela, e ela acreditou quando ele disse que ir para a Flórida era a coisa certa para ela.

Rory Moore não era o tipo de mulher que poderia ser arrebatada, literal ou figurativamente, e romanceada de volta a algum estado de êxtase. Lane sabia disso. Ele entendeu como sua mente funcionava e como seu DNA foi codificado. A mente de Rory precisava de estimulação constante, seja em uma caixa arquivada ou na bancada de trabalho em seu escritório consertando uma boneca antiga danificada. Os casos que Rory resolvia não eram apenas sua ocupação, eram seu estilo de vida. Um equilíbrio delicado que a ajudou a existir. Ela precisava dos mistérios de casos não resolvidos porque, sem um quebra-cabeça para resolver, sua aflição tomaria conta de sua vida.

A ponte os levou para a Ilha Sanibel, e Lane conduziu o aluguel pela única estrada que cortava a ilha. Ele entrou em uma rua lateral ladeada e sombreada por longas fileiras de palmeiras até que finalmente chegaram à entrada do condomínio.

“Posso ver em seu rosto”, disse Lane. “Você está começando a se preocupar.”

“Não”, disse Rory. Então ela forçou um sorriso e fingiu olhar pelo parabrisa. “Isso é lindo. É ... exatamente o que eu preciso.

”

“Você ainda acha que eu trouxe você aqui para sentar na praia e beber piña coladas, não é?”

“Não tenho certeza do que vamos fazer enquanto estivermos aqui, mas tenho certeza de que você não acredita que eu jamais beberia uma piña colada ou andaria na praia.”

Eles encontraram uma vaga para estacionar e Lane tirou a bagagem do porta-malas. Eles pegaram o elevador externo para o terceiro andar, onde Lane fechou a porta e a segurou aberta para Rory. Lá dentro, eles largaram as malas no quarto antes de Lane acompanhá-la até a varanda. O Golfo estava em uma exibição majestosa diante deles enquanto o sol da tarde brilhava na superfície do oceano.

Rory fez uma careta quando ela olhou para a praia.

“Sério, Lane. Não me faça andar descalço na areia. ”

“Por favor”, disse Lane. “Você não acha que eu conheço você agora.” Ele colocou o braço em volta dela e puxou-a para perto, em seguida, olhou para o relógio. “Há alguém que eu quero que você conheça. Ele tem algo para mostrar a você. ”

“Eu tenho que usar chinelos?”

“Deus, não, morda sua língua.”

CAPÍTULO 104

ELES BATERAM NA PORTA DO APARTAMENTO, QUE FICAVA NO mesmo andar que deles. Rory estava em jeans cinza e uma camiseta cinza, suas novas Madden Girls rígidas, mas confortáveis. Quando a porta se abriu um momento depois, Rory ajustou os óculos, mas por algum motivo o desejo de se esconder atrás deles parecia menos do que o normal. O senhor mais velho que atendeu a porta tinha uma aura que a deixou imediatamente à vontade.

“Faixa!” o homem disse com um sorriso e um aperto de mão. “Bom te ver.”

“Você também, Gus.”

Lane se voltou para Rory. “Gus Morelli, esta é a minha cara-metade. Rory Moore. ”

“Rory”, disse Gus. “Eu ouvi muito sobre você. Deste cara e de outros. ”

Rory sorriu. “Prazer em conhecê-lo.”

Ela percebeu que ele não tentou apertar sua mão.

“Entre”, disse Gus. Ele apontou para Rory. “Eu tenho uma coisa para você.” Ele olhou para o relógio. “Ah, são cinco horas em algum lugar.”

Lá dentro, Rory estava perto de Lane enquanto o homem abria a geladeira e tirava uma garrafa de cerveja escura Lord das Trevas.

“Um verdadeiro filho da puta tentando colocar minhas mãos nessas coisas. Mas, Cristo, isso é bom. ”

Ele tirou a cera do topo e abriu. “Doc, posso servir um para você?”

“Não”, disse Lane. “A coisa escura perturba meu estômago. Mas eu aceito uma cerveja light, se você tiver uma.”

Gus apontou. “La Rubia está na prateleira de baixo.”

Gus entregou um copo a Rory. Tinha sido perfeitamente derramado com uma espessa cabeça cinza sobre a cerveja preta forte abaixo.

“Saúde”, disse Gus, estendendo o copo.

Lane ergueu sua garrafa de cerveja. Rory olhou para os dois, que pareciam amigos há muito perdidos. Ela ainda estava confusa com o que estava acontecendo.

“Para o que estamos brindando?” ela perguntou.

Gus inclinou a cabeça como se houvesse algo para Rory ver atrás dele. Então ele olhou para Lane e sorriu.

“Você não disse a ela?”

“Ainda não”, disse Lane.

Gus sorriu para Rory. “Me siga.”

Rory seguiu Gus enquanto ele caminhava para o corredor da sala de estar. Ele estendeu a mão para a maçaneta de uma porta fechada e empurrou-a para abri-la. Era como se a sala emitisse uma corrente magnética que puxou Rory em sua direção.

Dentro, ela viu pilhas de caixas. Ela passou pela porta.

“O que é tudo isso?”

“Todos os casos de uma carreira de trinta anos que eu nunca fui capaz de descobrir ou parar de pensar. Lane disse que você pode estar interessado em me ajudar com eles.”

Rory caminhou lentamente até as caixas e passou a mão no topo delas. Sua mente começou a disparar e piscar com as possibilidades que esta sala possuía. Seu coração acelerou com os mistérios que esperavam para serem resolvidos dentro das caixas.

Ela se sentou na cama, colocou seu Lorde das Trevas na mesa lateral e puxou uma das caixas para o colo. Lentamente, ela levantou a tampa.

NOTA DO AUTOR

Todos os meus romances são thrillers autônomos. No entanto, os leitores astutos encontrarão pequenas pepitas do livro anterior espalhadas nas páginas de cada um deles. Embora este seja o segundo livro da série Rory Moore / Lane Phillips, tive o cuidado de escrever cada história para que os fãs pudessem ler os livros em qualquer ordem.

Se Nunca Saia Sozinho foi sua primeira aventura com a incomparável Rory Moore e você gostaria de ler mais sobre ela, dê uma olhada em Uma Mulher Na Escuridão. Isso preenche alguns antecedentes sobre de onde vem sua peculiaridade. É também um passeio emocionante.

Se Nunca Saia Sozinho ofereceu sua primeira dose de Gus Morelli, o detetive astuto e sábio, dê uma olhada em Não Confie Em Ninguém para descobrir mais sobre sua história, sua luta com a vida, seu desprezo por pessoas de sua idade e como ele veio a andar sobre uma prótese de titânio.

Então, se você ler Não Confie Em Ninguém e ficar intrigado com a patologista forense chamada Livia Cutty, verifique sua história original em Deixada Para Trás.

Os leitores também notarão que a cidade de A Garota Do Lago aparece em Não Confie Em Ninguém . Se você está curioso sobre a história (e os segredos) dessa cidade, pode ler o romance com o seu nome. A Garota Do Lago é meu primeiro romance e o favorito de muitos leitores.

Obrigado por ler meus livros. Sou eternamente grato.

Charlie Donlea

AGRADECIMENTOS

Minha lista de pessoas a quem agradecer por me ajudar a dar vida a este romance inclui muitos dos suspeitos usuais.

Amy - por me ajudar em um ano difícil de escrita com amor e incentivo. Durante o qual você provou ser uma esposa incrível, uma mãe imparável e uma melhor amiga. É bom saber que, quando eu perder o controle da nossa vida, terei um co-piloto para assumir.

Mary - por ser uma conspiradora tão disposta a esta história. Acho hilário que muitas de nossas primeiras conversas terminaram com a expressão

“Espere, esqueci para onde estava indo com tudo isso”. Mas descobrimos apenas o suficiente para começar a história, e ela decolou a partir daí.

Jen Merlet - por doar seu presente especial de encontrar meus erros depois que todo mundo os procurou.

Sra. Desmet - por emprestar seu primeiro nome a uma personagem tão importante. Muito Obrigado.

Detetive aposentado Ray Peters - por responder minhas perguntas sobre procedimentos policiais. E por compartilhar algumas histórias incríveis de sua carreira.

Marlene Stringer - por seu conselho constante a respeito de minha carreira. E por continuar a me lembrar não apenas de para onde estamos indo, mas de onde estamos atualmente.

E, como sempre, à minha talentosa equipe da Kensington Publishing, que continua a me surpreender com todo o esforço e apoio que dedica aos meus romances. Acenos especiais para Vida Engstrand e Crystal McCoy por sua criatividade. E ao meu editor, John Scognamiglio, que está sempre calmo e controlado quando estou em pânico.